

RAFAEL ATHAIDES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

AS PAIXÕES PELO SIGMA: AFETIVIDADES POLÍTICAS E
FASCISMOS

CURITIBA, 2012

RAFAEL ATHAIDES

AS PAIXÕES PELO SIGMA: AFETIVIDADES POLÍTICAS E FASCISMOS

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, área de concentração História Cultura e Sociedade, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marionilde Dias Brepohl de Magalhães.

CURITIBA, 2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Athaides, Rafael

As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos /
Rafael Athaides. – Curitiba, 2012.
304 f.

Orientadora: Profª. Drª. Marionilde Dias Brepohl de Magalhães
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Fascismo. 2. Integralismo. 3. Ciência política – Paraná.
4. Perseguição política I. Título.

CDD 320.98162




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

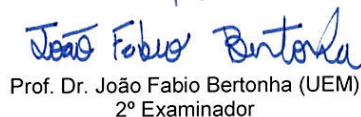
PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de Rafael Athaides, intitulada: **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

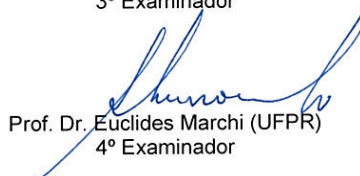
Curitiba, vinte e oito de agosto de dois mil e doze.


Prof. Dra Marionilde Brepohl de Magalhães (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. René Ernani Gertz (UFRGS)
1º Examinador


Prof. Dr. João Fabio Bertonha (UEM)
2º Examinador


Prof. Dr. Adriano Codato (UFPR)
3º Examinador


Prof. Dr. Euclides Marchi (UFPR)
4º Examinador

Aos meus pais, Osvaldo e Amélia

RESUMO

O presente trabalho analisa a correlação entre fascismos e paixões políticas tendo como parâmetro uma seção estadual da Ação Integralista Brasileira, movimento de caráter fascista que atuou no país durante a década de 1930. Utilizando-se da imprensa integralista e de documentos da Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná, esta tese enfoca o objeto em questão sob dois pontos de vista intimamente relacionados: primeiramente, como pré-requisito, apresenta a origem e a conformação da estrutura geral dessa seção estadual, chamada de “Província do Paraná”, em um recorte temporal que vai de julho de 1934 a dezembro de 1936. Por fim, analisa as manifestações e os discursos afetivos do movimento integralista local, tomando a imprensa partidária como *locus* privilegiado da transmissão das paixões políticas mobilizadas pelos fascistas, em especial, a paixão militante, o ressentimento e o ódio.

Palavras-chaves: Fascismos, Integralismo, paixões políticas, Estado do Paraná.

ABSTRACT

This thesis analyzes the relationship between fascism and political passions in a state subdivision of the Brazilian Integralist Action, a fascist political movement that operated the country during the 1930s. Using the integralist press and documents of the Bureau of Political and Social Order of Paraná, this thesis focuses on the object in question in two closely related points of view: first, as a prerequisite, presents the origin and general structure of called the “Province of Parana”, in a period from July 1934 to December 1936. Finally, it analyzes the practices and discourses of the Movement integralist in the affective realm, taking the party press as a privileged locus of transmission of fascist political passions, especially the militant passion, resentment and hatred.

Keywords: Fascism, Brazilian Integralism, political passions, Paraná state.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Resolução de nomeação de Manoel Vieira de Alencar como Chefe Provincial do Paraná	71
Ilustração 2 – Primeira sede da AIB em Curitiba (R. Barão do Rio Branco, nº 129)	72
Ilustração 3 – Plínio Salgado em Curitiba	76
Ilustração 4 – Conferência de Plínio Salgado e Miguel Reale no Teatro Guaíra (setembro de 1934).....	77
Ilustração 5 – “ <i>Um terço da milícia de Ponta Grossa esperando o Chefe Provincial</i> ” (legenda original)	79
Ilustração 6 – Chegada do Chefe Provincial na estação em Ponta Grossa (discurso de Jorge Lacerda).....	79
Ilustração 7 – “ <i>Dois bandeiras da milícia integralista de Ponta Grossa, desfilando pelas ruas da Princesa dos Campos paranaenses, onde foi passada em revista pelo Chefe Provincial</i> ” (legenda original).....	80
Ilustração 8 – Vieira de Alencar, Eugenio La Maison e militantes locais na ocasião da instalação do Núcleo Municipal de Rio Negro.....	82
Ilustração 9 – Sacada da nova Sede da AIB em Curitiba (Praça Tiradentes).....	84
Ilustração 10 – “ <i>O juramento á bandeira nacional e á bandeira do Sigma</i> ” (legenda original – desfile de 16/01/1935, Praça Tiradentes, Curitiba)	86
Ilustração 11 – Recorte do <i>A Razão</i> com o anúncio de farinhas que utilizavam trigo nacional	101
Ilustração 12 – Sessão integralista em comemoração ao 1º aniversário da Província do Paraná (Ponta Grossa)	106
Ilustração 13 – Militante Carlos Moritz, o “vovô” do Integralismo.....	110
Ilustração 14 – Recorte do <i>A Razão</i> contendo a fotografia de um militante de Rio Negro chicoteado pela polícia	121
Ilustração 15 – Comício de inauguração do retrato de Plínio Salgado no Subnúcleo de Roseira, Rio Negro	123
Ilustração 16 – Carteira de filiado à AIB de David Moscalesque	124
Ilustração 17 – Sede da AIB em Guarapuava.....	125
Ilustração 18 – Militantes à frente da Sede do Núcleo Distrital de Ingá (Município de Cambará)	133
Ilustração 19 – Primeira página do <i>A Razão</i> , noticiando a visita de Salgado ao Paraná.....	135
Ilustração 20 – Plínio Salgado, entre os líderes integralistas do Paraná, visitando o jornal <i>A Razão</i>	136
Ilustração 21 – Efigie da medalha cunhada nas comemorações de 1 ano da Província do Paraná	138
Ilustração 22 – Conferência de Gustavo Barroso na Sede Provincial	140

Ilustração 23 – Recorte do <i>Monitor Integralista</i> , constando o gráfico da ascensão da AIB no Paraná (de 1934 a 1937)	143
Ilustração 24 – Secretariado da AIB, Província do Paraná (julho de 1935).....	145
Ilustração 25 – Organograma da organização do Departamento Feminino da AIB, Província do Paraná (maio de 1935).....	147
Ilustração 26 – Comunicação da Chefe de Assistência Social do Departamento Feminino Provincial à Amélia Lavalle Germano	148
Ilustração 27 – Gravura de um pliniano, publicada no <i>A Razão</i> , pisoteando os símbolos do comunismo e da maçonaria	152
Ilustração 28 – Quadro “Bacharelados do Sigma”, Província do Paraná (1936)	158
Ilustração 29 – Plinianos na Sociedade Handwerker (1935).....	166
Ilustração 30 – Capa da tradução para o alemão do livro de Wenceslau Junior,	169
Ilustração 31 – Parte superior do anúncio de página inteira da <i>Todeschini & Irmãos</i> no <i>A Razão</i>	174
Ilustração 32 – Recorte do <i>A Offensiva</i> sobre o aniversário de Ida Klier (17/06/1936).....	209
Ilustração 33 – Ambulância da Assistência Social integralista de Curitiba (s/d).....	210
Ilustração 34 – Integralistas soltos pela polícia em setembro de 1936, em frente ao Café do Estado (07/09/1936)	211
Ilustração 35 – Integralistas sem a camisa verde, prestando homenagens diante o busto de Carlos Gomes	212
Ilustração 36 – Parte superior da capa do <i>A Offensiva</i> , exibindo a fotografia da missa que substituiu a celebração da Noite dos Tambores Silenciosos em Curitiba (04/10/1936)	214
Ilustração 37 – Universitários integralistas cantam o Hino Nacional fazendo a saudação fascista em frente ao Governador Manoel Ribas (01/10/1936).....	215
Ilustração 38 – Discurso de João Alves da Rocha Loures Sobrinho na Liga de Defesa Nacional (01/10/1936).....	216
Ilustração 39 – Cerimônia integralista em homenagem à Aviação (25/10/1936, Praça Santos Andrade).....	217
Ilustração 40 – “Desfile Telegráfico” da AIB em protesto contra o fechamento dos núcleos integralistas do Paraná.....	219
Ilustração 41 – Detalhe das mensagens do “Desfile Telegráfico” em protesto contra o fechamento da AIB no Paraná.....	220
Ilustração 42 – Nota do <i>A Offensiva</i> comunicando a reabertura dos núcleos integralistas do Paraná (dezembro de 1936)	221
Ilustração 43 – “ <i>Os camisas-Verdes, na Rua 15, de Curitiba, em saudação á Bandeira da Patria</i> ”, 07/09/1935 (legenda original).....	227
Ilustração 44 – Militante integralista no topo do Pico Marumbi, após apregoar a uma placa de bronze com o sigma.....	236
Ilustração 45 – Recorte da capa do jornal <i>A Razão</i> , noticiando a escala do avião de Salgado em Curitiba (maio de 1934).....	240

Ilustração 46 – Chegada de Plínio Salgado ao Campo da Aviação do “Bacacheri”, Curitiba	241
Ilustração 47 – Conferência de Plínio Salgado no Teatro Guaíra (julho de 1935).....	243
Ilustração 48 – Matéria comparando Comunismo e Fascismo, publicada no <i>A Razão</i>	271
Ilustração 49 – Reportagem ventilando a descoberta de um suposto plano comunista para o Brasil.....	283

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição em porcentagem das profissões dos filiados a AIB/PR.....	161
Gráfico 2 – Distribuição em porcentagem das profissões dos filiados a AIB/PR (fontes jornalísticas)	162
Gráfico 3 – Distribuição em percentual da origem étnica dos sobrenomes de filiados a AIB/PR (fontes policiais)	170
Gráfico 4 – Distribuição em percentual da origem étnica dos sobrenomes de filiados a AIB/PR (fontes jornalísticas)	170
Gráfico 5 – Distribuição em percentual da origem étnica dos sobrenomes de filiados à AIB em Curitiba – votantes no plebiscito interno de maio de 1937 (fontes policiais)	171
Gráfico 6 – Distribuição em percentual de sobrenomes estrangeiros entre os filiados ao Núcleo de Rio Negro (fontes jornalísticas)	172

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Chefes dos Núcleos Municipais da AIB no Paraná (maio de 1935).....	114
Tabela 2 – Resultados da AIB nas eleições para a Constituinte Estadual (outubro de 1934)	189
Tabela 3 – Resultado geral por partido das eleições municipais em Curitiba (1935)	193
Tabela 4 – Resultados da AIB nas eleições municipais de 1935.....	197

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Núcleos Integralistas no Paraná (1934).....	85
Mapa 2 – Núcleos Integralistas no Paraná (1935).....	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AIB – Ação Integralista Brasileira
AIB/PR – Província do Paraná da Ação Integralista Brasileira
APHRC – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/SP
DEAP/PR – Departamento Estadual de Arquivo Público/Paraná
ESXX – Coleção *Estatísticas do Século XX* (IBGE)
FPS – Fundo Plínio Salgado
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NSDAP – Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães
TRE – Tribunal Regional Eleitoral
TSE – Tribunal Superior Eleitoral
UPR – Universidade do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - FASCISMOS, PAIXÕES POLÍTICAS E INTEGRALISMO	23
1.1 O “Fascismo Genérico” e o Integralismo	24
1.1.2 Comparações e considerações teóricas: as teorias do fascismo e o Integralismo.....	37
1.2 As paixões na política.....	45
1.2.1 A paixão militante.....	49
1.2.2 O ressentimento nacional.....	51
1.2.3 O ódio fascista	54
1.3 A natureza do Integralismo e o “primado do sentimento”	56
CAPÍTULO II - O INTEGRALISMO NO PARANÁ: A INSTALAÇÃO DA PROVÍNCIA E A PUBLICAÇÃO DO JORNAL A RAZÃO (1934-1935)	61
2.1 O contexto nacional: a AIB entre a fundação e a transformação em partido político (1932-1935).....	62
2.2 A instalação da Província do Paraná: do ‘início esquecido’ à fundação oficial (1932-1934)	68
2.2.1 Os primeiros núcleos – 1934	78
2.3 O lançamento do periódico <i>A Razão</i>	89
2.4 A ideologia integralista no <i>A Razão</i>	92
2.4.1 O Antimaterialismo: Anticomunismo e Antiliberalismo.....	95
2.4.2 Os múltiplos nacionalismos	99
2.4.3 A identificação com os fascismos.....	102
2.4.4 O moralismo cristão.....	104
2.4.5 A nova geração e “o velho”	106
CAPÍTULO III - O INTEGRALISMO NO PARANÁ: O AVANÇO DO MOVIMENTO (1935-1936)	112
3.1 O avanço integralista no Paraná: maio de 1935 a maio de 1936.....	113
3.1.1 O avanço dos núcleos e a constituição de ‘cidades pólo’ – 1935 a maio de 1936 ...	113
3.1.2 A porção Sul – a cidade polo de Rio Negro	115
3.1.3 Guarapuava: “a sentinella avançada do Oeste”	123
3.1.4 O Norte Pioneiro e Central	130
3.1.5 A Sede e as atividades na Capital da Província	134
3.1.6 Os números	140
3.2 Os Departamentos e Secretarias	144
3.2.1 Departamento Feminino Provincial	146
3.2.2 O Departamento da Juventude Integralista:.....	149
3.2.3 O Departamento Universitário: “A alma do edifício da Praça Santos Andrade”	153
3.2.4 A Secretaria Provincial de Educação Moral e Física (Extinta Milícia Integralista Provincial).....	159
3.3 Adesão e feição social	160
3.3.1 As relações nazi-integralistas e a questão imigrante no Paraná.....	163
3.3.2 A participação do empresariado local.....	172
3.3.3 A intelectualidade paranaense e o Integralismo	176
CAPÍTULO IV - O INTEGRALISMO NO PARANÁ: ELEIÇÕES E REPRESSÃO	179
4.1 O contexto nacional: a AIB entre o enraizamento político e o aborto da chegada ao poder (1935-1937)	180
4.2 A AIB e as eleições no Paraná.....	186

4.3 Manoel Ribas e a repressão precoce à AIB (Julho de 1935 - Dezembro de 1936)	198
4.3.1 O fechamento (abril de 1936)	205
4.3.2 Militância em tempos de proscrição (abril – dezembro de 1936).....	208
CAPÍTULO V - AS PAIXÕES PELO SIGMA	223
5.1 A Paixão militante	225
5.1.1 Entre a hesitação e a paixão militante.....	225
5.1.2 O “manto verde” e a paixão	230
5.1.3 A imagem do sacrifício.....	231
5.1.4 As peripécias da paixão militante	235
5.1.5 A paixão pelo chefe: “a fascinação do predestinado”.....	237
5.1.6 As missivas comoventes	246
5.1.6.1 As missivas do além.....	256
5.2 O culto ao ressentimento curupira: a instrumentalização política da humilhação	263
5.2.1 O rito e o ressentimento	267
5.3 O ódio sem razão no <i>A Razão</i>	268
5.3.1 O ódio a esmo e o discurso: anticomunismo e antissemitismo no <i>A Razão</i>	269
5.3.2 O ódio imediato: a ANL, os judeus e a maçonaria no Paraná	280
CONSIDERAÇÕES FINAIS	288
BIBLIOGRAFIA E FONTES	295

INTRODUÇÃO

“O sentimentalismo é a única força positiva da economia social brasileira. Com ele fizemos a Independência. Com ele fizeram-se todas as revoluções. Essa energia é incontestável no caráter nacional. Recrutemo-la. Ela, como sempre, caminhará às cegas. Nós dirigiremos. Antes que outros a venham dirigir”

Carta de Plínio Salgado a Augusto Schmitd
Outubro de 1930

Em 19 de agosto de 1935, o tema dos sentimentos coletivos surgiu em uma aula de Sociologia, ministrada na Sede paranaense da Ação Integralista Brasileira, em Curitiba. O professor, o acadêmico de Direito João Alves da Rocha Loures Sobrinho, negou veementemente a validade de pressupostos científicos elaborados primordialmente em função de indivíduos para tratar de fenômenos sociais. A sociedade, para Rocha Loures, seria “exterior e superior ao indivíduo”, portanto terreno infértil para uma ciência que, além de “não realista”, trataria somente de “phenomenos internos” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 4).

Esta tese ambiciona mostrar que Rocha Loures estava enganado, quando tentou desconstruir a obra do “psicólogo das massas”, Gabriel Tarde. Fenômenos políticos, como os fascismos, se apresentam como um banquete para estudos que, partindo de referências das ‘ciências das afetividades individuais’ (como a psicologia e a psicanálise), buscam entender as práticas coletivas dos homens em torno do universo afetivo.

Entretanto, não há dúvida de que diversas ordens de dificuldades se apresentam para uma empreitada desse tipo no campo da História, de forma que a crítica de Rocha Loures encontra certa razão de ser. Pierre Ansart, um dos fundadores desse campo historiográfico de pesquisa, categoricamente afirmou ser mais fácil estudar “fatos objetivos” do que “traçar a história de ódios” (2004, p. 28). Todavia, não é possível ignorar que certos acontecimentos e processos políticos escapam à explicação tradicional, a não ser que se recorra a categorizações criadas inicialmente para indivíduos. Isso se aplica a inúmeros fenômenos próprios do século XX, como o fascismo e o comunismo, este último, segundo Eric Hobsbawm, “expressão quintessencial” da “paixão política” (2002, p. 168).

O renomado antropólogo Emilio Willems, um dos líderes da Ação Integralista Brasileira no Paraná na década de 1930, parecia acreditar nisso quando publicou o prefácio de uma de suas obras num jornal integralista de Curitiba:

Se a consciencia individual esta sujeita as improbabilidades de um irracionalismo espontaneo, quanto mais a consciencia colectiva que parece ser a summula de sentimentos, emoções e volições de seus componentes (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 6).

Embora caia na dicotomia racionalismo/irracionalismo, Willems parecia perceber, de dentro do Movimento, a espécie de mobilização que o Integralismo era capaz de promover no coletivo, manipulando afetivamente as “volições” das massas.

A imprensa partidária era, sem dúvida, um dos bastiões dessa mobilização. Com muita propriedade, um dos pesquisadores do tema da imprensa integralista adjetivou-a de “imprensa

militante” (OLIVEIRA, 2009). Embora algumas publicações dos Camisas-Verdes também contenham textos que possam ser classificados como ‘variedades’, não restam dúvidas – e isso pode soar óbvio – de que a ferrenha militância política era característica básica das publicações da Ação Integralista Brasileira nos anos 1930.

Menos óbvio é o fato de que essa militância, revelada por meio da imprensa em discursos e práticas, manifesta inúmeras mensagens de caráter emocional, que estimulam a conexão afetiva do militante com a causa do Movimento, tida como justa e infinita. Em outras palavras, por meio da imprensa, o fascismo brasileiro mobilizava mensagens e signos comoventes no intuito de remover os homens e as mulheres da letargia política – muito antes de almejar um convencimento (via conhecimento) ideológico. Plínio Salgado tinha plena consciência do potencial político da instrumentalização dos afetos, como vimos na epígrafe desta introdução.

A preocupação primordial deste trabalho é, portanto, a de visualizar os caracteres menos palpáveis dessa “energia incontestável” – as afetividades na política integralista – no interior de uma seção estadual da AIB, a chamada Província do Paraná, através de um periódico do Movimento, publicado em Curitiba, no ano de 1935. O hebdomadário *A Razão*, jornal de “doutrina e propaganda da AIB”, como se auto-intitulava, além desses dois propósitos explícitos, era um veículo de mobilização afetiva: transmitia essa “energia” por múltiplos caminhos e almejava levar os militantes a uma uníssona “vibração” (vocábulo amplamente utilizado no jornal) em torno de certas afetividades recorrentes na arena política fascista.

Não obstante, só se compreende um movimento ou partido político enquanto “aparelho afetivo” (ANSART, 1983, p. 109) em seu conjunto: somente analisaremos a mobilização das paixões políticas no interior desse aparelho local se tivermos, ao menos, a dimensão de sua estrutura e de suas raízes históricas. De outra forma, e no que concerne ao nosso objeto, a manipulação de signos comoventes no interior do movimento fascista local se valeu abundantemente da imaginária coletividade de “camisas-verdes”, formada em torno da seção estadual da AIB, a Província do Paraná – sobre a qual a historiografia não elucidou nem mesmo questões elementares, capazes de formar um entendimento ‘primário’ do tema.

Diante de tal constatação, a pesquisa ora apresentada se obrigou a dar a devida atenção ao contexto histórico do surgimento e à estrutura alcançada pelo aparato político da Ação Integralista Brasileira no Estado do Paraná, entre os anos 1934 e 1936, como condição para a posterior análise do universo afetivo dos militantes integralistas locais. Trata-se, com efeito, do estudo de uma totalidade recortada espacial e temporalmente, com a pretensão de trazer à

comunidade acadêmica uma primeira interpretação global do fenômeno integralista no Paraná.

Tal trabalho, que chamaremos de ‘prévio’, aparece aqui contemplado nos temas distribuídos em três capítulos, cujo título comum é “O Integralismo no Paraná”, seguido de subtítulos portadores de variantes temáticas. Em nossa compreensão, reafirmamos, há um pré-requisito para que possamos adentrar aos meandros da subjetividade do militante integralista paranaense, em suas experiências no universo afetivo. Essa condição é a compreensão mínima do contexto histórico e da estrutura organizacional na qual esse militante estava mergulhado.

Entretanto, o título comum dos 3 capítulos é mais ousado que a tentativa. “O Integralismo no Paraná” é um assunto que, como descobrimos durante essa pesquisa, merece muito mais do que 4 anos ou 5 anos de trabalho sistemático e que, por certo, tem condições de fomentar dezenas de instigantes estudos micro-recortados. Fato é que até o presente momento não sabemos nada de considerável sobre a AIB no Estado do Paraná como um todo. Mesmo em recortes menores a situação não é muito diversa: excetuando os trabalhos desenvolvidos sobre a cidade de Ponta Grossa por Carmencita Ditzel (2007) e Niltonci Batista Chaves (1999), cujo mérito é inegável, não há outras monografias acadêmicas sobre o Integralismo tendo o Estado como pano de fundo.

Fora da academia, ou mesmo no ‘senso comum acadêmico’, insistentemente, permanece certa ignorância, aliada a resquícios de uma memória de época, que se fundamenta basicamente em duas ideias: 1) a “conspiração nazi-integralista” ou a associação entre ‘comunidades imigrantes’ e Integralismo – muito forte nos círculos comunistas e governamentais (pós-1937); 2) a existência de uma cultura política paranaense, “geneticamente autoritária”, como componente-chave na explicação da posição privilegiada que a AIB paranaense ocupou no plano nacional.

Ao cabo dessa empreitada, pretendemos ‘reconfigurar’ tais ideias, à luz das evidências disponíveis. Por ora, deter-nos-emos em um exemplo memorialístico, para aliviar a nossa ignomínia. O jornalista Milton Ivan Heller, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro no Paraná, considerou a AIB como um “papel carbono do nazismo” [sic] (2009, p. 143). Seguindo a tradição de seus colegas que viram os integralistas realizarem concentrações na Praça Tiradentes, apontou-lhes o dedo em riste na obra *Conspiração Nazista nos Céus da América*. O título já dispensa alusões sobre as associações automáticas que o texto faz. Heller expôs somente uma dezena de nomes e fotos de integralistas, ladeadas por fotos de nazistas. Que mínimo senso crítico permitiria alocar em uma mesma página uma escola integralista de primeiras letras do Paraná e o Marechal Hindenburg assinando a nomeação de Hitler para a

Chancelaria? Essa é uma operação necessária quando, empiricamente, não se encontrou nenhuma fotografia com militantes integralistas e nazistas bebendo juntos e planejando mazorcas no Bar Germânia da Rua São Francisco, em Curitiba. Não é por esse caminho que a História deve entender o Integralismo no Paraná, mesmo porque tal caminho já está esgotado, também para os jornalistas.

Para sabermos algo consistente sobre a atuação de tais camisas-verdes no Paraná foi preciso ‘partir do pressuposto de que é melhor desconfiar dos pressupostos’. Como o leitor verá, contudo, será impossível, se é que desejável, responder algumas perguntas sobre o tema de forma determinante. No decorrer desta pesquisa, duas ordens de dificuldades emergiram: primeiramente, da natureza documental, uma vez que trabalhamos com textos jornalísticos produzidos pela própria AIB¹ e com prontuários da Delegacia de Ordem Política e Social, fruto da repressão estatal durante o Estado Novo. Algumas linhas gerais do Movimento ficariam mais claras se tivéssemos, por exemplo, correspondências entre os militantes e, sobretudo, as fichas de membros com os dados sociais dos indivíduos. Dessa forma, não temos receio de informar ao leitor que nosso estudo foi forçado a se tornar cada vez mais indiciário para tentar esboçar algumas respostas.

A segunda ordem de dificuldades emergiu, empiricamente, da descoberta do tamanho da Província Integralista do Paraná. Em outubro de 1937, o jornal *Monitor Integralista* apresentou um balanço numérico do Movimento no Brasil, cujos números nos parecem razoáveis apenas em absoluto, ou seja, indicam que “n” pessoas foram e/ou são filiadas à AIB no Estado até aquela data.² Excetuando a Província do Mar, a AIB apresentou o número de 1.128.850 inscritos, divididos em 22 províncias. Naquele momento, a seção paranaense figurou nos gráficos entre as dez maiores, ocupando o 8º lugar, com a cifra de 53.000 inscritos.³ Esses militantes se distribuíam em aproximadamente 200 núcleos (entre municipais e distritais) espalhados por quase todos os municípios independentes do Estado.

Durante o funcionamento da Província do Paraná, os integralistas publicaram 2 revistas e 4 jornais, alguns deles com circulação em todo o Sul do país; fundaram escolas e

¹ Trabalharemos, especificamente, com os seguintes periódicos: *A Offensiva*, maior jornal integralista, publicado no Rio de Janeiro; Revista *Anauê!* (Rio de Janeiro); *Monitor Integralista* (espécie de ‘boletim de serviço’ nacional do Movimento); *O Integralista*, primeiro jornal da AIB em Curitiba; *A Razão*, segundo órgão de propaganda e doutrina, específico da Província do Paraná, publicado em Curitiba. Os textos extraídos de todos esses periódicos permanecerão em língua portuguesa de época.

² Nesse sentido, compartilhamos da desconfiança da historiografia sobre a relação dos números apresentados pelo próprio Movimento com seu real tamanho naquele ano.

³ Em ordem decrescente, por número de filiados, o Paraná ficou atrás de São Paulo, Bahia, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Ceará (*Monitor Integralista*, n. 22, Rio de Janeiro, 07/10/1937, p. 4). Obviamente, esses números devem ser relativizados; alguns autores sugerem que apenas 1/3 desses militantes eram de fato ativos (LEVINE, 1980).

ambulatórios, promovendo assistência social, educação básica e profissional. Tornaram-se figuras permanentes na cena pública entre 1934 e 1937, com seus inúmeros desfiles, passeatas e festividades cívicas, promovidas nas avenidas centrais de várias cidades – especialmente no coração da capital, a Praça Tiradentes, onde ficava sua sede do Movimento, e na Rua XV de Novembro.

Além disso, a AIB congregou boa parte da intelectualidade nacionalista paranaense, parte do laicado intelectual católico e atraiu a simpatia de ordens religiosas, professores universitários, jornalistas e políticos de peso no plano estadual. Elegeu metade de algumas câmaras de vereadores, 2 prefeitos e mostrou ser a segunda força política nas urnas do Paraná, um ano após sua fundação. O termômetro dessa força? A repressão precoce que sobreveio aos camisas-verdes no ano de 1936. Em pleno período constitucional, o Governador Manoel Ferreira Ribas ordenou o fechamento dos núcleos e proibiu o uso de qualquer coisa que lembrasse um sigma ou uma camisa verde – repressão sistemática talvez só comparada à ocorrida na Bahia, a segunda maior Província do país em número de militantes.

Somente esses dados justificariam dezenas de pesquisas locais e/ou focalizadas em temas específicos. No entanto, deixaremos de lado propositadamente os casos específicos. Nosso objetivo aqui é fazer um primeiro trabalho de mapeamento da origem e da estrutura da AIB no Estado: a história do nascimento da Província e sua ‘memória’ particular, seu aparato organizativo, suas principais lideranças e a amplitude do Movimento; também intentamos esboçar um quadro social dos militantes, respeitando os limites impostos pela documentação; por fim, buscamos apreender a amplitude da inserção dos camisas-verdes na política estadual, por meio da sua participação eleitoral.

Com esse propósito ‘prévio’, abrimos uma mata densa, que por fora parecia inofensiva, porque guardada em recônditos da memória. Pelas proporções e pela taxa de crescimento, se a aventura não tivesse sido interrompida, talvez a AIB elege-se seus personagens em altos cargos.⁴ Contudo, imaginar em direção a um passado plausível só é trabalho do historiador quando as fontes, no plural, indicam que ele poderia ter existido “lá fora”, para usar uma alegoria de E. P. Thompson (1981, p. 54). Nesse sentido, só podemos dizer, por enquanto, que “lá fora”, o Integralismo foi uma força política considerável no Paraná dos anos 1930. Àquela época – e isso é o que queremos provar nesta tese – a energia

⁴ Não nos esquecendo de que, nas eleições presidenciais de 1955, se Curitiba fosse um principado independente, Plínio Salgado teria sido seu Presidente eleito; também, Jorge Lacerda, um dos líderes da AIB no Paraná, foi eleito e exerceu mandato de governador em Santa Catarina na mesma década.

que transformou esse Movimento em força política derivava da capacidade que os fascismos tinham de converter homens simples em militantes apaixonados pela causa.

Voltamos aqui ao objetivo principal desta tese; ele se relaciona à linha de pesquisa na qual se insere a presente pesquisa. Embora muitos historiadores da ‘fase científica’ da História, desde Marc Bloch, tivessem dado atenção às relações intersubjetivas e à ‘utensilhagem’ afetiva no *faire d'histoire*, a Teoria da História pouco avançou nesse sentido no século XX. Salvo solitárias exceções, poucas propostas teóricas vindas da ciência histórica se voltaram assumidamente para a busca de um campo próprio para os sentimentos e suas relações intrínsecas às práticas sociais. Sem dúvida, os trabalhos interdisciplinares de Norbert Elias foram precursores (lembrando que a primeira edição de *O Processo Civilizador* é de 1939), assim como os escritos de Hannah Arendt. Contudo, a aceitação tardia e certa relutância conceitual acabou por legar ao século XXI o desafio de entender o *homo sentimental* numa perspectiva historiográfica.

Assim, o tema requereu um aprofundamento teórico pouco convencional, (baseado em obras relativamente novas ou recentemente aceitas), voltado para o estudo das afetividades políticas. Ademais, a necessidade de compreendermos a especificidade do Integralismo em seus aspectos afetivos nos impeliu a uma revisão conceitual acerca da família maior, na qual ele se insere: os fascismos. O mergulho na historiografia geral do fascismo não é gratuito: clássicas e recentes interpretações nos ajudam a entender a ‘filiação’ fascista da AIB e a relevância, enquanto tal, de se estudar o fascismo do ponto de vista dos sentimentos, de forma que talvez seja possível comparar as paixões dos integralistas com as de quaisquer outros militantes de movimentos fascistas que atuaram naquele período.

Assim, um capítulo inicial foi elaborado exclusivamente para dar conta das discussões teóricas em torno dos fascismos, das afetividades políticas e do “lugar” do Integralismo na correlação entre esses dois conceitos. Essa correlação e a discussão apresentada nesta tese em torno dela se tornaram necessárias na medida em que avançávamos nas leituras teóricas. Como veremos, pesquisas recentes sobre a conceituação do fascismo reconhecem abertamente a necessidade do estudo do universo afetivo nesse tipo de movimento político, mas abdicam de fazê-lo pela falta de uma instrumentalização teórica consistente. Tal instrumentalização será minimamente apresentada e posta em contato com as evidências das práticas e dos discursos fascistas locais.

A sequência com que estruturamos os dois grandes eixos dessa tese não é indicativa de uma hierarquia entre ‘fatias’ ou ‘dimensões da realidade histórica’, como numa estrutura metafórica de determinante e determinado. É certo que fomos educados no limiar da tradição

que postulava ser papel da história procurar sempre algo – invariavelmente econômico ou social – subjacente às atitudes, pensamentos e, por que não, sentimentos dos homens no tempo. Por isso, foi-nos desafiador pensar que a complexidade das afetividades políticas moldam ao mesmo tempo em que são moldadas pelas relações designadamente sociais, econômicas, ou qualquer outra coisa que tem jazido historicamente na parte inferior da pirâmide.

O Capítulo I abarca a discussão conceitual do fascismo, enquanto ferramenta heurística independente. Para tanto, apresenta um breve apanhado dos debates em torno da natureza do fenômeno, que desemboca no mote primário desta tese (as afetividades como centro nevrálgico dos fascismos). O Capítulo também apresenta o arcabouço teórico sobre o estudo das afetividades na história política, esclarecendo as categorias que serão trabalhadas ao cabo desta tese, tomadas como *sentimentos coletivos*, passíveis de análise. Por fim, o texto trás uma breve discussão sobre a presença do tema das afetividades na historiografia do Integralismo.

Os Capítulos II, III e IV formam um bloco temático que trata da Província Integralista do Paraná; temporalmente, trata da origem local do Movimento, em julho de 1934, até sua proscricção, iniciada em abril de 1936 e encerrada em dezembro do mesmo ano. Formariam um capítulo único, não fosse o tamanho do objeto; justifica-se, assim, a necessidade das subdivisões temáticas.

O Capítulo II aborda a instalação da Província do Paraná, seus primeiros núcleos, militantes e líderes e, especialmente, a criação da uma memória oficial sobre as origens do Movimento local; também apresenta a origem e os componentes da ideologia integralista na principal fonte desta tese, o jornal oficial da AIB no Paraná, *A Razão*, publicado entre maio e novembro de 1935.

O Capítulo III expõe exemplos do alcance geográfico tentacular e do crescimento numérico da Província do Paraná no ano de 1935, assim como um pequeno quadro do funcionamento dos Departamentos e Secretarias mais atuantes no plano estadual. Ao cabo, o texto apresenta ainda dados sobre o perfil social dos ingressos no Movimento local e os coloca em diálogo com certas interpretações recorrentes.

O Capítulo IV, último da tríade, discorre sobre dois pontos: o alcance eleitoral do Integralismo no Estado e a repressão que sofreu a Província em pleno Estado constitucional, entre meados de 1935 e dezembro de 1936, contemplando o período de completa proscricção e as estratégias de sobrevivência do Movimento, enquanto perdurou a ilegalidade.

Por fim, o Capítulo V aborda as “paixões pelo sigma”, tomando como suporte documental o hebdomadário *A Razão*. Este Capítulo, aliás, se fez ‘necessário’ no próprio cotidiano da pesquisa que resultou nos capítulos anteriores: na medida em que tentávamos classificar todos os textos dos 27 números do jornal que nos estiveram à disposição, a nossa incapacidade de adentrar à estrutura semântica de alguns deles, nos impediu de catalogá-los da forma tradicional (para uma estatística das recorrências ideológicas). Assim, ‘os inclassificáveis’ foram postos no ‘limbo’, até que um conjunto sólido deles nos revelou a especificidade: todos carregavam alta carga afetiva, manipulada por meio da mobilização de signos e símbolos do universo místico da cosmogonia que permeava o movimento integralista.

Em outras palavras, ao invés de uma enxurrada de textos visando o convencimento através da reflexão (como faria um ideólogo), o jornal trouxe mensagens comoventes: um conjunto de ‘temas ideológicos’, estrategicamente manipulados em torno de certas afetividades, visando a sensibilização do militante. De tal modo, aqueles textos tomados tradicionalmente como expressões de ‘irrazão’, pareceram-nos prontos para uma análise articulada em três grandes eixos ou afetividades mobilizadas: (1) as manifestações da **paixão militante** e as mensagens comoventes que a insuflam; (2) o culto ao **ressentimento** nacional e, por fim, (3) as diferentes formas pelas quais se manifesta o **ódio**.

CAPÍTULO I -
FASCISMOS, PAIXÕES POLÍTICAS
E INTEGRALISMO

Embora fôssemos tentados a abandonarmos os lugares-comuns, constantes em preâmbulos teóricos de teses sobre partidos nacionalistas que hora ou outra foram chamados de fascistas, a natureza do problema não nos permitiu seguir outro caminho. De qualquer forma, o questionamento nos sondou de forma incansável, como a tantos outros historiadores que têm se dedicado a temas correlatos ao desta tese: caberia nesta introdução uma análise conceitual sobre o fascismo, tomado como um fenômeno político geral, para este tipo de estudo sobre a Ação Integralista Brasileira?

A opção por tratar o tema de um ponto de vista teórico e conceitual neste capítulo introdutório se deu em função das intenções últimas deste texto. Se pretendemos mostrar que as afetividades políticas são chaves explicativas para as práticas e discursos de um movimento fascista fora da Europa, é preciso antes aclarar porque chamamos o Integralismo de ‘fascismo’; mais importante, é necessário analisar em que medida os estudos mais atuais do fascismo convidam os pesquisadores a atentarem para os sentimentos dos fascistas. Fato é que as teses sobre o fenômeno, aqui indicadas no intuito de munir nossa visão sobre o fascismo brasileiro, tangenciam essa preocupação com as afetividades políticas e ensaiam posturas que vão ao encontro da nossa necessidade analítica.

Assim, o presente capítulo segue o seguinte itinerário: (1) num primeiro momento, intentamos verificar em que medida algumas teses atuais, sob amplo debate (e aceitação), acerca do fenômeno fascista geral fornecem modelos de entendimento para o estudo do fascismo brasileiro. (2) Num segundo momento, delinearemos traços teóricos da discussão sobre as paixões na política, na expectativa de introduzir o leitor à nossa análise pormenorizada dos signos e mensagens comoventes veiculadas pela AIB e das práticas a elas relacionadas. (3) Por fim, levantaremos a problemática das paixões políticas na historiografia do Integralismo.

1.1 O “FASCISMO GENÉRICO” E O INTEGRALISMO

Historicamente, as interpretações do fascismo apresentam uma abrangente e dupla tipologia: De um lado estão as teorias que singularizam o fenômeno restringindo-o ao Fascismo original, com letra maiúscula, de Benito Mussolini, que atuou na Itália entre os anos 1919 e 1945. De outro, a maioria dos teóricos prefere abordagens que estendem o conceito a

todos os fenômenos análogos que pulularam pelo globo entre os anos 1910 e 1940, as chamadas “teorias generalizantes”.

Em 1983, o renomado Dicionário de Política de Norberto Bobbio, no verbete ‘fascismo’, asseverava:

Nesta última acepção [teorias generalizantes], o termo Fascismo assumiu contornos tão indefinidos, que se tornou difícil sua utilização com propósitos científicos. Por isso, vem-se acentuando cada vez mais a tendência de restringir seu uso apenas ao Fascismo histórico, cuja história se desenrola na Europa entre os anos 1919 e 1945 e que está essencial e especificamente representado no Fascismo italiano e no nacional-socialismo alemão (SACCOMANI, 1998, p. 166, grifo nosso).

A previsão feita em 1983 se mostrou falha. Ao contrário, hoje prevalecem academicamente as explicações que enxergam o fascismo como um fenômeno político teoricamente autônomo e extensível a movimentos semelhantes, que nasceram sob determinadas condições, espalhados pelos mais diferentes países. Nessa acepção, o fenômeno ganhou o apelido de “fascismo genérico” e se estabeleceu, paulatinamente, em detrimento de teorias como a do totalitarismo em sua variante ortodoxa (SEGRIOLO, 2006).

Entretanto, mesmo dentro desse consenso sobre o ‘genérico’, a essência do fascismo permaneceu aberta a amplo e acirrado debate, a ponto de podermos afirmar que nos últimos tempos houve certo “regresso ao fascismo”, como afirmou António Costa Pinto (2006), suscitado por novos e originais estudos.

O respeitado sociólogo norte-americano Michael Mann postulou a existência de duas grandes “escolas” no âmbito dos estudos do fascismo genérico: a escola nacionalista, que estuda o fascismo em suas múltiplas vertentes pátrias sem se preocupar com explicações totalizantes e a “escola classista materialista”, que se preocupa com os alicerces de classe supranacionais do fascismo e, portanto, com a crítica do capitalismo (2008, p. 15).

Utilizando essa categorização de Mann, em sentido geral, podemos afirmar que a questão de fundo que essas “escolas” tentam decifrar no fascismo é a sua natureza. O “lugar” de onde se olha, no sentido que Certeau (1979) deu ao termo, possui interferência crucial nessa definição teórica. Chamamos a atenção primeiramente para a tentativa dos ‘classistas’ de encaixar as ‘camisas-coloridas’ no binômio conceitual direita-esquerda. Um texto nacional de grande circulação nas academias brasileiras apontou: “denominamos de fascismo [...] o conjunto de movimentos e regimes de **extrema direita** que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945” (SILVA, 2005, p. 112, grifo nosso).

Encontraria o fascismo lugar entre essas categorias popularizadas no linguajar político no século XIX? Em geral, a tendência de associar automaticamente os fascismos à direita

secular tem raízes e orientações político-ideológicas.⁵ Foram os marxistas os pioneiros na conceituação do fascismo como um fenômeno de direita, que tinha muitas facilidades em estabelecer relações cordiais com grandes homens de negócio. Ainda em 1921 (lembrando que o Partido Fascista Italiano só chegaria ao poder no ano seguinte), Antônio Gramsci pôde identificar o movimento de Mussolini como associado “ao capitalismo e às autoridades” (1978, p. 63).

Num período muito vívido da luta entre a direita capitalista e a esquerda socialista, ‘os camaradas’ de Gramsci (políticos ou acadêmicos), acabaram por cunhar grandiosas elucubrações para identificar os movimentos fascistas tão somente à direita capitalista; o fato era mais que evidente na cabeça dos homens de esquerda daquele tempo: os fascismos seriam manifestações nacionalistas metamórficas e bizarras da burguesia cambaleante, posicionada de forma escamoteada contra o mundo do trabalho e dotada, em certos casos, de requintes de crueldade.

É manifesto que as interpretações da esquerda dos anos 1920 e 1930 só poderiam sê-las dessa forma. O contexto da contrarrevolução pulsava entre as esquerdas mundiais e os fascismos pareciam, de forma nítida, a nova carapaça do ‘Exército Branco’. A própria URSS sentiu a urgência em definir o fascismo no campo da luta de classes. Nas Teses da 13ª Sessão Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista (1933) lê-se:

O fascismo é a ditadura terrorista aberta do mais reacionário, mais chauvinista e mais imperialista dos elementos do capital. O fascismo tenta assegurar uma base de massas para o capital monopolista entre a pequena burguesia, apelando aos camponeses, artesãos, empregados de escritórios e servidores públicos, que foram atirados para fora do curso normal da vida, e particularmente entre os elementos desclassificados das grandes cidades, tentando também penetrar na classe operária (GRIFFIN, 1995, p. 262).

No excerto, o fenômeno fascista em si aparece como resposta à crise agonizante da fase monopolista do capitalismo; um ‘super-herói’ burguês travestido de intenções revolucionárias, manipulador e controlador das massas.

Ao longo do século XX, as interpretações marxistas mantiveram a essência da luta de classes, porém, através de explicações menos monolíticas que as de Stálin. Com os

⁵ Sob determinado ponto de vista, entretanto, tal tendência encontra sua justificativa, se se quer seguir conceitos abrangentes de direita e esquerda, como os do cientista político italiano Norberto Bobbio. O autor sustenta a existência de razões importantes, no passado e no presente, para ampararmos o uso de tal distinção binomial na política. Essas razões se encontram no grau de naturalidade atribuído pelos agentes políticos à antítese **igualdade/desigualdade**, no que concerne aos seres humanos. As variantes “extrema” e “moderada”, tanto à direita quanto à esquerda, assim se posicionam em relação ao nível de proximidade para com outro conceito amplo: **liberdade**. Para Bobbio, portanto, a extrema-direita compreende “doutrinas e movimentos antiliberais e [ao mesmo tempo] anti-igualitários” (2001, p. 119).

desdobramentos da historiografia do fascismo, sobretudo no pós-guerra, os estudos no âmbito do marxismo caminharam para o reconhecimento de uma relativa autonomia da esfera política fascista (práticas políticas e ideologia) sem, contudo, abandonar a opinião da existência, em última instância, de uma ‘essência burguesa’ subjacente (SACCOMANI, 1998). É importante destacar que só após eventos como o rompimento de Stálin com Joseph Tito (1948), a própria morte de Stálin (1953) e a Primavera de Praga (1956), a intelectualidade de esquerda teve condições de visualizar os regimes stalinista e fascista sob uma mesma ótica, permitindo assim a conceitual autonomização do fenômeno em relação à luta de classes (HOBSBAWM, 2002).⁶

Portanto, o uso do conceito, como adotado à época da radicalização esquerda/direita, que, de certo modo, aprisionava o fascismo analiticamente sob a bandeira exclusiva da ‘classe capitalista’, pode resultar, hoje, em prática anacrônica. Trata-se de entender o fascismo exatamente por meio daquilo que almejava ultrapassar: todas as classes sociais. Obviamente, somente a visão em perspectiva do século XXI permite tal observação, feita aqui sem qualquer censura aos homens que inclusive pegaram em armas para combatê-lo.

De qualquer modo, importa-nos, por ora, indagarmos sobre a singularidade do fascismo enquanto produto ‘lapidado’ e autônomo da modernidade do século XX. Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva,

Hoje, na Alemanha e na Itália, onde por razões óbvias os estudos sobre fascismo mais avançaram, poderíamos dizer que a maioria dos estudiosos concorda sobre dois pontos: I. a garantia da universalidade possível do fascismo como fenômeno histórico, com seu ápice no entreguerras; II. A necessidade teórica de garantir a autonomia de uma teoria do fascismo em face dos fenômenos históricos que o envolvem (2005, p. 118).

A partir dos anos 1970, no período que o historiador britânico Roger Griffin denominou de “adolescência” dos estudos comparativos do fascismo, surgiram alguns trabalhos, cujas conceituações do fenômeno se fundamentaram em densos estudos empíricos. Tais estudos giravam em torno de “supostas variantes de um fenômeno genérico, na melhor

⁶ O aprofundamento dos estudos acerca da sociologia dos movimentos/partidos fascistas, realizado na segunda metade do século XX, foi fundamental para a relativização – mas não o abandono – do conceito de classe no estudo do tema. Se os fascismos atraíam aqueles que Michael Mann chamou de “clientelas fascistas centrais”, entre elas a alta e média burguesia, não significa que eram simples reflexo ou instrumento de posições e interesses materiais desse grupo (2008, p. 14). Tais clientelas ligavam-se, mais ao sério valor que os fascistas atribuíam ao Estado-nação, que sempre fora e continuou sendo no período do fascismo, o guardião da ordem, necessária para a continuidade do sistema capitalista. Assim, a teoria de classe serve apenas parcialmente para explicar a adesão aos movimentos fascistas, uma vez que aspectos da ideologia atraíam “clientelas nucleares”: ao lado das clientelas de classe, outros grupos se apegavam ao nacionalismo, ao paramilitarismo, ou outro aspecto fulcral da doutrina e prática fascistas (MANN, 2008, p. 39).

das hipóteses caracterizadas por uma frouxa ‘tipologia’ definida como um check-list discursivo de características [...]” (2002, p. 22).

Uma das mais eruditas, abrangentes e ainda atuais conceituações desse período é a do historiador norte-americano Stanley George Payne, refinada e ampliada em obra dos anos 1990. De acordo com o autor, uma caracterização político-ideológica operacional do fascismo requer uma divisão conceitual em três instâncias: ideologia e objetivos, negações dos fascismos e estilo e organização. Em cada uma delas, meia dúzia de elementos formam uma espécie de ‘gabarito fascista’.

Ideologicamente, sustenta Payne, os fascismos propugnavam “uma filosofia idealista, vitalista e voluntarista, geralmente envolvendo a tentativa de realizar uma nova cultura moderna, autodeterminada e secular”; ao mesmo tempo ambicionavam a criação de um Estado nacionalista autoritário “não baseado em princípios tradicionais ou modelos”, no qual se poria em prática uma “estrutura econômica nacional controlada, multiclassista [e] integrada” (1995, p. 7). Os fascismos negavam o liberalismo (em sentido amplo), o comunismo e o conservadorismo, apesar de “estarem dispostos a fazer alianças temporárias com outros setores, comumente com a direita” (1995, p. 7). O estilo e a organização fascistas se distinguem em cinco pontos:

[1] tentativa de mobilização de massas e militarização das relações políticas e do estilo, objetivando instaurar uma milícia do partido de massas; [2] ênfase na estrutura estética unitiva, símbolos e liturgia política, acentuando os aspectos emocionais e místicos; [3] extrema acentuação no princípio masculino e sua dominação, ao mesmo tempo defendendo uma forte visão orgânica da sociedade; [4] exaltação da juventude acima de outras fases da vida, enfatizando o conflito de gerações, ao menos para efetivar a transformação política inicial; [5] específica tendência para um autoritário, carismático e pessoal estilo de comando, mesmo que o comando seja, em certa medida, inicialmente eletivo (PAYNE, 1995, p. 7).

A conclusão de Payne sobre o fenômeno é abrangente:

o fascismo, foi a forma mais revolucionária do nacionalismo na Europa até aquele momento da história e era caracterizado por sua cultura do idealismo filosófico, força de vontade, vitalismo e misticismo, e seu conceito moralista da violência terapêutica, fortemente identificado com os valores militares, agressividade externa e império (1995, p. 487-488).

De modo semelhante, o sociólogo Juan Linz foi ainda mais abrangente na tentativa de estabelecer o que chamou de “definição tipológica multidimensional”. Em parágrafo de tirar o fôlego, Linz tencionou abraçar quase todas as ‘camisas coloridas’ do planeta com a seguinte acepção:

Nós definimos fascismo como movimento hipernacionalista, em geral pan-nacionalista, antiparlamentarista, antiliberal, anticomunista, populista e, por isso, antiproletário, até certo ponto anticapitalista a antiburguês, anticlerical ou ao menos, não-clerical, com o objetivo de alcançar a integração social nacional, por intermédio de um partido único e da representação corporativa, elementos nem sempre enfatizados de forma igual; detentor de um distintivo estilo e retórica, baseava-se em ativos quadros dispostos a ação violenta, combinada com a participação eleitoral para chegar ao poder com fins totalitários, por meio de uma combinação de táticas legais e violentas (1976, p. 12-13).

Nos estudos mais recentes (ou da ‘pós-adolescência’), a incessante busca de um campo autônomo onde reside a natureza do fascismo serviu de palco para carcomida, pulsante e, por vezes, infrutífera batalha historiográfica entre as ‘dimensões da realidade’ – muito embora seus guerreiros mais proeminentes recusassem retoricamente a defesa dos determinismos. A troca de farpas menos moderada se deu em torno da “virada cultural”, de que a História foi palco nas últimas quatro décadas, a qual também atingiu os estudos acerca do fascismo genérico. A febre chegou ao ponto de promover a ideia de consenso sobre “a primazia da cultura” nos estudos do fascismo (GRIFFIN, 2002), considerada, sem dúvida, prematura, até mesmo para os estudiosos mais próximos de seu autor (FELDMAN, 2008).

Roger Griffin é o maior defensor do conceito de fascismo enquanto “gênero de ideologia política” (1991, p. 26). Suas definições (Griffin já publicou ao menos duas diferentes, porém de mesmo teor), ao contrário da ideia do *check-list*, centram-se na busca de uma essência para os movimentos fascistas:

Usado genericamente, fascismo é um termo para um singularmente proteiforme gênero da política moderna inspirado pela convicção de que um processo de total renascimento político, social e cultural (palingenesia) se tornou essencial para pôr um fim a um prolongado período de decadência, expressando-se ideologicamente em formas revolucionárias de um nacionalismo (ultra-nacionalismo) (2003, p. 231-232, grifo nosso).

O autor defende a construção de um tipo ideal de fascismo adaptável, do ponto de vista cultural, aos mais diversos movimentos: o “mínimo fascista”, cujo gabarito se encontra em um elemento singular do núcleo ideológico do fenômeno:

Esta definição do fascismo é inevitavelmente controversa, pois é um tipo ideal que até agora tem resistido às tentativas acadêmicas para transformá-lo em uma categoria social científica sobre a qual um consenso funcional prevalece [...]. O que distingue a atual abordagem é que ela localiza o “mínimo fascista” em um mito nuclear de renascimento da nação que pode expressar-se em uma ampla gama de racionalizações e permutações. Historicamente, tem havido um elevado nível de consenso entre diferentes fascistas acerca das forças que ameaçam a saúde da nação, Marxismo-Leninismo, materialismo, internacionalismo, liberalismo, individualismo, mas uma variação considerável sobre quais forças são defendidas como seus remédios e o grau de violência racista e imperialista prevista para impô-las. Sendo

de inspiração ultranacionalista, cada fascismo irá inevitavelmente desenhar sobre a história e a cultura do país em que surja, a fim de legitimar o atentado contra o status quo [...] (GRIFFIN, 2003, p. 232).

Em Griffin, a natureza do fascismo está, portanto, na sustentação de uma cultura política, cuja pedra fundamental reside nos mitos palingenéticos (ou de renascimento ‘fenixiano’) embebidos na história e na cultura dos países nos quais os movimentos se instalaram. O culto ultranacionalista popular aos mitos de renascimento da nação, baseado em uma liturgia ritualística, defende o autor, também fizeram do fascismo uma espécie de religião política.⁷ Em definição mais aprimorada, Griffin sustenta que o fascismo é uma

forma revolucionária de nacionalismo inclinada à mobilização de todas as energias sociais e políticas “saudáveis” para resistir ao ataque da “decadência”, de modo a atingir a meta de renascimento nacional, um projeto que envolve a regeneração (palingenesia), tanto da cultura política e social, quanto da cultura ética que as sustenta (GRIFFIN; FELDMANN, 2004, p. 6).

Essa cultura também expressa de forma constante as inquietações sociais com a pseudo-decadência geral das sociedades, afogadas no bojo das racionalidades iluministas e seus desdobramentos multidimensionais.

A reação anti-iluminista, como elemento fundamental da síntese fascista e, portanto, da sua natureza, é defendida pelo historiador israelense Zeev Sternhell, para quem o “*fascismo, antes de converterse en fuerza política, fue un fenómeno cultural*” muito mais amplo, dentro do qual é apenas uma “*manifestación extrema*” (1994, p. 1). A interpretação de Sternhell, ainda na esteira culturalista, nos permite visualizar características abrangentes do fenômeno a partir de seu núcleo, situado numa reação cultural antimaterialista, que espalhou pela Europa um conjunto singular de caracteres, mais tarde apropriados pelos fascismos.⁸

A ideologia dos fascismos é originária, de acordo com Sternhell, de uma reação intelectual de recusa aos pressupostos da Ilustração, ocorrida entre fins do século XIX e início do século XX, que encontra em Nietzsche apenas uma de suas expressões e em Heidegger, o

⁷ Em sua segunda obra, *The Nature of Fascism*, Griffin rejeitou a figuração da religião política, para mais tarde abraçá-la como instrumento heurístico. Segundo sua própria explicação em entrevista, isso se deu depois de observar as similitudes entre a simbologia e ritualística dos fascismos e as da “Religião do Ser Supremo”, de Robespierre, durante o Ano II da Revolução Francesa. Dessa forma, o fascismo também se define, para Griffin, como um tipo específico de “religião política palingenética” (GRIFFIN, 2008, p. 208).

⁸ George Lukács (1959) se encaminha para uma reflexão semelhante, porém, de caráter mais abrangente na obra *El asalto a lá razón: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Lukács defende que todo o movimento intelectual irracionalista de fim do século XIX e início do século XX descambou para um amplo combate à ideia de luta de classes e, por consequência, do materialismo histórico. Isso irremediavelmente se metamorfoseou em posições politicamente conservadoras e, no limite, fascistas.

seu corolário.⁹ O ataque global à cultura política iluminista se processou por meio de uma rejeição primordial ao materialismo e seus desdobramentos: a sociedade individualista (ou do contrato social), a democracia liberal e o marxismo:

A denúncia permanente da decadência de toda uma civilização que o materialismo inerente ao sistema oriundo da Revolução Francesa tornara inevitável é um aspecto essencial da revolta cultural que, por seu lado, encoraja a procura de uma terceira via entre o liberalismo e o marxismo. A revolta contra o materialismo das Luzes ou, em termos políticos concretos, contra o liberalismo, a democracia e o socialismo é o lugar geométrico onde se encontram todos os contestatórios [...] (1999, p. 28).

Esses movimentos contestatórios à ordem da Ilustração se manifestaram, sobretudo, a partir de fins do século XIX e tiveram seu clímax no período da Primeira Guerra e de seus desdobramentos. Entendido como produto de um fenômeno cultural amplo, o fascismo não foi, portanto, um ‘intervalo’, ou um “surto descivilizador” específico de um povo¹⁰, foi antes “*parte integral de la historia de la cultura europea*” (SETERNHELL, 1994, p. 2).

A partir dessa premissa, Sternhell enxerga a gestação do fenômeno a partir de uma revisão antimaterialista e antirracionalista do marxismo, que acabou por fundar uma nova cultura política,

una cultura política comunitaria, antiindividualista y antirracionalista, basada – en una primera fase – en el repudio de la herencia de la Ilustración y de la Revolución francesa y – en una segunda fase – en la construcción de una solución de recambio total, de un marco intelectual, moral y político, único capaz de garantizar la perennidad de una colectividad humana en la que se integrarían perfectamente todas las capas y todas las clases de la sociedad (1994, p. 7).

O espólio da incursão profascista à teoria marxista foi unicamente a crença na violência como motor da intervenção humana na história, uma “heresia socialista”, como prefere o historiador norte-americano Robert Owen Paxton (2007, p. 73). Portanto, em suas raízes ideológicas e recrutamento inicial, segundo Zeev, o fascismo deriva de uma corrente revisionista minoritária no interior do marxismo europeu ocidental de princípios do século XX, que pode ser chamada de revisionismo revolucionário, por oposição ao revisionismo liberal-democrático ou reformista da social-democracia alemã. Os integrantes do primeiro grupo mantiveram sempre acesa a chama da revolução, vista como uma guerra necessária

⁹ Se Nietzsche atacou o nacionalismo, baseado na recusa do que chamava de “moral do rebanho”, Heidegger conseguiu associar o irracionalismo a um pensamento *völkisch* (STERNHELL, 1999, p. 16).

¹⁰ Para Norbert Elias, o Nazismo foi possível graças a determinados desdobramentos históricos no *habitus* da sociedade alemã, que culminaram num “violento surto descivilizador na época de Hitler” (1997, p. 15).

contra o mundo burguês e se levantaram em franca oposição aos marxistas do segundo grupo, ‘rendidos’ ao *Bersteindebatte*, de fins do século XIX.¹¹

Ainda que esses historiadores divirjam quanto à sua natureza (se dos mitos palingenéticos ou das heresias marxistas), tanto Griffin, quanto Sternhell entendem o fascismo como cultura política, ou na acepção do último, um “gênero” de cultura política. Em posição oposta se coloca a sociologia, cujo mais destacado representante nos estudos atuais do fascismo é Michael Mann. O autor tenta garantir à interpretação do fenômeno uma face empiricista com ênfase nas clivagens sociais¹².

Mann, ao mesmo tempo em que procura uma delimitação mínima do fascismo, o *minimum* fascista, toma o cuidado de apontar as profundas similaridades entre este e outros profascismos do século XX. Nacionalismo orgânico, estatismo radical e paramilitarismo, são para Mann, as palavras-chave no entendimento do fenômeno.

Segundo o autor, o fascismo se insere no conjunto de movimentos modernos que buscavam o fortalecimento do Estado-nação. Concorda, assim, com Sternhell sobre o fato de não ser ele uma ilha isolada dos processos da modernidade europeia;¹³ representou, com efeito, a busca radical de uma forma particular de estatismo nacionalista. Os fascistas uniram à ideia básica da democracia (o poder popular) a da nação orgânica, ao mesmo tempo em que levaram ao limite a questão do fortalecimento estatal, como instituição moralizante e produtora do bem-estar (econômico, social e moral). O paramilitarismo (conceito valioso para o autor) coroou a escalada rumo ao Estado-nação orgânico e uno, por meio de um movimento democrático da violência, ou seja, “vindo de baixo” (MANN, 2008, p. 12).

Em Mann, o nacionalismo fascista sustenta como características-chave a organicidade e uma preocupação constante com os inimigos dessa unidade orgânica. Sua face mais violenta despontou na Alemanha, onde o Nacional-socialismo acrescentou a raça e a obsessão por pureza. Ainda que concorde com a existência ideológica do ‘renascimento fenixiano’ no

¹¹ Edward Bernstein (1850-1932) foi um dos mais importantes intelectuais da socialdemocracia alemã, cuja publicação da obra “As Premissas do Socialismo e as Tarefas da Socialdemocracia”, em 1899, resultou na chamada crise revisionista de fins do século XIX e início do século XX. Ao ser convocado pelo SPD para dirimir críticas liberais à teoria do desenvolvimento capitalista de Marx, Bernstein chegou à conclusão que seus inimigos, em parte, tinham razão: o desenvolvimento do capitalismo não levou à agudização do conflito de classes e o capitalismo encontrara meios para garantir a manutenção do sistema. Do ponto de vista prático, ele sugeria que a social-democracia abandonasse a retórica revolucionária e aceitasse abertamente os termos do socialismo enquanto **possibilidade histórica**, dentro do sistema democrático representativo (sem preconceitos, inclusive, contra uma Monarquia Constitucional). Bernstein propunha, na verdade, que Karl Kautsky e outros ‘sacerdotes’ do partido usassem de coerência: a prática reformista no partido já era uma realidade, a despeito da retórica da luta de classes e da república radical kautskyana (FONTANA, 1998).

¹² “Este livro tenta explicar o fascismo entendendo os fascistas – quem eram, de onde vieram, quais eram suas motivações, como chegaram ao poder” (MANN, 2008, p. 11)

¹³ Sternhell chegou a dedicar uma obra coletiva ao processo de rejeição dos princípios iluministas, inseridos no bojo da modernidade europeia da passagem do século (STERNHELL, 1999).

nacionalismo fascista, Mann relega-o a uma adaptação retórica: a ponte entre o discurso da “velha nação” – o Sacro Império, no caso da Alemanha, por exemplo – e a real e nova nação moderna (2008, p. 27).

Ademais, o nacionalismo fascista se considerava transcendente: encontrava-se muito além das classes e da ideia de harmonia em meio ao conflito, intrínseca às democracias liberais. “Direita”, “esquerda” e “centro” não faziam o menor sentido aos fascistas, porquanto não observavam a sociedade sob esse prisma. Isso se constata prontamente por qualquer análise sociológica dos fascismos, que saliente o fato deles terem recrutado elementos de todas as classes sociais (como veremos na presente tese). Queriam transcender a luta de classes, impor a luta entre as nações e a luta darwinista de raças. O fascismo não incorporava o melhor das classes, queria gerar um novo homem (MANN, 2008).

Sem dúvida, a definição-relâmpago de Mann (“a tentativa de construção de um Estado-nação transcendente e expurgado por meio do paramilitarismo”) empobrece o estudo do autor e se centra mais naquilo que os Fascistas almejavam (o fascismo é visto como uma “tentativa”).

Nesse ponto concordamos com Robert Paxton, sobre a necessidade de historicizar os fenômenos com base em suas experiências cotidianas.¹⁴ É necessário ponderar as conclusões das interpretações estritamente ideológicas, culturais e sociologizantes à luz do vivenciamento dos movimentos. Não se trata de sincretismo, mas da introdução das noções de historicidade, processo e experiência na visualização dos fascismos.

Na tentativa de estabelecer uma “anatomia do fascismo”, Paxton explorou uma constelação de exemplos, ao mesmo tempo em que recusou explicitamente as definições apriorísticas. Parece-nos que o autor não foi feliz em tomar de empréstimo das Ciências Biológicas o termo ‘anatomia’ para qualificar seu estudo, uma vez que rechaça veementemente as ‘dissecações’ que tomam o fascismo como corpo inerte. O que Paxton faz, na verdade, é uma ‘fisiologia do fascismo’.

De qualquer forma, no seu entendimento, qualquer conceituação do fenômeno requer a prévia análise do que considerou como etapas essenciais de desenvolvimento, pelas quais os diferentes movimentos fascistas passaram (ou passariam, se a maioria deles não tivesse declinado por falta de terreno fértil ou fosse ‘podada’ em contextos específicos). Somente por esse método poder-se-á chegar a uma conceituação historicamente válida, não redutiva e processual:

¹⁴ Em artigo clássico, intitulado *The five stages of fascism*, Paxton (1998) apresentou sua concepção de fascismo ‘em movimento’ e sua desconfiança em relação aos programas fascistas.

As definições [correntes] são inerentemente limitantes. Delineiam um quadro estático de algo que é mais bem percebido em movimento, e mostram como “estatuária congelada” algo que é mais bem entendido se examinado como um processo. Com muita frequência, sucumbem à tentação intelectual de tomar como constitutivo o que não passam de declarações programáticas, e de identificar o fascismo mais com o que ele disse do que com o que ele fez. A procura pela definição perfeita, reduzindo o fascismo a uma sentença cada vez mais precisa [“*one liner*”], parece calar as perguntas sobre sua origem e trajetória de desenvolvimento, mais que abrir espaço para elas (PAXTON, 2007, p. 36).

O fascismo, para Paxton, é um tipo diferenciado de movimento político que requer a suspeição do historiador frente aos postulados ideológicos e à retórica. A tendência em “dar precedência aos programas significa partir do pressuposto implícito de que o fascismo era um ‘ismo’, como os demais sistemas políticos do mundo moderno: conservadorismo, liberalismo, socialismo” (2007, p. 36). Situando-se fora dos ‘ismos’ tradicionais, os programas fascistas, mesmo sendo importantes, devem ser analisados em conjunto com a práxis, haja vista sua informalidade e fluidez. Os intelectuais não forneceram programas aos fascistas (como ocorreu com o comunismo ou o liberalismo); no máximo, prepararam-lhes o terreno, solapando as bases da Ilustração.¹⁵ As alterações programáticas se davam sem grandes preocupações teóricas.

Disso decorre que a análise pura e simples da ideologia não se mostra suficiente para entender as fases “médias do ciclo fascista”:¹⁶

com vistas a se tornar um ator político importante, conquistar o poder e exercê-lo, os líderes lançaram-se à construção de alianças e a soluções de compromisso político, pondo de lado, assim, partes de seu programa e aceitando a defecção ou a marginalização de alguns de seus militantes de primeira hora (PAXTON, 2007, p. 43).

Paxton abdica da ideia fixa de procurar uma definição enciclopédica para o termo¹⁷, sustentando que o *minimum* fascista é inviável, uma vez que os movimentos

¹⁵ Jürgen Habermas, em capítulo dedicado a Martin Heidegger, afirma que os intelectuais estavam prontos para servir os fascismos com um aparato teórico e só não o fizeram “*porque la mediocridade de los cuadros de mando fascistas no podía aceptar la oferta de los intelectuales. [...] Fue la escasa envergadura de los funcionarios políticos la que las empujó a la oposición, y así el ‘movimiento’, desprovisto de portadores de la herencia cultural a los que se pudiera imputar nada, pudo suscitar la impresión de que el nacionalsocialismo era un objeto arrojado a la playa por las corrientes generales del siglo, pero sin raíces en la tradición alemana, un cuerpo extraño a ella, un injerto que se le hizo*” (HABERMAS, 1975, p. 58-59). Hannah Arendt, por sua vez, enxerga na ausência de programas sólidos (ou a simples ignorância a eles) a ausência do totalitarismo: um movimento que suprimiu “a diferença entre pensar e agir” (ARENDDT, 1989, p. 375).

¹⁶ Concordando em certa medida com Paxton, não negamos a validade do estudo da ideologia dos movimentos fascistas, em especial, se enxergarmos o conceito sob a ótica arendtiana da “lógica de uma ideia” aplicada à história e proibitiva às contradições (ver análise da ideologia integralista no Paraná no Capítulo II) (ARENDDT, 1989, p. 522).

são mais díspares que os demais ismos.[...] Porque rejeitam qualquer valor universal que não o êxito dos povos eleitos em sua luta darwiniana por primazia. [...] Cada movimento nacional fascista, portanto, dá expressão plena a seu próprio particularismo cultural. Diferentemente de outros ismos, não é um produto de exportação (2007, p. 44).

Enfocando as tomadas de posições dos liberais, conservadores e de outras posições políticas da época em suas relações com os fascismos, Paxton propõe o exame das coalizões verticais, ou processuais no tempo, e horizontais, as diferentes escolhas e caminhos que os homens fizeram em locais distintos. Como “sucessão de processos e escolhas” que envolve “a busca de seguidores, a formação de alianças, a disputa pelo poder e seu exercício”, o fascismo se desenvolveu da fase de criação a uma escolha final fundamental (a radicalização ou entropia)¹⁸, passando pelo enraizamento político, pela tomada do poder e o exercício do poder (2007, p. 48).

Cedendo à tentação da frase de efeito, Robert Paxton assinala que

o fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (2007, p. 358-359).

Aqui o fascismo aparece como uma forma de se comportar na política, que reúne também caracteres prestativos a um *check-list*, porém inseridos numa análise que vai além dos movimentos e ideologias, para alcançar os Estados fascistas e sua escolha final: a suicida radicalização (que explica, por exemplo, o holocausto e as práticas da República de Saló) ou a entropia, a domesticação dos elementos do radicalismo totalitário.

Com efeito, a maior contribuição de Paxton, no que concerne a esta tese, reside no fato de que, não inserindo os fascismos entre as ideologias tradicionais, o autor abre caminho para observar a ‘utensilhagem’ afetiva como elemento fundamental, embora ainda mal entendido,

¹⁷ Não obstante a recusa às definições monofrasais, o historiador norte-americano cai na tentação ao final de sua “anatomia”. Ainda assim, o faz somente ao cabo de uma análise pormenorizada das diferenças entre os fascismos, no intuito de apreender os processos e os resultados desiguais.

¹⁸ Em muitos sentidos, a fase de “radicalização” dos fascismos de Paxton se assemelha ao processo que Hannah Arendt analisou como a plenitude do totalitarismo, alcançado na Alemanha nazista com a expansão territorial durante a Segunda Guerra: “[...] foi só durante a guerra, depois que as conquistas do Leste forneceram grandes massas e tornaram possíveis os campos de extermínio, que a Alemanha pôde estabelecer um regime verdadeiramente totalitário” (ARENDR, 1989, p 360-361).

da práxis fascista. Mesmo não aprofundando a questão e quase assumindo não saber como fazer, o autor certamente foi mais além do que os demais teóricos aqui mencionados, justamente por assumir que há um campo inexplorado nos estudos do fascismo e que requer a atenção do historiador: as afetividades na política.

Como Sternhell, Paxton vê na revolta contra os valores da razão, do liberalismo, do progresso e da democracia, as raízes culturais do fascismo. Entretanto, atribui importância crucial ao campo científico de fins do século XIX, na emergência do subconsciente e do irracional na história, sobretudo por intermédio das teorias freudianas e bergsonianas. Ao mesmo tempo, o autor vê como crucial a entrada do conceito de “raça” para o campo da biologia, que culminou na eugenia, suporte científico para as lutas darwinianas dos fascismos. Do ponto de vista psicológico, argumenta o historiador, medos ou angústias sociais emergiram abruptamente no início do século XX. O medo da desagregação ou corrosão dos laços entre os homens (sob a ação do materialismo individualista), o medo da decadência nacional, o medo dos inimigos internos e externos – as outras nações, o bolchevismo, as minorias étnicas, os subversivos culturais e políticos, os impuros (desde doentes a criminosos, no sentido lombrosiano do termo). Os fascistas tinham respostas prontas para todas essas angústias.

Sob esse caldo intelectual, cultural e afetivo comuns, os fascismos manipularam elementos culturais nacionais, na medida em que

procuraram em cada cultura nacional os temas mais capazes de mobilização de um movimento de massas de regeneração, unificação e pureza, dirigido contra o individualismo e o constitucionalismo liberais e contra a luta de classes de esquerda (PAXTON, 2007, p. 76).

Embora considere as “paixões e emoções mobilizadoras” como “o registro mais importante” da natureza do fascismo, Paxton apenas elenca uma série de atitudes e sentimentos, deixando-os sem a devida problematização; omite-se, portanto, de adentrar na discussão dessas raízes emocionais do fenômeno. Escapam-lhe discussões sobre o ressentimento, o ódio, a paixão, ou o medo e a multifacetada forma com que esses sentimentos e emoções se manifestam na arena política.

O sentimento de uma crise catastrófica, além do alcance de qualquer das soluções tradicionais; A primazia de um grupo, com relação ao qual as pessoas têm deveres superiores a quaisquer direitos, sejam eles individuais ou universais, e a subordinação do indivíduo a esse grupo; A crença de que o próprio grupo é uma vítima, sentimento esse que serve como justificativa para qualquer ação, sem limites legais ou morais, contra seus inimigos, tanto externos quanto internos; O pavor da

decadência do grupo sob os efeitos corrosivos do liberalismo individualista, do conflito de classes e das influências alienígenas; A necessidade de maior integração de uma comunidade mais pura, por meio de consentimento, se possível, ou da violência excludente, se necessário; A necessidade da autoridade dos líderes naturais (sempre do sexo masculino) culminando num chefe nacional que é o único capaz de encarnar o destino do grupo; A superioridade dos instintos desse líder sobre a razão abstrata e universal; A beleza da violência e a eficácia da vontade, quando voltadas para o êxito do grupo; O direito do povo eleito de dominar os demais sem limitações de qualquer natureza, sejam impostas por leis humanas ou divinas, esse direito sendo determinado pelo critério único do valor do grupo no interior de uma luta darwiniana (2007, p. 78-79).

Analisados os principais aspectos das interpretações de autores reconhecidos no estudo conceitual do fascismo, teceremos agora algumas ponderações sobre o que foi exposto até aqui.

1.1.2 COMPARAÇÕES E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: AS TEORIAS DO FASCISMO E O INTEGRALISMO

Em alguns textos, a ‘nova’ e a ‘velha’ geração de historiadores do fascismo parecem reproduzir o conflito geracional que os próprios fascismos pregavam. No entanto, a jovem historiografia se relaciona melhor com o seu passado do que entre seus pares. ‘Culturalistas’, ‘economicistas’, ‘sociologistas’ estão longe de entrar em consenso, embora suas premissas estejam montadas sobre uma base comum erigida pelos decanos da década de 1970, a dita “fase de adolescência” dos estudos do fascismo.

Enxergamos esse debate sob um prisma mais amplo e que permite visualizarmos basicamente três grandes matrizes teóricas no estudo do fascismo genérico atualmente. A primeira e mais antiga é aquela que admite abraçar as características multidimensionais do fascismo, ao traçar definições abrangentes e textualmente cansativas; preferem essa abordagem, em geral, os pesquisadores da ‘velha guarda’, como Payne e Linz.

A segunda, mais nova e mais combativa, diga-se de passagem, promove uma superação dialética em relação às monstruosas caracterizações multidimensionais, mas procura encontrar no fascismo a sua essência: aquilo que reduz a explicação do termo a palavras-chave como “estatismo paramilitar” ou “nacionalismo palingenético”. Trata-se daquilo que Francisco Falcon denominou de “substancialização do conceito” (2008, p. 11), algo que permite, como no caso de Mann, ultrapassar o fascismo histórico e epitetar de fascistas uma série de movimentos e regimes autoritários. O próprio Mann reconhece que há

uma parcela de verdade nos xingamentos populares (*Fascistas!*) atribuídos a certos regimes da segunda metade do século XX (2008, p. 8).

Os ‘essencialistas’, a bem da verdade, recusariam esse termo com ferocidade e com certa razão. Embora suas pesquisas ambicionem encontrar uma essência comum em forma de tipo ideal para os fascismos, autores como Griffin e Mann elaboraram complexos dossiês das características dos mesmos, apenas ressaltando, ao cabo, o núcleo ideológico ou o aparato dos movimentos, respectivamente.

Por fim, temos a perspectiva polêmica e inovadora de Robert Paxton como uma tentativa de romper os limites tanto do ‘gabaritismo multidimensional’, quando do ‘essencialismo’, ao postular uma teoria processual do fascismo: somente ao cabo da observação empírica das ações dos fascismos, em etapas possíveis de desenvolvimento, pode-se definir o que eles de fato foram. Temos ressalvas quanto à sua real capacidade de escapar ao ‘essencialismo’ e mesmo ao ‘gabaritismo’. Sem dúvida, sua definição é uma das mais complexas e bem elaboradas e, apesar de não avançar na questão, Paxton parece ter poucas dúvidas de que a essência do fascismo reside no território das afetividades, ainda não explorado pela historiografia do fenômeno.

Nossa questão aqui é: para que servem essas elucubrações no estudo do primeiro partido de massas brasileiro? Embora tais pesquisas sejam marcadamente eurocêntricas, ‘velhos e novos’ não se imiscuíram de falar sobre os camisas-verdes de Plínio Salgado. Ensaíram, na verdade, um exercício de inserção ou exclusão da AIB em suas teorias gerais.

Dos pesquisadores citados até aqui, Roger Griffin atribui de forma mais confiante ao Integralismo o epíteto de fascista, afirmando categoricamente: “de longe o mais significativo caso de fascismo na América Latina posto em relevo pelo tipo ideal que estamos usando foi a Ação Integralista Brasileira” (1991, p. 150). Ao mesmo tempo, o autor se preocupa em declarar os componentes que distanciam a AIB dos fascismos ditos miméticos (cópias baratas e sem raízes sócio-político-culturais): a elaborada doutrina de defesa da brasilidade, aliada ao antissemitismo econômico-cultural (ou como os integralistas gostavam de chamar, “antiparasitismo econômico”, que abarca não só os judeus) e a defesa de princípios cristãos (1991, p. 151).

Como uma “autêntica forma de fascismo não europeu”, Griffin encontra na filosofia da história de Plínio Salgado – a evolução necessária das quatro eras da humanidade – o núcleo mítico palingenético do Movimento: “o Brasil Integralista [atuaria] como o parteiro da Quarta Humanidade” (1991, p. 151); nas palavras de Salgado: “onde se realize o Homem Integral penetrado do sentido profundo do Cosmo, como a Primeira Humanidade; iluminado

pelo Verbo Divino, como a Segunda; senhor dos elementos, como na Terceira” (SALGADO, 1995, p. XVIII).¹⁹

Por entender que o fascismo se origina de democracias débeis, Paxton avalia que “a coisa mais próxima a um partido de massas fascista nativo da América Latina foi a Ação Integralista Brasileira” (2007, p. 314). Stanley Payne parece se empolgar com as características e o vulto da AIB, mas a considera somente proto-fascista, uma vez que fora da Europa não se encontram “as condições específicas” da emergência dos fascismos ou elas “não [se] apresentam conjuntamente” (1995, p. 353). Mann não vê expurgos no nacionalismo da AIB, praticamente excluindo-o da sua conceituação, embora deixe claro que sua teoria serve somente para a Europa (2008, p. 41).

Em geral, com a exceção de Payne e Linz, esses autores aparentemente tomaram pouco contato com os trabalhos que foram produzidos no Brasil sobre a AIB a partir dos anos 1980. Por isso, muitos deles apresentam números ultra-defasados das adesões ao Movimento. Paxton e Griffin, por exemplo, dão demasiada ênfase ao estudo clássico de Robert Levine (1980), “*The Vargas Regime: The Critical Years, 1934-1938*”, publicado nos Estados Unidos no início dos anos 1970 (no Brasil 10 anos depois).

Creemos que um balanço útil do que salientamos de significativo em tais teorias do fascismo esboçadas até aqui, deve levar em conta as diferentes alternativas propostas para pensar os caracteres da Ação Integralista Brasileira, não em sentido sincrético, mas em uma acomodação crítica. Isso deve ser feito sem perder de vista uma máxima (que pode soar infantil aos decanos da teoria): todo e qualquer movimento que se originou após a experiência da Itália fascista, inclusive o Nacional-socialismo, tem algum nível de mimetismo. Nesse ponto, a necessidade do encaixe da AIB em uma ou outra das teorias do fascismo genérico – como o fito de utilizarmos o conceito ‘sem culpa’ – torna-se infrutífera e desnecessária.

Juan Linz apontou com propriedade que os grupúsculos que tentaram tão somente imitar o Fascismo italiano e o Nazismo cresceram completamente “fora das condições histórico-sociológicas” de emergência do fenômeno, o que não é, sem dúvida, o caso da Ação Integralista Brasileira (1980, p. 153). Ela foi incontestavelmente um dos “*late-comers*” que brotaram da conjuntura necessária (não suficiente) para a emergência de movimentos

¹⁹ A “Quarta Humanidade” seria a síntese das três humanidades anteriores: a “humanidade politeísta”, anterior ao cristianismo, a “humanidade monoteísta”, do medievo, e a “humanidade ateísta” oriunda do renascimento (SALGADO, 1995). O historiador e comandante da milícia integralista, Gustavo Barroso, também elaborou sua versão filosófica da história ‘em fases’, porém enfatizando os tipos de “exploração judaica” em cada uma delas (BARROSO, 1935).

fascistas. Isso posto, estamos em condições, sem acoimas teóricas, de elencar alguns fatores que fazem do Integralismo um movimento fascista em meio a essa historiografia.

A Ação Integralista Brasileira possuía rudimentos determinantes de quase todas as formulações genéricas até aqui esboçadas. Os Integralistas negavam veementemente o materialismo da Ilustração e seus desenvolvimentos políticos: o liberalismo (tanto em sua vertente moderada, quando na defensora do sufrágio universal) e o marxismo, entendidos como “dois irmãos gêmeos disputando a herança do século XVIII e as promessas da Revolução Francesa”, nas palavras de Miguel Reale (1983a, p. 21).²⁰ Para os integralistas, “o socialismo não seria a antítese do capitalismo, mas o resultado natural de sua evolução, porque ambos se apoiam nas mesmas bases materialistas” (TRINDADE, 1979, p. 228); ao mesmo tempo, repudiavam o conservadorismo, o centrismo e qualquer outro tipo de inércia política.²¹ Citando novamente, Miguel Reale, o terceiro homem na hierarquia integralista, de uma entrevista relativamente recente:

A minha orientação coincidia com a de Plínio Salgado, sobretudo em dois pontos: em primeiro lugar, na busca de uma solução contra o marxismo e de caráter espiritualista; em segundo lugar, na luta contra a burguesia, ou seja, contra uma vida entregue apenas à noção do prazer e da *dolce vita* [...] (SANZ, 2004).

Saindo da cúpula, um jornal regional da AIB afirmava, em 1935:²²

Operarios, dizem-vos os communistas, que “Deus, Patria e Familia”, já os possuís; o que necessitae, é de pão e trabalho. Óra, que colossal absurdo! Justamente o contrario; pão e trabalho existem em abundancia por toda parte, e si não os tendes, ide pedir contas áquelles que vós repudiaram, porque acima de todos os bens humanos, collocaram o “estomago”. É o estado materialista do século, cujos effectos aterradores vindes sentindo, e do qual sabeis qual a ultima phase: o *COMMUNISMO!* Pois bem, muito mais razão teriamos nós se disséssemos: pão e trabalho há-os para todos. O que se torna preciso é que os communistas e liberaes democratas elevem o seu espirito a um plano superior, onde a vida se mistura com a eternidade; onde haja verdade e justiça; onde não imperam essas mesquinhas expressões humanas: o egoismo, a vaidade, o interesse e a mentira, e não como pretendem, autolimitar a existência a uma humida e fria sepultura, sulcada no seio da terra, onde os vermes em festins devoram os corpos, uns a uns, como si fossem senhores absolutos do mundo... senhores da propria vida, devoradores da intelligencia...(A *Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 2).

²⁰ A recusa à luta de classes e a naturalização das diferenciações sociais aproximavam o Integralismo dos fascismos conservadores europeus, o Salazarismo (se o assim considerarmos), a Falange Espanhola e o Rexismo belga que, em certa medida, baseavam-se na doutrina social católica (TRINDADE, 1979, p. 200).

²¹ É fato que, assim como em outros fascismos, os camisas-verdes estavam mais aptos a se aproximarem da direita que da esquerda: seus pressupostos não tocavam no que entendiam como “capitalismo produtivo”, apenas no “parasitário” ou de “espírito judaico”; nesse sentido, uma análise do Integralismo como processo, como postula Paxton, é extremamente útil para entendermos as escolhas e as ‘deturpações’ ideológicas promovidas pelo Movimento.

²² Trata-se do *A Razão*, segundo periódico integralista do Paraná, publicado em Curitiba em duas fases (1935 e 1936-1937), sobre o qual se assenta boa parte desta tese.

Por sobre as ruínas da Ilustração, almejavam os integralistas construir um novo homem, na medida em que entendiam as crises do período como crises de civilização, muito antes de serem crises políticas. Contudo, a mudança civilizacional viria por meio da política e a solução seria indiscutivelmente a introjeção de uma nova cultura política que, conquanto baseada em valores espirituais católicos, pretendia ser revolucionária: unir a pátria de forma transcendente para uma “offensiva contra uma civilização burguesa, materialista, decadente, e contra todas as forças desagregadoras da nação!” (*A Razão*, n.1, 01/05/1935, p. 1).

Para tanto, a ideologia integralista propagava enfaticamente a necessidade do renascimento nacional, ancorado em mitos palingenéticos, como a delirante crença na “Civilização Antártida” perdida, que renasceria na América Latina.

Uma Grande Marcha para um novo tipo de Civilização para a Quarta Humanidade Prophetizada por Plínio Salgado! E esta Marcha, que é Marcha irresistível do Brasil, há de acordar a Civilização, que dorme no seio maravilhoso da Atlantida lendária! E no Continente Sul Americano, há de despontar o esplendor eterno da Civilização Atlantida! Galvanizados pela fé, hão de erguer com os olhos fitos numa só idéia, os Estados Integralistas Sul Americanos! (*A Razão*, n.1, 01/05/1935, p. 1).

Num plano menos lírico, a palingenesia integralista pregava a libertação econômica e cultural da nação em relação às potências estrangeiras, baseando-se no primado do sentimento, do instinto e na ideia da inadaptação dos padrões da racionalidade ocidental como guias explicativos e dirigentes do Brasil. Para Plínio Salgado, a realidade nacional não condizia com “todos os programas, todas as ideologias, tudo o que [provinha] dos planos da inteligência, do raciocínio, da razão” (SALGADO, 1955 [1935], p. 91).

Ademais, na cosmogonia do chefe maior da AIB, o nascimento da chamada “Quarta Humanidade” (livre dos males do materialismo e fundada em princípios espirituais), implicava no retorno a um mítico passado colonial. Desse passado, permanecera, ao longo da história, um “substrato espiritualista” não totalmente elidido pela vitória do capitalismo, no século XIX, e que renasceria ao grito de “Despertemos a Nação!” (ARAÚJO, 1988, p. 64-65).²³

O espírito expansionista dos fascismos emerge no Integralismo como uma conquista “do espírito e da doutrina”, como salientou Stanley Payne, uma vez que “seus membros foram cidadãos de um Estado territorialmente satisfeito” (1995, p. 346).

²³ Recorrendo a Arendt (1988), Ricardo Benzaquen de Araújo mostrou como o significado de “Revolução” em Salgado carregava a noção de “retorno”, o que explica a simultaneidade das ideias de “fundação” e de “restauração” no pensamento integralista (ARAÚJO, 1988, p. 65).

Bolivar, que não pode effectivar o seu sonho, como imperio de sua espada, há de se surpreender um dia, vendo Plínio Salgado, realizando-o somente com a força de sua fé e de sua palavra! Esta Grande Marcha traz consigo o impulso de 400 anos de sacrificios, de anseios, de inquietudes e de luctas mallogradas (*A Razão*, n.1, 01/05/1935, p. 1, grifo nosso).

Quanto ao que Payne chamou de estilo, retiráramos o adjetivo “extremo” da ênfase no princípio da supremacia masculina. Como alguns estudos mostraram, a mulher ocupava um papel destacado e ambíguo na organização integralista, tão importante quanto seu papel social de guardiã dos valores do lar cristão.²⁴ Acerca dos outros itens do “estilo”, não restam dúvidas: o Integralismo mobilizou massas em amplas formações paramilitares, cujos maiores desfiles atingiram de 35 a 50 mil militantes uniformizados em marcha, sempre prontos a atuar em confrontos de rua.²⁵ O choque de gerações é discursivamente ventilado e fomentado pelo Integralismo. As ofensas a uma “velha e carcomida geração” são constantes em suas publicações mais populares:

Uma geração velha e cambaleante tenta lutar ainda num supremo e derradeiro esforço com uma geração moça que já vem despontando victoriosa. É a luta decisiva entre duas Civilizações! Uma civilização burguesa, materialista, treme deante de uma nova Civilização heroica e formidável que se ergue nos hombros dos moços! (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 1).

O princípio da liderança carismática, pessoal e autoritária também é inegável, inclusive, em seus aspectos essenciais, analisados por Weber.²⁶ Não podemos nos deixar seduzir pela existência do triplo comando (Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale), do bicameralismo (“Câmara dos 40” e “Camâmara dos 400”) e das hesitações de Salgado como líder fascista, embora devamos considerá-los como traços distintivos.

A AIB manipulou com propriedade um aparato simbólico unitivo, que incluía uma ritualística própria carregada de misticismo emotivo. Esses elementos, aliados ao uso abusivo de imagens (visuais e textuais), “espelho dos dados imediatos”, que “excluem a reflexão [...]”

²⁴ No Integralismo, o papel da mulher é contraditório. Ao mesmo tempo em que lhe é atribuído o posto de ‘rainha’ do lar cristão, ela é convocada a vestir a camisa verde e ocupar os espaços públicos juntamente com os homens, ganhando assim visibilidade, espaço e rompendo as tradicionais clivagens entre os sexos (POSSAS, 2004).

²⁵ Apesar dos poucos casos de violência urbana em que a AIB se envolveu, Trindade (1979) mencionou a execução em praça pública de um lituano que atentou contra a vida de Plínio Salgado.

²⁶ Com propriedade, Angelo Panebianco sintetizou o sentido que Max Weber atribuiu à liderança carismática sob cinco pontos: (1) caráter organizativo avesso ao burocratismo racional e à tradição, portanto, “revolucionário”; (2) estabelecimento de relações de lealdade fundamentalmente pessoais, nas quais o líder é um “missionário” agraciado e reconhecido pelos seus; (3) criação de relações sociais no interior da organização de poder cujos veículos de ascensão não são determinados por critérios burocráticos; (4) recusa inicial às formas tradicionais de financiamento das organizações (caráter extra-econômico do poder); (5) instabilidade (PANEBIANCO, 2005, p. 272-274).

(CHAUÍ, 1978, p. 46), sacralizavam a política integralista ou faziam do movimento uma “religião política” (para usar o conceito adotado por Griffin)²⁷.

O conceito de Estado Integral em Reale, o Secretário de Doutrina do Movimento, é uma das mais puras descrições do Estado transcendente e expurgado: acima das classes e livre das ditas ‘sanguessugas da nação’: “o Estado é soberano, está acima das classes, sendo superior a todas elas pela força de que deve dispor e pelos fins que deve realizar” (REALE, 1983b, p. 16). A própria ênfase na “Revolução Integral”, visando a transformação última do Estado (muito mais presente em Reale do que em Salgado), aproxima claramente a AIB das propostas de Mussolini.²⁸

Quanto ao modelo de Paxton, por seu caráter processual e menos incisivo, abriremos aqui uma reflexão mais ampla. O Integralismo nasceu sob quase todas as condições elencadas pelo historiador norte-americano e pelo sociólogo Juan Linz, exceto o impacto da Primeira Guerra. É impossível não dispensar atenção a essa característica: o fator ‘Grande Guerra’, que para a maioria desses autores tem substancial peso no entendimento da ‘brecha’ fascista, está ausente no caso do Brasil.²⁹ A participação do país nela foi pífia (embora tenha engrossado o surto nacionalista interno do início do século)³⁰ e o último grande conflito – talvez único pelas proporções – em que se envolvera, datava do Período Imperial, portanto obsoleto do ponto de vista da mobilização das paixões.

De acordo com Linz, no Integralismo,

o mais importante movimento fascista latino-americano e não europeu, [...] existem algumas variáveis, como o impacto da Primeira Guerra Mundial, que não são

²⁷ Curioso é observar a opinião de Salgado sobre “tendência pagã do hitlerismo”. O Nazismo teria criado um estado tal de “misticismo [...] sem base religiosa [...] misturando duas manifestações humanas diferentes do âmbito restrito do Estado [...], um misticismo transportado do campo religioso, onde sempre deveria estar e de onde nunca deveria sair, para o campo das actividades políticas”. Trata-se até de uma explicação bem razoável para o conceito de religião política, mas que Plínio criticou pela falta “do fundamento christão” (*A Offensiva*, n. 85, 28/12/1935, p. 1). Além disso, e embora não reconheça, essas palavras nada mais são do que a AIB refletida em um espelho, em virtude da miríade de signos e símbolos místicos trazidos “do campo religioso” para os rituais do Movimento.

²⁸ Nessa questão, a AIB se aparenta com o Fascismo italiano apenas no destaque ao papel do Estado, uma vez que sua ideia de ‘Estado missionário católico’ a aproximava mais do falangismo espanhol (TRINDADE, 1979, p. 217). De qualquer forma, vemos aqui uma diferença significativa em relação ao Nacional-socialismo, que enfoca fundamentalmente o partido, ou a fusão do partido com o Estado no *Führerstaat*.

²⁹ Sob essa perspectiva, o único candidato latino-americano a se encaixar nesse quesito seria a Bolívia, que havia perdido a Guerra do Chaco para o Paraguai, ocorrida entre 1932 e 1935. Contudo, a Falange Socialista Boliviana e o Movimiento Nacionalista Revolucionário foram fundados pouco antes, ou durante a Segunda Guerra Mundial, portanto sofreram os percalços de seu impacto e malograram (PAYNE, 1995; TRINDADE, 2004).

³⁰ Desde fins do século XIX o Brasil foi palco de um “despertar nacionalista”, cujos primeiros marcos simbólicos encontramos em intelectuais como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Alberto Torres. Na década de 1910, surgiram diversas revistas e organizações de caráter chauvinista, defendendo o nacionalismo de dimensão cívica e, em alguns casos, de caráter anti-imperialista e econômico. No contexto da Primeira Guerra Mundial surgiu a Liga de Defesa Nacional, que contou com a participação de Olavo Bilac na enfática defesa de uma educação de contornos militares (TRINDADE, 1979, p. 19-26).

aplicáveis para o entendimento de seu surgimento, mas certamente outras são bastante relevantes: a rebelião de Prestes (1925-1927) e a existência de um ativo Partido Comunista. O perigo da desagregação nacional oriundo do empenho seccionista regional e uma crise cultural (1980, p. 187).

Feita essa observação, cabe apontarmos que, ao contrário de outros fascismos europeus, o Integralismo não acumulou o poder necessário para concluir o enraizamento no sistema político nacional. Ou seja, não chegou nem ao 2º estágio do modelo processual paxtoniano. Ainda que caminhasse para esse fim, digamos, em 1936, tendo em vista sua ascensão e ímpeto, suas decisões e as condições políticas não lhe foram favoráveis, o que acarretou uma espécie de “aborto da chegada ao poder”.³¹ A expressão não é gratuita: se pensarmos na linha processual de Paxton, o sistema político estava ‘grávido’ do fascismo (leia-se, do Integralismo), sobretudo nos poucos períodos de ampliada democracia sob Getúlio Vargas. As escolhas do Integralismo e a sua parca capacidade de tecer alianças entre aqueles que poderiam atrapalhar o ‘inamovível’ Presidente e seu séquito abortaram a chegada ao poder.

De qualquer forma, as assertivas do autor também se prestam ao esclarecimento do fracasso. Naquela conjuntura, teve peso fundamental tanto a presença do “ditador virtual”³² durante os anos 1930, quanto a opção de Plínio em abdicar da candidatura presidencial e apoiar o golpe do Estado Novo, em 1937. A traição de Getúlio Vargas aos integralistas serviu pra provar a máxima defendida arduamente por Paxton (e por praticamente todos os estudiosos do fascismo): “As parcerias com regimes autoritários mostraram ser desastrosas para os movimentos fascistas. Papéis secundários não combinavam com as extravagantes pretensões fascistas de transformar seus povos e redirecionar a história” (PAXTON, 2007, p. 186). O espaço aberto ao *late-comer* foi fechado pela ditadura autoritária e pessoal de Vargas (LINZ, 1980, p. 187). Entre a “cadeia, o cemitério e o poder”, como Plínio Salgado gostava de expressar seu radicalismo, preferiu o exílio em Portugal.

Em virtude disso, o Integralismo só atingiu em parte o enraizamento na política nacional; em algumas localidades, como em Santa Catarina (e mesmo no Paraná, em certa medida), por exemplo, cremos ter atingido níveis mais elevados. No plano geral, a AIB mediu forças com o governo Vargas e seus interventores em um processo instável, em que aproximação oportunista e repressão eram constantes durante quase toda a década de 1930.

³¹ O termo é de Griffin, “*Abortive Fascist Movements*”, mas foi aplicado somente para alguns fascismos europeus do entre guerras (1991, p. 116-145).

³² Griffin usa a expressão em sentido particular, levando em conta as posturas arbitrarias do governo Vargas contra a AIB durante o constitucionalismo ou, no mínimo, sua conivência com elas, quando praticadas em nível estadual (1991, p. 150).

Ao cabo, não assumiu o poder político do Estado brasileiro em um momento cujas decisões das lideranças políticas tiveram peso significativo. Por isso, nos atemos até aqui nos estágios da teoria processual de Paxton.³³

Por fim, se para o historiador estadunidense ser fascista é estar embebido em uma “lava emocional” (2007, p. 78), a Ação Integralista Brasileira é uma candidata de peso. A ideia de Paxton, embora pouco explorada em seus trabalhos, é o ponto nevrálgico desta tese: “existe um vínculo mais plausível entre o fascismo e um conjunto de ‘paixões mobilizadoras’ que plasmaram a ação fascista do que entre ele e uma filosofia explícita e plenamente consistente” (2007, p. 78). Embora relutante e embebida em pré-conceitos, a própria historiografia do Integralismo não resistiu em reconhecer o “primado do sentimento”, como veremos ainda neste Capítulo. Essa proposição, qual seja, de que o fascismo brasileiro atuou vigorosamente no campo dos sentimentos políticos, está posta em questão no Capítulo V. O embasamento teórico para tal proposição será discutido a seguir.

1.2 AS PAIXÕES NA POLÍTICA

Na obra clássica da Ciência Política, dedicada à teoria geral dos partidos, Maurice Duverger fez um alerta aos pesquisadores do tema, na década de 1950, para os riscos de se observar os partidos sob padrões racionalistas. O autor afirmou, sem receios, que os partidos políticos residem em um “domínio onde geralmente reinam a paixão e a má fé” (1970, p. 13). Entendendo a expressão “má fé” como conteúdo de uma particular militância ética do autor, sua primeira observação é deveras importante, sobretudo por emanar de um dos primeiros estudiosos imbuídos de perspectiva globalizante e ‘racional’, na tentativa de criar uma teoria geral dos partidos políticos.

Duverger estava, com efeito, apontando para os limites de sua compreensão no estabelecimento das leis gerais de funcionamento dos partidos políticos e indicando a necessidade de procurarmos outros ‘paradigmas’ de entendimento do fenômeno.

³³ Cabe refletirmos se o exercício do poder em menor nível também deva ser considerado (como no caso dos cargos executivos e legislativos ocupados pelos integralistas nos anos 1930: Prefeituras, Câmaras de Vereadores, Assembleias Legislativas Estaduais); indo mais longe, talvez seja importante pensarmos sobre o Integralismo no pós-guerra, o PRP, que alçou voos maiores (no sentido eleitoral) que seu antecessor, a AIB. Nesse último aspecto, veremos com clareza que o exercício do poder integralista se deu por meio de inúmeras alianças e concessões com as forças políticas existentes, num processo de domesticação titubeante da pecha fascista e, conseqüentemente, de descaracterização (CALIL, 2010).

Por muito tempo, os historiadores e outros cientistas das humanidades foram impelidos a se manterem retidos apenas de um dos lados da barreira epistemológica que separa os pressupostos da razão – molde do conhecimento científico moderno – e o irracional, ou passional, as atitudes e pensamentos fundados em emoções difusas e incompreensíveis, senão por ‘pirações’ freudianas, num sentido assaz pejorativo.

Esse estado de limbo em que residiam as paixões na História Política começou a ser modificado por meio de estudos como os de Max Weber, ainda que de uma perspectiva racional, sobre o papel do carisma na política e as tentativas, um tanto reducionistas, de entender os fascismos pela psicologia das pulsões freudianas, como em Wilhelm Reich (2001).

Norbert Elias também deu um passo fundamental para essa percepção através da teoria dos processos civilizadores, o ponto mais polêmico de seu pensamento. Entendido como um processo não necessário e não linear, os processos civilizadores se apresentam em Elias como uma série de padrões de comportamentos submetidos ao crivo da pretensa racionalidade do mundo moderno. Elias (1994; 1993) mostrou, na verdade, o quanto essa racionalidade, longe de ser um dado intrínseco ao devir humano, está pautada numa série de processos subjetivos e coletivos de domesticação das pulsões e de interposição de mediadores ‘artificiais’ para os conflitos.

A história da segunda metade do século XX também foi crucial para o entendimento dessa mudança paradigmática, como assinala Brepohl de Magalhães:

Em fins dos anos 70, todavia, estávamos presenciando a primeira ressaca do *Welfarestate*, ou do Estado Providência, como se chama na França. Momento em que a tecnoburocracia acreditava ser possível acabar com os ímpetus revolucionários, também com os ímpetus reacionários, com movimentos sociais radicais e com poderes exercitados de maneira carismática. Essa aposta, feita pelas elites no final da Segunda Guerra, como sabemos, implodiu. Primeiro, em 1968, quando o movimento estudantil pediu o impossível e a imaginação no poder. Mas implodiu de vez quando o *Welfarestate* deu sinais de esgotamento. Neste contexto, intelectuais como [Pierre] Ansart se concentraram em estudar manifestações sociais que escapavam do pensamento organizado (2007, p. 1-2).

Pierre Ansart, o precursor desse novo entendimento sobre o lugar das paixões na História Política, procurou demonstrar a impossibilidade de se apartar razão e paixão, como se fossem pressupostos analíticos paralelos no sentido matemático do termo, ou seja, inencontráveis. As manifestações passionais sempre caminharam ao lado do ‘gabarito’ racional, embora fossem discriminadas pela historiografia como fruto de conjunturas e eventos caóticos, ou explosões de irrazão; é como se “os esforços de explicação e de

racionalização dentro do conhecimento conduzissem, inevitavelmente, a uma negligência das dimensões afetivas e passionais” (ANSART, 2000, p. 146).

O que cremos ser necessário compreender, por intermédio de Ansart, é que assim como as manifestações da paixão, os pensamentos, as escolhas e atitudes ditas racionais também são dimensões da subjetividade humana, pois remetem a um ordenamento do mundo anterior aos atos e que fornece um modelo de atuação para os homens. Em outras palavras, as pessoas não escolhem atuar no teatro social ligando ou desligando a ‘chave geral’ das paixões.

Tampouco, razão e paixão se encontram em níveis separados das experiências históricas, como se sobre uma base racional emergissem as manifestações afetivas, verdadeiros ‘espasmos de irracionalidade’. Lynn Hunt (2007) foi feliz em usar a figura da Fita de Möbius, para designar o que entende por relação dialógica entre política simbólica e sociedade, evitando entender os fatos e conjunturas em camadas sobrepostas. Podemos tomar de empréstimo essa figura ao invés da tradicional metáfora dos níveis: razão e paixão se apresentam como diferentes lados de uma fita, cujas extremidades se unem; não há relação espacial que insinue a determinação ou a sujeição de uma pela outra. São apenas facetas de um todo, que não podem ser separadas, ou postas em confronto. Ambas fazem parte da mesma fita: o ser humano sócio-histórico.

Discorrendo sobre a violência, Arendt desconstruiu categoricamente a antítese razão/emoção:

A ausência de emoções nem causa nem promove a racionalidade. “Desapego e serenidade” em vista de uma “tragédia insuportável” podem realmente ser “aterrorizadores”, isto é, quando não são o resultado do controle, mas uma evidente demonstração de incompreensão. A fim de responder razoavelmente é preciso, em primeiro lugar, estar “sensibilizado” – e o oposto de emocional não é “racional”, o que quer que isso signifique, mas “incapacidade de sensibilizar-se”, o que geralmente é um fenômeno patológico, ou “sentimentalismo”, que é uma perversão do sentimento (2010, p. 83).

No caso da política isso é patente. O universo afetivo não pode ser entendido como um *“simple accompagnement de la vie politique mais bien un ensemble dynamique et régulateur vécu par les agents sociaux sur le mode de l’évidence”* (ANSART, 1983, p. 8).

A título de exemplo, as matrizes políticas oriundas de 1789 ou 1793 – referimo-nos aqui, respectivamente, ao liberalismo moderado desejoso de monarquias constitucionais e ao radicalismo republicano jacobino, do sufrágio universal – embora discursivamente se fundamentem na exclusão do mundo ‘místico irracional’ e num processo de ‘desapaixonamento do mundo político’, instauraram no século XIX uma administração

racional das paixões políticas; uma “gestão das paixões”, nos termos de Ansart (1983). Tentaram criar, na verdade, uma arena de luta entre os ressentimentos, os ódios sociais, as paixões políticas dentro de limites considerados toleráveis, em que todos pudessem se expressar nela.

Nesse quadro, os movimentos/partidos fascistas são indubitavelmente um exemplo limite da impossibilidade de se colocar em instâncias de compreensão separadas a racionalidade política e as afetividades. Como entendê-los sem recorrer ao que Paxton chamou de “lava emocional”, as “paixões mobilizadoras” que impulsionaram seus militantes e que, sob preceitos da razão excludente, tornam-se incompreensíveis? Como explicar a veneração apaixonada ao líder, pela qual homens e mulheres se sujeitam à morte, “uma vez que o pensamento ocidental presume que as pessoas sejam, acima de tudo, seres autônomos movidos [apenas] pelo desejo de sobreviver”? (LINDHOLM, 1990, p. 9). Ao contrário das democracias, os fascistas não queriam domesticar as paixões, queriam insuflá-las, desejavam excitar as massas, trazê-las para o espaço público e torná-las sedentas para levar ao último nível suas pulsões mais recônditas.

Desse ponto de vista, torna-se pouco proveitoso para o entendimento do fenômeno sustentarmos a ideia da irracionalidade dos fascismos, que figura em dezenas de manuais escolares e acadêmicos. Aqui o cuidado com o termo é muito importante, pois jogá-lo no irracionalismo implica em destituí-lo da condição de moderno, sobretudo em seus aspectos mais atrozes; é circunscrever à categoria de ‘doentes irracionais’, as “pessoas comuns” que Hannah Arendt (2000) e Bauman apontaram, como executores dos atos mais sádicos do Nacional-socialismo, colocando-os em um quadro “bem emoldurado para fazer a separação entre a pintura e o papel de parede” (BAUMAN, 1998, p. 9).

Antes, devemos pensar que sua recusa aos pressupostos da Ilustração remete a uma ênfase seletiva em outra dimensão da subjetividade humana, que não aquela pautada pelos estreitos laços do que se convencionou chamar de ‘razão’ e que derivaram do processo de introjeção da modernidade galileana no mundo europeu e nos territórios europeizados.

Interessante é notar, como vimos com Sternhell, que os próprios fascistas tinham certa clareza de que os moldes das racionalidades iluministas eram tão subjetivos quanto seus devaneios de grandeza e suas paixões insufladas por meia dúzia de (re)sentimentos mal resolvidos. Denunciavam abertamente o ‘fracasso’ e a artificialidade dessa modernidade racional e seus desdobramentos políticos, num sentido parecido com o que fizeram alguns intelectuais a partir dos anos 1980, bem menos perniciosos (embora não de todo isentos) que os fascistas.

Assim, na mesma medida em que os fascistas instilaram a um nível jamais visto as pulsões na arena política, utilizaram-se de pressupostos advindos de uma faceta da razão iluminista (que a Escola de Frankfurt chamou de ‘instrumental’) e celebraram uma modernidade particular (BAUMAN, 1998). Os futuristas italianos, ideólogos de Mussolini, afamavam a velocidade e os inventos modernos: Marinetti chegou a dizer que “um automóvel rugindo, que parece correr entre estilhaços é mais belo que a Vitória de Samotrácia” (STERNHELL, 1994, p. 39).

Isso posto, apontaremos algumas categorias analíticas do estudo das afetividades relevantes para o estudo do universo de práticas e representações afetivas dos fascismos e especificamente da Ação Integralista Brasileira, levando em conta a distinção que Ansart realiza entre emoções (“afetos vivos e limitados no tempo”), sentimentos (“sistemas sócio-afetivos menos aparentes e mais duráveis”) e a paixão, entendida como “a afetividade vivenciada e a intensidade da ação” (2000, p. 153).

Do rol de fenômenos afetivos mobilizados pelos fascismos elegemos aqui três, que se expressam por meio dos atos e dos discursos integralistas: a paixão militante, entendida como o vivenciamento intenso do apego aos signos comoventes do movimento/partido, da afeição à ideologia e da perda de identidade na devoção ao líder carismático; os ressentimentos nacionais, entendidos como conjuntos de sentimentos negativos recalcados especialmente ligados à experiência da humilhação coletiva de um constructo de nação; e o ódio, sentimento associado à necessidade de expurgar a nação e o mundo de grupos tidos como parasitas indesejáveis.

1.2.1 A PAIXÃO MILITANTE

Segundo Ansart (1983), os partidos e movimentos políticos cumprem a função de mecanismos sociais antidepressivos, na medida em que respondem por uma totalidade de questões postas à sociedade e permitem aos aderentes se sentirem como membros de um grupo que defende ‘a causa justa’. No caso do Integralismo, isso está patente no próprio nome do Movimento.

Ademais, os partidos são, por excelência, “produtores de mensagens comoventes”, característica elevada ao extremo nos fascismos (ANSART, 1983, p. 109). Certamente, muitos homens e mulheres aderiram e permaneceram na AIB primeiro por estabelecerem com

ela uma afinidade de caráter afetivo, para depois terem um conhecimento maior de seus pressupostos.

Participar de um partido significa participar de uma comunidade de crenças, partilhar uma identidade de reações afetivas com outros membros do partido. Portanto, se a vida política fora do partido é atravessada por desconfiança e falta de comunicação, o partido político oferece um paraíso de entendimento, de solidariedade afetiva (ANSART, 1983, p. 112-113).

As missivas comoventes que circulam por intermédio dos periódicos do movimento despertam e insuflam uma paixão militante, que nos fascismos se escora na crença última da justeza e urgência da causa nacional (invariavelmente, a causa do renascimento nacional)³⁴, na supremacia e infalibilidade do líder e na necessidade de liquidação dos inimigos.

Sendo a unidade da nação a causa máxima e o líder carismático um ente infalível, o militante se esquece de si e, muitas vezes, da própria existência da coletividade humana por detrás da nação (a ponto de excluir e/ou exterminar os considerados diferentes, mesmo que em muitos sentidos eles sejam ‘pares’). Na medida em que se entrega ao torpor da obediência cega, o membro ativo é capaz de realizar as maiores ‘peripécias’ ou sacrifícios por submissão, ou por atitude própria, na tentativa de aproximação em relação ao chefe e às lideranças veneradas e para ver os objetivos do partido realizados.

Como afirma Charles Lindholm, na presença do líder, a multidão “assume características particulares de exaltação, desprendimento e intensidade emocional que estão além daquelas da consciência comum dos indivíduos envolvidos”. Ademais, impulsionados pela “força gravitacional” atuante naquele ambiente, esses homens e essas mulheres “perdem suas identidades pessoais na veneração ao outro carismático” (1990, p. 19).³⁵

A contemplação do Chefe torna-o “sagrado”, no momento mesmo do espetáculo; nas palavras de Weber, trata-se de um “estado psicológico no *aqui e agora*”, um estado que “consiste na atitude emocional *per se*” (1982, p. 321-322). Essa fascinação, segundo Arendt,

³⁴ Afora as inúmeras idiosincrasias, o fenômeno do nacionalismo carrega em si intrinsecamente uma carga emotiva. Ele tem a “capacidade extraordinária de multiplicar as energias individuais e coletivas” e “suscitar terríveis entusiasmos” (GIL, 1989, p. 278).

³⁵ A teoria freudiana sobre as origens do carisma toma como base a questão da penitência do indivíduo em função do recalque punitivo no triângulo edipiano. Por transferência, os indivíduos se rendem à autoridade do líder – o pai primordial – descarregando-se do terrível esforço de autocontrole e autopunição (ocupando o líder, portanto, o lugar do superego). Assim como na família, o líder se encarrega de direcionar a agressão e os impulsos sexuais. Essa relação deixa uma agressão latente em relação ao líder (em virtude do extremo servilismo), que geralmente é canalizada para um inimigo externo ao grupo. Por outro lado, apropriações recentes da psicanálise para o estudo das multidões têm levado em conta a discussão que Freud elaborou acerca do amor romântico e do extravio de si no intercurso sexual. Em outras palavras, trata-se da perda do eu, em outro eu superior. Por essa vertente, a explicação da relação carismática pela a teoria freudiana é deslocada da repressão edipiana para “uma recapitulação de um estado infantil de fusão” com a mãe amada, perdido no início da fase narcísica da criança (LINDHOLM, 1990, p. 76).

demonstra a tendência da modernidade em prestigiar aqueles que apresentam suas opiniões “num tom de inabalável convicção”, defendendo a sociedade “da confusão de opiniões que ela mesma constantemente produz” (1989, p. 355).

1.2.2 O RESSENTIMENTO NACIONAL

Antes de abordarmos a questão do ressentimento, é importante pontuarmos algumas questões conceituais que perpassam o nacionalismo fascista. Se entendermos que o fenômeno do nacionalismo é, na acepção de Benedict Anderson (2005)³⁶, o sentimento de pertença a uma “comunidade imaginada” e que o fascismo se configura como sua forma mais revolucionária (PAXTON, 2007), podemos pensá-lo, antes de tudo, como um sentimento insuflado em seus limites (um ‘ultra-nacionalismo’), ou em limites até então nunca vistos no mundo moderno.

Por sua natureza, o nacionalismo evoca um sentimento identitário arbitrariamente avesso à reflexão, capaz de sobrepujar na subjetividade humana quaisquer outras identidades que não às relacionadas a um constructo particular de nação. Sendo o discurso nacionalista um ‘metadiscurso’, ele tende a suplantar “qualquer outra relação social, moral, familiar”, etc. (GIL, 1989, p. 296). *In natura*, o nacionalismo não é uma ideologia, ao contrário, tende a repulsar as elaborações teóricas intrincadas para sua justificação.

Deste modo, toda construção semântica em torno do conceito de nação requer alto nível de conteúdo mítico, sobretudo, para designar as origens da nacionalidade, os chamados ‘mitos fundadores’. Tais mitos devem satisfazer “a exigência de identificação dos indivíduos que nela têm origem, porque são esses os seus construtores” (GIL, 1989, p. 286). Ora, se o núcleo do nacionalismo fascista, como apontou Griffin (1991), reside na “palingenesia”, ou na ideia da urgência de um renascimento fenixiano da nação, os fascismos, nada mais fizeram do que manipular elementos míticos e apresentar o (re)*natio* da nação como um imperativo, em face ao colapso iminente ou pretérito:

É uma lógica da salvação. Indica como uma comunidade ameaçada (do interior, pois que as forças de coesão pesam menos que as forças de desintegração em acção) deve renovar o corpo social para conjurar a ameaça de morte que a espreita (GIL, 1989, p. 299).

³⁶ O argumento de Anderson de que as **jovens nações**, invariavelmente, **se imaginam provectas** é compatível com o quadro da história do Estado-nação brasileiro. José Gil encaminha sua reflexão no mesmo sentido, quando aponta que “o drama das nações saídas da descolonização consiste no facto de, muitas vezes, não o serem [antigas]. Estes países viram-se compelidos a produzir artificialmente, bruscamente, estados-nações sem ‘maturação’ histórica suficiente” (1989, p. 294). Essa mesma artificialidade na construção da nação e do nacionalismo brasileiro é usada pelo Integralismo na elaboração e legitimação (em bases históricas) do **imperativo do renascimento nacional**.

Essa necessidade, tida como inadiável, está inexoravelmente ligada a um conjunto de emoções e sentimentos (medo, inveja, ciúme, rancor, desejos de vingança) e à experiência da humilhação. Ao passarem por um processo de recalque, ou ‘ruminação’ interior, esses sentimentos culminam em ressentimentos coletivos, na acepção de Pierre Ansart (2004). Ao mesmo tempo, o ressentimento emula uma perene “hostilidade impotente” (HAROCHE, 2004, 330), uma contínua revolta pela momentânea condição de irreversibilidade.

Para Michèle Ansart-Dourlen

o ressentimento designa um afeto associado a formas de agressividade, ciúme, inveja, raiva, provocando desejos de vingança, que são recalçados. Suscita assim, sintomas recorrentes, repetitivos, de natureza frequentemente obsessiva, na medida em que o sujeito é incapaz de exteriorizar seus afetos (2004, p. 347).

Haroche, discorrendo sobre os pressupostos de Norbert Elias, estabelece a completa associação entre o nacionalismo e o ressentimento: sendo ele a negação de si mesmo, a própria ausência do valor do indivíduo geraria o ressentimento. Ademais,

[...] as emoções e os sentimentos coletivos seriam – na medida em que são intensos – fontes de orgulho, de sustentação emocional, assim como fontes de frustração e de humilhação; logo, a longo prazo, são geradores de ressentimento (2004, p. 339).

Assim, a nação, “vilipendiada”, “maculada”, “destruída”, “vendida”, “roubada”, “expropriada”, “invadida”, “sugada” e, sobretudo, “impotente”, precisa, na concepção dos fascistas, renascer desse conjunto de cinzas a que foi submetida pela ação de diversas forças exteriores ou interiores a ela (comunistas, judeus, capitalistas internacionais, liberal-democratas, especuladores, agiotas, estrangeiros, sociedades secretas, ciganos, etc.). Embora Roger Griffin não de a devida atenção a tal elemento, toda palingenesia fascista implica necessariamente no cultivo do ressentimento, na medida em que implica na construção de um rol de instituições e agentes sociais responsáveis pela “queda”, da qual a nação precisa se levantar.

Trata-se aqui de um ressentimento cultivado no plano das manifestações físicas e discursivas coletivas. Os ressentimentos, enquanto verdadeiras ‘eucaristias do ódio’, são fatores decisivos na sociabilidade interior aos movimentos fascistas, porque constroem consenso em torno do bem e do mal. Sentir-se ao lado das vítimas humilhadas atribui ao grupo a ideia de que “os outros” são o mal.

As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente do mal que me é feito. Portanto, os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade no interior de um grupo, e suas expressões, as manifestações (as “explosões de sentimento”, como diz Nietzsche) podem ser gratificantes. O ódio recalcado e depois manifestado cria uma solidariedade afetiva (ANSART, 2004, p. 21-22).

Agora temos condições de retomar os apontamentos de Robert Paxton e entendê-los a partir da articulação de dois componentes do ressentimento: o medo e a humilhação. Enquanto o medo fascista se converte em “pavor da decadência do grupo sob os efeitos corrosivos do liberalismo individualista, do conflito de classes e das influências alienígenas”, a experiência (ou a ideia) da humilhação suscita a histórica “crença de que o próprio grupo é uma vítima, sentimento esse que serve como justificativa para qualquer ação, sem limites legais ou morais, contra seus inimigos, tanto externos quanto internos” (PAXTON, 2007, p. 78-79).

Cabe identificarmos, seguindo as proposições de Ansart, quais tipos de ressentimentos aparecem no fascismo brasileiro, em qual nível, quais representações eles engendram, quais grupos e indivíduos são seus ‘precipitadores’ e, finalmente, quais são as manifestações do ressentimento e suas características (ANSART, 2004, p. 19-21).

Uma manifestação fascista pode ser agora citada como exemplo. Ela representa a tentativa de exorcizar o ressentimento nacional: trata-se da já conhecida teatralidade hitlerista na assinatura da rendição francesa, em meados de 1940, que Joachim Fest chamou de ardor por um “simbolismo humilhante” (2006, p. 721). Hitler ordenou que fosse retirado de um museu francês o vagão onde a Alemanha assinara a rendição em novembro de 1918; colocou-o no mesmo lugar (uma floresta próxima a Paris) e ordenou que os signatários ocupassem as posições inversas: Hitler, no lugar do marechal Foch, Pétain, no de Matthias Erzberger. Wilhelm Keitel leu as exigências alemãs que evocavam “o doloroso calvário do povo alemão”, a “desonra e humilhação” e o “maior opróbrio de todos os tempos” (FEST, 2006, p. 721).

A cena dirigida por Hitler revertia uma situação particular de humilhação, uma tentativa de reparar o irreparável (a derrota da Primeira Guerra) e colocar a vítima em uma situação de “negação da imagem que faz de si próprio” (ANSART, 2005, p. 15). A elaboração de panteões, arcos do triunfo, esculturas representando a vitória de uma nação sobre outra

também representam a construção de uma imagem de si. Portanto, no ato de humilhação hitlerista se fazia necessária a manipulação desses símbolos.³⁷

No vagão de Compiègne, Hitler mandou cobrir com um pano vermelho uma escultura que representava o esmagamento da águia alemã. Sem dúvida, paralelas às guerras e revoluções existem guerras simbólicas, com significativa repercussão no universo afetivo dos homens envolvidos. Naquele vagão, portanto, o espaço físico da humilhação – lugar da memória do ressentimento, colocado em um panteão pelos franceses – foi transformado em mecanismo de exorcismo do fantasma do sentimento nacional alemão ferido (a humilhação) e reverteu, pelo menos até 1944, a desonra para o lado francês.

1.2.3 O ÓDIO FASCISTA

Nos fascismos, os indesejáveis sociais próximos (às vezes filhos da mesma pátria como os judeus-alemães)³⁸ foram escolhidos, como portadores de caracteres odiáveis, por basicamente dois critérios: em primeiro lugar, os considerados parasitas socioeconômicos, tidos como espúrios por não se enquadrarem na categoria de ‘produtores da nação’; em segundo, os considerados fomentadores do declínio moral, os ‘indecentes’, os lascivos, os homossexuais, etc. A essas duas categorias poderíamos acrescentar, pensando no Nazismo, os parasitas e indesejáveis biológicos (que, as vezes, se enquadravam também em outro critério, como os judeus).³⁹

É importante compreender, com Hannah Arendt, que há uma ligação entre o fomento ao ódio social e outros tipos de afetividades reativas, em especial o ressentimento. Segundo a autora, “a raiva [e o ódio dela decorrente] pode realmente ser irracional ou patológica, mas isso também vale para qualquer outro sentimento humano”, mas “a raiva aparece apenas

³⁷ Pierre Ansart afirma que a humilhação deve ser entendida em dois níveis de análise: o ato particular de humilhação, quando “a vítima é confrontada com uma situação ou um acontecimento contrários às suas expectativas, contrários aos seus desejos, sem sentido para ela, representando a negação da imagem que faz de si próprio”; ao mesmo tempo, como um sofrimento, em que o humilhado é “atacado em sua interioridade, ferido em seu amor próprio, desvalorizado em sua auto-imagem [...], atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que faz de si e a imagem desvalorizada” (2005, p. 15).

³⁸ “Se nosso diagnóstico é pertinente, então judeus e alemães, apesar de se oporem, são ao mesmo tempo irmãos. Os *outros* são os *mesmos*. [...] Se o outro é o mesmo, se o outro é semelhante a nós, ele pode absolver-nos completamente e despertar *horror* em nós. Mas, ele, simultaneamente, nos atrai, pois nele reside a potência que, em vão, procuramos em nós. A raiva dos alemães pelos judeus foi a do totalmente diferente e do totalmente semelhante. [...] Os judeus são muito semelhantes aos alemães e deviam um dia pagar por essa semelhança. O inimigo irmão continua a ser o mais prazeroso de se destruir” (ENRIQUEZ, 1999, p. 336-337).

³⁹ A despeito do fascismo, o próprio nacionalismo “contém em si as piores potencialidades agressivas, que fazem com que muitas vezes, em determinadas condições, a necessidade de reconhecimento numa imagem ‘nacional’ desencadeie a xenofobia e o racismo, a vontade de domínio e o desejo de morte” (GIL, 1989, p. 297).

quando há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não são” (2010, p. 81). Neste segundo caso, o ódio é consideravelmente mobilizador.

Dessa forma, os múltiplos direcionamentos do ódio social nos fascismos podem ser entendidos como uma racionalização, ou instrumentalização, da revolta coletiva contra as condições impostas pela ação dos indesejáveis. Em outras palavras, o ódio advindo do ressentimento é direcionado aos grupos vistos como responsáveis pelo declínio imaginário da nação, maior pavor, segundo Griffin (1991), de qualquer movimento que cultua a palingenesia. Os odiáveis sempre figuram como os responsáveis por essa ‘decadência nacional’, se não no presente, num futuro próximo.

A questão é que para se processar a palingenesia nacional, torna-se impraticável expurgá-la de todos os correspondentes ideológicos e sociais que não se encaixam no universo fascista. Resta, portanto, aos fascismos direcionarem seu ódio a certos substitutos e é nisso que, segundo Arendt (2010), reside a irracionalidade do ódio fascista: a busca pelos bodes expiatórios. Para José Gil, trata-se de um processo interno a diversos movimentos nacionalistas, que depois de discursivamente alertarem para a vulnerabilidade da comunidade nacional, dão vazão a processos de identificação, classificação e unificação “num só polo negativo – o inimigo, o bode expiatório, o *outro* povo [...]” (1989, p. 299).

Outra reflexão levantada por Arendt, no que concerne ao ódio e à violência, é aqui pertinente: a relação entre a crítica fascista da “razão” e a hipocrisia de seus representantes (liberal-democratas e socialistas). Invariavelmente, vemos nos documentos os integralistas dizerem que lutam para “tirar a máscara da hipocrisia da face do inimigo, [para] desmascará-lo [juntamente com] as maquinações e manipulações diabólicas que lhe permitem dominar sem se valer de meios violentos”; sob esse ponto de vista não há nada de irrefletido nas atitudes dos fascistas, uma vez que “é a aparência da racionalidade, muito mais do que os interesses por trás dela, que provoca a raiva” (2010, p. 84-85). Essa luta sem limites por uma revolução moral, que Payne (1995, p. 487-488) chamou de “violência terapêutica”,

não obstante ser justificável em seus próprios termos, perde a sua *raison d'être* quando tenta desenvolver uma estratégia própria com objetivos precisos; torna-se “irracional” no momento em que é “racionalizada”, quer dizer, no momento em que a re-ação no curso de um conflito transforma-se em ação, e começa a caça aos suspeitos, acompanhada pela busca psicológica dos motivos últimos (ARENDR, 2010, p. 85).

Por fim, é possível afirmar que a maioria dos movimentos/partidos políticos (em especial os de caráter extremista) conduz seus prosélitos ao conflito contra determinados

adversários previamente eleitos, como parte de um dispositivo antidepressivo e unificador, comum a esses tipos de aparelhos políticos:

Ele [o partido] não cessa as críticas às posições adversárias, as denúncias dos males que as políticas de outros partidos provocam ou provocarão. Ele define, dessa forma, os males, as ameaças, os objetivos maléficis, ele convida seus aderentes a colocar “as coisas que são ruins” sobre esses partidos rivais, a projetar seus impulsos agressivos sobre as forças externas (ANSART, 1983, p. 114).

Essas considerações servem de apoio para a análise do ódio integralista, manifesto nos periódicos do Movimento: veremos discursos fascistas, por um lado, carregados de um ódio refletido contra a hipocrisia e a ‘razão instrumental de aparências’; por outro (às vezes ao mesmo tempo), um ódio transbordante, motivado pela ação *per se*, uma caça desenfreada aos mínimos detalhes transgressivos (imaginariamente ou não) dos ‘inimigos’.

1.3 A NATUREZA DO INTEGRALISMO E O “PRIMADO DO SENTIMENTO”

Quanto à natureza do Integralismo, este capítulo já deixou clara a filiação teórico-conceitual do fenômeno presente neste trabalho: assim como o reconhecem alguns dos maiores estudiosos atuais do “fascismo genérico”, pensamos ser o Integralismo uma de suas variantes. Na historiografia do Integralismo o debate não apresentou tanta concordância e, por ser demasiadamente conhecido, teceremos apenas algumas considerações, com o intuito de aproximar certos trabalhos nacionais dos objetivos da presente tese.

Com propriedade, o cientista político Helgio Trindade (1979)⁴⁰ tratou de analisar os caracteres insertivos da AIB no ‘caldeirão fascista’ e não o fez de forma simplória. Na esteira de Juan Linz, o autor mostrou como as práticas e as ideias fascistas, semelhantes às da Europa, se desenvolveram no bojo do contexto nacional. Para Trindade, não só o fascismo informou o *modus operandi* da AIB, mas caracteres nacionais fizeram dele uma espécie de fascismo auctóctone. Demonstrou também, nesse sentido, que a consciência da natureza fascista infestava o próprio Movimento e, longe de ser exclusividade dos líderes, se disseminava pela organização.

Contra essa última assertiva, insurgiu-se o marxismo de José Chasin (1978), que afirmou de modo taxativo: a consciência que os integralistas tinham de si, não condiz com a essência do Movimento. É possível que, em algum sentido mais preciso, isso seja verdade, porém, não cremos, que o seja no sentido postulado pelo autor. Na ausência de uma base

⁴⁰ Tese defendida em 1971.

sócio-econômica necessária para a eclosão do “verdadeiro fascismo”, Chasin se viu na contingência de descobrir ‘onde’ estava o Integralismo na história (tarefa um pouco mais fácil que procurar o ‘feudalismo’ no Brasil colonial). A surpresa foi ‘encontrá-lo’ numa teoria retrógrada e ruralista, verborragiada por Plínio e quase nunca posta ao crivo da praxis.

Sustentando a ideia do completo mimentismo da AIB em relação aos fascismos europeus, discussão infrutífera em nossa opinião⁴¹, Gilberto Vasconcellos defendeu pioneiramente uma tese em Sociologia que se debruçou, ainda que em segundo plano, sobre os caracteres afetivos do movimento integralista (cuja origem, para o autor, remonta ao discurso modernista verdeamarelo). Embora o próprio Héglio Trindade tenha apontado que a atuação do Integralismo esteve envolta em um “clima de paixão política”, tanto por parte de seus militantes, quanto de seus “adversários” (1979, p. 1), o primeiro estudioso a dedicar parte de sua obra ao que chamou de “irracionalidade” do Integralismo foi, sem dúvida, Vasconcellos. Para compreender essa face afetiva do Movimento, o sociólogo buscou as raízes discursivas da recusa integralista à racionalidade ocidental.

Vasconcellos postulou que o Integralismo, em última instância, promovia a separação entre a “intuição” e a “razão”. Na intuição pliniana, residiria a idiossincrasia brasileira, aquilo que era espiritualmente brasílico, tupiniquim, ligado às forças interiores e misteriosas da nação – fosse lá o que isso quisesse dizer. Para o Plínio, seguidor do verdeamarelismo, por conseguinte, a racionalidade ocidental não dava conta de explicar o país tropical, daí a tentativa de transformar o Integralismo numa doutrina inclassificável à luz das teorias ocidentais (VASCONCELLOS, 1979, p. 62).⁴²

⁴¹ Não há razão para prolongamentos no debate acerca da pseudo-antítese mimentismo/autenticidade no fascismo integralista. Todo fascismo extra-europeu é mimético em certo sentido: se ‘inteiro’ ou ‘parcialmente’, pouco importa. Como apontou Trindade, em crítica direta a Vasconcellos: “No nível explicativo global [a obra de Vasconcellos] não satisfaz a crítica à interpretação do ecletismo ideológico integralista, uma vez que **esta é precisamente a especificidade de todo fascismo que se reproduz, mesmo na Europa, com exceção do fascismo italiano. Em todo fascismo coexistem, paradoxalmente, um nacionalismo exacerbado e um influência, e até mesmo, solidariedade ideológica com o fascismo internacional.** Neste sentido, a singularidade do discurso ideológico fascista se configura, precisamente, no tipo de combinação entre o nacionalismo nascente em cada sociedade onde ele florescia e a percepção de um sentido da história marchando para o fascismo em escala internacional, o que conduzia necessariamente ao ecletismo do discurso” (2007, p. 368, grifo nosso). Isso não desqualifica a tese de Vasconcellos, justamente porque sua melhor faceta foi tentar localizar essa singularidade, a saber, de que o caráter principal do totalitarismo fascista “de periferia” é o devaneio autonomístico ao invés, por exemplo, de um sonho imperialista à *lebensraum*. Embora atualmente Vasconcellos se arrependa de ter caído na simples reprodução da teoria “promovida por FHC” [sic], sua análise lançou pioneiramente a luz sobre a idiossincrasia do discurso fascista nas regiões de capitalismo dependente (2010, p. 13).

⁴² “No caso do integralismo, o caráter eclético e esvaziador da linguagem, a qual vem sempre cifrada num tom fortemente emocional, sintoniza-se perfeitamente com o fetiche da intuição e a abstrata separação desta em relação ao racional. De resto os camisas-verdes nunca deixaram de apregoar – no terreno político, ético ou estético – o primado axiológico do irracional ou da emoção sobre a razão. Plinio Salgado recomenda, para quem quer conhecer a sociedade, um mergulho na ‘natureza humana’ de cada indivíduo, pois é ‘no recesso do coração

De acordo com Vasconcellos, o Chefe do Integralismo, o homem que, em última instância, determinou os caracteres sensibilizadores do Movimento, tinha perfeita consciência da aplicabilidade da manipulação do “sentimentalismo”, com ele mesmo chamava. Segundo Salgado, a unidade nacional só seria possível por meio do “sentimento nacional”, elemento já presente, conforme o autor, no Manifesto Verdeamarelo. Sua tentativa de mobilização das massas, conseqüentemente, primava pela manipulação da afetividade nacional, em detrimento de qualquer convencimento reflexivo racional: “O irracionalismo [...] aflora aqui plenamente: o fetichizado primado axiológico do sentimento sobre a razão. Nossa particularidade residiria numa ‘unidade de ordem emocional que inutiliza as categorias racionais’” (VASCONCELLOS, 1979, p. 72).

No Verdeamarelismo, além do irracionalismo – visto pelo autor como forma de resistência à cultura europeia – persiste a ideia da inadequação do pensamento oriundo dos países hegemônicos ao contexto nacional. Em Plínio, a recusa à “sistematização racional abriga outra fantasmagoria: a ideia de que o país é inapreensível pelo discurso”, ou seja, “há, apesar da prolixidade, uma forte atração à mudez no integralismo, a convicção de que a intuição, ou sentimento, é um domínio puro, imune ao contato da linguagem e do pensamento” (VASCONCELLOS, 1979, p. 51-52).

Sua característica essencial [do discurso nacionalista] é o irracionalismo, pois ele deixa entrever a impossibilidade de conhecer o ‘homem brasileiro’ através da razão. É um discurso que dita, de modo autoritário, a única via pela qual seria possível captar a realidade social do país: a via da emoção ou da intuição. Daí o uso frequente no léxico integralista do signo “nacional”, termo repleto de conotações afetivas e que tem por objetivo afogar a “reflexão” (VASCONCELLOS, 1979, p. 64).

Nessa relação ultradimensionada do Integralismo com a nação, Vasconcellos recorre a Freud para enxergar a extirpação narcísica da diferença entre sujeito e objeto:

Se o momento culminante da paixão, como diz Freud em *O mal estar na cultura*, avizinha-se ao estado narcisístico infantil, no qual ameaça esfumar-se o limite entre eu e o objeto (eu e tu são inseparáveis na linguagem dos amantes), então pode-se dizer que o integralismo é, embora mal humorado, um discurso apaixonado que abomina o distanciamento crítico em relação a seu amor: a ‘pátria’. Assim, o ‘eu ideal’ venerado por ele só poderia ser um: o Brasil perversamente indiferente ao exterior, dependendo dele, encontrando satisfação apenas em si mesmo, embevecido por sua beleza e grandeza (1979, p. 75, grifo nosso).

que o cérebro pode encontrar o material necessário ao estudo das grandes questões humanas” (VASCONCELLOS, 1979, p. 28).

Embora caia na armadilha da oposição dicotômica entre razão e emoção, Vasconcellos abriu as portas para o estudo da ‘utensilhagem afetiva’ do militante integralista, frequentemente imerso numa esfera que envolvia a articulação entre os aforismos ‘nação’, ‘chefe’ e ‘revolução’.

De outro ponto vista, o trabalho de Ricardo Benzaquem de Araújo, publicado nos anos 1980, também não renegou as afetividades no estudo das práticas integralistas. Araújo teceu uma interessante análise dos componentes totalitários presentes no pensamento de Plínio Salgado, mostrando como a ideia de mobilização popular permanente e irrestrita, aliada à uniformização das práticas sociais – mesmo àquelas intrínsecas ao foro privado – eram marcas indeléveis do cotidiano do Movimento (como veremos em seus periódicos nos próximos capítulos).

Baseando-se no texto *Psicologia da Revolução* de Plínio, o autor sugeriu que o Chefe Nacional da AIB tinha perfeita clareza de que a arena democrática se conformava em um *locus* de luta e de gestão de paixões políticas antagônicas. Concebia-a, contudo, como apoiada em noções políticas abstratas e insustentáveis, exteriores à realidade e ao espírito nacional, um sistema irremediavelmente tendente à desagregação. Sua proposta política não era a manutenção ou outra forma de gestão, mas a canalização dessas forças para a obra espiritual da nação, materializada no Estado Integral (1988, p. 41-42).

Ademais, segundo Benzaquem “a defesa de princípios espirituais”, no Integralismo, era

uma defesa *apaixonada*, não só porque a proposta integralista inclui a compaixão [...] entre as emoções que privilegia, mas também porque a vitória do integralismo constitui-se na *única* alternativa de salvação ante o sofrimento seguramente traduzido pelo materialismo (1988, p. 62).

O Integralismo mobilizava as paixões políticas nacionais em torno da “lógica de uma ideia”, para recorrer a Arendt (1989, p. 521), única alternativa da raça brasileira na luta pela sobrevivência internacional. A nação, esse ente uno com o ‘eu’, era completamente vulnerável frente ao elemento externo, pois ainda não encontrara em suas misteriosas forças intestinas o caminho (político, econômico, social e cultural) de sua identidade. Só a Revolução Integralista poderia fazê-lo.

Isso nos leva a refletirmos quase que involuntariamente, sobre o que teria resultado se se tivesse implantado um Estado Integral no Brasil sob a concepção totalitária Pliniana. A práxis integralista, felizmente, não chegou a uma “República de Saló” para que pudéssemos

narrar aqui as infelizes agruras presentes em quaisquer regimes totalitários. Nesse sentido, o totalitarismo integralista ficou preso ao movimento, mais especificamente a alguns momentos do movimento e a determinadas atitudes e pensamentos de Plínio e de alguns de seus seguidores (mesmo em nível regional, como veremos).

Analizamos neste capítulo os debates historiográficos sobre o conceito de fascismo, sobre as afetividades políticas e sobre as afetividades na historiografia do Integralismo. Os próximos três capítulos versam sobre o movimento integralista inserido no recorte espacial escolhido para este estudo, o Estado do Paraná; o intuito é o de mapearmos o Movimento local em seus aspectos históricos e estruturais, como pré-requisito para adentrarmos o âmbito das afetividades políticas manifestas no contexto em questão.

CAPÍTULO II -
O INTEGRALISMO NO PARANÁ: A
INSTALAÇÃO DA PROVÍNCIA E A
PUBLICAÇÃO DO JORNAL A
RAZÃO (1934-1935)

2.1 O CONTEXTO NACIONAL: A AIB ENTRE A FUNDAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO EM PARTIDO POLÍTICO (1932-1935)

Se o fascismo italiano nasceu num domingo, dia 23 de março de 1919, na *Piazza de San Sepolcro*, em Milão, seu correspondente brasileiro nasceu 13 anos depois, em 7 de outubro de 1932, através do lançamento do *Manifesto de Outubro*, no Teatro Municipal de São Paulo. Havia dois anos, Plínio Salgado tivera uma audiência com Benito Mussolini, o *Duce* italiano já com poderes concentrados: em 14 de junho de 1930, às 18 horas, o futuro chefe do Integralismo teve seus exatos 15 minutos de glória.⁴³ Salgado assinalou a vontade de organizar um movimento político no Brasil, pelo que Mussolini o exortou sobre a ‘preparação do terreno’ (TRINDADE, 1979).

O recrutamento inicial do fascismo brasileiro não era de ex-combatentes, como no caso italiano, mas de jovens intelectuais, estudantes e burocratas. Não havia nenhum grande nome da política ou da ‘cultura’ nacional no Movimento à época do seu lançamento, exceto talvez o de seu próprio Chefe e do historiador antisemita Gustavo Barroso. Os primeiros homens e as primeiras mulheres que vestiram a camisa-verde tinham em comum o fato de beberem em elementos de um grosso caldo de cultura política brasileira: autoritarismo, conservadorismo e catolicismo. A estes fatores, Plínio Salgado acrescentou o delírio fascista do antimaterialismo de fundo nacionalista e seus derivados (o anticomunismo e o antiliberalismo), enquanto alguns membros do Movimento, por certo, preferiam direcionar o seu ‘anti’ aos judeus.

O fato é que o terreno fértil para o lançamento de um movimento político/cultural autoritário, anticomunista, católico, nacionalista e baseado na mobilização afetiva já vinha recebendo adubo há alguns anos no Brasil. Como mostrou Héglio Trindade (1979), as transformações socioeconômicas, o intenso desejo de transformação das estruturas políticas, dominadas pela oligarquia cafeeira, e as mutações ideológicas dos anos 1920 legaram à próxima década o canteiro onde nasceu o Integralismo.

A urbanização acelerada e o processo de industrialização trouxeram novos atores para a cena política nacional. O operariado tornando-se, de fato, como postula Marilena Chauí (1978), um componente significativo nas lutas políticas nacionais, trouxe à tona a luta de classes, mesmo que historicamente abafada pelas revoluções transversais que assumiram ou intentaram assumir o aparelho de Estado (DE DECCA, 1981).

⁴³ A pesquisa foi feita por João Fábio Bertonha; a referência documental é *Segreteria Particolare del Duce, Carteggio Ordinario*, Udineze, b. 3102, f. giugno/1930.

As classes médias urbanas participaram das lutas políticas dos anos 1920, quer aliadas a setores descontentes das oligarquias, contrários à hegemonia do “café-com-leite”, quer sob a forma de insurreições da baixa oficialidade do exército, os tenentes. Em ambos os papéis, suas reivindicações de moralização da política e de exclusão da participação popular no processo político apareceram nas pautas.⁴⁴

Ao mesmo tempo, no campo ideológico dos anos 1920, emergiu, com muito vigor, a tentativa de estabelecer um pensamento político genuinamente nacional. Faz parte desse processo a tríade de mudanças ideológicas destacada por Trindade (1979). Essas transformações, conjugadas, tornaram-se fulcrais na futura constituição do pensamento integralista: o despertar nacionalista (sobretudo na recusa aos modelos estrangeiros), a revolução de ordem estética e o processo de mutação espiritual.

Por meio de uma explosão de publicações e organizações nacionalistas, floresceu no país um sentimento nacionalista multifacetado, que será essencial na conformação do pensamento fascista brasileiro:

[...] o nacionalismo dos anos 20 não é unidimensional, uma vez que, partindo de uma atitude profundamente antiportuguesa, exalta as virtudes cívicas e militares, incorporando também uma dimensão econômica e antiimperialista. O importante é ressaltar que este nacionalismo constitui-se na atmosfera intelectual que vai modelar o pensamento do Chefe Integralista. O nacionalismo cívico e econômico tonar-se-á com o integralismo, da década de 1930, mais radical e a revolução modernista lhe acrescentará uma nova dimensão: a exaltação pelo retorno às origens do povo brasileiro (TRINDADE, 1979, p. 36).

Essa atmosfera intelectual era partilhada por boa parte dos pensadores do período, que discutiam temas como a brasilidade, o cientificismo e a modernização, na procura de um sentido e de um ‘lugar’ para o país. De acordo com Chauí, a intelectualidade nacional, naquele período, atentou para “dois problemas maiores e que [constituíram] os elementos para o nacionalismo: o desconhecimento da realidade brasileira pelos brasileiros e a necessidade de livrar-se de modelos políticos, teóricos e culturais importados (1986, p. 28)”.⁴⁵

⁴⁴ Essa ampliação das bases políticas representou um momento de encruzilhada para o pensamento liberal brasileiro e a estrutura dos partidos políticos, como mostrou Maria do Carmo Campello de Souza: a transformação da “política dos notáveis” para a “política de massas” trouxe a tona o fenômeno dos partidos de cunho socioeconômico e os partidos literalmente nacionais, cuja primazia teve a Ação Integralista Brasileira (1983, p. 65).

⁴⁵ Outra organização de caráter fascista da época, a *Legião 3 de Outubro* (que contou com figuras como Francisco Campos e Gustavo Capanema) escancarava em seus discursos, que entre os principais inimigos do país estavam “todas as concepções políticas alienígenas e inaplicáveis à solução dos problemas brasileiros” (CARONE, 1976, p. 200).

O movimento modernista logrou ao pensamento nacional e ao Integralismo uma importante faceta: o culto às supostas (e ‘genuínas’) origens nacionais, centrado nas figuras indígena e sertaneja, aliadas à força modernizadora do elemento domador dos sertões, o bandeirante. Da constatação da indissociabilidade entre estética e política (VASCONCELOS, 1979), os modernistas se polarizaram entre direita e esquerda, ambas nacionalistas.

O último elemento da tríade são as transformações no âmbito religioso. Trata-se, na verdade, de um despertar político e intelectual do catolicismo, encurralado com a proclamação da República, que passou a contar, a partir dos anos 1920, com representantes intelectualizados e atuantes no seio da opinião pública. O expoente maior do despertar do laicado católico foi Jackson de Figueiredo (1891-1928), “católico ardoroso, contra-revolucionário e nacionalista radical” que encarnava “o espírito do catolicismo ultramontano”, contrário à “ameaça do protestantismo, da maçonaria, dos judeus que controlam o capitalismo internacional” (TRINDADE, 1979, p. 33).

Considerado um dos inspiradores da concepção filosófica integralista, Figueiredo, sob a influência de D. Sebastião Leme⁴⁶, fundou um centro de estudos católico, o *Centro D. Vital*, em 1922, reduto de intelectuais católicos e a revista *A Ordem*. Pouco tempo após a morte de Figueiredo (1928), assumiu o bastão do laicado católico e do Centro D. Vital o professor Alceu Amoroso Lima, admirador (e admirado) do Integralismo. O “Tristão de Athayde” manteve uma relação dúbia para com o Integralismo; entre aproximações ideológicas e um afastamento prático, é sabido que recomendava a AIB aos católicos que se interessem por política, “desde que não [exercessem] um cargo de responsabilidade na Igreja” (CORDEIRO, 2008, p. 119).⁴⁷

Nesse ambiente, Plínio Salgado desenvolveu paulatinamente sua concepção política que desaguou no Integralismo, no início dos anos 1930. Sua segunda mudança de São Bento de Sapucaí, sua cidade natal, para São Paulo, em 1920, e seu trabalho no Correio Paulistano o engajaram na tentativa de reformar a política nacional.⁴⁸ O primeiro experimento se deu no

⁴⁶ Cardeal do Rio de Janeiro, D. Leme fazia parte do novo grupo de católicos profundamente preocupados com os destinos políticos do Brasil. Na “Revolução de 1930”, por exemplo, Leme acompanhou o Presidente deposto Washington Luís, quando este foi recluso ao Forte de Copacabana (LEVINE, 1980, p. 19).

⁴⁷ Ao lado da renovação espiritual católica, sem dúvida outro elemento que fez do Integralismo um fascismo católico foi a formação familiar de Plínio Salgado. Nascido em São Bento de Sapucaí, interior de São Paulo, em 1895, em um lar onde os princípios cristãos eram inquestionáveis, Salgado buscou mesclar a militância política e a moral católica ao longo de toda sua carreira.

⁴⁸ Salgado mudou-se para São Paulo, numa primeira ocasião em virtude da morte de seu pai, no ano de 1911. Como autodidata, na capital paulista teve os primeiros contatos com obras que fundamentariam seu pensamento. Retornou a São Bento em 1913, onde permaneceu até 1920. Em 1919, outra morte, a de sua esposa, o levou a abandonar o estudo da filosofia materialista e a se dedicar às leituras doutrinárias do catolicismo. Segundo Ricardo B. Araújo, “se ao falecimento do pai seguiu-se a viagem a São Paulo e o contato com o materialismo positivista, a morte da esposa irá acarretar uma duradoura ligação com o espiritualismo católico” (1988, p. 23).

Partido Republicano Paulista (proprietário do Correio Paulistano), pelo qual foi eleito Deputado Estadual em 1928. Contudo, ao perceber a imutabilidade do PRP, Salgado decidiu, por volta de 1930, que era necessária a construção de um movimento político autônomo. Como preceptor do filho do banqueiro Alfredo Egídio Souza Aranha, Salgado viajou à Europa e teve contato com o Fascismo. Sua viagem foi interrompida pela eclosão da “Revolução de 1930”, sobre a qual oscilou entre a exaltação e a crítica, esta última acerca do caráter incompleto e continuísta do ato revolucionário. Irritava-se com o fato do movimento de 1930 não “formular um programa consistente ou uma ideologia política”, com o passar do tempo (LEVINE, 1980, p. 20).

É importante assinalar que, no início dos anos 1930, emergiu enfaticamente um pensamento político nacional ‘antipartidário’, cujo maior representante se encontrava em Oliveira Vianna. Em sua versão liberal, exprimia o assombro das elites políticas “diante da radicalização ideológica e do ingresso das camadas populares urbanas no sistema político”; na vertente autoritária, de inspiração europeia, via-se o fim próximo e necessário do liberalismo, ao mesmo tempo em que se louvava o corporativismo das representações profissionais (SOUZA, 1983, p. 65).

Pululavam também nesse contexto diversas organizações profascistas como o Partido Fascista Brasileiro, a Legião Cearense do Trabalho (que chegou a agrupar 15.000 legionários), a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), a Legião de Outubro, o Partido Nacional Sindicalista e o Partido Nacionalista de São Paulo. Alguns membros dessas organizações malogradas farão parte dos quadros da Ação Integralista Brasileira, inclusive em postos de Chefia, como é o caso do mineiro Olbiano de Mello, líder do Partido Nacional Sindicalista.

Em 1931, pela primeira vez nos escritos de Plínio o fascismo figurou como uma opção política admissível para o Brasil, através do romance *O Esperado*. Chauí descreveu essa fase do pensamento de Salgado como a transição do nacionalismo mítico, romântico e nativista para a influência fascista. Nesta etapa, segundo a filósofa,

Os temas anteriores, nos quais prevalecem as imagens da pobreza digna, do pecado da riqueza como do luxo introduzido pelo automóvel e pelo jazz, da grandeza mítica dos tupis e dos bandeirantes, consolidam-se como crítica ao materialismo liberal e marxista e encontram saída numa proposta marcada pelo exemplo dos fascismos europeus, é uma fase primordialmente doutrinária que prepara o Manifesto de Outubro de 1932 (1986, p. 30).

No ano seguinte, 1932, Salgado deu o primeiro passo para sua “revolução”, fomentando a fundação da SEP, Sociedade de Estudos Políticos, e a publicação do jornal *A*

*Razão*⁴⁹, por Egídio de Sousa Aranha. Do *A Razão*, Plínio deu os primeiros ‘brados ideológicos’ do fascismo brasileiro enquanto se preparava para lançar um manifesto-programa e um movimento; o clima de “indefinição e de imprevisibilidade política”, proporcionado pela Revolução de 1930, era-lhe favorável e a rápida capacidade de mobilização do Integralismo após sua fundação o atesta (ARAÚJO, 1988, p. 25).

A AIB foi criada justamente como um braço atuante da Sociedade de Estudos Políticos (CAVALARI, 1999). Pronto desde meados de 1932, o Manifesto só foi lançado em outubro, em virtude da Revolução Constitucionalista, veementemente combatida por Salgado e que malograra naquele mês.⁵⁰ O Manifesto de Outubro, como ficou conhecido, era “um tratado verboroso, pseudo-sociológico, sobre a posição do homem em face de Deus e da ordem universal” (LEVINE, 1980, p. 132).

Assim, o primeiro partido que pôde receber o epíteto de nacional no Brasil nasceu após duas importantes “revoluções” do início da década de 1930 no Brasil, esse “período de fluidez política e social” (HILTON, 1977, p. 24); na verdade, ele nasceu se contrapondo às duas: o que de fato deixava os intelectuais da AIB “neurastênicos”, como pejorativamente os intitulou Sérgio Buarque (1995, p. 187), era o fato de que a primeira (a dita Revolução de 1930) não alterou substancialmente o cenário político brasileiro no sentido que esperavam, sobretudo, por ceder às vontades da segunda (a Revolução Constitucionalista, de 1932), direcionando o país para a democracia liberal.

A partir de São Paulo, primeira sede do Movimento, o Integralismo se alastrou rapidamente, tanto através da fundação de núcleos ‘espontâneos’⁵¹, quanto pelo movimento das “bandeiras”, termo de origem paulista, que no Integralismo ganhou um significado particular: expedições ‘irradiadoras do sigma’, compostas por segmentos de milícia, que almejaram estabelecer núcleos ou pontos de apoio (coordenações) para futuras fundações. Ao longo da história da AIB, inúmeras “bandeiras”, de distintas proporções, organizaram-se no intuito de irradiar a doutrina Integralista e, depois que o Movimento se converteu em partido,

⁴⁹ É imperativo não confundir o *A Razão* de Plínio, periódico paulista anterior ao Integralismo, e o hebdomadário curitibano *A Razão*, publicado a partir de maio de 1935 e amplamente utilizado neste trabalho.

⁵⁰ Durante as insurreições em São Paulo, os revoltosos empastelaram a redação do jornal *A Razão*, em 23 de maio de 1932, por ser considerado um periódico favorável ao Governo Provisório. Isso ocorreu justamente porque Salgado defendeu, por certo período, a sustentação de Vargas no poder sob regime autoritário (CARONE, 1976, p. 205).

⁵¹ Dois dias após a fundação oficial da AIB surgiu o núcleo de Teófilo Otoni, Minas Gerais, liderado por Olbiano de Mello. Outras fundações se seguiram rapidamente: “em novembro, Oto Guerra, Andrade Lima Filho e outros acadêmicos de Direito, lançam o Manifesto do Recife; no mesmo mês, João Alves dos Santos e outros lançam o movimento na Bahia; em dezembro, oficializa-se o integralismo no Ceará, com o Padre Helder Câmara, Ubirajara Índio do Brasil e o Tenente Jeovah Mota. Em abril de 1933, abre-se o núcleo no Distrito Federal, com Belmiro Valverde, Artur Thompson Filho, José Madeira de Freitas, Thiers Martins Moreira, San Thiago Dantas, Antônio Galloti, Hélio Viana, Américo Jacobina Lacombe” (CARONE, 1976, p. 206-207).

muitas tinham apenas o fito propagandístico eleitoral. No período do pós-fundação, destacaram-se duas bandeiras, ambas em agosto de 1933: a primeira, direcionada ao Norte e Nordeste, liderada pelo próprio Plínio Salgado e com participação de Gustavo Barroso, que visitou as principais capitais das duas regiões; a segunda, destinada ao Sul do país, encabeçadas por Miguel Reale, no ano de 1933.

A primeira marcha de milicianos, considerada marco histórico na memória oficial do movimento⁵², ocorreu em abril de 1933 e teve a participação de 40 milicianos. Salientamos que apenas *quarenta integralistas* participaram da referida concentração, ocorrida em São Paulo, uma vez que algumas publicações historiográficas insistem em utilizar a cifra de 40.000 (MAIO; CYTRYNOWICZ, 2003). Com o tempo, as marchas integralistas se multiplicaram, bem como o número de participantes.⁵³

Em 1934, a AIB contabilizou em seu principal jornal, o *A Offensiva*, cerca de 150.000 membros. Naquele ano o Movimento pôde organizar o primeiro grande Congresso Integralista, sediado na cidade de Vitória, Espírito Santo (fevereiro de 1934). O Congresso teve importância crucial nas direções futuras do Integralismo, pois estabeleceu a organização hierárquica e os primeiros estatutos. Neles, a AIB se constituía plenamente como um movimento, cujos fins eram: “a) funcionar como centro de estudos de cultura sociológica e política; b) desenvolver uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro; c) implantar no Brasil o Estado Integral.” (*Monitor Integralista*, n. 4, 05/1934, p. 3).

Para alcançar esses objetivos, a “Província integralista da terra das araucárias” trilhou um complexo caminho inicial que contou com uma *sui generis* fundação e com a enérgica militância de seu periódico de maior circulação, o *A Razão*. Esses temas estão presentes neste Capítulo e serão tratados a seguir.

⁵² A “Marcha dos 40” era celebrada anualmente e o 23 de abril, data da sua realização, era considerado feriado e dia festivo no movimento. Na ocasião, os integralistas celebravam as “Matinas de Abril”, um ritual estranho, mas rico em simbolismo, em que militantes de todo o país esperavam o sol nascer para erguer os braços e cantar hinos (*Monitor Integralista*, n. 18, 10/04/1937, p. 12).

⁵³ A segunda marcha integralista, registrada por Carone (1976), já contava com 800 milicianos.

2.2 A INSTALAÇÃO DA PROVÍNCIA DO PARANÁ: DO ‘INÍCIO ESQUECIDO’ À FUNDAÇÃO OFICIAL (1932-1934)

No ano de 1932, o conhecido jurista paranaense Manoel Vieira Barreto de Alencar deu publicidade a uma densa tese que versava sobre o tema do “princípio de unidade jurídica, como pontos fundamentaes para a Unidade Nacional” [sic] (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 8). Em virtude desse trabalho, o catedrático da Universidade do Paraná recebeu uma missiva de Plínio Salgado que categoricamente afirmava serem seus escritos “nem mais, nem menos sinão Integralismo”. Alencar narrou da seguinte forma o restante desse episódio:

Diante disso [respondi] então ao Chefe Nacional que si aquillo era integralismo, [eu], Vieira de Alencar, era integralista. Foi dessa epocha, então, que [comecei] a fazer a divulgação da doutrina no Paraná e dois anos mais tarde, instalava officialmente o Nucleo Provincial Integralista do Paraná (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 8).⁵⁴

Se o professor Viera de Alencar ‘romanceou’ essa afinidade ideológica entre o Integralismo e seus estudos de Direito, pouco nos importa aqui.⁵⁵ Fato é que pouco tempo depois do ocorrido ele figuraria, juntamente com outro personagem importante nos meandros políticos e estudantis do Paraná, o Dr. Brasil Pinheiro Machado⁵⁶, como coordenador do movimento integralista no Estado (*A Offensiva*, n. 1, 17/05/1934, p. 7). Posteriormente, Alencar assumiria o cargo de Chefe incontestado da chamada Província do Paraná.

De qualquer forma, a história da AIB no Paraná é narrada por Vieira Alencar tendo como ponto de referência (e pedra fundamental) a sua pessoa e a instalação da Província ocorrida em julho de 1934, sob sua liderança. Antes disso, contudo, as fontes indicam que a

⁵⁴ Pela narrativa de Alencar, percebe-se que ainda no ano do Manifesto de Outubro, Salgado já o havia contatado, mas sua liderança só se concretizou após o malogro de uma experiência de fundação anterior, em Ponta Grossa, como veremos.

⁵⁵ É plausível que a tese de Alencar sobre a unidade nacional tenha encantado Salgado. Entre fins de 1930 e a fundação da AIB, ele se mostrou preocupado com a instabilidade da unidade nacional, advinda das ‘mazelas’ da República. Ademais, manifestar a convergência entre seu ponto de vista e o de outro intelectual parece ter sido comum no período entre a fundação da Sociedade de Estudos Políticos (precursora da AIB) e da Ação Integralista. Em certa ocasião, Salgado afirmou ao mineiro “nacional-sindicalista” Olbiano de Mello, na tentativa de trazê-lo para a órbita da SEP: “Eu já havia organizado um esquema muito parecido com o seu. Eu tinha chegado às mesmas conclusões” (TRINDADE, 1979, p. 120).

⁵⁶ Oriundo de uma família tradicional do Paraná, filho de um Coronel de quem herdou o nome, Brasil Pinheiro Machado nasceu em Ponta Grossa, no ano de 1907. cursou Direito no Rio de Janeiro, formando-se em 1930. No início dos anos 1930, advogou em Ponta Grossa, lecionou no Colégio Regente Feijó e foi Diretor da mesma instituição. Em 1932, foi nomeado prefeito Municipal pelo interventor federal Manoel Ribas, exercendo o cargo até o ano seguinte. Também foi eleito Deputado constituinte estadual em 1935, tendo o mandato interrompido com o Estado Novo, em fins de 1937. Em 1940, tornou-se professor catedrático de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, cargo em que permaneceu até 1977, sendo um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade. Em 1946, foi nomeado governador do Estado pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, mas renunciou ao cargo no mesmo ano; após a redemocratização de 1946, foi Conselheiro do Tribunal de Contas e Deputado Federal (assumindo como suplente em 1948).

AIB montou seu quartel de irradiação na “Princesa dos Campos”, em Ponta Grossa. Nos primeiros números do jornal *Monitor Integralista* (entre dezembro de 1933 e março de 1934), Brasil Pinheiro Machado aparece como o único coordenador do Movimento no Estado. Somente em março de 1934, figuraria ao seu lado o nome o professor Vieira de Alencar e, alguns meses depois, Pinheiro Machado ‘desapareceria’.

Pouco sabemos sobre esse ‘estágio embrionário’ do Integralismo em Ponta Grossa. Segundo a historiadora Carmencita Ditzel (2007), a presença da organização na cidade data de 1932 e o *Monitor Integralista*, registra desde dezembro de 1933 a presença de trabalhos de coordenação para todo o Estado, na pessoa de Pinheiro Machado.⁵⁷ O “Dr. Brasil”, que a esta altura já fora prefeito Municipal, publicava artigos sobre o Integralismo no principal jornal da cidade, o *Diário dos Campos*. Parece-nos que, ao contrário de Vieira de Alencar, que se aproximou do Integralismo em virtude de seus conceitos jurídicos sobre a organização do Estado, o nacionalismo modernista e o catolicismo exerceram força fundamental para a gravitação de Pinheiro Machado em torno do Integralismo.⁵⁸

Fossem quais fossem seus motivos, é interessante notar que a história de Machado como coordenador em Ponta Grossa e a da própria cidade como sede irradiadora do Integralismo não foi reconhecida pela liderança de Curitiba; foram omitidas de um retrospecto histórico publicado no jornal *A Razão*, elaborado em função do primeiro aniversário da Província, em julho de 1935.⁵⁹ Portanto, para os integralistas da capital, a trajetória do Movimento remonta a 1934 e a Vieira de Alencar⁶⁰.

É possível conjeturarmos algo sobre essa omissão dos camisas-verdes paranaenses. Como vimos, Brasil Pinheiro Machado coordenava as atividades do Integralismo em todo Paraná pelos menos até 1933 e depois seu nome não figurou mais no *Monitor Integralista*.

⁵⁷ A informação aparece na seção *Províncias Integralistas* do *Monitor Integralista* números 1, 2 e 4 (o número 3 está ausente na documentação); no número 5, encontramos o seguinte texto: “Paraná. **Coordena o movimento integralista nesta Província o Dr. Brasil Pinheiro Machado que, de Ponta Grossa, faz irradiar pelos demais municípios do interior.** – Coordena o movimento em Princesa dos Campos o Sr. Emanuel Correia de Castro” (*Monitor Integralista*, n. 5, 02/1934, p. 5, grifo nosso).

⁵⁸ Machado chegou a publicar alguns de seus poemas na *Revista de Antropofagia*, de Oswald de Andrade, que depois foram reunidos no livro *4 poemas*, de 1928, cuja apresentação é de ninguém menos que Augusto Schmidt, o homem que financiou os primeiros livros integralistas de Plínio Salgado. Ao mesmo tempo, seus trabalhos recebiam o reconhecimento do Centro Dom Vital, através da revista *A Ordem* (MARCHETTE, 2010).

⁵⁹ “Despontava o anno de 1934. Com o seu dealbar, **começavam a têr seus primeiro reflexos em terras paranaenses** os extraordinarios triumphos e a grandiosa repercussão que as idéas pregadas por Plinio Salgado já afirmavam em outros quadrantes da imensa vastidão brasileira” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 2, grifo nosso).

⁶⁰ Manoel Vieira Barreto de Alencar nasceu no dia 20 de fevereiro de 1873, em Mata Grande, estado de Alagoas. Seu pai, João Vieira Damasceno, era Coronel da Guarda Nacional na comarca de Paulo Afonso. De longa carreira jurídica e política no Paraná, Alencar ocupou cargos como os de Juiz, Deputado Estadual (na Primeira República) e Professor Catedrático da Universidade do Paraná. Seu perfil, no que tange ao quesito geracional, difere em relação aos demais líderes integralistas do estado e do país, que em geral nasceram na primeira década do século XX. Faleceu em 20 de janeiro de 1960.

Nesse ponto, concordamos com Tatiana Marchette (2010), quando postula que a decisão de Plínio Salgado em colocar o Integralismo nas disputas eleitorais talvez tenha deixado Pinheiro Machado em situação delicada: se se entregasse ao exclusivismo político integralista entraria em choque com as forças locais que lhe depositavam confiança, em especial com o interventor Manoel Ribas, com quem mantinha ótimas relações. Em outras palavras, a paixão de Machado pelo sigma se mostrou inferior aos seus compromissos políticos.

Essa situação, qual seja, a de ter um primeiro líder ‘desistente’ ou ‘traidor’, que optou pela manutenção das alianças ‘odiosas’ com os poderes estabelecidos, pode ter sido percebida pelos novos líderes de Curitiba como uma vergonha para a militância estadual. Assim, a abertura oficial da Província foi, de fato, um recomeço, na medida em que os “bandeirantes de uma idéia” (como se intitularam os curitibanos em um de seus jornais) apagaram Machado e Ponta Grossa da sua história inicial (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 2).

Entre o ‘início esquecido’ e fundação oficial da Província, algumas referências indicam a presença de uma bandeira integralista liderada por Miguel Reale, direcionada à região Sul do Brasil. De acordo com o historiador Pedro Ernesto Fagundes, foi atribuída a Miguel Reale “a tarefa de comandar as bandeiras que se dirigiram para a região Sul do país. Durante o mês de agosto de 1933, realizaram-se conferências nos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina” (2009, p. 27).

Provavelmente Miguel Reale estabeleceu contato com Manoel Vieira de Alencar e outros futuros líderes locais durante essa viagem, lançando as bases de um ‘ponto de apoio’ em Curitiba. É fato que alguns meses depois do ocorrido o nome do professor paranaense apareceria no nº 1 do *A Offensiva* como “Chefe Provincial” – mesmo não tendo ele ainda tal cargo oficialmente; a essa altura, Pinheiro Machado já não figurava mais como o único dirigente do Movimento no Paraná (*A Offensiva*, n. 1, 17/05/1934, p. [ilegível]).

De qualquer forma, a partir de 1934 a veiculação do Integralismo em Curitiba parece ter começado sem os integralistas propriamente ditos. *O Dia*, jornal matutino editado pelo jornalista Caio Machado⁶¹, publicou no início no ano “em edições sucessivas as directrizes do Integralismo, aprovadas pelo Congresso de Victoria”, juntamente com “artigos doutrinários, noticiário, etc. tudo relacionado com os ideais do Sigma” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 2).

Da mesma forma que Pinheiro Machado fizera em Ponta Grossa, entre fevereiro e abril de 1934, Vieira de Alencar publicou uma série de artigos de propaganda no jornal

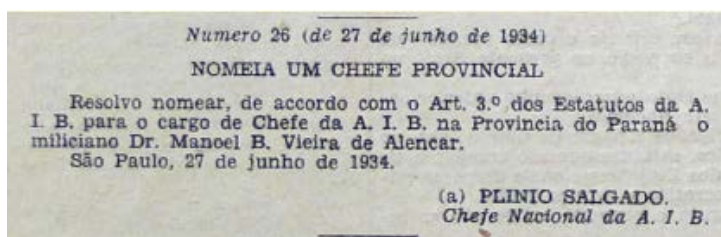
⁶¹ Caio Gracho Machado de Lima, filho do ex-governador Vicente Machado da Silva Lima, era formado em Ciência Política, em Paris. Foi Deputado Estadual em dois mandatos durante a Primeira República e “ocupou vários cargos públicos no Brasil e no exterior” (OLIVEIRA, 2004, p. 23).

conservador e ‘ultra-situacionista’ *Diário da Tarde*.⁶² As notícias chegaram ao Rio de Janeiro e o nº 1 do *A Offensiva*, de 17 de maio de 1934, registrou:

Aqui chegou, vindo de S. Paulo o chefe Vieira Alencar, que trouxe profunda impressão do que viu na vizinha província onde o integralismo já representa uma força considerável. As actividades do chefe provincial [sic] em Curityba estão produzindo os melhores efeitos. Diariamente, nos jornaes, saem artigos doutrinários. O nucleo local está promovendo reuniões culturaes. Em Ponta Grossa o companheiro Brasil Pinheiro Machado desenvolve forte propaganda (*A Offensiva*, n. 1, 17/05/1934, p. [ilegível]).

Em seguida, no mês de junho, já com as atribuições de único coordenador do Movimento no Estado, Alencar convocou “uma assembléa de pessoas sympathizantes do Integralismo” para se reunirem na Sociedade Thalia, tradicional Clube Teuto-brasileiro de Curitiba, e divulgou o evento nos jornais da cidade. A referida reunião, que ocupa lugar de destaque na memória do Movimento local, ocorreu no dia 21 de junho e reuniu cerca de 50 simpatizantes (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 5). De fato, o encontro significou o primeiro esforço sistemático para a abertura do núcleo-sede em Curitiba. Tanto é que, uma semana após a reunião, Vieira de Alencar foi nomeado para o cargo de Chefe Provincial pela resolução nº 26 da Chefia Nacional, reproduzida a seguir:

Ilustração 1 – Resolução de nomeação de Manoel Vieira de Alencar como Chefe Provincial do Paraná



Fonte: *Monitor Integralista*, n. 7, 08/1935, p. 8.

Após o feito, o nome de Brasil Pinheiro Machado não mais apareceu no jornal *Monitor Integralista*. Nem mesmo lhe restou a liderança em Ponta Grossa, que ficou a cargo do professor Emmanuel Bittencourt Corrêa e Castro e, após a abertura oficial do núcleo, sob o comando do também professor Estevam Zeve Coimbra. A última referência que temos da presença de Machado circulando entre os integralistas é uma tímida nota sobre um curso por ele ministrado num centro de estudos do laicado católico do Paraná, o Centro Ronald de Carvalho, em agosto de 1935 (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 5).

⁶² Arrivista, o *Diário da Tarde* será um dos maiores expoentes do combate ao Integralismo e ao Nazismo no Paraná após a decretação do Estado Novo (BENEVIDES, 1991).

Memórias à parte, em 23 de julho de 1934 ocorreu a cerimônia oficial de instalação da Sede Provincial da Ação Integralista no Paraná (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 2). Aberta desde o início de julho, a sede foi instalada num sobrado sito à Rua Barão do Rio Branco, nº 129.

Ilustração 2 – Primeira sede da AIB em Curitiba (R. Barão do Rio Branco, nº 129)



Fonte: *A Offensiva*, n. 73, Rio de Janeiro, 05/10/1935, p. 9.

Reuniões de doutrina ocorriam todas as sextas-feiras:

Nesses dias, companheiros nossos pertencentes aos vários Departamentos, têm usado da palavra, realizando belíssimas conferencias sobre pontos de mais, relevância da doutrina Integralista. Em todas essas reuniões também o Chefe Provincial, dr. Vieira de Alencar tem feito ouvir a sua palavra sempre autorizada, dissertando com precisão sobre a ideologia Integralista e disseminando magistralmente os seus conhecimentos sobre os grandes e palpitantes problemas da actualidade brasileira (*A Offensiva*, n. 16, 30/08/1934, p. 5).

O primeiro secretariado organizado por Vieira de Alencar era composto por: Paulo Martins Ribeiro (Departamento Provincial de Finanças); Ely Azambuja Germano (Departamento Provincial de Propaganda); “Dr.” Rubens Klier Assumpção (Departamento Provincial de Cultura Artística); Navasio dos Santos (Gabinete da Chefia); João Alves da Rocha Loures Sobrinho (Seção Universitária); Ewaldo Seeling Filho (Comandante da Milícia) (*A Offensiva*, n. 16, 30/08/1934, p. 5).

Dos militantes constantes nessa lista, verificamos uma tentativa natural de colocar ‘especialistas’ em cada departamento: um bancário, nas finanças; um acadêmico na Seção Universitária; um mestre em desenho no Departamento de Cultura Artística⁶³; um contador pra gerenciar o Gabinete da Chefia. Todos oriundos do que poderíamos chamar de ‘classe média ilustrada’, exceto o Comandante da Milícia.⁶⁴

Em agosto de 1934, publicou-se o primeiro jornal da AIB no Paraná, denominado *O Integralista*. Seu redator-chefe era o acadêmico João Alves da Rocha Loures Sobrinho, secretário da Secção Universitária da Província.⁶⁵ O primeiro número, um pasquim de 4 páginas, tinha claramente a missão de apresentar ao paranaense o sentido e as diretrizes gerais do Movimento. Loures Sobrinho, em texto inaugural intitulado “A Nossa Revolução”, buscou mostrar a amplitude da revolução integralista, que estaria muito além da nação:

Estamos vivendo o fim de uma cultura. A ideia moderna, o espírito moderno, o archisatisfeito século XIX, como fala José Ortega y Gasset, os “immortales principios” da Revolução Francesa, o artificialismo profundo da concepção liberal da vida, enfim, essa imensa falta do senso do Real e da Finalidade está desaparecendo do mundo. A nossa época forja com os dados reais da vida e do mundo, do homem e da sociedade, a cultura autêntica dos tempos novos. É a Revolução Integral, que se implanta dominando o sentido do século. É a maior síntese social da História, em contraposição ao analytismo impotente ou às hypotheses imperfeitas do passado (*O Integralista*, n. 1, 16/08/1934, p. 1).

Outro texto inaugural, esse anônimo, procurou indicar a posição do Movimento como integrador do Estado no todo nacional, lembrando a passagem dos bandeirantes em solo paranaense, ainda em tempo coloniais:

Paranaenses! Attentae bem: os integralistas são os bandeirantes despertos, com o mesmo sentido heroico, que estiveram no Ivaí, no Pequery, em Guayrá⁶⁶, e que

⁶³ Rubens Klier Assumpção (ou D’Assumpção) era filho de Paulo Ildefonso da Assumpção, primeiro diretor e um dos fundadores da Escola de Aprendizes e Artífices do Paraná, na década de 1910, embrião da atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Foi diretor do Museu Paranaense na década de 1920 e entre 1930 e 1938, assumiu o antigo cargo do pai como Diretor da Escola de Aprendizes e Artífices. Foi afastado do cargo, em 1938, provavelmente em virtude de seu envolvimento com o Integralismo (RAVAZOLI, 2011).

⁶⁴ Na década de 1950, Seeling Filho foi vereador em Paranaguá e, segundo o histórico da Câmara Municipal, não tinha o Ensino Médio completo (<http://www.cmpgua.com.br/a46.php>, acesso em 03/02/2011).

⁶⁵ João Alves da Rocha Loures Sobrinho descendia de uma família tradicional do meio jurídico paranaense. Nascido em Palmeira, em 1913, foi um ativo militante dos quadros universitários da AIB no Paraná; antes de cerrar fileiras no Integralismo, chegou a participar do Centro de Cultura Filosófica, fundado por Erasmo Pilloto, um reduto de intelectuais de tendências anticlericais e humanísticas (SILVA, 2009). As razões para a sua guinada ao espiritualismo católico são desconhecidas. Em intensa militância ao lado de outro entusiasmado universitário, Jorge Lacerda, Loures Sobrinho liderou o Departamento Universitário da Província até ser designado para o Departamento de Estudos. Após o fechamento da AIB, o militante teve sua prisão decretada pelo Tribunal de Segurança Nacional, mas pôde responder em liberdade; o processo não se concretizou, pois Rocha Loures Sobrinho faleceu em 2 de maio de 1939 (*Pront. 1775*, cx. 375, DOPS/PR, DEAP/PR).

⁶⁶ Ivaí e Piquiri são rios do Paraná e Guaíra é uma cidade fronteiriça com o Paraguai. As três localidades foram alvo da ação bandeirantista no Brasil colonial.

vos integraram no Brasil. Os camisas-verdes falam e lutam como predestinados. Creem na victoria, porque com eles está a affirmação da nossa personalidade de povo, ameaçado pelo liberalismo bronco, pelo separatismo que se vê nas leis das duas Republicas, que são uma só Republica anarchizada, em que desaparece o Brasil para ser invadido por um dos seus Estados, que nós chamamos de provincia, em que desaparece a provincia para dominar a mais terrivel olygarchia que explora o homem [...] (*O Integralista*, nº 1, 16/08/1934, p. 1).

Além de notícias do Movimento, dos estatutos da AIB e de um poema de Mayrink, o jornal trouxe textos doutrinários de Gustavo Barroso, Miguel Reale e A. Figueiredo; dos militantes locais, veiculou-se apenas uma conclamação do professor Antonio Koser à “mocidade brasileira” (*O Integralista*, n. 1, 16/08/1934, p. 2).⁶⁷

No mesmo dia da circulação do *O Integralista* foi fundada a “Seção Integralista Universitária” (mais tarde denominada “Departamento Universitário”), num evento realizado no local de trabalho do Chefe Provincial: uma das salas de aula da Universidade do Paraná. A *Offensiva* relatou:

Presidiu a memoravel sessão o dr. Vieira de Alencar, Chefe Provincial e cathedratico de Direito Civil, na Faculdade de Direito da referida Universidade. O eminente companheiro dirigindo a palavra aos jovens academicos, concitou-os a se inscreverem na Acção Integralista Brasileira, pois que a mocidade é, incontestavelmente, a grande organização das forças vivas, materiaes, Moraes e intellectuaes do Brasil. Falou, após, o acadêmico e companheiro João Alves da Rocha Loures Sobrinho, secretario geral universitario provincial, que discorreu sobre a missão da Universidade, que já não é como na época modernista, a Instituição da Intelligencia. A Universidade para a Idade Nova, tem que ser Instituição da Cultura, na qual todas a idéas vivas do tempo hão de repercutir. Assim sendo, a Universidade será um poder espiritual, como disse Ortega y Gasset, influindo sobre os destinos do Homem [...] (*A Offensiva*, nº 18, 13/09/1934, p. 5).

Em seguida foram nomeados, como 2º secretário, um ainda obscuro estudante de medicina, que atendia pelo nome de Jorge Lacerda⁶⁸ e, como tesoureiro da Seção, outro

⁶⁷ Nada mais sugestivo, uma vez que Koser era um notório professor do colégio franciscano Bom Jesus e futuro Chefe do Departamento do Juventude Integralista no Paraná. Seu sobrenome é mais conhecido em virtude da carreira de seu filho, Antônio Júlio, ou Frei Constantino Koser (1918-2000).

⁶⁸ Jorge Lacerda nasceu em Paranaguá, em outubro de 1914. Estudou medicina na Universidade do Paraná nos anos 1930, período em que foi um dos porta-vozes do radicalismo e das expressões mais exaltadas da paixão militante na Província integralista local. Sua trajetória em torno Integralismo é uma das mais intrigantes do ponto de vista de uma história das afetividades políticas no fascismo brasileiro. Lacerda participou da Sociedade de Estudos Políticos, fundada por Plínio Salgado no início de 1933, precursora da AIB e, posteriormente, entrou para o Integralismo como um dos líderes da Província do Paraná, ocupando cargos de chefia no Departamento Universitário e na Secretaria de Imprensa. Mais tarde, teve participação na chamada “Intentona Integralista” de 1938 e seguiu carreira no Partido de Representação Popular no pós-guerra. Foi eleito Deputado Federal por Santa Catarina (em dois mandatos) e Governador do estado, na década de 1950. Sua carreira foi interrompida pelo trágico acidente aéreo ocorrido em São José dos Pinhais, em 1958, no qual também faleceu o ex-Presidente da República, Nereu Ramos, diga-se de passagem, um dos homens mais atacados por Lacerda na primeira fase de sua militância política. A importância de Lacerda pode ser medida pela menção feita a ele por Miguel Reale, em 2004: “No que se refere ao integralismo, reconheci a transitoriedade de seu programa, inspirado nos valores ideológicos em conflito na década de 1930, mas jamais me arrependi de minha atuação em prol do

catarinense, Antonio Dib Mussi⁶⁹. Essa facilidade de penetração do Integralismo na Universidade do Paraná se deu, sem muitas dúvidas, pela cátedra de Vieira de Alencar (além de outros notórios intelectuais ligados à AIB) e pela liderança de Lacerda nos meandros estudantis.

Ainda em fase inicial, a Província apresentava, em 1934, departamentos fundidos, como os de Doutrina e Propaganda e Cultura Artística. Contudo, o Movimento já organizava eventos como a “Semana Integralista”, na qual ocorreram “conferencias especiaes sobre theses da doutrina integralista” (*O Integralista*, n. 1, 16/08/1934, p. 3). Além disso, as “sessões internas” ocorriam religiosamente às sextas-feiras, recheadas de oradores como Rocha Loures Sobrinho, Antonio Koser, Vieira Alencar e o “estudante de mocidade e vibração”, Jorge Lacerda (*O Integralista*, n. 1, 16/08/1934, p. 4).

A *Offensiva* descreveu uma dessas sessões, ocorrida na sexta-feira, 7 de setembro de 1934. Coincidindo com a Independência do Brasil,

constituiu isso motivo para brilhantíssima commemoração e entusiastica e vibrante manifestação de fé patriótica, tendo realizado bellissima conferencia sobre o facto memorável da nossa emancipação politica o prezado companheiro Nestor Brenner, lente do Gymnasio Rio Branco. Falou ainda, fazendo uma ardente e sincera manifestação de fé integralista, o academico José Muniz Figueiredo. A oração deste destacado companheiro impressionou vivamente o auditorio pela espontaneidade de seu idealismo e pela franqueza de suas convicções. Com chave de ouro foi encerrada a sessão do dia 7: é que o ilustre Chefe Provincial, dr. Vieira de Alencar, com a sua costumada eloquência, com a sua palavra facil e espontânea, com sua argumentação convincente, pronunciou mais uma formosa oração, ouvida religiosamente pelos seus companheiros. Dizendo das finalidades dos festejos á data, o orador mostrou que o Brasil, que nella commemorava mais um anniversario de sua independencia politica era, no emtanto, ainda economicamente escravizado e que o Integralismo, com sua doutrina sã, com seus principios hoje triumphantes, estava destinado fatalmente a dar á Patria a tão almejada independencia que lhe faltara até então (*A Offensiva*, n. 18, 13/09/1934, p. 5).

Na data dessa mesma sessão, *A Offensiva* notou o aparecimento “em Curityba [dos] [...] primeiros camisas-verdes” externos ao grupo fundador, bem como a inscrição de “perto

corporativismo democrático, com sinceridade de propósitos e todo o meu entusiasmo juvenil, ao lado da **elite de minha geração**, com San Tiago Dantas, Seabra Fagundes, padre Helder Câmara, Câmara Cascudo, Alvaro Lins, António Gallotti, Gofredo Telles Junior, Roland Corbisier, Thiers Martins Moreira, Loureiro Júnior, **Jorge Lacerda** e tantos outros, cuja participação revela que havia valores positivos na Ação Integralista Brasileira” (*O Estado de São Paulo*, n. 40492, 28/08/2004, p. 2, grifo nosso).

⁶⁹ Antonio Dib Mussi (1911-1959) foi militante da Seção Integralista Universitária no Paraná, à época em que cursava medicina na Universidade do Paraná. Após se formar, em 1934, mudou-se para Santa Catarina, onde chegou a ser Chefe Municipal da AIB na cidade de Laguna e membro da Câmara dos Quatrocentos. Seguiu carreira na política de Santa Catarina no pós-1945 como prefeito de Orleans e deputado na Assembleia Legislativa Estadual entre 1947 e 1951 pelo PSD.

de 50 novos companheiros” (*A Offensiva*, n. 18, 13/09/1934, p. 5).⁷⁰ Os novos militantes eram fruto de uma estratégia criada por Alencar, pela qual a chefia exigiu dos já inscritos “seus melhores esforços no sentido de intensa propaganda pessoal”: “todo companheiro se [comprometeria] a conseguir, mercê de suas influencias e doutrinação, pelo menos mais um novo elemento para a grande e victoriosa causa” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 2). Só Hely van der Broock, futuro Secretário de Organização Política, assinou 50 propostas de filiação e, no fim do mês, o número de filiados quintuplicou, aproximando-se da casa dos 1.000 inscritos (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 2).

No mesmo mês de setembro de 1934, Plínio Salgado fez sua primeira visita à Província após a fundação oficial, percorrendo Curitiba e Ponta Grossa, na companhia de Miguel Reale. Tratava-se de uma viagem circular pelo Sul do país, região onde o Integralismo começara a mostrar números relevantes de adesões.

Ilustração 3 – Plínio Salgado em Curitiba



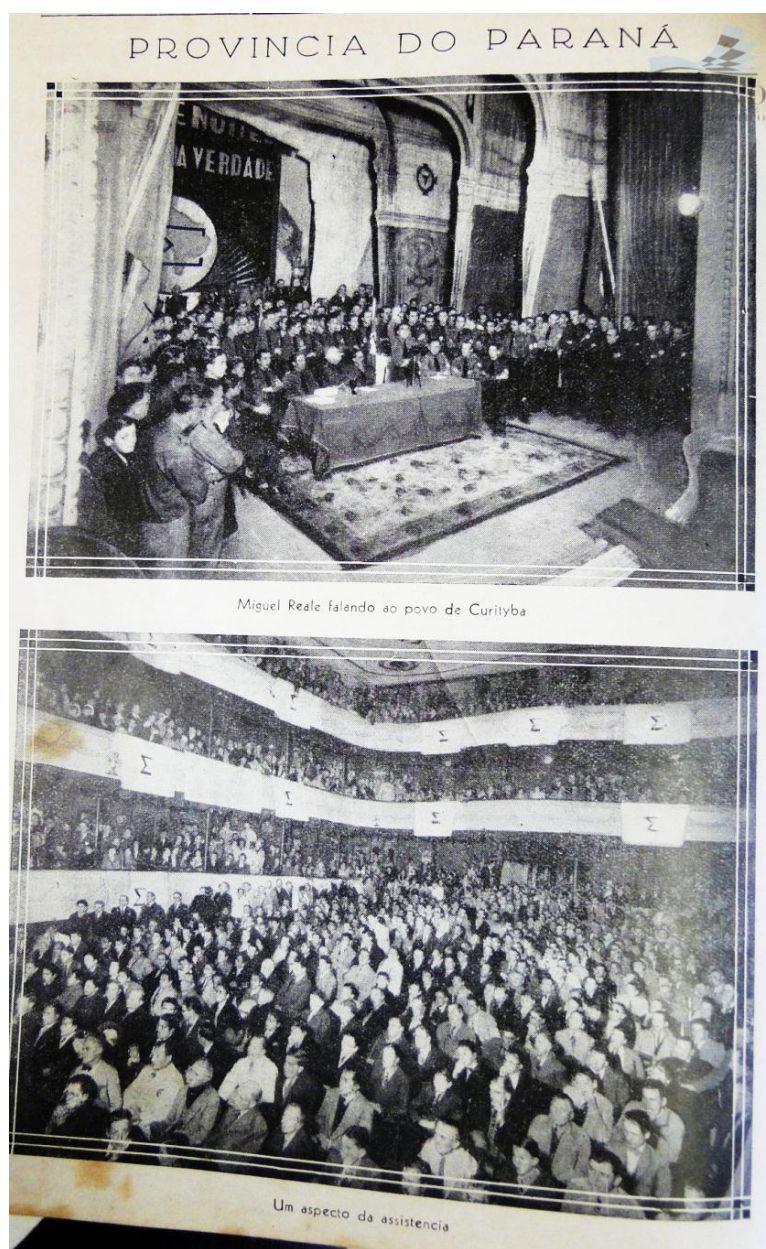
Fonte: Top. 001.052, FPS – APHRC.⁷¹

⁷⁰ A despeito de Curitiba ser o novo centro irradiador do Integralismo, do ponto de vista da organização, o Núcleo Municipal da capital só foi oficialmente fundado em 1937. Sem dúvida, a cidade abarcou o maior número de camisas-verdes no estado que, antes do surgimento do Núcleo Municipal, filiavam-se diretamente à Sede Provincial.

⁷¹ Ao centro da fotografia, da esquerda para a direita: Felizardo Toscano de Britto (futuro Secretário Provincial de Organização Política), Manoel Vieira Barreto de Alencar (Chefe Provincial) e Plínio Salgado.

Em Curitiba, no dia 20, Salgado acompanhado por Miguel Reale proferiu uma conferência no Teatro Guaíra,⁷² descrita pelo *A Offensiva* como “um dos mais significativos acontecimentos que já se registraram na capital do Paraná”: “Uma assistencia formidavel [...] applaudiu delirantemente as palavras de Plinio Salgado e de Miguel Reale” (*A Offensiva*, n. 20, 27/09/1934, p. 1). Posteriormente, ocorreram conferências na Universidade do Paraná e na Sociedade dos Operários.

Ilustração 4 – Conferência de Plínio Salgado e Miguel Reale no Teatro Guaíra (setembro de 1934)



Fonte: *Anauê!*, n. 2, 05/1935, p. 54 (Top. 032.001.001, FPS – APHRC).

⁷² O teatro em questão era o antigo São Theodoro, reinaugurado em novembro de 1900, com o nome de Theatro Guayra. Localizava-se na atual Rua Dr. Muricy, onde se encontra hoje a Biblioteca Pública do Paraná. O prédio foi demolido entre 1937 e 1939, por problemas na estrutura.

Em seguida, Salgado viajou para Ponta Grossa, onde encontrou uma especial recepção, organizada por ordens do ainda interventor Manoel Ribas. Albary Guimarães, prefeito Municipal, recebeu-o pessoalmente com um telegrama em mãos (cujo missivista era o próprio interventor) e um automóvel da Prefeitura à sua disposição. O telegrama, segundo Salgado, “determinava ao prefeito mostrar-me a cidade, facilitar-me tudo, tendo em vista que era eu ‘um grande brasileiro’ que vinha pregando a ‘união de todos os patricios’” (*A Offensiva*, n. 218, 28/06/1936, p. 2).

Na “Princesa dos Campos”, os dois líderes do Integralismo promoveram também uma conferência no Teatro Éden e visitaram o Ginásio Regente Feijó, cujo diretor era ninguém menos que o ‘desertor’, Brasil Pinheiro Machado (DITZEL, 2007; MARCHETTE, 2010). Nesse período, a cidade despontava como um promissor núcleo integralista, que em menos de um ano atingiria cerca de 500 filiados, o que explica a especial atenção do Chefe Nacional.

2.2.1 OS PRIMEIROS NÚCLEOS – 1934

Apesar da história e da representatividade política da presença do Integralismo em Ponta Grossa, foi uma bandeira deslocada de Curitiba que fundou oficialmente o núcleo local, num domingo de 29 de outubro de 1934, traçando assim o que *A Offensiva* chamou de o “hyphen integralista entre Curitiba e Ponta Grossa”.⁷³ A bandeira fundadora foi cercada de toda ritualística característica da AIB, iniciando suas atividades por volta das 11 da manhã, quando “uma phalange composta de 60 milicianos, tendo a frente o Chefe Municipal e seus ajudantes rumou para a estação, em marcha cadenciada e recebendo o aplauso do povo que ia se aglomerando pelas esquinas” (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 1).

Na estação ferroviária e nas proximidades, aguardavam muitos camisas-verdes, populares e a banda do 13º Regimento de Infantaria da cidade, “gentilmente cedida” pela autoridade militar do local (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 1).⁷⁴

⁷³ Niltonci Batista Chaves menciona uma fundação em maio de 1934, liderada pelo médico e secretário de Plínio Salgado, Dr. Antônio Figueiredo. Esse evento, ainda que possível, é inexistente nos periódicos integralistas paranaenses que tivemos acesso (CHAVES, 2001, p. 121).

⁷⁴ A banda do 13º Regimento de Infantaria de Ponta Grossa também foi cedida para comemorações nazistas em Curitiba, na década de 1930 (ATHAIDES, 2011).

Ilustração 5 – “Um terço da milícia de Ponta Grossa esperando o Chefe Provincial” (legenda original)



Fonte: *Pront.* 173, cx. 140, DOPS/PR, DEAP/PR

Ilustração 6 – Chegada do Chefe Provincial na estação em Ponta Grossa (discurso de Jorge Lacerda)



Fonte: Top. 2.006.291, FPS – APHRC.

O jornal continua:

Feito o desembarque, a milícia recém-vinda poz-se em ordem de marcha com as Bandeiras do Sigma á Frente e suas bandas de tambores e corneteiros. O Chefe Provincial, dr. Vieira de Alencar, foi conduzidos pelo Chefe Municipal, sr. Estevam Coimbra, á escadaria da estação, onde lhe foram prestadas continencias pela milícia do Nucleo de Ponta Grossa. Falou, então, saudando o Chefe Provincial e a Bandeira milicianiana sr. Olympio Xavier, que produziu brilhantissima oração, muito applaudida. Respondeu, pela Bandeira Provincial, o universitario Jorge Lacerda, cujo discurso de saudação a Ponta Grossa foi uma verdadeira clarinada de civismo e eloquência. Uma salva de palmas abafou as ultimas palavras do ilustre moço (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 1).

A instalação do núcleo se deu às 16h, ao que se seguiu, na sede municipal, um comício e um desfile pelas principais ruas da cidade.⁷⁵

Ilustração 7 – “Duas bandeiras da milícia integralista de Ponta Grossa, desfilando pelas ruas da Princeza dos Campos paranaenses, onde foi passada em revista pelo Chefe Provincial”
(legenda original)



Duas bandeiras da milícia integralista de Ponta Grossa, desfilando pelas ruas da Princeza dos Campos paranaenses, onde foi passada em revista pelo Chefe Provincial

Fonte: *A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 1.

Ainda na segunda metade de 1934, seguiram-se outras aberturas de núcleos. Além de Campo Largo, cuja data não foi possível precisar, em novembro de 1934, foram fundados os núcleos de Paranaguá e Antonina. O primeiro, sob a liderança de João Eugênio Cominese⁷⁶, recebeu no dia 11 duas bandeiras de fundação, cuja “viagem [...] foi feita em trem especial, composto de 6 carros de primeira classe”:

⁷⁵ A descrição minuciosa da bandeira de instalação do núcleo foi transcrita no *A Offensiva* do texto original, publicado no *Diário dos Campos* de 30/10/1934, principal veículo de comunicação de Ponta Grossa, que “publicou mais de 200 artigos tratando dos rumos do Integralismo em Ponta Grossa” (CHAVES, 1999, p. 70).

⁷⁶ Administrador da Rocha e Cia., empresa de logística portuária sediada na cidade, pertencente à família Munhoz da Rocha. Seu nome figura hoje em logradouro da cidade.

À instalação do núcleo de Paranaguá accorreram mais de duas bandeiras da milícia camisa-verde, idas especialmente de Curitiba. Iguamente o Chefe Provincial, dr. Vieira Alencar e seu estado maior e secretariado, estiveram em Paranaguá, onde foi recebida debaixo da mais intensa vibração patriótica. Num dos principais theatros da cidade foi celebrada a sessão de instalação do N.M.I. [Núcleo Municipal Integralista], tendo jurado então mais de 40 integralistas (*A Offensiva*, n. 30, 06/12/1934, p. 1).

No mês seguinte, dezembro, *A Offensiva* veiculou o crescimento do núcleo local: “o núcleo de Paranaguá sob a orientação do companheiro João Cominese tem progredido rapidamente contando hoje com mais de 300 inscriptos [...]” (*A Offensiva*, n. 30, 06/12/1934, p. 1).

Como era protocolo na AIB, antes do estabelecimento dos núcleos funcionava localmente um “trabalho de coordenação”, responsável por abrir caminho para a fundação oficial, estabelecendo contatos e fazendo as primeiras pregações da doutrina. Destarte, *A Offensiva* relatou, em novembro de 1934, que os coordenadores locais de Antonina “têm trabalhado bastante, procurando esclarecer os antoninenses de que seja a nossa revolução nacionalista” (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 8). Um dos coordenadores locais, o médico Abdon Pacheco do Nascimento⁷⁷, tornou-se Chefe Municipal após a fundação, ocorrida em fins de novembro:

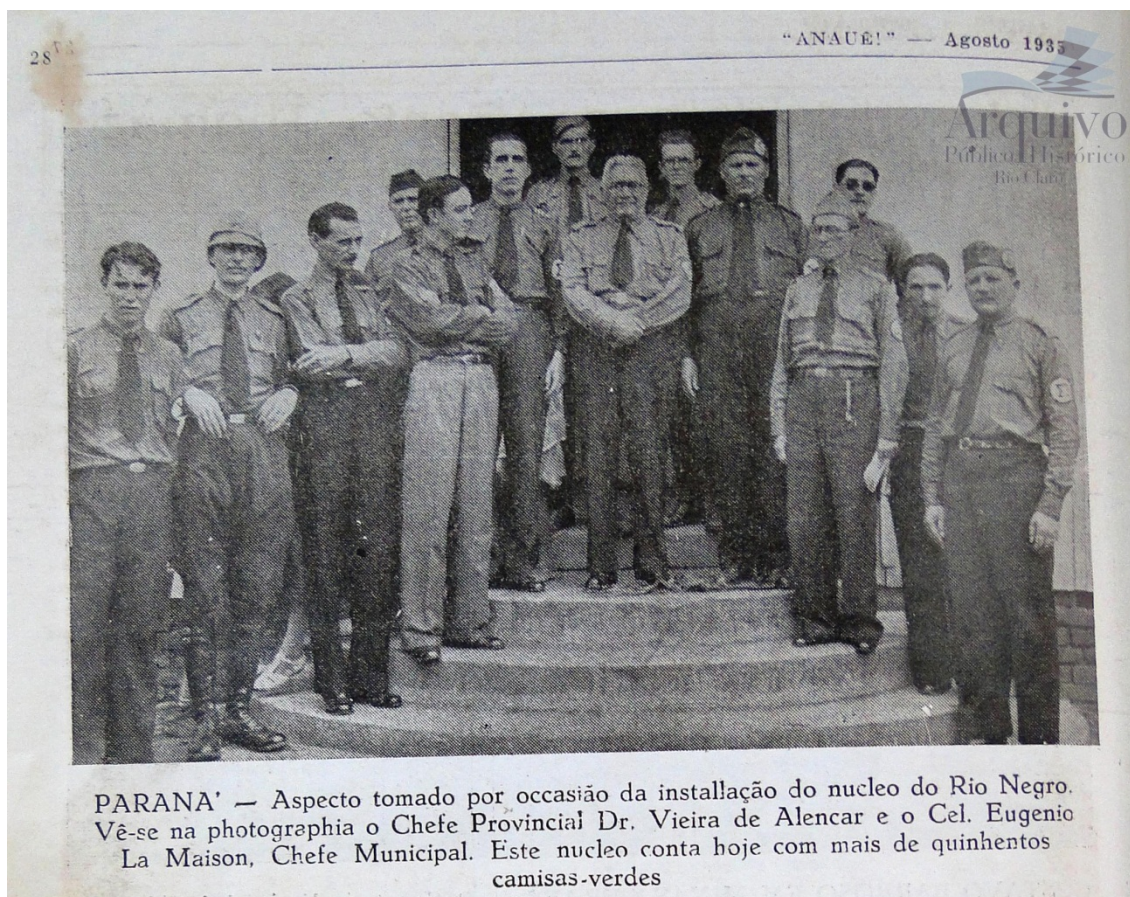
Á instalação do nucleo de Antonina, compareceram idos de Curitiba, o Chefe Provincial e seus secretários e de Paranaguá, o Chefe Municipal e dois terços de sua disciplinada milícia. Está á testa do respectivo nucleo o esforçado companheiro Abdon Pacheco do Nascimento e, já no dia da instalação prestaram juramento cerca de 60 milicianos. Os companheiros de Paranaguá realizaram sua viagem à Antonina abordo da lancha ‘Ilha do Mel’, sendo acompanhados por innumeradas familias da alta sociedade paranguara (*A Offensiva*, n. 30, 06/12/1934, p. 5).

Logo após a fundação, os núcleos locais do litoral intensificaram os trabalhos de coordenação na região, de modo que a AIB esperava brevemente “por intermédio dos bravos companheiros de Paranaguá” fundar núcleos em Guaraqueçaba e Guaratuba (*A Offensiva*, n. 33, 27/12/1934, p. 14). De tal modo, com apoio determinante dos milicianos de Antonina e Paranaguá foi fundando no dia 22 de dezembro o Núcleo de Morretes (*A Offensiva*, n. 33, 27/12/1934, p. 14).

⁷⁷ Nascido em Antonina no ano de 1910, Abdon Pacheco do Nascimento formou-se em Medicina pela Universidade do Paraná, em 1933. Na militância integralista liderou o núcleo de Antonina e chegou a integrar a Câmara dos Quatrocentos, em 1937. Foi professor universitário, médico-combatente na Segunda Guerra e um dos fundadores e Presidente do Conselho Regional de Medicina do Paraná, cumprindo mandato entre 1961 e 1963.

Rio Negro, a cidade do interior que ao longo da história da AIB no Paraná alcançou o maior número de militantes e de subnúcleos, recebeu seu Núcleo Municipal também em dezembro de 1937. Ali, assim como em boa parte dos núcleos do interior, o coordenador local se tornou automaticamente o líder. Tratava-se do Coronel e empresário ervateiro Eugenio La Maison, que posteriormente se tornaria um dos mais expressivos chefes municipais da AIB no Estado.

Ilustração 8 – Vieira de Alencar, Eugenio La Maison e militantes locais na ocasião da instalação do Núcleo Municipal de Rio Negro



Fonte: *Anauê!*, n. 3, 08/1935, p. 28 (Top 032.0001.0001, FPS – APHRC).⁷⁸

A fundação do núcleo de Rio Negro se deu no dia 2 de dezembro:

Chegada ao Rio Negro à noite do dia 1º foi recebida na estação pelo cel. La Maison e seus camisas-verdes, entre os quaes innumeras senhoritas e grande massa popular. Logo em seguida na praça principal, o Chefe Provincial passou em revista a milicia local que se apresentou garbosamente com toda disciplina. No dia seguinte, logo pela manhã, Rio Negro e Mafra, cidade que lhe é vizinha, despertaram ao som dos tambores dos camisas-verdes que desfilavam pelas duas cidades, entusiasmado os

⁷⁸ Vieira de Alencar ao centro; à sua esquerda Eugenio La Maison, Chefe Municipal de Rio Negro.

seus habitantes. À sessão accorreu uma multidão consideravel, que encheu completamente o theatro local. Oraram os seguintes oradores de Curityba: Dr. Vieira de Alencar, Dr. Valle Sobrinho⁷⁹, acadêmicos Jorge Lacerda e Zagonel Passos e mais o cel. Eugenio La Maison. A este, O Chefe Provincial entregou pessoalmente o decreto de sua nomeação para o núcleo local, gesto esse que foi recebido debaixo de estrepitosas aclamações (*A Offensiva*, n. 31, 13/12/1934 p. 5).

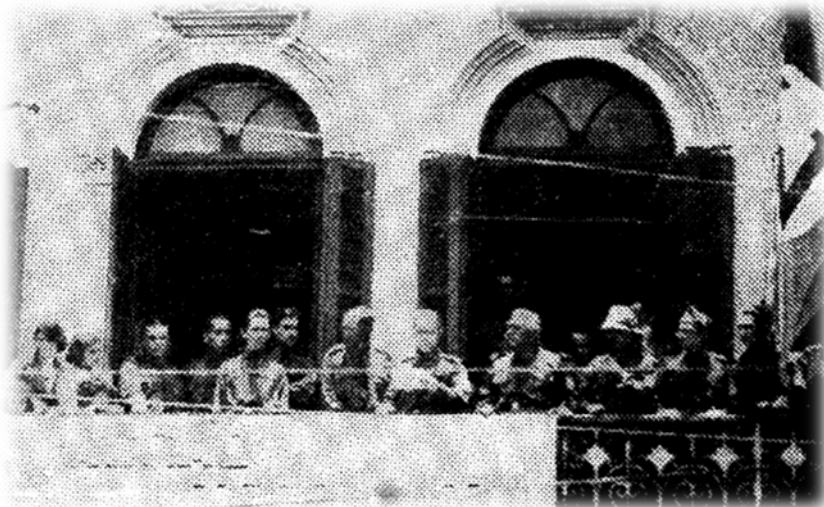
Ademais, a própria Sede Provincial, em Curitiba, e seu entorno se expandiram em fins de 1934, ao ponto de Curitiba ser chamada de “floresta verde” pelos militantes (não sem óbvio exagero para aquela data). Entre outubro e novembro, foram abertos os subnúcleos de Mêrces e do Portão, este último considerado especial pelos camisas-verdes, por se constituir em um “núcleo operário” (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 5). Em 16 de dezembro, foi a vez do município de São José dos Pinhais – 3ª maior cidade do Estado no aspecto populacional – receber uma bandeira de fundação.

Com a expansão, os integralistas se viram na contingência de mudar a Sede Provincial de endereço. *A Offensiva* registrou a transferência da Rua Barão do Rio Branco para um sobrado na Praça Tiradentes, esquina com a Cruz Machado.

Devido ao surto formidavel do Integralismo entre nós, a antiga séde da A.I.B., nesta província, tornou-se pequena, dificultando sobremaneira os serviços de seus diversos departamentos, da secretaria e da milícia. Por esse motivo a Chefia Provincial providenciou quanto à mudança da séde, escolhendo para esse fim o grande sobrado existente á Praça Tiradentes, esquina da rua Cruz Machado. Este, depois de passar pelas reformas que se faziam necessarias, está afinal abrigando a A.I.B. Sendo espaçoso, contando com salas de grande capacidade e um enorme salão, o novo edificio se presta perfeitamente ao fim em que vista e a nossa séde se apresenta hoje com installação condigna e a altura do surto e da projecção que o Integralismo vae tendo no Paraná (*A Offensiva*, n. 31, 13/12/1934, p. 5).

⁷⁹ Dr. Raimundo José Ferreira Valle Sobrinho, nasceu em Pederneiras no Maranhão e desde os anos 1920 atuou como promotor da Corte Militar do Exército Brasileiro, na Nona Circunscrição Militar. Foi Deputado Estadual, entre 1926 e 1930, e candidato derrotado à Assembleia Constituinte Nacional. Segundo informações do jornal “Pacotilha” do Maranhão, transcritas no *A Razão*, Valle Sobrinho foi o primeiro deputado do país a propor uma legislação trabalhista, nos moldes das que viriam depois com a Era Vargas (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 5). Tomou parte na Revolução de 1930 e chefiou a Província Integralista do Maranhão de meados de 1934 até sua remoção de posto profissional para Curitiba (Quinta Região Militar), em outubro de 1934 (CALDEIRA, 1999). Era um líder extremamente presente nas atividades da AIB, sobretudo nas bandeiras de abertura de núcleos. Além disso, na ausência de Vieira de Alencar, Valle Sobrinho ocupava o cargo de Chefe Provincial interino. Faleceu em dezembro de 1935, em Curitiba, com direito aos tradicionais ritos fúnebres da AIB.

Ilustração 9 – Sacada da nova Sede da AIB em Curitiba (Praça Tiradentes)



Fonte: *Anauê!*, n. 1, Rio de Janeiro, 01/1935

Prosseguiram também nesse período os “trabalhos de coordenação”, em várias localidades do interior. O objetivo dos integralistas era declaradamente estabelecer um ponto de apoio e posteriormente um núcleo em cada município oficialmente independente no Paraná, que em meados da década de 1930, contava com 57 (FERREIRA, 2006).

Para tanto, indivíduos residentes no interior, interessados em erigir um núcleo em sua cidade, procuravam a Chefia Provincial para estabelecerem contato e receberem orientações de procedimento (*A Offensiva*, n. 31, 13/12/1934, p. 5). Algumas estratégias de inserção nas sociedades locais, no período da coordenação, foram apontadas pela imprensa integralista e pouco divergem entre os municípios. Sobre organizada a coordenação na cidade de Castro, podemos ler: “A propaganda tem sido intensa com a distribuição de prospectos, onde o povo de Castro aprende as directrizes da Revolução Integralista [...]. O “Castro-Jornal” tem publicado artigos sobre o Integralismo, que população lê com interesse” (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 8).

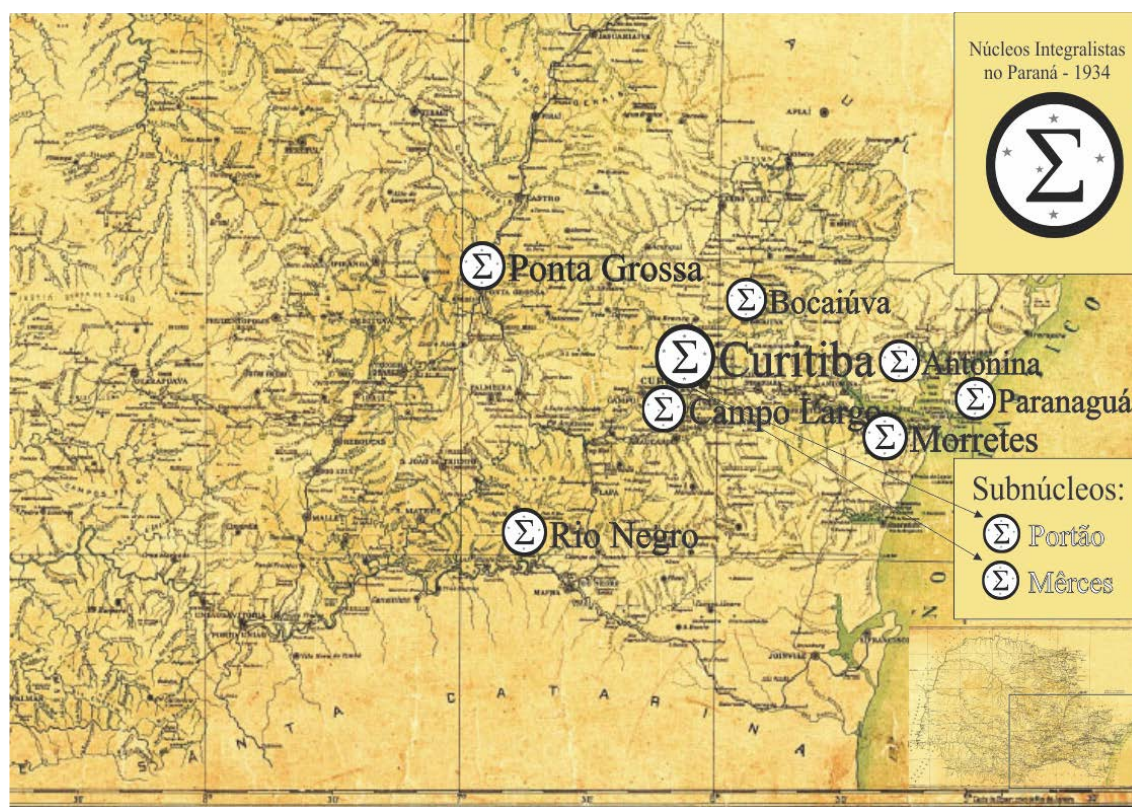
Em Guarapuava, da mesma forma, “‘A Cidade’, jornal local, publicou dois artigos integralistas que os guarapuavanos apreciaram muito”, segundo o *A Offensiva* (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 8). Como vimos, a panfletagem e a inserção de artigos em jornais locais foram estratégias usadas na coordenação da própria Sede Provincial.

Incumbências para instalação de núcleos e subnúcleos também vinham diretamente da Chefia Provincial, como a que recebeu o Chefe de Ponta Grossa, Estevão Coimbra: realizar

uma excursão de militantes que seguiria a “linha azul da S.P.R.G. instalando nucleos nas suas principais cidades até Porto União” (*A Offensiva*, n. 33, 27/12/1934, p. 14).⁸⁰

O último núcleo fundado em 1934 foi o de Bocaiúva (atual município de Bocaiúva do Sul), situado a nordeste de Curitiba. Com isso, a AIB fechou o ano de 1934 com um saldo de 8 núcleos municipais, sem contar a Sede Provincial: Ponta Grossa, Campo Largo, Paranaguá, Antonina, Rio Negro, São José dos Pinhais, Morretes e Bocaiúva. Possuía também trabalhos de coordenação em estágio embrionário nas principais cidades do Estado ainda não atingidas pelo sigma, como Guarapuava e Castro. Através dos dados veiculados nos periódicos integralistas, é possível estimar que o Movimento tivesse algo em torno de 2000 filiados, na virada do ano.

Mapa 1 – Núcleos Integralistas no Paraná (1934)*



* Mapa elaborado pelo autor. Imagem ao fundo: Mapa oficial do Paraná – 1938, fonte: http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/mapas_itcg3.html.

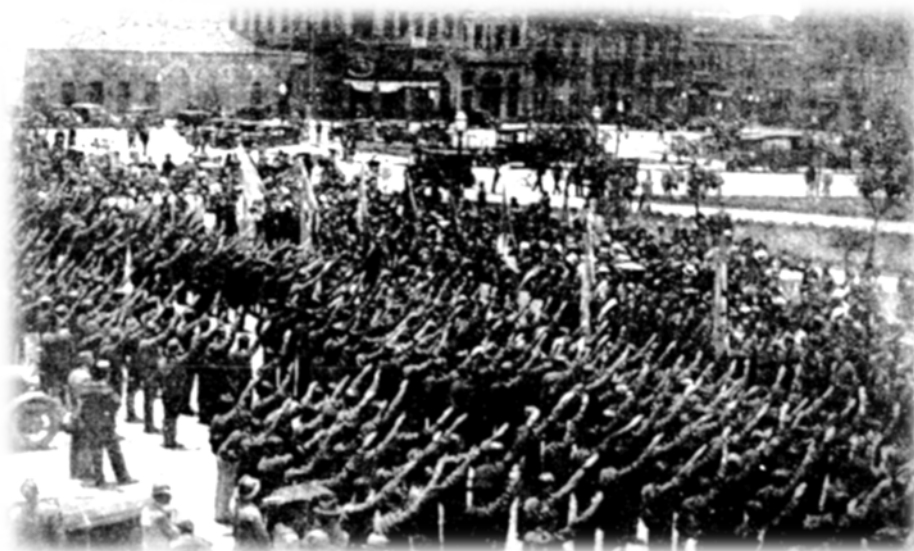
⁸⁰ “Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande”: cruzava o Paraná numa linha que se iniciava a nordeste, próxima a Jaguariaíva, e penetrava o solo catarinense em Porto União.

Em 1935, a expansão continuou e ganhou proporções consideráveis a ponto de tornar o Integralismo uma ameaça palpável, do ponto de vista dos poderes locais. É sobre o ano de 1935, o “ano verde” da Província, que as fontes são mais abundantes.

No Paraná, o “IV ano da Era Integralista” se iniciou com uma demonstração de força do Movimento. No dia 16 de janeiro, os camisas-verdes organizaram um grande desfile pelas principais ruas do centro de Curitiba; sem dúvida, era um evento de importância particular, porquanto representava a primeira grande aparição pública dos milicianos em formação, das muitas que ocorreram na década de 1930 e fizeram parte do cotidiano da cidade.

Contingentes de milicianos de Ponta Grossa, Paranaguá, Antonina, Morretes, Rebouças, São José dos Pinhais e Campo Largo vieram para engrossar as fileiras dos 1.400 homens de Curitiba e dos núcleos circundantes; ao total, cerca de 3.000 milicianos desfilaram pelas ruas da Capital.

Ilustração 10 – “O juramento á bandeira nacional e á bandeira do Sigma” (legenda original – desfile de 16/01/1935, Praça Tiradentes, Curitiba)



Fonte: ANAUÊ! n. 1, Rio de Janeiro, 01/1935

Da descrição do jornal *A Offensiva*, constatamos que, tal como ocorria em Ponta Grossa, bandas do exército também participavam das concentrações integralistas em Curitiba,

indicando nesse momento o bom relacionamento dos camisas-verdes com as autoridades militares locais:

Do local da concentração que [...] foi no Passeio Publico, a columna verde se dirigiu á praça Tiradentes, o logradouro mais bello e central de Curityba, onde se acha situada a nova sede. A multidão que ahi se encontrava, á espera dos camisas-verdes poderia ser calculada em oito mil pessoas. Á entrada da testa da coluna, composta de uma companhia de cyclists, estrugiam os primeiros aplausos aos Integralistas, aplausos esses que se repetiram á chegada do Chefe Provincial, do seu secretariado e dos chefes municipaes que, em numero de quatorze se encontravam reunidos em Curityba. As bandas musicas do 9º de Artilharia e do 15º de Caçadores, abrilhantavam o acto. O chefe Provincial passou revista ás tropas seguindo-se o empolgante cerimonia do juramento á bandeira e de fidelidade ao Chefe Nacional (*A Offensiva*, n. 36, 17/01/1935, p. 1).

Não há dúvidas de que os primeiros meses de 1935 foram de empolgação para Vieira de Alencar, seus seguidores e mesmo para as lideranças nacionais que visitaram o Estado naquele momento. Depois de passar 20 dias em Curitiba, Orlando Ribeiro de Castro (Chefe do Departamento Nacional, Eleitoral e Sindical) expôs, em relatório sobre o Paraná publicado no *A Offensiva*:

o salão de Conferencias tem cerca de duzentas poltronas confortáveis, havendo sempre assitencia nas sessões semanais superiores a 400 pessoas. Em três sessões que tive o prazer de assistir, o numero excedeu sempre a quatrocentos, e nestes 20 dias presenciei a cerca de 150 juramentos, de pessoas de todas as classes sociaes (*A Offensiva*, n. 37, 24/01/1935, p. 5).

Sobre os primeiros resultados eleitorais, Ribeiro de Castro apontou:

Tendo o Chefe Nacional resolvido a concorrência ás eleições Federaes e Estaduaes, contava por esta epoca a Acção Integralista apenas com 200 companheiros [no Paraná]. Nas eleições tivemos cerca de 1.000 votos, tirando o 4.º lugar entre os Partidos Políticos da Provincia com força eleitoral. Vê-se pois que a nossa votação foi 5 vezes superior ao numero dos nossos Companheiros. Hoje o Paraná conta com mais de 3.000 integralistas e o movimento já conquistou o coração de toda população (*A Offensiva*, n. 37, 24/01/1935, p. 5).

O Integralismo parecia se multiplicar exponencialmente às vistas do ‘olheiro’ de Plínio Salgado:

Em principios de Novembro realizou-se a primeira formatura de camisas-verdes dois mezes após a inauguração da Provincia e marcharam apenas 300 integralistas. Em 6 do corrente [janeiro de 1935], dois mezes depois, no ultimo desfile, formaram cerca de 2.000 camisas-verdes, entre os quaes elementos de todas as condições sociaes, irmanados no Brasil (*A Offensiva*, n. 37, 24/01/1935, p. 5).

Os Departamentos e Secretarias da AIB, segundo o autor do relatório, já se encontravam em pleno funcionamento no início do ano, com destaque para os departamentos Universitário, da Juventude (contando com 200 plinianos em janeiro), Feminino, de Polícia, de Assistência Social e o Departamento de Coordenação e Inspeção. Este último, acompanhava o funcionamento de 45 núcleos em atividade de coordenação (*A Offensiva*, n. 37, 24/01/1935, p. 5).

Para o Congresso Integralista de Petrópolis (o 2º congresso nacional do Movimento, março de 1935), a Província já pôde organizar uma caravana de militantes que acompanhou o Chefe Provincial. Como na AIB “tudo era motivo para reunião”, como afirmou Cavalari (1999, p. 181), para a volta de Vieira de Alencar ao Paraná foi organizado um grande desfile:

O regresso do distinto viajante foi motivo para que os camisas-verdes desta capital prestassem ao referido Chefe as maiores homenagens de sua admiração pela maneira desassombrada, destacada e acertada com que vem norteando, na terra das araucarias, a nau integralista [...]. Tendo o dr. Vieira Alencar desembarcado em companhia de sua exma. esposa, do avião, que os transportara do Rio até Paranaguá, a viagem desta cidade até Curitiba foi realizada de auto, através da estrada Graciosa. A milícia camisa-verde e os corpos de plinianos e a da juventude, formando uma columna com forte efectivo, tendo á frente todo o secretariado e o estado-maior, prestaram ao Chefe Provincial as saudações de praxe, sob o maior entusiasmo, á frente da sede. Após, desfilaram as forças pelas ruas mais centraes da cidade, até á avenida Iguassú, residência do Chefe Provincial, prestando-lhes, mais uma vez, as continencias devidas. Dalli, continuou o desfile, novamente, pelas ruas centraes onde se comprimia enorme multidão que aplaudiu os camisas-verdes, á sua passagem (*A Offensiva*, n. 48, 13/04/1935, p. 5).

Uma importante sessão na Sede Provincial ocorreu em 12 de abril, com objetivo de divulgar as novas diretrizes da AIB, emanadas daquele Congresso. Duas importantes alterações nos rumos do Movimento foram anunciadas, marcando a ação futura dos camisas-verdes da Província do Paraná: (1) A AIB se transformaria oficialmente em partido político e (2) as milícias integralistas seriam dissolvidas em função da recente promulgação da Lei de Segurança Nacional, naquele mesmo mês.⁸¹ Logo, os militantes paranaenses iniciariam as articulações para lançar candidatos às eleições municipais marcadas para fins de 1935 e, em maio, sob lamentações de uma ala radical liderada por Jorge Lacerda, organizariam a Secretaria Provincial de Educação Moral e Física, substituta da milícia.

⁸¹ Em abril daquele ano (1935), a chamada Lei de Segurança Nacional destituiu a AIB, ao menos formalmente, das suas formações paramilitares. Embora frequentemente atribuída à contenção do comunismo, o texto da Lei tem passagens que claramente se referiam às atividades da milícia camisa-verde. O Artigo nº 17 era taxativo nesse sentido: “Só o poder publico tem a prerrogativa de constituir milícias de qualquer natureza, não sendo permitidas organizações de typo militar, características por subordinação hierarchica, quadros ou formações” (BRASIL, 1935).

2.3 O LANÇAMENTO DO PERIÓDICO *A RAZÃO*

Naquele mesmo mês de maio, o debate em torno da Lei de Segurança estampou o número inaugural do novo jornal oficial da Ação Integralista no Paraná, o hebdomadário *A Razão*, substituto do *O Integralista*, cujo fim é desconhecido.⁸² De qualidade superior e com nova equipe de redatores, *A Razão* não era muito diferente dos jornais de circulação geral do Estado: suas 6 ou 8 páginas (algumas edições chegariam a 12) apresentavam boa qualidade de impressão e seus patrocinadores, apropriadas condições financeiras. Entretanto, não era um jornal feito por profissionais. A administração e a redação estavam a cargo de universitários e funcionários do comércio de Curitiba, que em horas vagas se desdobravam nas oficinas gráficas.

A tiragem inicial foi de 2000 exemplares, mas os frequentes pedidos, inclusive externos ao Paraná, fizeram o *A Razão* aumentar algumas vezes esse número.⁸³ O jornal poderia ser adquirido de forma avulsa na Papelaria Requião, na Rua Muricy, ou na “Banca do Jorge”, na Rua XV; a assinatura anual custava 6\$000 e a semestral, 4\$000.⁸⁴

João Alves da Rocha Loures Sobrinho continuava como redator-chefe, mas a direção do jornal passou para as mãos de Jorge Lacerda. O expediente ainda apresentava o tipógrafo Frederico Carlos Allende⁸⁵, como gerente, o comerciante e fotógrafo Oscar Witt, como secretário⁸⁶, Valdemir Bueno, Angelo A. Dallegrave⁸⁷ e Lourival Wendler como auxiliares – este último, filho de Navásio dos Santos, chefe do Gabinete de Vieira de Alencar.

Lacerda provavelmente foi o autor do discurso inaugural da folha, lançado em primeiro de maio e dedicado “ao humilde e pobre operário”, que desferiu sutis ataques ao

⁸²O nome, *A Razão*, é uma referência ao jornal pré-integralista *A Razão*, publicado por Plínio Salgado em São Paulo, em 1932.

⁸³ Em julho de 1935, o jornal chegou a atender 6.300 assinaturas (*A Razão*, n. 13. 30/07/1935, p. 5) e, no mês seguinte, o diretor Jorge Lacerda explicou a um militante de Campinas que não poderia atender seu pedido pois estava em processo de “aquisição [de] machinas maiores para augmentar a tiragem” (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 3).

⁸⁴ Como incentivo às assinaturas, a partir do número 11, a direção do periódico disponibilizou uma apólice de seguros gratuita, com prêmios de até 20 contos de Réis, por meio da Empresa Construtora Nacional, de São Paulo. A partir de setembro de 1935, as assinaturas passaram a custar 10\$000 anuais.

⁸⁵ Frederico Carlos Allende nasceu em Santos, São Paulo, em 1904. Profundamente ligado ao laicado católico, nos anos 1920 e 1930, Allende dirigiu as publicações da revista *A Cruzada* (impressa em suas oficinas, assim como o *A Razão*) e o jornal *Cruzeiro*; também participou da fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes, em 1929 (CAMPOS, 2004 e 2005).

⁸⁶ Oscar Witt era responsável pela biblioteca integralista da Sede Provincial e correspondente do *A Razão* em Santa Catarina. Também era um exímio fotógrafo, tendo tirado boa parte dos “retratos” que foram publicados no jornal.

⁸⁷ Angelo Antonio Dallegrave seria posteriormente um reconhecido professor, congregado mariano, poeta e escritor de livros católicos, além de Bibliotecário da Biblioteca Pública do Paraná entre 1950 e 1976, ano da sua morte. Dellagrave ficou conhecido na imprensa dos anos 1960 por ter representado a voz oficial da Igreja Católica contra o culto à “Maria Bueno”, divindade popular curitibana não reconhecida pela instituição (JURKEVICS, 2004).

governo Vargas e à Lei de Segurança Nacional.⁸⁸ Depois de apontar a militância a qual se propunha a AIB, “contra uma civilização burguesa, materialista, decadente, e contra todas as forças desagregadoras da nação”, o autor apresentou os intentos finais da ‘cosmogonia’ integralista:

Uma Grande Marcha para um novo tipo de Civilização para a Quarta Humanidade Prophetizada por Plínio Salgado! E esta Marcha, que é Marcha irresistível do Brasil, há de acordar a Civilização, que dorme no seio maravilhoso da Atlantida lendária! E no Continente Sul Americano, há de despontar o esplendor eterno da Civilização Atlantida! Galvanizados pela fé, hão de erguer com os olhos fitos numa só idéia, os Estados Integralistas Sul Americanos! Bolivar, que não pode effectivar o seu sonho, como imperio de sua espada, há de se surpreender um dia, vendo Plinio Salgado, realizando-o somente com a força de sua fé e de sua palavra! Esta Grande Marcha traz consigo o impulso de 400 anos de sacrificios, de aneios, de inquietudes e de luctas mallogradas... (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 1).

Em seguida, o texto exprime a revolta contra a Lei de Segurança:

Não há leis, que possam paralizar a marcha consciente de uma Nação! Abafaram porém, o rumor de seus tambores, de suas milicias e de seus clarins! Mas que são esses rumores, já abafados, deante dos rumores revoltados da propria consciencia nacional, que não se abafam nem com leis, nem com decretos? (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 1).

O radicalismo do discurso de Lacerda foi suavizado por outro texto publicado no mesmo número e mesma página do jornal (!), de autoria do Chefe Provincial.⁸⁹ A presença desse texto, em certa medida contradizendo o primeiro, é a primeira demonstração da existência de certa tensão entre o afoitamento dos jovens radicais, dirigentes do jornal, e as posições comumente comedidas de Vieira de Alencar.⁹⁰ Trata-se dos primeiros embates típicos da fase do “enraizamento político” dos fascismos, na qual surge a necessidade interna de suavizar discursos ou abafar militantes radicais, no intuito último do resultado político

⁸⁸ Nos textos de Lacerda é comum a utilização de três asteriscos para indicar quebras temáticas. No texto inaugural, embora não haja a indicação do autor, está presente essa marca tipográfica distintiva.

⁸⁹ Antes do ‘debate’ no *A Razão*, Lacerda já ventilava sua ojeriza à Lei de Segurança nas sessões realizadas na Sede Provincial. Em 23 de abril, na sessão em comemoração ao primeiro desfile integralista, quando lhe foi passada a palavra, não perdeu tempo: “É nesta hora trágica da nossa Pátria, deste nosso pobre Brasil, onde com leis de segurança, cadeia e exílio, todos mandam e ninguém obedece, eu me conforto, quando no meio dessa anarquia, eu vejo ainda uma cousa, que sem leis de segurança e sem cadeias, um só manda e todos sabem obedecer!” (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 3).

⁹⁰ Não há elementos significativos na documentação aqui trabalhada que sugira concretamente a existência de um “cisma” no interior da Província, para além desses pequenos embates. As únicas referências são (1) uma nota crítica à imprensa de Curitiba, que teria “[inventado] uma scisão no Integralismo do Paraná!”; (2) a menção em uma circular da Chefia Nacional aos Chefes Provinciais, desmentindo a existência de uma “crise interna do Integralismo no Paraná”, veiculada por periódicos “inimigos” (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 2 e *Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 4, respectivamente); e (3) uma suspeita entrevista do secretário da ANL/PR ao “Diário da Noite” de São Paulo (*Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 6). Reforçamos que o que se sugere aqui é uma **tensão** entre as posições do velho líder e a nova geração.

concreto (PAXTON, 2007). Vieira de Alencar cumpriu muito bem esse papel no período aqui analisado, haja vista a summa obediência às suas ordens em diversas ocasiões em que os jovens estiveram a um passo da radicalização.

Alencar, depois de explicar detalhadamente as implicações da Lei para a Província, tentou apagar o fogo ateadado por Lacerda na matéria de abertura do jornal:

Devemos agradecer ao governo, a atenção especial que nos dispensou, visando-nos particularmente no art. 47 da lei de segurança. Isso é a melhor demonstração força e eficiência. É o reconhecimento de nosso poder. Tranquilisem-se, pois, os integralistas do Paraná. Nosso movimento está amparado pela própria lei de segurança. Nenhuma força poderá detel-o. Para a frente, sempre para a frente! (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 6).

As admoestações de Vieira de Alencar não surtiram muito efeito. Lacerda insistiu no tema em outros discursos verbais e textuais, demonstrando sua linha de combate menos condescendente com o *status quo*. Assim, no nº 2, ao descrever uma concentração integralista em Rio Negro, o jovem militante lamentou o fato de que

[...] pela primeira vez não soaram os tambores e os clarins, porque a Lei de Segurança tem uma ogeriza a esses ruídos... Mas cada integralista cadenciava o seu passo com o rythmo do coração, este tambor formidável que nenhuma lei póde abafar. A Bandeira Nacional e a do Sigma tremulavam na frente batidas pela brisa... E quantos perguntavam: “Porque é que os integralistas gostam tanto da Bandeira do Brasil?” Os nossos inimigos que julgavam que uma lei poderia abafar o clamor rebelde da consciência de uma raça, estavam pálidos. E enquanto echoava o rumor dos passos dos integralistas, dentro de um armario, emudecidos e tristes, jaziam os tambores e os clarins... Vendo-os assim, abandonados, enquanto lá fora se levantava o rumor empolgante da passeata cívica dos camisas-verdes, não pudemos deixar de concluir, que a tal Lei de Segurança surgio somente para os nossos pobres tambores e clarins... (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 1).

Com efeito, essa será a uma das características principais do periódico: longe de se calar diante das arbitrariedades praticadas contra a AIB, o *A Razão* será o porta-voz da revolta dos integralistas contra os delegados, prefeitos e Governadores de Estado (especialmente o Governador de Santa Catarina, Nereu Ramos).⁹¹ Quando a censura pesou sobre o jornal em fins de 1935, Lacerda fechou suas portas.

⁹¹ Os integralistas do Paraná acompanhavam de perto as atividades da AIB em Santa Catarina, de forma que o *A Razão* trouxe em quase todos os seus números informações sobre o Movimento nos principais municípios do estado. Quando a repressão recaiu sobre os camisas-verdes catarinenses, o jornal paranaense tomou suas dores e Jorge Lacerda lançou diversos ataques contra Nereu Ramos (ironicamente o homem que morreria ao seu lado no acidente de avião que tirou suas vidas em 1958).

De qualquer forma, o *A Razão* nos permite acompanhar a trajetória da AIB naquele ano (entre maio e novembro), seus avanços, percalços, o cotidiano do Movimento e, sobretudo, a ideologia.⁹²

2.4 A IDEOLOGIA INTEGRALISTA NO *A RAZÃO*

O *A Razão* começou sua história recebendo comentários significativos de outros periódicos (a maioria deles com expressa positividade): *Gazeta do Povo*, *Diário dos Campos* (de Ponta Grossa), *O Dia*, *Der Kompass* (jornal franciscano teuto-brasileiro) e *A Notícia* (de Joinville). Os elogios, em geral, circulavam ao redor de um caldo comum de cultura política, baseado no nacionalismo e no combate às antíteses do movimento (sobretudo o comunismo). Uma análise qualitativa dos textos do *A Razão* podem nos indicar porque um jornal estritamente de “Doutrina e Propaganda” integralista (diferentemente do *A Offensiva*, que trazia até coluna de esportes) conseguia agradar pessoas de diferentes posições sociais e políticas no Paraná.

Um resumo popular da ideologia que os militantes liam no *A Razão* aparece em um sucinto texto do nº 3, destinado “Ao Operário” e intitulado “O que o integralismo combate”.

1.º - Todos os partidos políticos, que dividem o Brasil em grupos de homens que só querem o interesse do seu partido, esquecendo-se dos interesses da Patria. 2.º - A grande burguesia gosadora e materialista, despreocupada também dos destinos do Brasil e dos seus direitos. É a grande aliada desses partidos políticos. 3.º - O capitalismo judaico internacional, que escravisa o Brasil por intermédio dos juros dos empréstimos federais, estaduais, e municipais e ainda por intermédio dos dividendos e juros de muitas empresas particulares. A situação do Brasil é tão miserável, que nem pôde saldar sequer o juros de suas dividas! 4.º O comunismo, que quer o homem sem religião, sem Patria e sem familia. Os integralistas combatem o comunismo, operarios brasileiros, porque ele é inimigo da Nação brasileira, da tua família e da tua religião, sejas tu protestante, espirita ou catholico. O comunismo chega ao ponto de negar a existencia de Deus e pretende destruir aquellas tradições. 5.º Toda espécie de parasitas da Nação e do Trabalho [...] (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 5).

Além de tais ‘combates’, costumeiros em vários números, o jornal apresentava sessões de doutrinação explícita: textos da tríade doutrinária da AIB (Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale) e artigos de doutrinadores locais (como Jorge Lacerda, Rocha Loures ou de autores anônimos). Além disso, uma seção intitulada *Estudos Integralistas* buscava trazer em

⁹² Há referências sobre o início de uma segunda fase do *A Razão*, no período da clandestinidade em julho de 1936. Contudo, nenhum exemplar dessa fase foi encontrado nos arquivos (*Anauê!*, n. 11, 07/1936, p. 23). Além do *O Integralista* e o *A Razão*, circularam no Paraná outras 4 folhas do Movimento: *Brasilidade e Folha do Oeste*, de Guarapuava; *Brasil Novo*, de Ponta Grossa; *O Legionário* e *A Voz do Sigma*, periódicos de Castro e Curitiba, respectivamente, que surgiram somente em 1937 (*Monitor Integralista*, n. 22, 07/10/1936, p. 10).

linguagem simples, aspectos cruciais e práticos do futuro Estado Integral, na forma de perguntas e respostas. Sobre a função dos sindicatos, a referida sessão veiculou:

O SYNDICATO é uma das células do organismo nacional e tem, em particular, as mesmas características da Nação: é um órgão de finalidade ethnica, politica, econômica e culturaes. Como tal, não é apenas uma força posta a serviço de interesses imediatos e uma sociedade civil de resistencia na lucta social. O sindicato, no Estado Integral, é um órgão de direito publico, sob imediata fiscalização e protecção do Estado, o qual – sob o ponto de vista economico – é a Federação dos sindicatos e das corporações. É através dos sindicatos que se realiza a representação economica. Na Nação integralizada, não ha lugar para os partidos politicos, cuja missão está então finda. Os partidos politicos hoje existentes não são mais do que organizações de caracter economico, disfarçadas sob um rotulo politico. – O INTEGRALISMO É A REALIZAÇÃO DA DEMOCRACIA SOCIAL (A Razão, n. 9, 28/06/1935, p. 5).

Na mesma seção, sobre a questão da luta de classes, em 12 de julho de 1935, podemos ler:

Num Estado em que os trabalhadores têm todas as garantias e todos os meios de defender os seus direitos, a lucta de classes é phenomeno mórbido. Ella só se compreende no Estado liberal indifferente ás questões sociaes. O Integralismo estabelece uma Magistratura especial para as questões do Trabalho. Os juizes devem resolver as pendencias dos grupos, assim como hoje resolvem as questões surgidas entre os individuos, pois ninguem póde fazer justiça pelas proprias mãos: a greve e o “lock-out” só se justificam ante a indifferença systematica do Estado Liberal Democratico (A Razão, n. 11, 12/07/1935, p. 4).

Assim se sucederam, em diversos números, as perguntas e respostas, sempre apregoando os princípios do Estado corporativo intervencionista e denunciando a ineficácia do Estado liberal.

A partir do nº 11, o jornal passou a publicar um longo estudo de História, realizado pelo professor Nilo Brandão, à época professor do Ginásio Paranaense, intitulado *O sentido da Revolução Integralista*. No ‘estudo’, Brandão fez um resgate histórico percorrendo da ‘Antiguidade Clássica ao Integralismo’, com a finalidade de demonstrar o lugar do Movimento de Plínio Salgado no devir humano. Na realidade, os textos são um amontoado de deturpações e anacronismos, em que Nilo Brandão contrapõe, por exemplo, um Platão e um Licurgo comunistas a um Aristóteles inspirador do Estado fascista e harmonizador das diferenças sociais. Platão inspirou “Rousseau e o seu bucolismo ingénuo”, o “regresso ao individualismo radical” que “negava a utilidade da organização social e condenava a civilização”:

Nada vale pra êle o ter o homem evoluído do escuro abrigo das cavernas e das cabanas formadas de folhagens, para os palacios de hoje e para a magnificencias e esplendores da sociedade atual. Que de penas e aflições, que de trabalho e de sofrimentos empregaram os nossos antepassados para nos legar tão brilhante civilização. E Rousseuau queria voltar ao primitivismo! (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 5).

Em Esparta, conforme Brandão, “Licurgo [...] transformou [...] completamente, a ordem económica, estabelecendo o regime comunista em bases sólidas”. Depois de ‘encaixar’ o regime do líder espartano no seu modelo de comunismo, o professor explicou seu insucesso: “Sem interesses próprios a defender, os espartanos perderam o incentivo. Não lograram atingir a felicidade almejada. A coexistência social tornou patente a desigualdade que lá no fundo de cada um já existia em potência”; o resultado foi o despertar espartano para “a cubiça”, então, “rompeu-se o equilibrio com sanguinosas lutas intestinas, dando lugar a desigualdades ainda mais violentas do que antes”. Por fim, “desmoronou se [...] toda a Grécia, infeccionada pela moléstia oriunda de Esparta e que se havia propagado por todo o país” (*A Razão*, n. 16, 15/081935, p. 4).

As adaptações do passado à luz do ‘fórceps’ do Integralismo são a marca de toda a série de artigos de Brandão. Até mesmo para o renomado educador, a “lógica da ideia” (ARENDR, 1989) integralista era inescapável, na medida em que reformulou o passado num festival de anacronismos. Com efeito, Brandão procurou o comunismo em todas as etapas da história: transformou estóicos em “comunistas, anarquistas e internacionalistas” numa Roma invadida pelo “sonho social comunista” e encontrou um Tomás de Aquino ferrenho combatente do ‘credo vermelho’.

Ao observarmos o jornal como um todo, percebemos que as ênfases em um ou outro aspecto da doutrina variarão ao longo da sua história, reflexo das transformações ocorridas no plano nacional, estadual (sobretudo no aspecto político) e na própria trajetória da AIB. Antes do fechamento da ANL há uma constante preocupação em atacar o comunismo, enquanto ideologia, ou a própria ANL, tida como representante imediata de Stálin. Prevalecem nesse período os textos antimaterialistas, que ressaltam a necessidade do homem abandonar as “ideologias do estômago” e se entregar ao primado do espírito. A partir de julho de 1935, data do fechamento da ANL, paulatinamente o comunismo deixa o centro dos textos doutrinários. Os inimigos diretos agora, ‘emissários’ do materialismo, são os maçons e os judeus. Por fim, os últimos números do *A Razão*, representam sua fase ‘agonizante’: apresentam muito mais o combate momentâneo das forças políticas estaduais “liberalóides” contra os camisas-verdes.

Vejam agora, em mais detalhes, alguns textos e características dos principais componentes ideológicos integralistas apresentados pelo *A Razão*. Antes, um adendo: embora possam ser compreendidos como elementos do universo ideológico do Integralismo, o nacionalismo e o antissemitismo receberão neste trabalho um tratamento diferenciado, por entendermos que se tratam muito mais elementos de *sociabilidade de ressentimento e ódio*. No caso do nacionalismo, trabalharemos neste capítulo com os *temas* articulados pelo discurso nacionalista do *A Razão*, para, no Capítulo V (subitem 5.2), trabalharmos com a instrumentalização do nacionalismo através do ressentimento. Já os textos considerados explicitamente antissemitas serão trabalhados no Capítulo V, como parte integrante das análises sobre o sentimento de ódio compartilhado no interior do Movimento.

2.4.1 O ANTIMATERIALISMO: ANTICOMUNISMO E ANTLIBERALISMO

“No silencio soturno das noites brasileiras; noites negras, de angustias e anseios crueis, sempre quando retorno á casa para repousar, acompanham-me duas figuras, que, lado a lado, andam commigo... [...] Uma das sombras, a mais velha e alquebrada, chamo-a: liberal-democracia! [...] vejo a segunda sombra, a mais jovem, contaminada pelos vícios e instinctos hediondos, Intitulo-a: communismo! Sinto-a tambem – como a outra, como o seu fructo – tão pequenina e misera, diante dos olhos, e fastada das superiores finalidades humanas!” (A Razão, n. 14, 05/08/1935, p. 2).

Oscar Witt

Invariavelmente, as matérias anticomunistas do *A Razão* trazem a crítica superior ao materialismo, colocando liberalismo e comunismo num mesmo plano. Poucas ou pequenas são as matérias somente antiliberais. De acordo com Araújo (1988), liberalismo e comunismo eram, na concepção pliniana, frutos do apego ao materialismo e da ausência de elevação de espírito e moral. “A REVOLUÇÃO Integralista”, dizia o jornal em nota chamativa de topo de página, “é a Revolução do Espirito contra a Revolução da Materia, manejada pelo communismo judaico sem alma” (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 6).

O comunismo era, portanto, a “última phase” do “estado materialista”, derivação do liberalismo desenfreado: o Estado de tipo soviético seria último grande capitalista (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 2). Em outras palavras “A marcha do Capital, dentro das prerrogativas que lhe concedeu o Estado Liberal, modelou o estado bolchevista – o supercapitalismo”, segundo o militante paranaense Oscar Witt (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 4).

Provavelmente pelas ruas, cafés ou mesmo ‘infiltrados’ em reuniões da ANL (fato comum de ambos os lados quando as reuniões eram abertas), os integralistas de Curitiba ouviram a máxima: “Deus, Patria e Família, já os possuiis, o que necessitades é de pão e trabalho”. Ao retrucar, por meio de um artigo no *A Razão*, o autor anônimo afirmou, em excerto já citado:

Óra, que colossal absurdo! Justamente o contrario, pão e trabalho existem em abundancia por toda a parte, e si não os tendes, ide pedir contas áquelles que vós repudiaram, porque acima de todos os bens humanos, collocaram o “estomago”. É o estado materialista do século, cujos efeitos aterradores vindes sentindo, e do qual sabeis qual a última phase: o COMMUNISMO! [...] Pão e trabalho há-os para todos. O que se torna preciso é que os communistas e liberaes democratas elevem o seu espirito a um plano superior, onde a vida se mistura com a eternidade [...] (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 2, grifo nosso).

Essa explicação do comunismo inserida na crítica materialista é mais elaborada, adentrando ao nível da doutrina pliniana (que, obviamente, só faz sentido em seus termos). Contudo, o grosso do anticomunismo no *A Razão* é o de tipo “primário”, como o intitulou Trindade (1989), composto por imagens detratórias, desprovidas propositadamente de qualquer suporte empírico. Por conseguinte, a análise do que chamamos de ‘anticomunismo expiatório’ foi deslocada para o estudo do ódio fascista, no Capítulo V.

A crítica antiliberal integralista no *A Razão*, por sua vez, encontra um pouco mais sua razão de ser fora do universo lógico integralista. Em muitos excertos essa crítica se assemelha à própria crítica da esquerda marxista, porém o divisor axiomático entre elas é, sem dúvida, o combate paranoico do Integralismo contra o materialismo.

O Liberalismo foi invariavelmente apontado como um sistema falido em sua própria origem, inadaptável à sociedade tupiniquim e causa dos males nacionais. Problemas econômicos, como a desvalorização da moeda nacional, aparecem, frequentemente, após interrogativas do tipo: “Para onde nos levas oh miseravel Liberal Democracia?” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 3).

Na visão integralista, isso era uma “insofismavel verdade brasileira”. Essa assertiva figurou num interessante artigo do nº 5, intitulado “Bifurcação”. Nele, o autor não teve medo de posicionar a AIB entre as categorizações esquerda e direita (até porque o Movimento combatia também a direita liberal tradicional, estando ele ‘à direita da direita’). Segundo o artigo, em virtude da impossibilidade de

continuação desse regime falido [...] a bifurcação se nos apresenta inexoravel, exigindo de cada um de nós um raciocinio e um desprendimento capaz, ao

enveredarmos para a Direita, com DEUS, PRATRIA E FAMILIA, ou para a Esquerda com TERROR, VIOLENCIA E MATERIALISMO (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 2).

Um redator anônimo ficou furioso quando o deputado estadual Frederico Faria de Oliveira (do PSD) alocou Integralismo e ANL no mesmo patamar, “metidos” em uma “porfia”: “[...] nada disso corresponde ao genio do povo brasileiro, naturalmente liberal”, apontou Oliveira (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1). O *A Razão* retrucou:

Os Integralistas não querem mal ao sr. Frederico Faria de Oliveira, que vive a namorar a Doutrina do Sigma. Pena é que elle se casou há tanto tempo com essa velha rabugenta que se chama liberal-democracia. Tanto é assim, que o sr. Frederico tem dito que está de acôrdo com a doutrina integralista menos no que diz respeito ao combate á inefável liberal-democracia, de coração tão branco... Coisas interessantes! A essência desse “regime ideal” é fugir da logica e jogar os pobres mortaes para o inferno das confusões. E no entanto, o sr. Frederico já chegou a escrever que a philosophia integralista apresenta aspectos muitos frageis [...]. O liberal-democrata faz questão de ignorar o pensamento philophico ou o reino dos fins. Gosta de viver por conta do atôa (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1, grifo nosso).

Segundo Arendt, a ideologia se constitui totalitariamente em virtude de três elementos: 1) explicação total da história corrente (o “movimento”): passado, presente e previsão infalível do futuro (como vimos em Nilo Brandão); 2) emancipação em relação à realidade e à experiência, na defesa de uma “realidade ‘mais verdadeira’”; 3) método coerente, portanto, inexistente na realidade, de demonstração dos fatos a partir de um axioma: aversão a toda e qualquer contradição (1989, p. 522-524). Esse último ponto está expresso de forma muito clara na crítica ao liberalismo: “A essência desse ‘regime ideal’ é fugir da logica e jogar os pobres mortaes para o inferno das confusões.”⁹³

Contrariando a ideia da “índole liberal” do povo brasileiro, proposta por Frederico Faria, o redator sobrepôs a da “índole belicosa”, já que a “essência [do] demoliberalismo⁹⁴ é a covardia”, em sua opinião:

Tem mêdo da luta. Arrepiam-se quando se lhe depara um pouco de tragedia, que é o fundamento das grandes vidas. Mas o povo brasileiro, estão todos elles muito enganados, sempre gostou dos “encontros”, quando gritasse o seu profundo sentimento de honra (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1).

⁹³ Essa reflexão nos permite pensar inclusive no nome do periódico: “*A Razão*”. Além de uma homenagem ao primeiro jornal proto-integralista de Salgado, o sentido atribuído a essa **razão** é o de **lógica**: a lógica interna, racionalizada e inescapável de uma ideia, que uma vez posta em funcionamento se assemelha a um labirinto sem portas, cujas possibilidades são predeterminadas pelo seu construtor.

⁹⁴ Provavelmente, o uso da palavra composta “demoliberalismo” tinha o intuito de satanizar o conceito, ao contrário do termo “liberal-democracia”.

Os “encontros”, obviamente, não significavam debates na arena política, mas sim as guerras:

Encontros no drama da conquista. Encontros na reacção nativista. Encontros nas guerras dos judeus-holandeses, ingleses, franceses. Encontros na Guerra de Independencia. Encontros em Montevideu e Buenos Aires. Encontros no Paraguay que cimentou para sempre a integridade da Patria. Encontros nas mashorcas da Republica, mediante as quaes um povo fazia ecoar os seus gemidos. Encontros, nos dias tremendos que estamos vivendo, contra o capitalismo judaico-internacional, aliado do communismo sovietico, que se disfarça em aliança Nacional Libertadora, para tramar contra a Patria Brasileira, com o paio expresso ou tácito de burgueses, que afogaremos no nosso sangue que se derramará num drama formidavel, pela conquista da nossa plena emancipação (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1).

Em outro excerto, o militante Oscar Witt refletiu sobre os avanços do mundo materialista no pós-Revolução Industrial. Nele, figuram claramente a crítica marxista ao Estado Liberal e a apropriação dos meios de produção. Contudo, a resposta para o problema do Capital era obviamente outra:

A machina, que deveria trazer o conforto ao seio dos homens, sufocou-lhes apenas o espirito e acordou-lhes o instincto. Hoje o mundo é transformado num imenso teatro, onde a massa inteira encena um drama torpe e avassalador [...] No Estado liberal o individuo subtrahiu a machina ao controle do Estado e, accumulando a renda do seu produto, realizou o *Capital*. Esta, com o decorrer do tempo, tornou-se uma enorme força economica á serviço do individuo, pela qual declarou guerra á força social e legislativa do Estado e venceu-a, tornado o estado, pusilanime e fraco. Era a primeira conquista do capital porém o seu poder absorvente não terminou ahi: vae além a sua ignominia, pesando sobre a cabeça dos povos. Veem os trusts, os carteis, os açambarcamentos, os monopolios e cada vez mais aumenta a força do Capital (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 4).

Nesse ponto, o autor fez uma proposital pausa, para não ser confundido com o ‘inimigo’ e esclareceu:

Necessito [...] fazer um parentheses [sic], e lembrar, antes de prosseguir, que em absoluto não me manifesto contra o capital nas mãos de indivíduos, uma vez que sob o controle justo e preciso do Estado. Elle é mesmo uma necessidade decorrente da vida econômica (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 4).

Depois de apresentar a teoria do comunismo como o “supercapitalismo”, Witt, aproximando-se de Lenin, postulou que o Capital gerou um inimigo muito mais avassalador que o comunismo: o “imperialismo”, ou “capitalismo internacional”, cuja finalidade seria “sorrer todas as industrias e produções [...] do mundo inteiro”. O pior dos futuros possíveis não seria, portanto, o mundo comunista, mas antes a situação de termos “num mesmo ponto do mundo [...] um só órgão que absorvesse toda a economia, todas as rendas e produções dos

homens sobre a terra”; isso “marcaria [...] a ultima phase do capitalismo” quando “os homens seriam todos transformados em automatós fantoches” (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 4).

2.4.2 OS MÚLTIPLOS NACIONALISMOS

Uma curiosa matéria, intitulada “Inacreditável”, no número 2 do *A Razão*, chama-nos a atenção por envolver um ilustre historiador do século XX. Os redatores do jornal se mostraram indignados pela contratação de um professor francês para ministrar aulas de História do Brasil na Universidade de São Paulo: Fernand Paul Achille Braudel. A reboque, o autor do texto comentou a chegada de um “americano-judeu” (Horácio Davis) para “ensinar *Bolcheviquismo*”, no curso de Sociologia da USP; a matéria conclui:

Ah! Povo desgraçado e decadente, quando buscarás em tuas próprias energias o remédio que te fará forte e sadio [...]. Mas, si vem um sabio estrangeiro falar em francês de nossa história passada; um homem, ou melhor um super-homem, um caboclo gritou na amplidão da mataria brasileira, o esplêndor da nossa historia futura (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 4).

A princípio, para os integralistas, o problema não era o fato de Braudel ser francês, a questão era: sendo ele francês, como ensinaria História do Brasil? Esse nacionalismo exclusivista (do tipo ‘o Brasil para os brasileiros’) está amplamente presente no discurso do jornal, mas se ramifica em uma tripla faceta: lírica/telúrica (ou de exaltação e afirmação das raízes e valores nacionais, cujos expoentes são Antonio Alceu de Araújo e Jorge Lacerda), econômica (em combate ao “liberalismo usurpador”) e econômica-antisemita (em combate ao “judeu usurpador”)⁹⁵.

É patente que a AIB rechaçava qualquer adjetivação desse tipo em seu nacionalismo, dito “substancial, orgânico, que [condiciona] até a estrutura íntima da vida brasileira”.⁹⁶

⁹⁵ Esse último tipo de nacionalismo combativo será trabalho no subitem que trata do ódio antissemita, no Capítulo V.

⁹⁶ “[...] nós, brasileiros, só seremos verdadeiramente *humanos*, como povo, como colectividade, quando formos profundamente *brasileiros*. Está se vendo que não se trata de nacionalismo lyrico e exterior, não, Nem de patriotadas puramente formaes, que isso seria pueril. [...] Quando formos tão nitidamente brasileiros, como, por exemplo, os franceses são franceses e os ingleses são ingleses, e isso sem intenção, ahi seremos tão humanos como esses povos [...]” (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 4).

Ainda assim, a divisão é válida, na medida em que tais facetas aparecem claramente delimitadas em autores e textos – não raramente sobrepostas.

O primeiro tipo de nacionalismo, “a fantasmagoria autonomística” cultural, nos termos de Vasconcellos, aparece no *A Razão*, inicialmente, sob sua forma primordial: como fruto das reflexões de Plínio Salgado sobre a geografia nacional e a ambivalência, nela presente, entre sertão e litoral. Em artigo do historiador e jornalista curitibano, Ernani Silva Bruno⁹⁷, o litoral aparece como um ambiente passivo e violado pelo estrangeirismo, amorfo e

dissolvido na configuração geral dos aspectos exteriores da civilização. Talvez pretendendo, no equívoco da sua posição passiva, se tornar universal pela abstração da própria personalidade, num universalismo teórico e artificial, sem raízes nas realidades cósmicas. Permanecendo como trecho de humanidade indefinido. Nem estabilidade moral tem (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 4).

A epígrafe do texto de Silva Bruno, retirada do livro de Plínio *O Estrangeiro*, informa-nos o sentido do seu nacionalismo: “e apesar de todas as luzes de uma civilização cosmopolita, o Boitatá accende o seu fogo no sertão...”. Esse sertão foi descrito como um impenetrável lugar, que modelou “suas formulas sociaes á margem da cultura importada do estrangeiro”:

Esse sim. É a das populações que não sentem nada dessas influencias do nivelamento internacional. Das populações que evoluíram muito espontaneamente, com simplicidade e humanidade, bebendo na Terra todos os seus elementos de formação e desenvolvimento. Das populações das villas, dos arrieaes, das fazendas, dos sitios, do matto, nos seus clans primitivos [...] (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 4).

O dilema das duas civilizações convivendo, impenetráveis e opostas, era fulcral para o autor. Sua não resolução figurava como um problema para os integralistas, em virtude do tipo específico de nacionalismo pregado pelo movimento: um ‘monstro totalitário’, penetrante em todas as esferas da estrutura social, travestido de adaptação às idiosincrasias nacionais:

Nacionalismo para nós, é todo um programma de reajustamento da nossa estrutura social em face de nossas realidades mesológicas, e de reajustamento da nossa estrutura política em face de nossas realidades sociaes. É todo o processo de criação de uma civilização brasileira no duro mesmo. De uma cultura brasileira. De um pensamento brasileiro. De uma arte brasileira. De uma literatura brasileira, De não sei o que mais, brasileiro. É todo um processo de compreensão entre o littoral e os sertões, entre a luz electrica e o fogo do Boitatá. É principalmente o processo pelo qual as realidades profundas da Terra e da Gente, na sua parte caracteristica, inspiram e condicionam as nossas formulas politicas e juridicas. É preciso não ter medo de ficar diferente dos “povos civilizados” (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 4).

⁹⁷ Silva Bruno era colaborador do *A Offensiva* e trabalhava no Departamento de Estudos da Província de São Paulo.

A conclusão de Silva Bruno é a completa inadaptabilidade dos modelos políticos advindos da Ilustração para a formação sócio-geográfica específica do Brasil: a ineficiência do voto universal, em virtude da formação de parentelas submetidas ao coronelismo (chamadas pelo autor de “clãs”), é uma decorrência dessa inadequação estrutural. Daí, a formação histórica das formas bizarras da política democrática no Brasil.

O sufrágio universal promiscuo, das democracias de typo liberal como a nossa, póde ter sido adaptavel a povos de formação economica estavel e equilibrada, de formação social particularista, de formação cultural homogenea. Ora, em nosso paiz, devido a contingencias de colonização, de meio physico, etc., se fundou o latifúndio e as populações ruraes se nuclearam em clans. Essa estrutura social não supporta uma applicação legitima do voto universal e do liberalismo. O sufrágio fica falseado, os partidos e as instituições se deformam e perdem seu significado. E apparecem, por cima de tudo, o personalismo e o caudilhismo, como marcas de realidade varando o corpo débil das theorias. Portanto, nacionalismo tal como o entende o integralismo, é consciencia de realidades nacionaes, e influxo dessa consciencia sobre a vida politica e a civilização geral do paiz (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 4).

O nacionalismo de tipo econômico figura de múltiplas e interessantes formas no *A Razão*. Uma das mais curiosas é o anúncio das marcas de farinha que usavam “trigo nacional” – recorrente em todos os números:

Ilustração 11 – Recorte do *A Razão* com o anúncio de farinhas que utilizavam trigo nacional



Fonte: *A Razão*, n. 1, Curitiba, 01/05/1935, p. 3.

Tal viés do nacionalismo também se apresentou de forma mais agressiva, na medida em que expôs claramente as características da “fantasmagoria autonomística” econômica, além da utopia de inserir altas doses de moralização e desmaterialização nas relações econômicas.

O Integralismo não pretende, como estes [comunistas e anarquistas], em nome da questão econômica, criar o homem TERMITA, o homem gregário, que vive só em função do estomago. Não confunde Patria Explorada com capitalismo explorador, que tem nas mãos o poder de centralizar toda a produção do orbe, transformando o trabalho em mercadoria. O Integralismo quer e pode emancipar a Patria dos tentáculos desse polvo de Londres e Wall Street, chamando para o Estado Corporativo o controle, o poder centralizador e harmonico que deve presidir as relações de trabalho e produção, fazendo do primeiro o sujeito do segundo, sem destruir a iniciativa individual, que já não é nociva desde que se coloca debaixo dos interesses superiores da nação (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 2).

A agressividade contra o “estrangeiro usurpador” aparece em vários números, mas tomou contornos enérgicos mediante uma reportagem publicada no jornal britânico *Financial News*. O texto escandalizou o redator do *A Razão*, que em tons xenófobos escreveu um artigo intitulado “O Brasil Mandado Por Estrangeiros!”:

Depois de se dizer amigo do Brasil, mette o seu rubicundo nariz britannico nas nossas cousas, dizendo, com a maior naturalidade deste mundo, o seguinte: “Para melhorar a administração do Brasil só ha, na minha opinião, um meio: reorganização total dos negocios governamentaes. Essa reorganização *não pode ser efectuada, no começo, pelos proprios brasileiros*. Como latinos, os brasileiros são extremamente inteligentes e logicos, mas falta-lhes o conhecimento e a experiencia de um bom governo. [...] Semelhante operação *só pode ser executada por estrangeiros* que tenham adquirido no decurso dos séculos um nível administrativo mais elevado do que o dos brasileiros. [...] Oh Brasileiros que ainda tendes brio e dignidade! Lêde mais uma vez, o que acabastes de lêr! Parece mentira! Ainda somos considerados incompetentes e inexperientes para dirigir a nossa propria casa! Os Inglezes se riem de nós! Eles têm razão... A miseravel Liberal Democracia não tem gente para governar o Paiz! Mas esperem! Quando em breve o Integralismo tomar conta do poder, a Inglaterra verá, si temos ou não temos brasileiros para dirigir e governar o Brasil! Não é preciso esperar muito tempo! (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 2)

2.4.3 A IDENTIFICAÇÃO COM OS FASCISMOS

Embora recusassem, com certa justeza, serem chamados de “servos de Berlim ou Roma”, no *A Razão*, assim como no *A Offensiva*, os integralistas expuseram sua vibração com o avanço dos fascismos ao redor do mundo. Ao mesmo tempo em que Salgado tentava

demarcar a distância por meio de alguns artigos⁹⁸, para alguns jornalistas do Movimento, não havia muitos problemas em se empregar o termo “fascismo” para se referir à AIB. Em artigo denominado “Tres Estados”, o *A Razão* sintetizou em três correntes filosóficas o panorama ideológico mundial, indicando, ao final o tipo de Estado ao qual se identificava:

Essas três correntes são: a *individualista*, que originou o Estado Liberal; a dos interesses *raciais-judaicos*, que fez nascer o Estado Bolchevista; e a ultima, a unica que póde restabelecer a paz e a concordia no seio dos homens, possui o *sentido heroico*, do amor ao proximo, da honra e do dever, e deu origem ao Estado Collectivista ou Fascista (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 3).

Em seguida, o autor teceu algumas considerações sobre os três tipos de Estado, respectivamente; no entanto, no momento de aludir ao Estado Fascista, o denominou sem hesitar de “*Estado Integral*” (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 3).

Claramente, os jornalistas militantes se sentiam integrantes de uma mesma linhagem de movimentos políticos e não temiam ventilar publicamente esse fato em diversos números do periódico:

Duas correntes estão se transformando na forja da dor e da miséria que atormentam as raças. As formas da liberal-democracia são incompletas e doentias para o espirito humano que aspira a liberdade. E duas formas antagonicas se apresentam diante do sentimento humano: - Ou Roma, ou Moscou! A humanidade está afflictica diante desde dilemma: - Ou o fascismo, ou o bolchevismo russo. Com este, cavarão a sua propria ruina. Com aquelle, a gloria e a vida das nações civilizadas (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 2).

Até mesmo os pouco conhecidos fascistas holandeses de Anton Adriaan Mussert foram lembrados pelo jornal positivamente. Aqui o pertencimento fascista se torna aberto: o redator chega a reconhecer que os diferentes fascismos se originam de um tronco comum e que se apropriam das especificidades culturais locais para criar sua simbologia e ritualística.

Hu Zee! A saudação dos fascistas da Hollanda
O movimento nacionalista vem surgindo em todos os países do mundo. A hollanda tambem se levantou á voz de Mussert, o grande chefe do Partido Nacional Socialista dos Paizes Baixos. Nas ultimas eleições, obtiveram 20% dos votos, o que constitue uma victoria. Lá os nacionalistas não podem usar seu uniforme na rua. A sua saudação consiste em levantar o braço, exclamando *Hu Zee! Hu Zee* é a antiga exclamação de estímulo e de incitamento dos marinheiros holandezes: - *Hu Zee!* –

⁹⁸ Às vezes Salgado tropeçava no seu próprio ardil, quando tentava explicar as diferenças entre Fascismo, Nazismo e Integralismo. Em entrevista publicada no nº 13 do *A Razão*, o Chefe Nacional frisou: “o Integralismo é completamente diferente do Fascismo e do Hitlerismo, porque a nossa missão é muito maior. Na Italia e na Allemanha existia anteriormente o ‘espirito nacional consciente’, existia uma Nação. No Brasil nada disso existia” (*A Razão*, n. 13. 30/07/1935, p. 3). Em outras palavras, Plínio afirmou que o trabalho fascista seria o **mesmo**, porém, no Brasil teria uma proporção maior.

Aguenta o mar. Inspiraram-se nas suas tradições, assim como nós integralistas, que arrancamos a nossa saudação, do grito barbaro do glorioso indígena da terra selvagem do Brasil (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 2).

2.4.4 O MORALISMO CRISTÃO

O discurso moralista figurou no *A Razão*, amiúde, sob três formas: (1) em artigos e notícias do cotidiano de Curitiba, (2) em comentários contra a imoralidade praticada em outros países (obviamente, todos sob o regime democrático ou comunista) e (3) em comentários sobre livros que pregavam práticas consideradas imorais. Os principais adversários pecaminosos, naturalmente, eram o sexo das ruas, as jogatinas e o alcoolismo.

Jorge Lacerda se enfureceu quando em Curitiba foi aberto um cabaré batizado de “Brasil”; na própria edição inaugural do seu periódico, o fato foi alvo da crítica moralista, combinada com o ufanismo, ‘guardião dos símbolos nacionais’:

Não é novidade para ninguém que sabe lêr e escrever que o Brasil está mais do que desmoralizado no estrangeiro. Mas, o que poucos percebem, é que ele está também sendo desmoralizado aqui dentro... Compreende-se... O regimen permite que em Curityba haja um cabaret com o nome de Brasil. A Liberal Democracia acha que o Brasil é um nome commum... Mas nós integralistas achamos que Brasil, é um nome proprio, é o nome de uma grande nação, é o nome da nossa Patria e não o nome de um cabaret! (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 3).

O acadêmico Aldo Silva, no nº 3, teceu as mais ácidas críticas à ‘velha geração’, entretanto, lembrou-se de que a nova também foi criada “no vicio e sem a menor noção de que ao tempo passa e que a Patria dela dependera” (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 5). O pessimismo de Silva, em certa medida, se contradiz aos devaneios positivos de Lacerda sobre a nova geração que se levantaria, moralizada e pura:

[...] Ninguem se lembra que o produto desta falta de moral e de vergonha, há de ser muito peor. Que os moços de hoje, vendo os velhos, os experientes, encurvados, febris sobre o panno verde ou em orgias tremendas; vendo a destruição da harmonia do lar; vendo até respeitaveis senhoras nas mesas de jogo, escutando anciosas, o barulho das fichas, seguem-lhes o exemplo e com todo o ardor da mocidade, nessa imitação do mal, dão tudo que tem de vida e de energia. Quem são os responsaveis pela imoralidade atual e maior depravação futura? São os homens de ontem e de hoje, principalmente estes que crearam os cabarets officiaes e casas de tavolagem, esses antros de perdição e de libertinagem [...] (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 5).

Na matéria “Holywood”, o autor anônimo definiu a cidade do cinema como “um ponto negro que assignala uma fatalidade para aquelle povo” e prosseguiu:

Hollywood – a cidade dos risos hypocritas e dos beijos sexuais; dos sonhos, das desilusões e das fantasias, de cerebros mesquinhos. A cidade que ensina ao mundo como se profanam os lares e como se praticam actos de banditismo. Hollywood é a miragem do deserto, que ascena ao longe, mas que desaparece quando se pensa tel-a nas mãos; é a luz inebriante que attrahe os insectos, para depois queimal-os e destruí-os [...]. A arte, essa grande criação do espirito humano, foi por ella reduzida a um simples mostruario de pernas feminis e contorno sexuais [...] (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 4).

Em outro texto, o vice de Vieira de Alencar, Valle Sobrinho, censurou os “cinemas vehiculares das abjeções materialistas, das atitudes immoraes e das concepções provocadoras dos baixos instinctos, sob a aparência de arte” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 6). Na realidade, para o autor, o problema da falta de moral residia nas “concepções materialistas da vida”, que eram “em todas as suas modalidades, expressões”

ejaculadas em conferencias publicas e prelecções didacticas, sob falsos pretextos de “educação sexual, combate a moléstias venereas, artes plásticas, nós estheticos, etc.”, mas com o exclusivo objectivo de excitar a animalidade nos moços, ou lhes empanar o brilho da espiritualidade [...] (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 6).

Quanto ao terceiro tipo de publicação moralista (textos que defendiam posturas consideradas imorais e anticristãs), o exemplo mais esclarecedor é o comentário do militante Eloi da Cunha Costa contra o livro “Problemas de Nosso Tempo”, do jurista Hermes Lima, publicado em 1935. O defeito maior da obra, para Costa, era o capítulo que versava sobre o divórcio, no qual o autor “revela-se um divorcista de mão cheia”. Na verdade, Costa propôs que o artigo 144 da Constituição fosse alterado, de forma a permitir aos contraentes de núpcias que optassem pelo tipo de regime matrimonial a que gostariam de submeter o contrato – algo análogo ao sistema que vigora atualmente. Para rebater a ideia de Lima, primeiramente, Costa buscou o exemplo da França, onde já vigorava sistema semelhante e cujo resultado social era “a polygamia” e a “promiscuidade”. Em seguida, o militante se expressou, com direito à espasmos antisemitas, nos seguintes termos:

É falso pretender provar que a indissolubilidade do matrimonio é incompativel com as novas condições de vida, e que essa crise familiar inclusive o decréscimo da natalidade é oriunda da actual organização familiar. O mal não é da actual organização, mas daquilo que o snr. H. Lima chamou “deslocamento do centro de gravidade da vida familiar”, sendo este originado pela atracções da vida urbana, cinemas-teatros (e que eu denominaria atracções judaicas), a facilidade e abundancia de transportes,

a industrialização das comodidades e dos alimentos, em synthese o senso materialista da vida. Aqui reside a causa desta crise familiar, e ela está em função deste senso materialista de vida. Espiritualisemos os homens e teremos resolvido a questão, tenhamos uma nova concepção de vida e veremos o aumento da natalidade (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 2).

Essa luta discursiva contra o ‘pecado’ chegava a limites bizarros, que faziam a AIB se assemelhar, em certas ocasiões, a uma igreja cristã. A foto abaixo, veiculada no dia 20 de setembro de 1935, retrata a cerimônia de comemoração do 1º aniversário da Província do Paraná no Núcleo de Ponta Grossa:

Ilustração 12 – Sessão integralista em comemoração ao 1º aniversário da Província do Paraná (Ponta Grossa)



Fonte: *A Razão*, n. 21, 20/09/1935, p. 5.

O desgaste do jornal não nos permitiu compreendermos de imediato os dizeres da faixa, instalada sobre o sigma. Contudo, depois de feita a leitura com o auxílio da ampliação fotográfica digital nosso estranhamento diante da mensagem foi grande. Justamente quando a AIB comemorava o primeiro ano de uma bem sucedida implantação no Paraná, a mensagem principal do evento em Ponta Grossa foi “OS PRAZERES PREPARAM a MISÉRIA DO HOMEM!” (*A Razão*, n. 21, 20/09/1935, p. 5).

2.4.5 A NOVA GERAÇÃO E “O VELHO”

Outra temática constante nos discursos do *A Razão* é o combate ao “velho”, aos “carcomidos” caracteres e sujeitos que se apegavam às tradições, aos séculos passados,

sobretudo, ao século XVIII e seu corolário político, o XIX⁹⁹. Vários artigos abordam a luta entre as gerações, ao mesmo tempo em que colocam os camisas-verdes como instrumentos de uma “marcha inevitável” da nova geração: uma mocidade a quem “unicamente pertence, este século” (*A Razão*, n. 4, 24/03/1935, p. 3); eles seriam os representantes da única geração que ouviu, teleologicamente, “o conscio grito que partiu da Eternidade [...]” um “grito do novo século, para realizar a grande revolução da Idéa!” (*A Razão*, n. 4, 24/03/1935, p. 3).

Num artigo anônimo publicado no nº 1, sobre os “Mestres Que Envelhecem...”, podemos ler:

Há Mestres por este Brasil afóra, que olhando para o futuro, encanta-lhes o século do lampeão e da carreta puxada a bois... Nada de progresso de espirito... E o interessante é que se revoltam contra a Marcha do Seculo. Por isto, é que o Integralismo, que é a doutrina actual e que construirá a grande Civilização do Futuro, é tão combatido por eles... E há Exemplo em todo o Brasil, destes Mestres que nos combatem propagando idéas velhas e empoeiradas. Há muitos, que por dezenas de anos propagam doutrinas, mas até agora não contam com 2 adeptos sequer... O Integralista tem que se tornar interessante, mesmo que elles não queiram, pelo seguinte: Plinio Salgado, um simples caboclo dos sertões de São Paulo, em menos de 3 annos de propaganda de sua doutrina, já conta com 400.000 brasileiros que juraram deante da vida e deante da morte, acompanha-lo na grande lucta... (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 2).

Jorge Lacerda, diretor do jornal, era um dos mais combativos militantes nessa peleja geracional construída e fomentada pela AIB. Num artigo de capa do nº 3, “A LUCTA DE DUAS GERAÇÕES”, as posições do jovem militante ficam claras:

Estamos assistindo agora no crepúsculo do século XX, o conflito de duas gerações! Uma geração velha e cambaleante tenta lutar ainda num supremo e derradeiro esforço com uma geração moça que já vem despontando victoriosa. É a lucta decisiva entre duas Civilizações! Uma civilização burguesa, materialista, treme deante de uma nova Civilização heroica e formidavel que se ergue no hombros dos moços! [...] O Integralismo veiu despertar no Brasil, esta lucta gigante. E as energias moças da Raça que foram despertadas, imprimiram um novo rythmo de vida e acceleraram o choque dessas duas épocas e dessas duas mentalidades. E hoje mesmo, em quanto lares brasileiros vemos paes cheios da velha mentalidade liberal-democrata, discutindo com seus filhos que defendem uma idéa nova, a idéa integralista! Quantos paes communistas ouvem no recesso de seus lares, os anauês empolgantes da mocidade sadia de seus filhos! Camisas-verdes! Nós somos a força barbara da Terra que se levanta! Somos uma Civilização que se desponta! Somos a nova Geração! (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 1).

Para Lacerda, a inevitabilidade da luta de gerações suplantava qualquer outro laço social, inclusive o familiar. Um exemplo concreto foi por ele apresentado na sequência do

⁹⁹ Robert Paxton (2007) insistiu corretamente na desconstrução da ideia de os fascistas representavam a nova carapaça do reacionarismo e da tradição. Nos discursos do Integralismo, mesmo na condição de fascismo periférico, o rompimento com “o velho” beira à ojeriza para com as gerações passadas, como veremos.

texto citado acima. Em determinada ocasião, na Assembleia Legislativa de São Paulo, o deputado Cirillo Junior retrucava alegações do polêmico deputado integralista João Carlos Fairbanks¹⁰⁰ sobre a falência da liberal-democracia. Como era de costume, os militantes encheram as galerias da Assembleia que “estrugiram com o fragor de seus aplausos” (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 1):

Porém, no meio das galerias, que prorompiam em estrepitosos anauês, destacava-se o filho do próprio Cirillo Junior que applaudia o deputado integralista. Era a geração nova que se erguia revoltada contra a velha! E no fim da sessão, quando centenas de camisas-verdes foram felicitar o nosso deputado Fairbanks, o filho de Cirillo Junior, não se conteve e abraçou-o exclamando: “METTA O PÁO NO VELHO!”. Nesses pequenos factos, é que percebemos nitidamente a lucta de duas gerações (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 1).

No mesmo sentido, numa série de orientações destinadas aos plinianos que encontravam resistência paterna para o ingresso nas fileiras integralistas, o *A Razão* recomendou: “se afinal o pae pôr ser communista, cerceia a liberdade do filho, pretendendo arrastal-o para o lamaçal do communismo, a dignidade do filho deve insurgir-se contra a baixaza daquele que não era digno de ser seu pae” (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 4).

Essa nova geração surgia, na visão integralista, como “ilibada” ou ilesa perante ‘malefícios’ do novo século, por que tais ‘malefícios’ não eram novos, eram dos séculos anteriores, os séculos do materialismo:

[...] [essa geração] milagrosamente escapou de ser prostituida pelo egoismo e pela vaidade [...]. Porque não foi contaminada por essas tão mesquinhas expressões humanas, que regem no momento toda a sociedade: o interesse e o pessoalismo. Porque, em fim, em suas veias corre ainda um sangue puro, jovem, que ferve de rebeldia, e grita contra tudo que é iniquo, vil e absurdo! (*A Razão*, n. 4, 24/03/1935, p. 3).

Se o autor reconhecia que tais expressões eram “humanas”, fica patente que o Integralismo – como todo fascismo – queria, efetivamente, forjar outro tipo de ser humano, a partir daquela nova geração.

Evidentemente, o discurso da ojeriza ao ‘velho’ era muito conveniente num movimento com o perfil geracional do Integralismo. As constatações do estudo pioneiro de Héglio Trindade mostraram, espantosamente, a juventude dos militantes: o próprio Plínio Salgado era uma exceção “porque tinha ultrapassado os 35 anos” (1979, p. 145). Stanley

¹⁰⁰ Como os integralistas paranaenses não elegeram nenhum deputado para a constituinte estadual, o *A Razão* apresenta várias peripécias do Deputado paulista. Invariavelmente Fairbanks dava ‘shows’ em sua atuação na Constituinte: sempre de camisa-verde, enchia as galerias com seus pares e discursava sem nenhuma moderação contra liberais e esquerdistas. No seu juramento de posse, afirmou: “Prometo trabalhar pelo bem de São Paulo e, por conseguinte, fazer todo o mal à liberal-democracia” (DOTTA, 2010, p. 392).

Payne, no mesmo sentido, apontou que “a maioria dos membros e mesmo os líderes provinciais e locais [da AIB] tinham menos de trinta anos” (1995, p. 345).

No *A Razão*, as exceções à regra da juventude eram ventiladas não com menos espanto. No nº 8, encontramos uma reportagem sobre “o vovô do Integralismo do Paraná”, que de tão velho foi considerado pelo jornal um verdadeiro ‘integralista antes do Integralismo’:

Dos milhares de integralistas do Paraná, destaca-se um, pela sua disciplina impressionante, pela sua fé viva e extraordinária nos destinos immortaes da patria brasileira. É o nosso companheiro Carlos Moritz, “o vovô do Integralismo do Paraná”, como já é conhecido. Elle pertence áquella ala dos velhos, que têm cabellos brancos, têm a velhice nos seus cabelos mas a mocidade no coração. Já desde a mocidade, elle tinha a alma integralista. Vejam os leitores a poesia que elle fez em 29 de junho de 1917 (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 3).

Segue-se a poesia de Moritz, lida como verdadeira profecia do messianismo político integralista:

Quando acordarmos do somno maldito,
Quando desfeita a ultima ilusão,
Quando enxergarmos o abismo
Onde se precipita a Nação,
Quando comprehendermos a nossa tarefa,
Os direitos sublimes do Cidadão:
 Então surgirá do proprio povo
 Victorioso um novo Napoleão!...
Qual novo Floriano manejará a espada,
Sempre invicto, com força viril...
E da hecatombe dos aventureiros
Surgirá triumphante: O NOVO BRASIL!
 Combatendo sempre o analfabetismo,
 O falso orgulho, a ambição,
 Dando exemplo de real civismo
 Á futura geração...
O dia virá, que almejamos,
Dia de gloria, de felicidade,
De um Brasil, UNO e FORTE,
Terra Benedicta da liberdade!
(*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 3).

Ilustração 13 – Militante Carlos Moritz, o “vovô” do Integralismo



Fonte: *Anauê!*, n. 1, 01/1935.

A reportagem sobre Moritz tinha um sentido muito claro, qual seja, o de assegurar que ele não era um velho. Não podia sê-lo pelo ‘lógica verde’: era um homem que tinha a “velhice nos cabellos, mas [...] a mocidade no coração”. De tal modo eram entendidas todas as ‘exceções’ à regra: só os velhos que não envelheciam no espírito aderiam apaixonadamente ao sigma.

O “espírito remoja-se, dia a dia” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935). Com essas palavras, os jovens militantes paranaenses se referiram à maior exceção à regra da juventude, que proveio da própria chefia da Província. Nas fotografias apreendidas pela DOPS, produzidas entre 1934 e 1937, há um contraste marcante: vemos garbosos jovens trajando camisas verdes nas ruas e praças das principais cidades do Paraná, liderados por um homem de estatura mediana, cabelos completamente brancos repartidos ao meio e que nasceu poucos anos depois do fim da Guerra do Paraguai. “O velho mestre”, como os universitários respeitosamente costumavam chamá-lo, era pouca coisa mais novo que, digamos, um Alberto Santos Dumont; tinha a idade de Manoel Ribas, para sermos mais exatos.

Manoel Vieira Barreto de Alencar, como vimos, nasceu em 1873. Formou-se Bacharel em Direito em 1892, pela Faculdade de Direito de Recife. Durante os primeiros anos da República, enquanto os jovens militantes nem estavam nos planos de seus pais, Vieira de Alencar foi Promotor Público no interior de Pernambuco. Já no Paraná, ocupou o cargo Juiz

na comarca de Palmeira, onde foi um dos fundadores da loja maçônica na cidade (!). Também foi Procurador Fiscal do Tesouro Federal e Deputado do Congresso Legislativo em 1907. Àquela época, Alencar já esboçava uma militância combativa contra a política tradicional e coronelística, encabeçada pelo PRP (GOULART, 2004).

Na capital, logo assumiu sua cátedra de Direito Civil na Universidade do Paraná (1913-1951), instituição que ajudara a fundar. Aliás, foi Vieira de Alencar, por ordens de Nilo Cairo (“fundador intelectual” da Universidade do Paraná), quem selecionou o primeiro quadro docente do curso de Direito da UPR (CROCETTI, 2011). Participou da fundação do Instituto dos Advogados do Paraná, em 1932 e, naquela década, trabalhava cotidianamente em seu requisitado escritório de advocacia, juntamente com seus filhos, também advogados (e militantes da AIB).¹⁰¹

Morava com sua esposa, D. Ismenia Vieira de Alencar, numa mansão na Avenida Iguazu, n. 755, corriqueiramente frequentada pelos netos do casal. De incrível oratória, combinada com a serenidade do “velho acatado mestre da mocidade”, Manoel parecia transbordar tranquilidade (*A Offensiva*, n. 16, 30/08/1934, p. 5). Mesmo quando militantes antifascistas invadiram uma reunião integralista no Cine Avenida, como relatou sua neta, “enquanto muitos fugiam procurando escapar, meu avô continuava imperturbável, procurando manter a calma dos presentes [...]” (*O Estado do Paraná*, 02/04/1991, p. 20).

Discreto, ‘o velho’ pouco aparecia no período *A Razão*; escreveu especificamente para a folha apenas duas vezes: uma no número inaugural (01/05/1935), outra por ocasião do aniversário da Província (23/07/1935). Seus textos contrastam com a militância combativa e às vezes truculenta dos jovens; parecia-se muito mais com um brilhante advogado (o que de fato era), tentando convencer os homens da justeza de sua causa.

Sob a liderança do provector professor, a Província do Paraná cresceu a passos largos em 1935. Em geral, os integralistas e a própria historiografia consideram o ano de 1936 como o “ano verde”, em virtude do crescimento explosivo do Movimento, em nível nacional. De acordo com a presente pesquisa, contudo, a Província local antecipou o *boom* integralista em um ano, ao passo que, em 1936, sentiu na pele as agruras da repressão e do autoritarismo em pleno Estado constitucional. Esses são os motes dos dois próximos capítulos.

¹⁰¹ Alencar seguiu carreira no Partido de Representação Popular de Plínio Salgado no pós-1945. Tentou uma cadeira na Câmara Federal e no Senado, mas nunca conseguiu se eleger.

CAPÍTULO III -
O INTEGRALISMO NO PARANÁ: O
AVANÇO DO MOVIMENTO (1935-
1936)

3.1 O AVANÇO INTEGRALISTA NO PARANÁ: MAIO DE 1935 A MAIO DE 1936

No decorrer do ano de 1935, a Ação Integralista intensificou a propaganda e multiplicou suas estratégias de ação no Paraná. Ao cabo, cerca de 10.000 paranaenses se encontravam filiados ao Movimento, numa multiplicação em quase 4 vezes do número de adeptos do ano anterior. Os núcleos fora da capital foram consolidados em pelo menos três regiões: no Litoral, no Sul e no Centro, ao passo que, em meados do ano, iniciava-se a instalação e solidificação de núcleos no Norte pioneiro e no extremo Oeste, em direção a Foz do Iguaçu.

Ao todo, o Movimento fechou o ano de 1935 com núcleos instalados em quase 60% dos municípios (31 núcleos municipais) e 36% dos distritos do Estado (55 núcleos distritais) (*Monitor Integralista*, n. 12, 03/10/1935, p. 2). O *modus operandi*, pelo qual a AIB estabeleceu no Paraná sua ramificação geográfica e sua constituição departamental, bem como a caracterização social dos militantes são os temas do presente capítulo.

3.1.1 O AVANÇO DOS NÚCLEOS E A CONSTITUIÇÃO DE ‘CIDADES PÓLO’ – 1935 A MAIO DE 1936¹⁰²

No segundo semestre de 1934, as cidades onde a AIB fundaria núcleos ficaram a cargo de coordenadores, dentre os quais, geralmente, eram escolhidos os Chefes Municipais, quando da instalação do Núcleo. Parecia relativamente fácil nesses primeiros tempos fundar um núcleo integralista em qualquer municipalidade do interior. Vieira de Alencar foi procurado por várias vezes na Sede, para acertar “as medidas mais necessárias e urgentes para as instalações de núcleos” (*A Offensiva*, n. 31, 13/12/1934, p. 5).

O trabalho dos coordenadores continuou em franca expansão durante o ano de 1935. Para perseguir o objetivo de não ver “cidade alguma na Província que não tenha a proteção da Ação Integralista Brasileira”, foi criado – provavelmente no início do ano – o Departamento de Coordenação e Inspeção, responsável pela instalação e acompanhamento das coordenações (*A Offensiva*, n. 36, 17/01/1935, p. 4). Sob esse Departamento, em janeiro de 1935, encontravam-se 45 núcleos sob situação de “coordenação”, aguardando o

¹⁰² Para visualizarmos um quadro geral do avanço dos núcleos integralistas em 1935, utilizamos basicamente uma página específica do *A Razão*, intitulada “O Integralismo nos Municípios”, que figurou em quase todos os números do periódico. A página era confeccionada com notícias enviadas quinzenalmente pelos coordenadores e chefes municipais. Obviamente, muitos deles recheavam de louros seus próprios núcleos no intuito de conseguir as benesses da liderança.

desenvolvimento dos trabalhos para a implantação oficial dos núcleos (*A Offensiva*, n. 37, 24/01/1935, p. 4).

O método para a abertura rápida de núcleos era invariavelmente o mesmo: após intensa propaganda (que incluía panfletagem, boca a boca e inserção de artigos em jornais municipais), fundava-se o núcleo, em especial quando uma quantidade considerável de pessoas pudesse fazer o juramento no ato da implantação. A fundação normalmente se dava por meio de uma “bandeira” vinda de uma das ‘cidades polo’¹⁰³ da AIB no Paraná: Curitiba, Rio Negro, Ponta Grossa, Guarapuava, Jacarezinho, Paranaguá e Lapa. No evento de fundação, coordenadores locais e chefes de bandeira discursavam num teatro local (ou na própria sede) e, ao cabo, juravam fidelidade alguns militantes previamente alistados (geralmente de 20 a 50 indivíduos).

Em primeiro de maio de 1935, a AIB apresentou os núcleos municipais com seus respectivos chefes através do *A Razão*:

Tabela 1 – Chefes dos Núcleos Municipais da AIB no Paraná (maio de 1935)¹⁰⁴

Núcleo	Chefe
Ponta Grossa	Estevam Coimbra
Paranaguá	João Eugenio Comineze
Rio Negro	Cel. Eugenio La Maison
Antonina	Dr. Abdon Nascimento
Morretes	Mario Pinto Cordeiro
Teixeira Soares	Adelio Ramiro de Assis
Guarapuava	David Moscalesque
Rio Azul	Luiz Sperandio Sobrinho
Campo Largo	Pedro Puppi
Thomaz Coelho	José Navai
Rebouças	Altair Bittencourrt [sic]
Jatahy	Augusto Joppert
Castro	Angelo Rolim de Moura
Portão	Eugenio Gomes
S. Casemiro do Taboão	Ervino Müller
Bariguy	Frederico Kops
São José dos Pinhaes	Roberto Gaida
Mandirituba	Guido Espessato

¹⁰³ Denominamos *cidades polos* as localidades cujos núcleos integralistas apresentaram contínua atividade expansiva em seus arredores desde a fundação. Estrategicamente situadas, tais cidades tinham condições, pelo tamanho e força de seus núcleos, de sustentarem a execução de bandeiras, a abertura e o suporte a novos núcleos e subnúcleos. Cada cidade polo possuía suas ramificações em distritos e cidades circunvizinhas e mantinha com elas constante contato. Cabe esclarecer que tal denominação nunca foi usada pelos camisas-verdes. Ela advém de nossa observação das fundações e da estrutura ‘tubercular’ formada pelos núcleos no interior do Paraná.

¹⁰⁴ No nº 7 do *A Razão*, outro balanço dos núcleos foi apresentado em forma de tabela com seus respectivos chefes, agora constando 5 localidades a mais: Lapa, Prudentópolis, Ipiranga, União da Vitória e Araucária (*A Razão*, n. 7, 15/06/1935, p. 7).

Palmas	Dr. Antonio Alceu de Araujo
Imbituva	Albino Blitzkow
Mercês	Antonio Oliveira e Souza
Bacaiuva	Dr. Archias Pereira

Fonte: *A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 5.

De fato, o crescimento dos núcleos da AIB foi surpreendente nesse curto período de tempo entre o fim de 1934 e maio de 1935 (de 9 para 22 núcleos). Além de Curitiba, alguns desses núcleos tomaram a dianteira no trabalho de expansão, tornando-se cidades polo. Determos agora sobre os casos emblemáticos de 3 dessas cidades no interior: Rio Negro (Sul), Guarapuava (Oeste) e Jacarezinho (Norte).¹⁰⁵

3.1.2 A PORÇÃO SUL – A CIDADE POLO DE RIO NEGRO

Desproporcional força teve o Integralismo no Sul do Estado, nas cidades fronteiriças de Rio Negro e Mafra (Santa Catarina)¹⁰⁶ – principais cidades do complexo ervateiro que se instalou na fronteira entre os dois Estados, entre fins do século XIX e início do XX. Rio Negro se tornou o segundo maior núcleo integralista da Província, sob a liderança do empresário e ‘coronel’ da erva-mate, Eugenio La Maison¹⁰⁷, ficando atrás apenas de Curitiba em número de adeptos e de arrecadações financeiras (em número de subnúcleos superou a capital).

Desde abril de 1934, o *A Offensiva* já noticiava com destaque o núcleo local, mas é no *A Razão* que surgiram os primeiros números do vertiginoso crescimento local do Movimento:

O Integralismo tomou um impulso extraordinario nesta cidade. Há mais de 500 camisas-verdes em todo o Município. Já estão em organização inumeros sub-nucleos. Em Antonio Olinto, sob a chefia de José Grein; em Vera Cruz, sob a chefia de Amintas Becker; em Butiá, sob a chefia de Pedro Manoel Ribas; em Barra Grande, sob a chefia de Argemiro Trindade; em Fazendinha, sob a chefia de Borio José de Oliveira; na Campina dos Hirts, sob a Chefia de Jacob Maidl; na Campina dos Raunns, sobre a chefia de Francisco José Grols; Em Campo do Gado, sob a

¹⁰⁵ Propositamente deixamos de lado o estudo dos casos de Ponta Grossa, Lapa e Paranaguá, uma vez que queremos apenas ilustrar o método comum de expansão utilizado pelas lideranças integralistas.

¹⁰⁶ De forma semelhante ao que fazia o Círculo Paranaense do Partido Nazista com as cidades contíguas de União da Vitória e Porto União, o núcleo integralista de Mafra praticamente pertencia à Província do Paraná, cujo chefe, Carlos Von Linsingen, fora indicado por volta de fins de abril de 1935 (ATHAIDES, 2011, p. 107; *A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 6).

¹⁰⁷ Eugenio La Maison participou, em Porto Alegre, das operações militares que deram início ao golpe de 1930, quando teria conhecido pessoalmente Getúlio Vargas. Era proprietário de um engenho beneficiador e exportador de erva-mate com sede em Rio Negro e filial em Mafra. O título de Coronel, para além da patente, advém da tradição coronelística dos detentores de engenhos. A família de Carlos Von Linsingen, Chefe integralista de Mafra, também possuía um engenho ervateiro exportador (GOULARTI FILHO, 2010).

chefia de Walter Weber; em Guiampam, sob a chefia de Heraldo Germano Plantz. Nesses sub-núcleos já estão alistados para mais de 200 integralistas (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 5).

As grandes ‘colheitas’ em Rio Negro tomavam as primeiras páginas do jornal curitibano. No nº 2, uma das manchetes era “168 Camponezes Entraram no Dia 1º de Maio, em Rio Negro, Nas Fileiras do Sigma”:

Rio Negro, viveu no dia 1.º de Maio, momentos de intensa vibração cívica. Não se tem mais dúvidas. O Integralismo já está victorioso. Nada mais poderá deter a sua marcha [...]. De frente á Sede, encontravam-se centenas de integralistas tendo á frente a figura de sua valoroso chefe Cel. La Maison. [...] A todo instante, chegavam innumeradas pessoas do interior, para prestar o juramento na Praça Publica. [...] chegavam a cavallo, de carreta e omnibus, lavradores que também queriam entrar nas hostes integralistas. [...] De Mafra, vieram innumerados ferroviarios, assistir ao juramento (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 1 e 6).

Depois de La Maison esclarecer à multidão sobre a responsabilidade do juramento,

168 pessoas deante das bandeiras Nacional e do Sigma, que tremulavam no coreto da praça, proferiram, o seu juramento, no meio da mais intensa vibração patriótica. Inumerados, não puderam fazer o juramento, porque chegaram tarde. Dentro de algumas semanas, jurarão mais 100 (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 6).

As atividades nos distritos de Rio Negro também ganharam destaque pela sua amplitude. Ao longo do ano de 1935, foram mais de 15 distritos que receberam núcleos integralistas. A inauguração do núcleo distrital de Antonio Olinto foi relatada pelo *A Razão*:

Com o Chefe Municipal Eugenio La Maison, no dia 12 do corrente, partiu desta cidade uma caravana, composta de 23 membros, que fôra a Antonio Olinto fundar o Sub Nucleo distrital. Ás 11,30 minutos entrou na vila de Antonio Olinto, a grande caravana, recepcionada pelo povo com grande entusiasmo. [...] Ás 14 horas, no prédio previamente escolhido para a Séde, o Chefe Municipal declarou aberta a sessão, sendo em seguida feita a chamada dos companheiros inscritos, havendo respondido 26, cujo juramento, de acordo com nosso ritual, foi proferido perante a bandeira do Sigma, terminado a solenidade com o canto, quiça pela primeira vez, naquela localidade da primeira parte do Hymno Nacional. [...] Rio Negro já conta com mais de 500 integralistas, breve fundará sub Nucleo na importante e prospera Vila de Campo do Tenente [...] (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 2).

Antônio Olinto era uma tradicional colônia de imigração ucraniana e polonesa, criada no século XIX. Como podemos perceber pela descrição do jornal, os integralistas se felicitavam por fazerem um trabalho de ‘abrasileiramento’, levando o Hino Nacional pioneiramente às colônias ditas ‘não assimiladas’.

No mesmo mês de maio (dia 26), através de uma caravana formada em Rio Negro, La Maison fundou o núcleo de Campina Bonita, distrito situado a leste da cidade. Outro importante distrito, no qual o Integralismo teve acolhida, foi de Campo do Tenente, também uma localidade de considerável presença étnica europeia (portugueses, poloneses e alemães). Para Chefe do Núcleo foi designado Narciso Grein, descendente de uma conhecida família de poloneses do distrito. A importância do distrito para a AIB pode ser medida pelas autoridades provinciais presentes na fundação do subnúcleo, que se deu em 17 de junho de 1935:

Para lá se dirigiram o Chefe Provincial Dr. Vieira de Alencar e o companheiro Zagonel Passos de Curitiba além de 15 companheiros da Lapa, chefiado pelo Chefe Municipal Levy Saldanha. No meio do maior entusiasmo inscreveram-se 20 nossos companheiros. Dentro em breve este numero aumentará para 100. Fallaram na instalação do Nucleo o Chefe Provincial, o Chefe Municipal La Maison, Chefe Levy Saldanha e Zagonel Passos. Foi nomeado Chefe districtal o companheiro Narciso Grein, figura de grande conceito e prestigio em Campo do Tenente (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5).

Em 23 de junho, instalou-se um núcleo em “Queimados”, local distante 12 km de Rio Negro. No dia 30, as ramificações dos núcleos alcançaram outro nível: foram instalados dois subnúcleos (Lageado e Colonia do Fira)¹⁰⁸ em um distrito de Rio Negro, chamado Pihen (hoje Município de Piên) – na ocasião, mais de 200 indivíduos se filiaram à AIB, estabelecendo o recorde de filiação em um só dia (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 5). Da mesma forma, em 7 de julho, foi fundado um subnúcleo num lugarejo denominado “Divisa”, fronteira de Rio Negro com São Matheus (hoje São Mateus do Sul), sob a liderança do comerciante local Olindo Bortolote. Divisa, juntamente com Vera Cruz, eram subnúcleos de Antonio Olinto, que, por sua vez, ligava-se a Rio Negro como Núcleo Distrital. Ao todo, o núcleo de Antonio Olinto reunia aproximadamente 150 filiados, em meados de 1935.

Após a fundação dos núcleos descritos pelo *A Razão* e com a intensificação dos trabalhos de ramificação, Rio Negro apresentava – ao menos formalmente – 15 núcleos ligados à chefia de La Maison, além da sede municipal: Antônio Olinto, Campo do Tenente, Fazendinha, Vera Cruz (subnúcleo de Antonio Olinto), Divisa (subnúcleo de Antonio Olinto), Campina Bonita, Butiá, Barra Grande, Campina dos Hirts, Campina dos Raunns, Campo do Gado, Guaiampam, Queimando, Lageado e Colônia Fira.

¹⁰⁸ Os chefes designados foram, respectivamente, Alfredo Richter e Pedro Rufino de Siqueira (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 5).

Contabilizava-se, para julho de 1935, 800 filiados em Rio Negro, que à época era apenas o 19º maior município do Estado, com pouco mais de 19.500 habitantes (ESXX, IBGE, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>, acesso em 02/11/2011).

As explicações para o sucesso do Integralismo no Sul do Paraná requerem, a bem da verdade, um estudo particular. Imediatamente, qualquer análise externa da questão levantaria o quesito étnico como portador de capacidade elucidativa: Rio Negro é a ‘São Leopoldo paranaense’, o berço do assentamento de famílias germânicas no Estado.¹⁰⁹ Também, a cidade abrigava uma das “9 filiais” do interior do Estado do Círculo Paranaense do Partido Nazista, uma organização ligada ao Partido Nazista alemão, que possuía cerca de 190 membros em todo o Paraná.¹¹⁰

Mesmo sem adentrar aos problemas intestinos da região, podemos apontar outras variáveis a serem consideradas em um estudo aprofundado do tema. Em primeiro lugar, não devemos nos esquecer da força política de seu chefe, Eugenio La Maison. Tratava-se, sem dúvida de um coronel ‘à moda antiga’ do setor ervateiro com capacidade de influência sob um considerável ‘séquito’, por meio das estruturas de parentelas tão bem analisadas em artigo clássico de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1975). Um relato do início do século XX aponta que La Maison possuía “mais de meia centena de tabaréus em pé de guerra para o que der e vier” (PEIXOTO apud SZESZ, 1997, p. 101).¹¹¹

La Maison, ao contrário de outros chefes, parecia se caracterizar como um ‘pequeno *Führer*’ da região. Embora a AIB forçasse o direcionamento da devoção carismática para Plínio, algumas exceções confirmam a regra. Contrariando os protocolos da AIB, a título de exemplo, um grupo de militantes locais inaugurou, no dia 12 de julho de 1935, um retrato do Coronel na secretaria da Sede Municipal, “prova da *sympathia* e gratidão de todo os integralistas de Rio Negro”, segundo as palavras do orador da ocasião (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 8).

Toda essa influência e carisma de um ‘Coronel’, ou mesmo de um ‘abastado industrial’, em lugares ermos, pode ter se combinado com a presteza do Integralismo em mobilizar política e afetivamente grupos étnico-sociais em regiões geográficas esquecidas

¹⁰⁹ O primeiro registro data de 1829, quando, por incentivo do Barão de Antonina, 51 famílias alemãs se fixaram no território onde se localiza a cidade.

¹¹⁰ O núcleo nazista de Rio Negro estava longe de ser o maior: possuía no máximo duas dezenas de filiados (ATHAIDES, 2011).

¹¹¹ La Maison parecia ter também o poder de resolver entreveros com as autoridades locais. Quando o delegado de Rio Negro montou uma trincheira de soldados no cinema para proibir a exibição de um filme integralista, em meados de 1935, os militantes lamentaram que “o bravo La Maison, Chefe Integralista, não estava lá” para resolver o problema (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3).

pela política tradicional.¹¹² Se combinarmos as variáveis, construímos um cenário em que camponeses pobres ou de setores médios, em geral imigrantes e descendentes, encontravam-se sob a tutela de um ‘homem bom’ da região, se sentiam desprezados pela política estadual e foram arrebatados pela paixão fascista. Se esse ‘homem bom’ fosse um chefe do núcleo local da AIB, partido que lhes prestava a carecida atenção e assistência fora dos períodos de eleição e lhes prometia um ‘lugar ao Sol’ no Brasil, temos as razões possíveis para o ingresso massivo de indivíduos nessa região.

De qualquer forma, o sucesso da AIB local não passou incólume às vistas das autoridades locais. Rio Negro foi palco dos primeiros entreveros de que temos registro entre a AIB e os detentores do poder político no Paraná. Os embates mais sérios tiveram início contra a força policial da cidade, após a troca do delegado local. La Maison, por volta de junho de 1935, escreveu telegrama ao Governador Manoel Ribas:

Exmo. Snr. Governador do estado. A substituição do actual delegado militar, tenente Alberto dos Santos, por um instrumento da nefasta politicagem de campanário que aqui predomina, é sinal intuitivo e evidente de que a Ação Integralista Brasileira, nesta localidade, vai ser vítima de intriga e provocação, afim de afasta-la do proximo pleito eleitoral municipal. Muito respeitosamente pondéro a Vossencia [a] necessidade [de] manter um delegado militar, aqui, de absoluta idoneidade moral, capaz de agir com justiça e imparcialidade, porque o integralismo, em nenhuma hipotese, se deixará esmagar pela politicagem corruptata e ladravaz. Atenciosas saudações. *Eugenio La Maison*. Chefe Municipal da A.I.B. (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 6).

Alguns dias depois, as notícias sobre a atuação do novo delegado continuaram a figurar no *A Razão*, desta vez relatando a proibição de que crianças tocassem tambores depois das 20h:30min (horário exato de início das reuniões integralistas). A nota dá conta de que “os políticos da situação local” haviam arquitetado a referida proibição:

Entretanto os antros de vicio, de jogatina e de prostituição, não são molestados pela autoridade policial. Quanto a ensinar a mocidade, a amar a Patria, os meios de defendel-a, as marchas cadenciadas, os cantos civicos, o culto a Deus e a elevação moral do caráter, - isso é um crime, aqui, em Rio Negro, não pode ser permitido. É essa a mentalidade miseravel dos políticos proficionais da liberal democracia. Si perdurar semelhante situação, como ultima instancia, o Chefe Municipal vai recorrer ao Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, preclaro Presidente da Republica, a quem conhece muito bem, pessoalmente, apresentando-lhe um Relatorio do que se passa em Rio Negro (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 5).

¹¹² Uma fala interessante publicada no jornal Anauê, de Joinville (área de colonização alemã) pode nos dar uma pista sobre o sucesso do Integralismo em lugares como Rio Negro. Comentando sobre um congresso municipal da Juventude Integralista, o jornalista observou: “Merece ser ressaltada a perfeita compreensão demonstrada por todos os Chefes de Grupos, na maioria simples filhos de colonos, que até então viviam esquecidos por aqueles que só deles necessitavam nos períodos de eleição, abandonando-os, depois, ao seu próprio destino” (Anauê, n. 98, 04/09/1937, p. 4, grifo nosso).

No mês seguinte, uma nota do *A Razão* veiculou o total de 1.200 filiados ao núcleo da cidade (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 4). Confirmava-se assim, a despeito das proibições, a posição de Rio Negro como o segundo maior núcleo da Província, ficando atrás somente da sede, Curitiba. Os militantes locais chacoteavam “a política local”, que diziam “[tremer] como vara verde deante do Integralismo...”, às vésperas das eleições municipais (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 4). Fato é que, com esses números, como veremos, as forças locais tenderam à hostilidade em Rio Negro e, paulatinamente, receberam o crivo do Governo do Estado para as ações persecutórias contra a AIB. Repetiu-se no Paraná, dessa forma, a repressão ocorrida em algumas cidades catarinenses com maiores contingentes de camisas-verdes no mesmo período.

Depois das eleições, no dia 9 de outubro, o deputado paulista João Carlos Fairbanks foi proibido de conferenciar no teatro local de Rio Negro; no dia seguinte, o militante Raul Stange foi abordado e convocado à Delegacia de Polícia quando atravessava a ponte que separa Rio Negro de Mafra (SC). Na delegacia, Stange “foi esbofetado pelo delegado local [Capitão Euzébio de Carvalho], sendo em seguida, numa suprema humilhação chicoteado” (*A Razão*, n. 24, 17/10/1935, p. 1).¹¹³ Enquanto isso, alguns militantes de Rio Negro enviaram telegramas a Vieira de Alencar, aparentemente entocados em esconderijos, solicitando providencias urgentes perante a justiça (*A Razão*, n. 24, 17/10/1935, p. 1).

¹¹³ O episódio do chicoteamento do militante de Rio Negro repercutiu na imprensa curitibana. Em especial, um artigo do Deputado Frederico Faria de Oliveira, publicado no jornal *Gazeta do Povo*, abordou a repressão com positividade. Jorge Lacerda, ensandecido, escreveu uma carta aberta no *A Razão*, em que conclui: “os artigos do senhor Frederico Faria de Oliveira são muito procurados pelas cozinheiras que fazem delles lindas rendas com as quaes enfeitam as prateleiras dos seus guarda-comidas...” (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 6).

Ilustração 14 – Recorte do *A Razão* contendo a fotografia de um militante de Rio Negro chicoteado pela polícia



A Razão, n. 25, 23/10/1935, p. 3

Durante o chicoteamento, o delegado teria ameaçado destruir a sede integralista local “á bala”, caso não fosse fechada. A partir de então o enfrentamento entre a AIB e a polícia se tornou aberto e potencialmente violento em Rio Negro:

[...] avisamos ao delegadinho valente de Rio Negro, que si elle pretender arrazar a séde, há de se arremper mais tarde! [...] 1800 camisas-verdes de Rio Negro chefiados pelo bravo La Maison, esperam anciosos que o senhor delgado vá arrazar a séde! (*A Razão*, n. 24, 17/10/1935, p. 6).

Na matéria de capa do nº 26, “Sob o Regime da Borracha”, Lacerda expôs as ordens que o delegado de Rio Negro distribuiu, em 16 de outubro, aos seus inspetores de quartirão: “é proibido os integralistas uzarem camisa verde sem paleta; isto sob pena de prisão e de

entrar na borracha; todo ou qualquer baile que integralista fizer sem minha autorização, eu formo uma escolta e vou acabar” (*A Razão*, n. 26, 31/10/1935, p. 1).

A despeito da repressão, as últimas notícias sobre o Núcleo de Rio Negro, das quais tivemos acesso através do *A Razão* e do *A Offensiva*, trouxeram importantes informações sobre a continuidade da expansão do Movimento na porção sul do Paraná. Além do número de “1.800” filiados, o jornal relatou que, no início de novembro de 1935, La Maison “escalou duas caravanas” que percorreram alguns subnúcleos para a “tomada de juramentos [...] de inscritos”. De tais distritos, a AIB esperava, respectivamente, 200 e 300 inscrições.

Só no Sub Nucleo de Vera Cru [Cruz], de qual é Chefe o esforçado companheiro Amyntar [Amyntas] Becker, vereador municipal eleito, prestaram juramento 34 adultos e inscreveram-se 9 plinianos. A caravana que visitou o aludido sub-nucleo, era composta dos valorosos companheiros, Afons Rezler, Mario Saboia, e Raul Stange [...]. A segunda caravana visitou o subnúcleo do sítio do Hirts, no qual é Chefe o companheiro Jacob Maidl. E compunha-se dos companheiros, João Alfredo Aening [sic], Waldomiro Bley, Alfredo Santo Lima, Tenente Francisco Policarpo de Souza [...] (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 6).

O crescimento e prestígio do Núcleo dirigido por La Maison fazia com que militantes de localidades situadas na órbita de outros municípios procurassem o Chefe de Rio Negro para a instalação de núcleos, por meio da cidade polo do Sul. *Taruman*, em São José dos Pinhais e *Doce*¹¹⁴, município da Lapa foram dois casos relatados pelo jornal. No primeiro, talvez em virtude da pouca expressão no Núcleo de S. J. dos Pinhais, La Maison estabeleceu uma comissão coordenadora; no segundo, preferiu “dar conhecimento ao Chefe Municipal da Lapa, [...] para os devidos fins” (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 6).

Com o fechamento do *A Razão*, em 1936 o *A Offensiva* publicou esporadicamente notícias sobre o núcleo de Rio Negro. Em 26 de abril, já com os núcleos fechados por Manoel Ribas, o jornal trouxe a foto da inauguração do retrato de Plínio Salgado em mais um subnúcleo, Roseira, localizado entre Rio Negro e Campo do Tenente.

¹¹⁴ Há indícios de que no Subnúcleo de *Doce* a AIB colheu num só dia 300 inscrições, no início de dezembro. O próprio Vieira de Alencar foi ver de perto a explosão de filiações através de uma caravana organizada para o dia 1º de dezembro de 1935.

Ilustração 15 – Comício de inauguração do retrato de Plínio Salgado no Subnúcleo de Roseira, Rio Negro



Fonte: *A Offensiva*, n. 166, 26/04/1936, p. 14.

3.1.3 GUARAPUAVA: “A SENTINELLA AVANÇADA DO OESTE”

Segundo o *A Offensiva*, no início do ano de 1935, a AIB dispensou “atenção máxima [...] para o oeste paranaense na extremíssima região compreendida entre as cidades de Ponta Grossa e Guarapuava” (*A Offensiva*, n. 42, 28/02/1935, p. 5). Em fevereiro, uma caravana da capital partiu em direção à Guarapuava para, de acordo com o periódico, lançar “as bases sólidas de diversos núcleos importantes, de onde irradiará victoriosamente a doutrina da salvação do Brasil” (*A Offensiva*, n. 42, 28/02/1935, p. 5).

Em 23 de fevereiro, foi fundado o núcleo de Guarapuava, com a realização de uma assistência no “Teatro Pimpão”, que contou com a participação de importantes lideranças de Ponta Grossa, como Estevão Coimbra, João Ceci Filho e Olímpio de Paula Xavier. A sede da


AIB se situava na Rua Silva Jardim, nº 11 e a liderança municipal do Movimento foi entregue ao comerciante David Moscalesque.¹¹⁵ Três meses após a abertura, *A Offensiva* publicou:

As notícias chegadas de Guarapuava, a grande cidade do oeste paranaense, são as mais auspiciosas possíveis, estando a chefia do movimento ali entregue á dedicação e ao entusiasmo do nosso presado companheiro sr. David Moscalesque. Este já está tratando da coordenação e instalação dos nucleos nas localidades vizinhas (*A Offensiva*, n. 48, 13/04/1935, p. 5).

Ilustração 16 – Carteira de filiado à AIB de David Moscalesque



¹¹⁵ Davi Moscalesque nasceu em Jaguaraíva, em 1908; mudou-se para Guarapuava em 1924, onde trabalhou no comércio e dirigiu alguns clubes sociais e esportivos. Foi editor jornalístico no início dos anos 1930 e entre 1935 e 1937 dirigiu o Núcleo Municipal de Guarapuava da Ação Integralista. No ano de 1937, Moscalesque inaugurou, juntamente com Amarílio Rezende e Antonio Lustosa de Oliveira, o jornal *Folha do Oeste* – periódico que circulou por 40 anos na cidade e iniciou suas atividades fazendo propaganda do Integralismo. Em 30 de janeiro de 1938, Moscalesque entrou para o rol dos últimos mártires da AIB, sendo assassinado em Guarapuava. Há indícios consideráveis de que se tratou de um crime político, em virtude do enfrentamento que o militante fazia ao Coronel Antônio da Rocha Loures Vilaca, ‘mandachuva’ da região de Guarapuava (SILVA, 2008).

Data da inscrição 23 - 2 - 1935.	Nome <u>DAVID MOSCALESQUE</u>
	Idade <u>27</u> anos Est. Civil <u>Casado</u>
O Integralista	Naturalidade <u>PARANÁ</u>
<i>David Moscalesque</i>	Filiação <u>Simão e Maria Moscaleski</u>
O Secretario Geral	Profissão <u>Industrial</u>
	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p align="center">JURAMENTO</p> <p>«Juro perante Deus e pela minha honra trabalhar pela victoria da ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, executando sem discutir, as ordens do chefe nacional e dos meus superiores hierarchicos.»</p> </div>

Fonte: *Pront.* 360, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR.

Ilustração 17 – Sede da AIB em Guarapuava



Fonte: *Pront.* 173, Cx. 140, fl. 79, DOPS/PR, DEAP/PR.¹¹⁶

¹¹⁶ Na legenda original, produzida pela DOPS/PR, consta: “1º Antonio Lustosa de Oliveira, 2º David Moscalesque (Falecido), 3º [Cle]mente Dias, 4º Lodovico Zitt, 5º Leonel Mrtins, 6º Osvaldo França, 7º Oscar, 8º”

Também o *A Razão*, demonstrando que Guarapuava (maior município do Estado no aspecto territorial e 2º maior em número de habitantes¹¹⁷), era uma aposta da AIB para a conquista das regiões avançadas à Oeste, no mês seguinte assinalou:

O movimento integralista em Guarapuava vem tomando um vulto impressionante. O Chefe Municipal David Nuscabe [Moscalesque] que tem se desdobrado em grandes atividades para o maior desenvolvimento do núcleo local. A sua acção não se tem limitado apenas no sector da cidade, como também nos districtos de Pinhão, Laranjeira e Pitanga, onde elementos vêm surgindo em massa, para a coordenação dos movimentos locais. O Oeste do Paraná despertou também para a grande marcha. Guarapuava que é a sentinella avançada do Oeste Paranaense, há de, certamente, se fazer um dos grandes baluartes da idéa integralista nesta Província (*A Razão*, n. 2. 10/05/1935, p. 5).

O jornal *A Cidade*, publicado pela empresa Matte Guayra, desde 1934 divulgava artigos integralista e, com o núcleo aberto, passou a veicular convites para a participação da população nas sessões do Movimento, que ocorriam às quintas-feiras e aos domingos (*A Offensiva*, n. 27, 15/11/1934, p. 8). O *A Razão* traz indícios de que essas publicações continuaram em 1935, até que a AIB local pôde dispor de seu próprio periódico, a folha *Brasilidade*:

“A Cidade”, o lido jornal de Guarapuava e do Norte da Provincia, publicou um convite do Secretario do Nucleo Integralista, Antenor L. Sprenger, aos integralistas e ao povo em geral, para que compareçam ás sessões publicas, ás quintas-feiras ás 19 horas (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 5).

Como apontou o *A Razão* de 11 de junho, os integralistas de Guarapuava procuraram “congregar elementos novos e sadios, ainda não contaminados pela sordida politicalha da aldeia”. Isso exprimia, em outros termos, uma tentativa de inserir o Integralismo como um espaço político intermediário entre o coronelismo local e o poder estadual (com seus representantes locais) (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 7).

Mediante a configuração das alianças políticas locais e o apaziguamento temporário das disputas entre PSD e PSN¹¹⁸, para as eleições de 1935 os integralistas de Guarapuava não lançaram candidato próprio. Contudo, apoiaram Aníbal Virmond, da chapa unida entre os dois

Antonio França, 9º Déca Martins, 10º Ladislau Gateski. N 8º) [sic] 11º - Antenor Sprenger [sic]” (*Pront.* 173, Cx. 140, fl. 79, DOPS/PR, DEAP/PR).

¹¹⁷ Guarapuava possuía 65.410 habitantes de acordo com o censo de 1936 (ESXX, IBGE, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>, acesso em 01/11/2011).

¹¹⁸ Respectivamente: Partido Social Democrático, o partido governista estadual, e Partido Social Nacionalista, a oposição estadual localmente ‘domesticada’ pelo PSD e representada pelo Coronel Antonio Vilaca. Em Guarapuava, a crítica ao regime varguista “teve um fator agravante [...]: a nomeação de um tradicional e conservador coronel local para garantir que as diretrizes do novo governo fossem cumpridas”, após 1930 (SILVA, 2008, p. 63).

partidos, numa disputa judicial que derrotou a oposição do Partido Municipal Independente.¹¹⁹

Naquele ano, a AIB recebeu ‘reforços’ de peso com a adesão dos jornalistas Antônio Lustosa de Oliveira¹²⁰ (curiosamente, um liberal e membro da maçonaria) e Amarílio Rezende de Oliveira (futuro membro da Câmara dos Quatrocentos). Ambos se juntaram a David Moscalesque e faziam efervescente propaganda do sigma na cidade e nos arredores. Lustosa, entre 1935 e 1936, foi o redator do jornal integralista *Brasilidade*, tendo Amarílio Rezende como um de seus principais cooperadores (SILVA, 2008).

O apoio local dos integralistas a Virmond polarizou as forças políticas locais:

A partir dessa eleição, ocorreu um realinhamento das forças políticas da cidade. De um lado, o poder estabelecido representado por Vilaca, que detinha a prerrogativa de nomear e destituir os ocupantes dos cargos públicos estaduais e federais. De outro, O Partido Integralista, que dava sustentação ao novo prefeito. Assim, os integralistas haviam saído das margens, para ocupar um lugar destacado no jogo político (SILVA, 2008, p. 67)

Lustosa intensificará a campanha integralista na cidade através da fundação do jornal *Folha do Oeste*, em 1937. Vários integralistas passaram a ocupar importantes cargos na administração pública e o Movimento angariou adesões e simpatias em boa parte da classe média e da elite locais.

A união em torno da difusão dos princípios da AIB representou uma recomposição no cenário político de Guarapuava, na medida em que emergiu um novo grupo político, composto por comerciantes não vinculados à propriedade da terra, que agregou em seu bojo outros profissionais como advogados, juízes, médicos e professores, passando a ocupar um sólido espaço nesse cenário político, até então de domínio dos proprietários rurais (SILVA, 2008, p. 79).

Ao Sul de Guarapuava, na divisa com Santa Catarina, instalou-se um núcleo integralista na cidade de Palmas, em 25 de fevereiro de 1935. Sob a liderança do escritor “Dr. Antônio Alceu de Araújo”, como era chamado, o núcleo de Palmas se destacou na região, espalhando o Integralismo por vários distritos e glebas de difícil acesso nos arredores da cidade.

¹¹⁹ A disputa judicial se deu em virtude da diferença de 1 voto no resultado final da eleição a favor do candidato governista da chapa unida (SILVA, 2008).

¹²⁰ Lustosa assistiu, em 1932, ao lançamento do Manifesto de Outubro e imediatamente se encantou com o Integralismo, cuja aproximação pode ter se dado pelo catolicismo e pelo culto ufanista que o paranismo de Romário Martins lhe havia legado (SILVA, 2008). O prestígio de Lustosa na AIB pode ser medido pelo fato de, em 1937, ele ter sido nomeado governador da 5ª Região Integralista (uma espécie de subdivisão geográfica nacional, criada por Salgado naquele ano).

É o próprio Antonio Alceu quem nos revela as dificuldades encontradas pelo sigma para se implantar em Palmas, “onde a incredulidade e o indiferentismo lavraram impiedosamente”. Segundo o líder, o núcleo foi “aninhado” por Rocha Loures Sobrinho, com “apenas doze elementos”, no “arraigado meio conservador palmeano”:

Ambiente “mermado” por descrenças políticas e golpeado rudemente por desavenças partidárias, só proliferavam, ao fundar-se o núcleo, retratamento de muitos, antipathia de alguns, e incompreensão da maioria. Sympathia pouca, mal esboçada numa aceitação restricta, limitada ao minguido quadro urbano (*A Razão*, n. 7, 15/06/1935, p. 8).

Nesse excerto, o Chefe Municipal nos indica que a aceitação ao Integralismo seu deu nos meios urbanos, primeiramente. O “meio conservador” palmeano, pode aqui significar a elite dos campos e seus agregados, que só depois de muitas campanhas de propaganda começaram a adentrar timidamente no Movimento. Talvez por isso, logo após a instalação do Núcleo, Alceu dirigiu suas forças para “a campanha e o sertão palmeanos”. A tática do boca a boca e da panfletagem eram amplamente utilizadas nos distritos afastados, como Mangueirinha, Colônia Chopim, Jangadas, República e Clevelândia:

[...] larga cópia de material de propaganda tem sido distribuída em todo “interland” palmeano. O povo vai cada vez mais se interessando pelo nosso movimento, tendo chegado dos pontos mais distantes do município, pedidos do manifesto e de tudo que diga respeito ao Integralismo (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5).

Um curioso personagem de nome Juvenal, adjetivado pelos integralistas como “peão indonito”, fazia em Palmas um incansável trabalho de propagação desse material integralista. Juvenal caminhava “leguas para disseminar a propaganda integralista, fazendo do seu pingão a tribuna donde grita, vestindo a camisa-verde, à campanha palmeana”, como propagou o *A Razão* (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 3). Em outra ocasião, o jornal teceu agradecimentos efusivos ao ‘pregador da campanha’: “Cumpra salientar mais uma vez a intrepidez, a coragem e o entusiasmo do nosso Juvenal, o paladino brônzeo da idéia do Sigma, que percorre zonas immensas na propaganda do Integralismo” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 5).

As dificuldades enfrentadas por Juvenal para divulgar a doutrina em lugares ermos à época, como os distritos de Palmas, foram apresentadas pelo *A Razão*, em um misto de lamento e empolgação:

O Chefe Municipal Dr. Alceu de Araujo tem procurado com sucesso coordenar o movimento em Clevelândia. O Integralismo já empolgou alma sertaneja do Paraná! Na Séde Municipal, foi inaugurado solemnemente o retrato do Chefe Nacional,

tendo sido vendido nesta sessão, o nosso órgão “A Razão”. Em breve, será fundado o Departamento Feminino. O entusiasmo aqui é extraordinário. As dificuldades são inúmeras. Não temos asfalto aqui. Temos matas a desbravar... Melhor assim... *É nas dificuldades que se temperam os caracteres!* (A Razão, n. 2, 10/05/1935).

Era a primeira vez, segundo o jornal, que “vimos o caboclo vibrar por uma idéia”, que “presenciamos a alma barbara da Terra se levantando com as energias mysteriosas ainda não reveladas” (A Razão, n. 4, 24/05/1935, p. 5). Tais palavras provavelmente foram escritas por Antonio Alceu, pois carregam as características literárias do Chefe Municipal de Palmas. Poeta conceituado, hoje patrono da cadeira nº 7 da academia palmense de letras, Alceu de Araújo ganhou rapidamente espaço no *A Razão*¹²¹, em virtude de seus elaborados textos políticos, crônicas e manifestos (carregados de um nacionalismo telúrico e apaixonado).

Sob a tutela de Guarapuava também foi fundado em 19 de maio de 1935 o núcleo de Prudentópolis, cidade de considerável imigração ucraniana, cuja liderança coube a Ernesto Garcez.

A Chefia Provincial havendo autorizado o nosso intrépido Chefe Municipal David Moscalesque, para instalar o Nucleo integralista da vizinha e florescente cidade de Prudentopolis, para ali se dirigio o mesmo, no dia 19 do fluente, acompanhado do companheiro L. de Oliveira [Lustosa de Oliveira], que serviu de secretario nos trabalhos da instalação daquele Nucleo. Á noite, no salão nobre do “Clube Ukraino”, com a presença de numerosa assistencia de simpatizantes, foi escolhido para Chefe Municipal, o bem quisto sr. Ernesto Garcez, que em seguida prestou o compromisso de solidariedade ao Chefe Nacional (A Razão, n. 6, 11/06/1935, p. 7).

O *A Razão* dá indícios de que Garcez tinha bom acesso entre os imigrantes de origem eslava, em virtude da constante utilização dos seus clubes na cidade para a realização de sessões (A Razão, n. 5. 31/05/1935, p. 5). Quando da visita de Emanuel Coelho e Rocha Loures, no mesmo mês de maio, “não podendo obter o teatro local [...] Ernesto Garcez, Chefe Municipal de Prudentopolis, conseguiu o salão do Club Rutheno, onde [cabiam] mais de duas mil pessoas” (A Razão, n. 6, 11/06/1935, p. 7).

Quanto ao extremo Oeste do Paraná, em agosto de 1935, surgiram no *A Razão* as primeiras notícias sobre o Movimento em Foz do Iguaçu. O núcleo ainda não havia sido fundado, mas já contava com 36 filiados, liderados pelo professor Carlos Zeve Coimbra.¹²² A abertura de um núcleo em Foz do Iguaçu era questão simbólica de extrema importância para a Província: uma espécie de ‘oeste selvagem’, que uma vez conquistado faria o Integralismo

¹²¹ Mais tarde Alceu chegaria a publicar alguns de seus textos no *A Offensiva*, do Rio de Janeiro.

¹²² Carlos Zeve Coimbra foi eleito vereador (1936-1937) e chegou a ocupar o posto de Presidente da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu.

abranger todo o Paraná do Atlântico à tríplice fronteira. A fundação se deu oficialmente entre fim de outubro e início de novembro daquele ano (*A Offensiva*, n. 79, 16/11/1935, p. 10).

3.1.4 O NORTE PIONEIRO E CENTRAL

No Norte Pioneiro e Central, um importante avanço integralista se efetivou com a abertura dos núcleos de Siqueira Campos, Ribeirão Claro, Santo Antônio da Platina e Jacarezinho – a maioria deles, abertos por bandeiras dirigidas pela Sede Provincial. O “norte integralista” de 1935 corresponde ao que hoje se convencionou chamar de Norte Pioneiro, ou Norte Velho. Posteriormente, os núcleos se espalharam pelo chamado Norte Novo, atingindo Ingá (hoje Andirá), Bandeirantes, Cornélio Procópio e a recém-criada Londrina.

A Offensiva registrou, em fevereiro de 1935, que da região Norte chegavam “continuamente á séde provincial os pedidos para coordenação” (*A Offensiva*, n. 42, 28/02/1935, p. 5). Cerca de 3 meses depois, o *A Razão* informou, que já haviam sido “nomeados os coordenadores do movimento integralista nos municípios de Londrina, Jatahy, Jacarezinho, Ribeirão Claro, Carpolopolis, Santo Antonio da Platina, Joaquim Tavora, Thomazina, Siqueira Campos” (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 5).

Como era de praxe, algumas coordenações foram designadas a partir de manifestações de indivíduos da localidade-alvo, em geral, simpatizantes do Movimento. Sobre o município de Ribeirão Claro, lê-se no *A Razão* de 24 de maio:

Acompanhando a caravana de escoteiros, que ora visita a nossa capital, encontra-se entre nós, os srs. Oswaldo Maciel e Affonso Persami que ha muito sympathisam com o nosso movimento. Esses dois moços de valor acabam de prestar juramento em nossa séde, e partindo para Ribeirão Claro, serão eles, dois dos coordenadores daquele prospero município (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 5).¹²³

Para efetivamente dar início às atividades na região, em abril de 1935, a Chefia Provincial conjecturava enviar para os municípios “uma caravana de elementos de grande representação no seio da Acção Integralista desta Província” (*A Offensiva*, n. 48, 13/04/1935, p. 5).

Dois meses depois, o *A Razão* estampou: “O Norte do Paraná despertou sob a Palavra do Sigma” (*A Razão*, n. 13, 30/06/1935, p. 6). O “despertar” foi fomentado pela realização da

¹²³ O núcleo de Ribeirão Claro foi fundado em 10 de julho de 1935, com a adesão inicial de 48 militantes (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 8).

planejada “caravana”, empreendida por dois acadêmicos, militantes de Curitiba, que se dirigiram à região para a fundação de diversos núcleos. Entre os dias 4 e 17 de julho de 1935, Nelson Lins e João Alves da Rocha Loures Sobrinho percorreram todo o norte habitado do Paraná fundando importantes pontos de apoio. Visitaram as cidades de Jaguariaíva, Siqueira Campos, Santo Antônio da Platina, Jacarezinho, Cambará, Ribeirão Claro e foram recebidos pelo Chefe de Ourinhos em São Paulo, para apreciarem o núcleo local.

Em rápida visita a Jaguariaíva¹²⁴, núcleo já fundado, os acadêmicos palestraram no teatro da cidade e rumaram para Siqueira Campos e Santo Antônio da Platina, “núcleos esses que deixaram coordenados, para serem installados depois” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 6).

Em Jacarezinho, “capital do norte do Paraná”, os acadêmicos realizaram uma assistência no Teatro Éden, que contou com a visita de alguns líderes da cidade vizinha de Ourinhos, São Paulo (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 6). Representando Vieira de Alencar, também estava presente o ex-desembargador Eudoro Cavalcanti (bacharel destituído do cargo pela ‘Revolução’ de 1930). Figuras ‘ilustres’ da localidade coordenavam o Movimento, cujo núcleo foi instalado em 11 de julho:

As figuras que dirigem o movimento na capital do Norte são dignas de todo o nosso respeito, pela capacidade como cultura. Ali está o dr. Ernesto Lisboa, engenheiro-fazendeiro com seu dynamismo e sua palavra ardente. O dr. Emilo Willemens¹²⁵, umas da maiores culturas sociologicas do brasil, formado que é em Sociologia e Philosophia pela Escola de Berlim. Tem obras a saírem á publicidade. Também trabalha com afinco pelo movimento o sr. Sebastião Aguiar, de cuja fazenda foi levada a terra do Paraná, ao Congresso de Petrópolis (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 6).

Na mesma excursão, foram abertos os núcleos de Ribeirão Claro (10 de julho), Santo Antônio da Platina (14 de julho) e as coordenações em Cambará e Siqueira Campos. Sobre

¹²⁴ O núcleo de Jaguariaíva foi fundado pela Sede Provincial na cidade de Curitiba, em 25 de junho de 1935. A solenidade ocorreu no Cine Avenida e foi presidida por uma mulher – fato não muito comum no Integralismo – Zelia Cunha Gaissler, chefe do Departamento Feminino Provincial, mãe do candidato derrotado à Constituinte Estadual, em 1934, Caio Graccho Gaissler (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 5).

¹²⁵ De fato, o jornal se refere ao renomado antropólogo Emilio Willems, sagaz estudioso dos processos de aculturação das populações de origem germânica e um dos criadores do conceito de “teuto-brasileiro”, como ferramenta para o estudo das comunidades de origem germânica no Brasil. Com efeito, como a citação previa, em 1940, Willems publicou sua primeira grande obra, *Assimilação e populações marginais no Brasil*, hoje considerada um clássico para o estudo do tema. Em 30 de agosto de 1935, o *A Razão* publicou com autorização de Willems, o prefácio de uma “Cartilha de Sociologia”, que seria lançada por ele em dezembro daquele ano (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 6). As razões para seu ingresso no Integralismo podem estar relacionadas à ideia, corrente à época, de que a AIB teria um papel benéfico na aculturação dos teutos e teuto-brasileiros à cultura luso-brasileira. Contudo, essa é apenas uma hipótese que precisa ser colocada à prova. Um ano após a confecção do documento citado, Willems se mudou para São Paulo, onde passou a lecionar Sociologia na Escola de Sociologia e Política e, em 1937, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, recebeu o título de livre-docente.

Santo Antônio, visualizamos claramente no *A Razão* o padrão básico de atividades empreendidas pela AIB para a abertura de núcleos interioranos:

Alli o integralismo irrompeu admiravelmente. A missão integralista encontrou em franca actividade os snrs. Roberto Giovanetti, Onelio Bacovis e [ilegível] Vieira de Azevedo. As noticias sobre a installação do núcleo espalharam-se por boletins e pelo semanario local “Correio do Norte”. Às 4 horas do dia 14 no theatro apinhava-se uma grande multidão. Queriam ouvir a palavra do Sigma. Rocha Loures e Nelson Lins fallaram mostrando o sentido da nossa doutrina, que veio organizar o povo brasileiro para marcha victoriosa da Civilisação Nova. Expuseram a fraqueza do regime actual e a ameaça do communismo. Mostraram os verdadeiros rumos do Brasil Futuro, que estão nessa cultura espontanea que nasce da terra. O núcleo foi fundado com 32 camisas-verdes (*A Razão*, n. 13, 30/07/01935, p. 6).

Às vezes, as contingências locais não permitiam o avanço na instalação dos núcleos, como em Cambará, onde “os representantes do Chefe Provincial estiveram alli sondando a possibilidade de se fundar o nucleo”. O momento não foi considerado propício pela falta de um movimento prévio de coordenação e pelo fato da “população [estar] no trabalho tratando da safra do café” (*A Razão*, n. 13, 30/07/01935, p. 6).

Assim como ocorria no Sul (Rio Negro/Mafra), no Norte, constatamos trabalhos coordenados entre o núcleo-pólo paranaense e os núcleos das cidades limítrofes, no caso, a cidade de Ourinhos/SP: “um dos elementos que trabalha com ardor pelo Integralismo no Norte [do Paraná], foi o Chefe Municipal de Ourinhos, Edison Leonis, preparando o terreno para a fundação dos núcleos” (*A Razão*, n. 13, 30/07/01935, p. 6). Isso se dava, sobretudo, pela maior facilidade de acesso do núcleo paulista à região Norte do Paraná, considerada popularmente à época como “um pedaço de São Paulo”.¹²⁶

Um mês depois da viagem de Lins e Rocha Loures, em fins de agosto, o Chefe de Ourinhos enviou a Curitiba um relatório, obviamente exagerado, “da marcha avassaladora da idéa integralismo no norte da Província do Paraná”:

Em CAMBARÁ foi feita a primeira reunião preparatoria para a fundação do núcleo local; increveram-se 30 nossos [sic] compánheiros. Ficou como coordenador o valoroso companheiro Plínio Marcondes. Em JACAREZINHO o movimento é tão extraordinário, que os incansaveis e cultos companheiros Dr. João Lisbôa e Dr. Emilio Willems, asseguram que é quasi certa a nossa victoria nas eleições municipaes de Setembro. Bravissimos, companheiros! Em SANTO ANTONIO DA PLATINA, em INGÁ, em LONDRINA, em RIBEIRÃO CLARO, o movimento é gigantesco (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 5).

¹²⁶ A Estrada do Cerne (hoje PR-090), criada para resolver o problema da ligação de Curitiba com Norte cafeeiro do estado ainda estava em fase inicial de construção à época do avanço integralista. Ela seria concluída somente em setembro de 1940.

A partir de meados de 1935, no Norte, como nas outras regiões, os integralistas encontraram resistências locais, geralmente sob a forma de pequenas atitudes persecutórias por parte de prefeitos e delegados. Assim, em Carlópolis, o prefeito Estácio dos Santos não admitia propaganda integralista em seu município, chegando a arrancar pessoalmente folhetins do Movimento colados nas esquinas (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 4).

Tais pequenas resistências não impediram o avanço da AIB na região, que chegou a eleger 2 vereadores em Jacarezinho, no pleito de setembro de 1935. Por volta de fevereiro do ano seguinte, João Ernesto Lisboa iniciou intenso trabalho para instalar, a partir de Jacarezinho, núcleos em Bandeirantes e Cornélio Procópio (*A Offensiva*, n. 95, 02/02/1936, p. 14). Também, surpreendendo as expectativas dos camisas-verdes, o núcleo do distrito de Ingá (Município de Cambará) apresentou muitas adesões no início de 1936 (Ilustração 18):

Obediente ao commando do valoroso companheiro Sebastião F. de Rezende, o núcleo districtal de Ingá já conta aproximadamente com uma centena de dedicados camisas-verdes, estando com todas as suas secretarias e diversos departamentos optimamente organizados, inclusive os feminino e da juventude (*A Offensiva*, n. 166, 26/04/1936, p. 13).

Ilustração 18 – Militantes à frente da Sede do Núcleo Distrital de Ingá (Município de Cambará)



Fonte: *Pront.* 173, cx. 140, fl. 59, DOPS/PR, DEAP/PR

Londrina, de acordo com as fontes, foi o último núcleo do Norte fundando em 1935, posto sob a liderança do agrimensor e fazendeiro Hebert Gonçalves Palhano¹²⁷ (*A Offensiva*, n. 89, 25/01/1936, p. 8).

3.1.5 A SEDE E AS ATIVIDADES NA CAPITAL DA PROVÍNCIA

Situada na Praça Tiradentes, a nova Sede Provincial ocupava todo o segundo andar de um belo edifício (que ainda figura na paisagem central da cidade). Possuía várias salas, um salão de conferências para cerca de 200 pessoas e uma biblioteca, criada pelo militante Oscar Witt, em maio de 1935, “fructo da contribuição de cada camisa-verde”, no intuito de “disseminar a cultura aos humildes integralistas, que não tiveram a felicidade de cursar gymnasios ou faculdades” (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 5).

Desde meados de 1934, em todas as sextas-feiras, realizavam-se regularmente as sessões internas da Sede, com participação obrigatória dos chefes de secretarias e departamentos e do Chefe Provincial, Vieira de Alencar. No caso da ausência do último, respondia pela Sede o maranhense Raymundo Valle Sobrinho. A descrição que se segue é de uma dessas reuniões ordinárias que adotavam rigorosamente o mesmo protocolo:

Realisou-se a 10 do corrente [10 de maio de 1935], mais uma das costumeiras reuniões, a qual esteve muito concorrida. Prestaram o compromisso legal, mais seis novos companheiros, dentre os quaes duas senhoras. Usaram da palavra o Chefe Provincial, o companheiro Valle Sobrinho, Emanuel Coelho e Rocha Loures Sobrinho, que trouxe ás suas impressões sobre o formidavel movimento integralista em São Paulo, onde esteve, tendo a ventura de conviver por alguns dias com o Chefe Nacional acompanhando-o na sua viagem a Campinas, onde o Chefe Nacional, fez uma conferencia no Theatro local, com a assistencia de quatro mil pessoas. Falou ainda na sessão passada o nosso companheiro Kordalinski, discorrendo com rara maestria sobre a data do descobrimento do Brasil, data esta, que a liberal democracia, riscou do calendario. Em seguida foi encerrada a sessão, cantando-se os Hymnos Nacional e Integralista (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 4).

Sessões extraordinárias ocorriam por convocação da Chefia Provincial ou em alguma data importante para o Movimento como o 23 de Abril, aniversário do primeiro desfile integralista no Brasil (a “Marcha dos 40”).

¹²⁷ Por ser um núcleo tardio, não temos muitas informações sobre o trabalho dos integralistas em Londrina. Posteriormente à sua atuação na AIB, o Herbert Palhano ficou conhecido por tomar parte da “Comissão de Terras”, instituída pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto, responsável pela tentativa de regulamentação dos conflitos no Norte do Paraná ao redor de Porecatu. Curiosamente, a comissão era composta por fazendeiros, políticos de (extrema) direita e um posseiro que ganhara o título de uma fazenda do Governador anterior, Moisés Lupion (SILVA, 2006).

Além das sessões regulares, a Sede oferecia cursos – por meio da Secretaria Provincial de Estudos – como os de História do Brasil, ministrados pelo professor Nilo Brandão, “todas as quartas-feiras, às 8,30 horas da noite, [com] franca a entrada [...] á todas as pessoas que queiram assistil-as” (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 4).

Exibições fílmicas também fizeram parte do cotidiano do Movimento em Curitiba. Tanto os pequenos filmes feitos localmente (dos quais hoje restaram apenas referências e poucos minutos em vídeo digitalizado), quanto “portentosos films de longa metragem”, como “O Integralismo no Brasil”, foram exibidos nos cinemas e teatros da cidade (em especial no Cine Avenida e no Teatro Palácio).

Indubitavelmente, os eventos de maior proporção da Sede Provincial eram as visitas de Plínio Salgado, que apareciam com grande destaque nas páginas do *A Razão*. A primeira visita, como vimos, se deu ainda em 1934, quando a Província se encontrava em estágio de organização. A segunda ocorreu entre os dias 6 e 7 de junho de 1935 e foi, obviamente, matéria de capa.¹²⁸

Ilustração 19 – Primeira página do *A Razão*, noticiando a visita de Salgado ao Paraná



Fonte: *A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 1.

¹²⁸ Analisaremos as visitas de Plínio Salgado do ponto de vista da mobilização das paixões políticas no Capítulo V.

Ilustração 20 – Plínio Salgado, entre os líderes integralistas do Paraná, visitando o jornal *A Razão*



Fonte: *A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 3.

Na noite do dia 6 de junho, Salgado conferenciou no Teatro Guaíra lotado, conforme estimativa do *A Razão*, por 4.000 pessoas, entre integralistas, simpatizantes e curiosos. Altofalantes foram instalados do lado de fora, de forma que da rua, dos cafés e das casas próximas a sessão pudesse ser ouvida; falaram na ocasião, Jorge Lacerda, Silva Telles e Viera de Alencar, que fez questão de exibir ao Chefe Nacional os resultados da multiplicação dos militantes do Paraná em 9 meses (desde a última visita de Salgado). Seguindo o protocolo, Salgado foi o último a falar e o fez durante 3 horas.

Outra data de grande importância para a Sede Provincial foi a comemoração de seu primeiro aniversário, em julho de 1935. O *A Razão* fez várias conclamações aos militantes em números anteriores ao que fez a cobertura completa do evento, realizado em 23 de julho. No nº 8, veicularam-se os planejamentos dos festejos:

A Chefia Provincial, com muita razão, quer dar o maior brilhantismo possível aos festejos que se preparam para comemorar aquele aniversário. A fim de dar início desde já aos trabalhos de propaganda e elaboração do programma dos festejos, foi pelo Chefe Provincial nomeada uma comissão que já está trabalhando nesse sentido. Podemos adiantar a todos os integralistas do Paraná, que virá á Curitiba, o Chefe Nacional, Plinio Salgado, e os vibrantes universitarios paulistas Roland Corbisier e Loureiro Junior. Do programa dos festejos consta a grande concentração aqui na

Capital, de milhares de integralistas do interior, realizando uma “marcha luminosa”, na noite de 23 (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 6).

Esperava-se ansiosamente a presença do “eminente Chefe Nacional Plínio Salgado [...] [que viria] especialmente a Curitiba, afim de presidir aquelles festejos, passando em revista os milhares de camisas-verdes do Paraná” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 6). O programa das comemorações ficou assim estabelecido:

Dia 21, domingo. – concentração dos integralistas da Provincia, para um desfile nas principaes ruas da Capital, ás 17 horas. Dia 22, Segunda-feira – Conferencia publica no Cine Palacio, ás 21 horas. Dias 23, terça-feira – Encerramento dos festejos com uma grande “marcha luminosa” pelas principaes ruas da Capital. Na noite de 23, em todos os nucleos da Provincia, nas suas respectivas sédes, os integralistas promoverão uma Sessão solene, na qual será lida uma vibrante mensagem congratulatoria enviada pela Chefia Provincial [...] (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 6).

Plínio Salgado não tomou parte nas comemorações; enviou em seu lugar dois representantes de São Paulo, os universitários Godofredo da Silva Telles Junior e Francisco da Silva Prado. A Sede recebeu delegações de várias cidades do interior e litoral (Rio Negro, Imbituva, Ponta Grossa, Paranaguá, Antonina, Campo Largo, São José dos Pinhais, Bocaiúva e Tamandaré), além de São Francisco e Joinville.

O número 12 do *A Razão* cresceu de 6 para 12 páginas, no intuito de cobrir o aniversário. Medalhas comemorativas, com châtelaine de prata, foram cunhadas e posteriormente entregues ao Chefe Provincial, aos representantes de Plínio Salgado e uma foi enviada ao próprio Chefe Nacional¹²⁹; sua efigie foi exibida na capa do jornal (Ilustração 21).

Um gigantesco Sigma foi erguido na fachada da Sede, juntamente com os dizeres em letras garrafais: “Aqui se aprende a organizar, amar e defender a Patria” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 1). Não obstante, as comemorações se restringiram a eventos fechados, em virtude de uma proibição expressa da polícia à realização de concentrações públicas na capital (ver Capítulo IV). Uma das sessões ocorreu na Sede Provincial, às 20h do dia 21 de julho e outra maior, no Cine República (cedido pela empresa H. Oliva & Bley). O jornal curitibano *O Dia* noticiou o evento:

Consoante fora anunciado, realizou-se hontem no “Cine Republica” a solemnidade com a qual se comemorou a passagem do 1º anniversario, da Provincia Integralista do Paraná. Após o espectáculo cinematographico, presente inúmeros camisas-verdes, senhoras e curiosos, foi aberta a sessão pelo dr. Vieira de Alencar, chefe da

¹²⁹ A medalha original se encontra exposta no Arquivo Público Municipal de Rio Claro e integra a coleção de objetos pessoais do Fundo Plínio Salgado.

A.I.B. na nossa Província. Foi então dada a palavra ao sr. Jorge Lacerda, que pronunciou eloquente discurso sobre a data que decorria e que alta expressão tinha os integralistas do Paraná. A seguir usaram da palavra os srs. Drs. Goffredo [sic] da Silva Telles e Francisco da Silva Prado, vindos especialmente de São Paulo, cujas orações foram freneticamente aplaudidas pela numerosa assistência. Em seguida, de pé todos presentes cantaram com entusiasmo o Hymno Nacional. Com três “Anauês”, saudaram ao sr. Plinio Salgado, que se fizera representar por uma comissão vinda de São Paulo. Transcorreu assim com simplicidade e brilhantismo, o primeiro aniversário do Integralismo no Paraná [...] (*O Dia*, 22/07/1935, apud *A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 8).

Na terça-feira, 23 de julho, outra sessão ocorreu na Sede, na qual Alencar e os representantes de Salgado foram presenteados com as medalhas comemorativas.

Ilustração 21 – Efigie da medalha cunhada nas comemorações de 1 ano da Província do Paraná



Fonte: *A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 1.

No segundo semestre de 1935, o crescimento do movimento no Sul do país já permitia a conclamação de congressos regionais. Foi assim que em agosto, Plínio aceitou a ideia dada por Manoel Vieira de Alencar, para a execução de um congresso das províncias meridionais da AIB. O conclave abarcou as Províncias de Minas, São Paulo, Paraná, Guanabara, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que unidas formavam, na opinião de Salgado, “um bloco geographico em continuidade de modos de comunicação” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 5).

O Congresso Meridional das Províncias Integralistas foi realizado entre 6 e 8 de outubro de 1935 em Blumenau, Santa Catarina. Dele participaram os Secretários Nacionais, Chefes e Secretários Provinciais do Movimento (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 3). Antes do Congresso, contudo, a Sede Provincial do Paraná recebeu a visita do Secretário Nacional de Educação da AIB, Gustavo Barroso e de outros oradores.¹³⁰

No dia 23 de setembro, Barroso chegou a Curitiba e, no trajeto até o “Braz Hotel”, fez uma caminhada pelas Ruas XV e Barão do Rio Branco, acompanhado de “centenas de camisas verdes [...], cantando o Hymno Integralista”. Da sacada do hotel, discursou eloquentemente afirmando que “há 7 anos visitara Curitiba, que estava nas mãos da Liberal Democracia e que hoje visitava a capital paranaense, vendo-a quasi nas mãos dos camisas-verdes!” (*A Razão*, n. 23, 07/10/1935, p. 1).

Como não poderia ser diferente, Gustavo Barroso abordou “o palpitante thema” do “Judaísmo Internacional”, nas suas conferências na Sede Provincial e no Teatro Hauer:

[...] discorrendo com precisão e conhecimentos profundos sobre a Maçonaria, a Burschenschaft de São Paulo. Com uma coragem extraordinaria rasgou a cortina que tem coberto tantos mysterios da nossa Historia. Revelou os enigmas do cambio, da queda da borracha e do café, da queda da monarchia, com documentos novos e alarmantes. Referindo-se ás sociedades secretas, exclamou no meio de aplausos: “Quando nós nos apoderarmos do poder, acabaremos com todas as sociedades secretas! Só o crime é que procura as trevas! O Bem e a Verdade agem sempre á luz clara do sól!” (*A Razão*, n. 23, 07/10/1935, p. 1).

¹³⁰ Também, aproveitando a viagem a Blumenau, realizaram sessões na Sede Provincial do Paraná os militantes João Carlos Fairbanks, Antonio Salem, Alfredo Buzaid e Mayrink (*A Razão*, n. 24, 17/10/1935, p. 4).

Ilustração 22 – Conferência de Gustavo Barroso na Sede Provincial



Legenda original: “Nº 1 – Teofilo de Oliveira, Nº 2 – Heli [Ely Azambuja] Germano, Nº 3 – Rafael [Klier] Assunção. Nº 4 – Rubens [Klier] Assunção, Nº 5 – Dr. Vieira de Alencar”.
Fonte: *Pront. 173*, cx. 140, fl. 78, DOPS/PR, DEAP/PR.

Após a visita de Barroso e o Congresso Meridional, o último evento que mobilizou a Sede em 1935 foi a organização da caravana paranaense que participaria da “concentração dos 100.000” integralistas na Guanabara. Novamente a ideia do evento veio de Vieira de Alencar e, por isso, os paranaenses se mobilizaram exaustivamente para não decepcionar o Chefe, enviando cerca de 6.000 integralistas. Criou-se inclusive, no âmbito da Província, a “Taxa dos 100.000”, para levantar as despesas da referida participação (1\$000 era o mínimo para cada militante homem do movimento, “sem prejuízo da contribuição a que [estava] obrigado mensalmente”) (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 6).

3.1.6 OS NÚMEROS

Um grupo de dados profícuos, presente nos escritos sobre o 1º aniversário da Província, são os balanços numéricos: em junho de 1935, veiculou-se que a AIB no Paraná contava com cerca de 10.000 filiados. Os números propalados pelo Movimento para esse período são, em nosso julgamento, possíveis. Entre agosto de 1934 e junho de 1935 a AIB cresceu 1400%, passando de 200 para 3000 filiados, período que podemos chamar de ‘fase

explosiva de crescimento’ – 46,6% dos adeptos foram recrutados na capital (essa porcentagem aumentaria se incluíssemos os Campos Gerais).¹³¹

Arredondando os dados inexatos do *A Razão*, referentes aos 6 meses seguintes, para 9.500 filados, temos um incremento de 6500 filiados, até janeiro de 1936, o que reflete a criação e consolidação dos núcleos nas regiões interioranas. A taxa de crescimento (aqui semestral) obviamente caiu (216,6%), mas continuou expressiva.

Efetivamente, como podemos ver pelo mapa Mapa 2, a AIB estava presente em praticamente todo o Paraná habitado em fins de 1935 – contando com atividades de coordenação em municípios, bairros, distritos, vilas, fazendas e portos. Pela facilidade com que se infiltraram naquele ano, não era de todo exagerada a afirmação dos camisas-verdes: “em qualquer Cidade ou Villa da nossa Província, com raríssimas exceções, por mais longinqua que seja, se encontra um nucleo integralista [...]” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 6).

De tal modo, pela proporção do crescimento, não nos parece exorbitante o apontamento feito por Plínio Salgado para outubro de 1936, em que constam 30.000 filiados à AIB no Paraná (*A Offensiva*, n. 305, 08/10/1936, p. 2). Na verdade, se se mantivesse apenas a metade da taxa de crescimento do segundo semestre de 1935, o número de filiados seria próximo do dado veiculado oficialmente através do *Monitor Integralista*, para 31 de dezembro de 1936: 35.000 filiados (*Monitor Integralista*, n. 17, 20/02/1937, p. 4). Com esse último dado, a Província do Paraná, dividia com a Província do Espírito Santo, a 8ª posição entre as 23 províncias, em número de inscritos.

O número de núcleos apresentados oficialmente pelo Movimento também se aproxima da situação verificada nas fontes locais. Até fins de setembro de 1935, o Paraná possuía 31 núcleos municipais e 55 núcleos distritais (*Monitor Integralista*, n. 12, 03/10/1935, p. 2). Para 31 de dezembro de 1936, o *Monitor* apresentou 48 núcleos municipais, 86 núcleos distritais, 16 núcleos rurais e 5 núcleos em coordenação. Considerando que oficialmente havia 57 municípios e 149 distritos no Estado, o avanço integralista foi, de fato, surpreendente em pouco mais de 2 anos. Assim, nessa última data, no que tange ao número de núcleos, a Província do Paraná era maior que algumas das mais antigas províncias da AIB (por exemplo, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Pernambuco) e já ultrapassava a Província do Ceará, onde o Movimento teve explosiva aceitação (*Monitor Integralista*, n. 17, 20/02/1937, p. 4). Nesse quesito, o Paraná ocupava a 6ª posição, entre as maiores Províncias da AIB, em 31 de dezembro de 1936.

¹³¹ 81,82% da população paranaense, de acordo com o censo de 1936, habitava o Planalto de Curitiba e os Campos Gerais (ESXX, IBGE, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>, acesso em 30/10/2011).

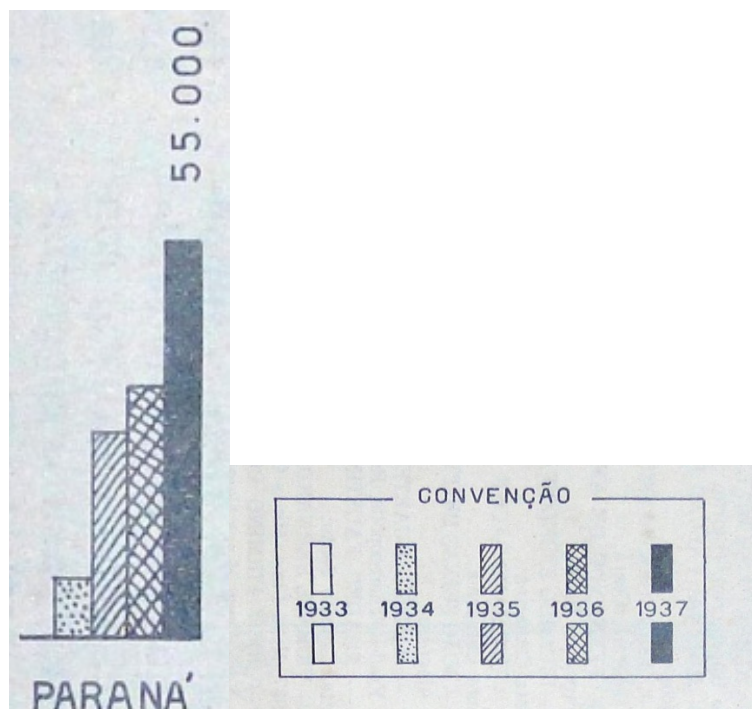
Mapa 2 – Núcleos Integralistas no Paraná (1935)*



* Mapa elaborado pelo autor. Imagem ao fundo: Mapa oficial do Paraná – 1938, fonte: http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/mapas_itcg3.html.

Temos algumas razões para desacreditar do número apresentado pelo *Monitor Integralista* para fins de 1937. Segundo o jornal, a Província do Paraná passou de 35.000, para 55.000 filiados em menos de um ano. O próprio gráfico publicado, que apresenta a ascensão do Movimento local desde 1934, nos permite colocar tal número em questão.

Ilustração 23 – Recorte do *Monitor Integralista*, constando o gráfico da ascensão da AIB no Paraná (de 1934 a 1937)



Fonte: *Monitor Integralista*, n. 22, 07/10/1937, p. 4.

De acordo com o gráfico e como vimos no presente trabalho, o crescimento explosivo da AIB se deu no ano de 1935. Em 1936, devido ao interregno de 7 meses de ilegalidade, houve significativo decréscimo na taxa de crescimento que, no entanto, segundo o gráfico, antige os mesmos índices de 1935 no ano seguinte.

Em diversas notas, espalhadas pelos periódicos da imprensa integralista nacional, vemos os militantes do Paraná, mesmo na legalidade de 1937, reclamarem da truculência de certas autoridades do Estado. Podemos conjecturar, deste modo, que o fim da proscricção não significou a irrestrita abertura que o Movimento teve, grosso modo, até agosto de 1935. Ademais, em todo o ano de 1937, a AIB concentrou suas atividades em um único grande objetivo: adquirir números para a eleição de Plínio Salgado ao cargo de Presidente da República. Aqui, nos referimos tanto a ‘números reais’, que dessem suporte eleitoral ao

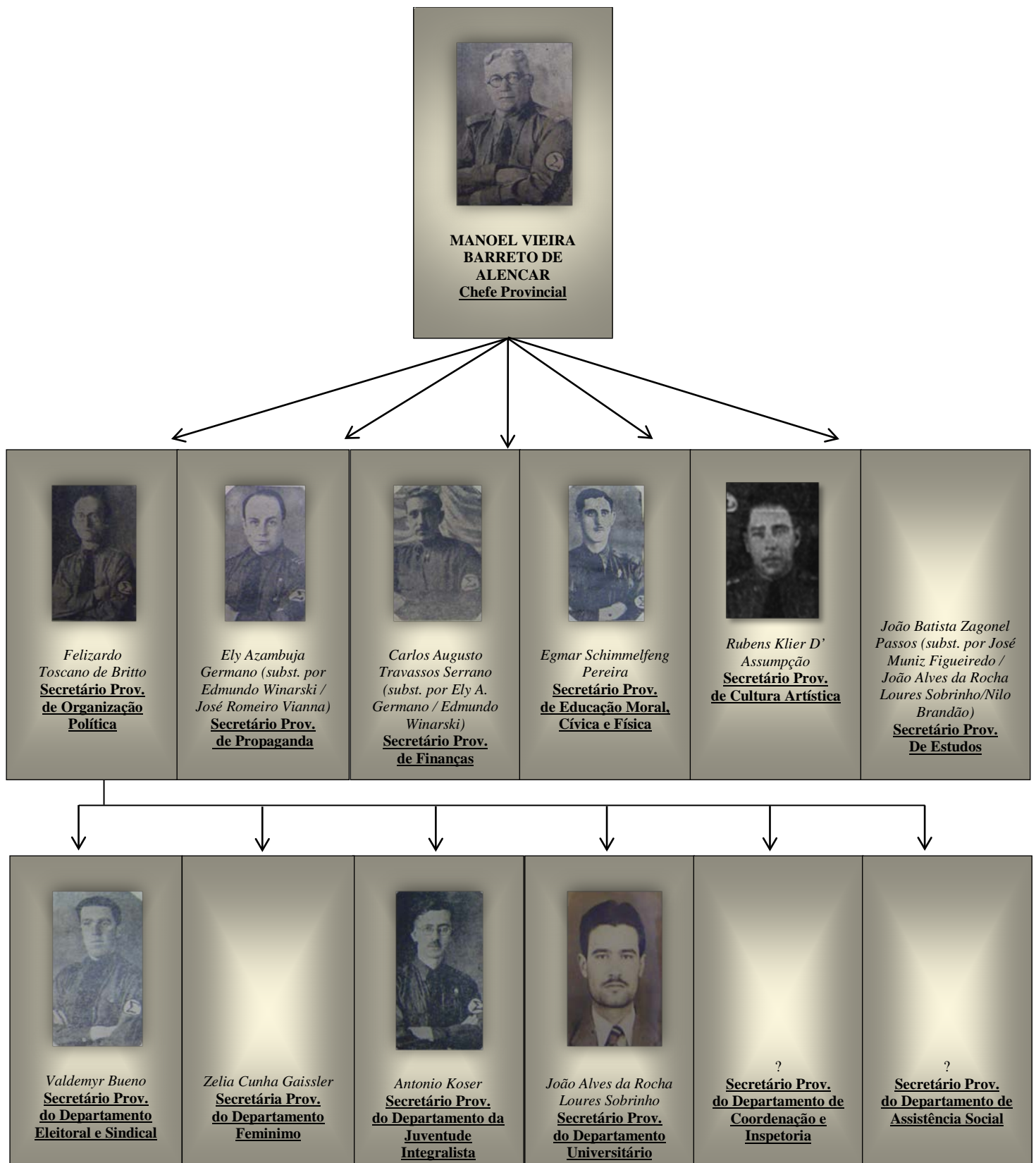
candidato ‘outsider’ (o que se mostrou insuficiente), quanto a ‘números imaginários’, que influenciassem o eleitorado, fazendo-o crer na iminente vitória do supremo camisa-verde.

Infelizmente, para uma análise conclusiva, carecemos dos dados internos do Movimento local (sobretudo listas ou fichas de filiados), que se perderam em algum baú empoeirado nas casas de militantes reprimidos ou nas estantes da Delegacia de Ordem Política e Social. De qualquer forma, levando em conta as questões apontadas até aqui, estimamos que o Movimento no Paraná alcançou um número entre 38.000 e 40.000 filiados até dezembro de 1937.

3.2 OS DEPARTAMENTOS E SECRETARIAS

A Sede Provincial abrigava os Departamentos e Secretarias provinciais que, teoricamente, eram as mesmas encontradas no plano nacional. A única menção sistemática do secretariado provincial do Paraná apareceu na edição comemorativa do *A Razão* (1 ano da Província), na qual se apresentou uma composição parcial dos órgãos. Para fins de elucidação, complementamos esse quadro através de outras leituras de documentos e apresentamos o secretariado provincial para julho de 1935, ainda que de forma lacunar, por meio da ilustração que se segue:

Ilustração 24 – Secretariado da AIB, Província do Paraná (julho de 1935)



Fonte: *A Razão*, n. 12, 23/07/1935.

Não abordaremos aqui os órgãos provinciais de cunho burocrático, como as Secretarias Eleitorais ou de Finanças, especialmente pela falta de veiculação das suas atividades nos periódicos analisados. Trataremos especificamente e de forma não exaustiva das Secretarias e Departamentos que agrupavam os militantes em determinados segmentos, com características peculiares no interior do Movimento: mulheres, crianças e jovens, universitários e milicianos (ou atletas).

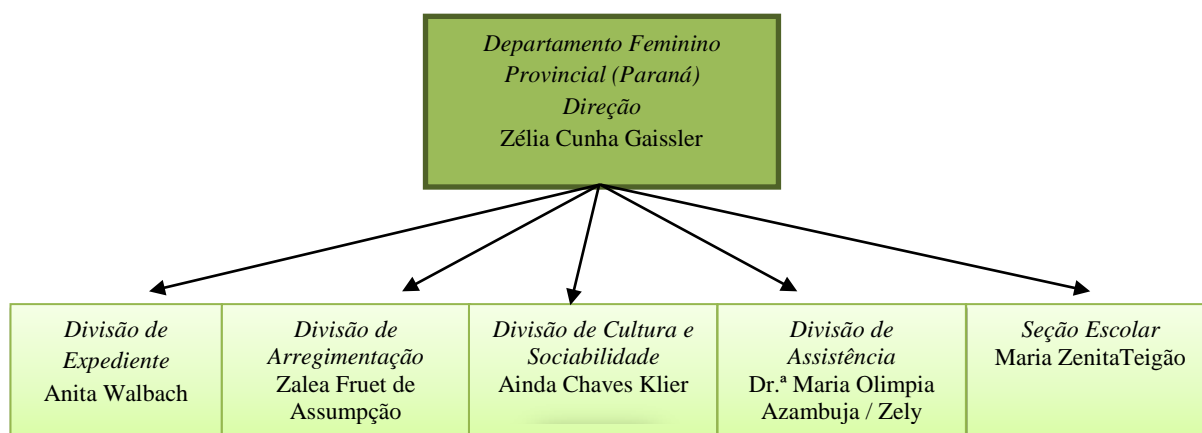
3.2.1 DEPARTAMENTO FEMININO PROVINCIAL

O lugar da mulher no fascismo brasileiro é uma questão delicada e que apresenta certa discrepância em relação a outros movimentos da mesma estirpe. É sabido que, assim como alguns congêneres europeus, o Integralismo atribuía à mulher um papel biologicamente determinado, de caráter mariano, que alimentava a figura maternal da docilidade feminina, do cuidado com o lar e do esteio da casa cristã. Assim, como mostram as pesquisas de Lídia Possas (2004), a mulher integralista não poderia se entregar nem à frivolidade da feminilidade moderna, da luxuosa “boneca de cabecinha vazia” (nas palavras de Salgado), muito menos à atitude da “mulher-macho”, aquela que buscava o igualitarismo entre os sexos pela ocupação de papéis sociais masculinos.

Contudo, no Integralismo, a ‘rainha do lar’ ganhou uma blusa verde e foi às ruas, convidada a se unir aos homens na mobilização política. De tal modo, percebe-se uma contradição implícita nos discursos e nas práticas integralistas em relação à mulher: ao mesmo tempo em que o movimento a incentivava a frequentar uniformizada os espaços públicos, restringia suas ações àquelas destinadas à mulher pelo imaginário social católico.

Essa dubiedade também está presente na ação do Departamento Feminino Provincial do Paraná. Sua organização se deu entre março e abril de 1935 e as atividades tiveram início em maio; a primeira estrutura organizativa era composta pelas seguintes divisões:

Ilustração 25 – Organograma da organização do Departamento Feminino da AIB, Província do Paraná (maio de 1935)



Embora sua líder tivesse poder suficiente para fundar núcleos e dirigir sessões integralistas, como vimos, a primeira aparição do Departamento Feminino no *A Razão* assinalou o caráter mariano da mulher no Movimento: o objetivo da sua criação, segundo uma nota, era “o de orientar e dirigir a acção da Mulher Brasileira no movimento e prepará-la para ocupar eficientemente no regimen integralista o lugar que de direito lhe cabe”. “O lugar” que lhe coube, com efeito, apareceu na sequencia do texto: “todas as integralistas” foram convocadas para a realização de “trabalhos manuaes em benefício da A.I.B.”, inclusive para a confecção de “camisas verdes, distintivos, etc.” (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 2).

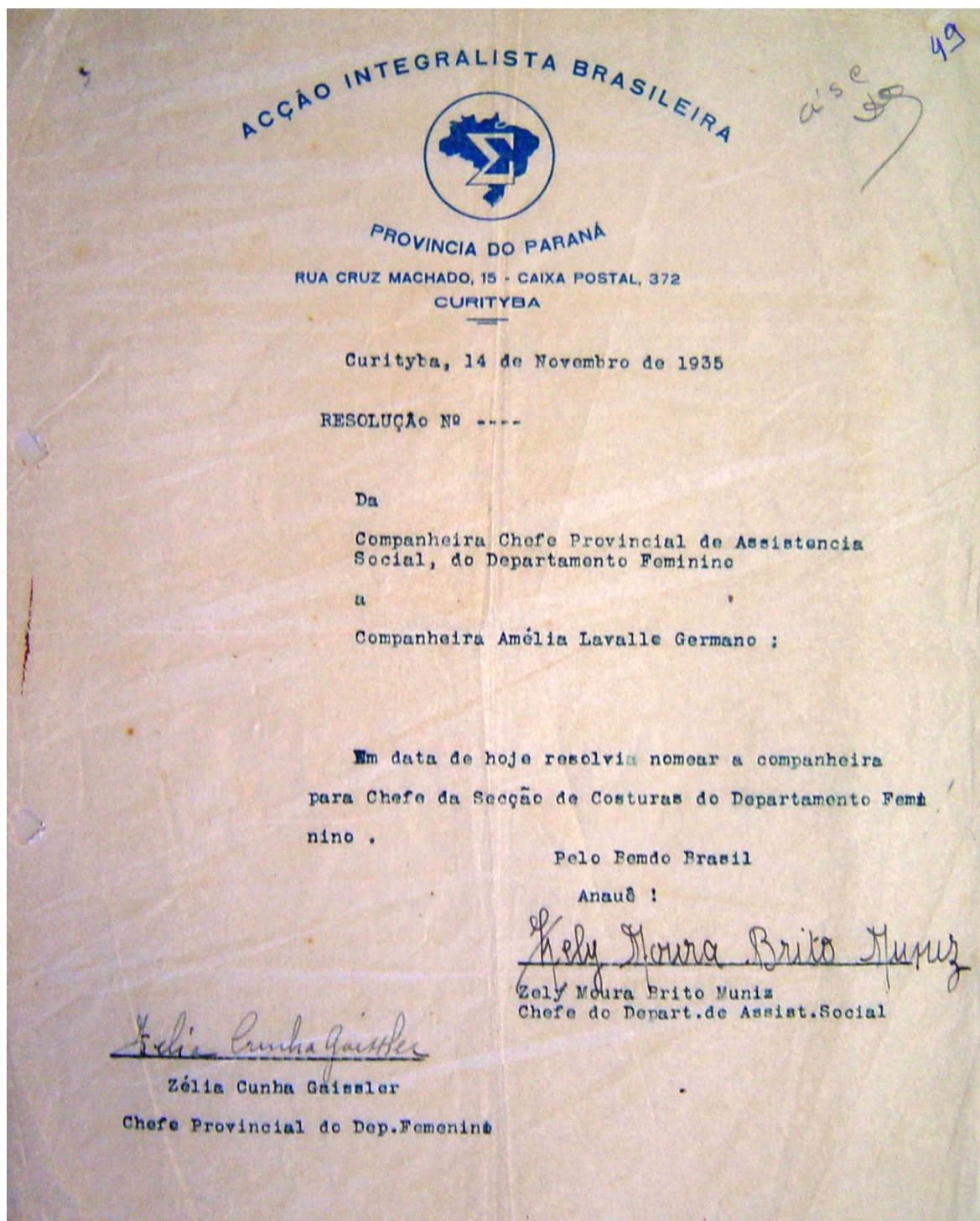
Não havia muitos espaços no *A Razão* para a mulher, como havia, por exemplo, aos domingos, na segunda fase do *A Offensiva* (1936-1937), a “Página da Blusa Verde”. No nº 6 do jornal paranaense, uma tímida nota intitulada “COLUMNNA PARA O LAR INTEGRALISTA”, trouxe apenas um texto elaborado por uma pliniana, enaltecendo o papel maternal.

Ademais, consoante ao que o machismo da AIB permitia, encontramos notas minúsculas sobre as atividades “tipicamente femininas”. Por exemplo: as mulheres se tornaram responsáveis, juntamente com certas lojas autorizadas, pela comercialização das camisas verdes. Por 15\$000 os militantes poderiam adquirir na própria sede do Departamento Feminino as “bem confeccionadas camisas [...]” (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 6).

Havia inclusive um setor dentro do Departamento responsável pelas atividades de confecção. Dos poucos documentos produzidos pela própria Província que tivemos acesso, encontramos dois elaborados pelo Departamento Feminino (perdidos entre os documentos do marido/militante preso pela DOPS). Um deles é uma comunicação, informando à militante Amelia Lavalle Germano – esposa de Ely Azambuja Germano – que fora nomeada Chefe da

Secção de Costuras do Departamento Feminino Provincial (13/11/1935); o outro, uma resolução nomeando a mesma militante para o cargo de Chefe da Divisão de Acção Social do Núcleo de Curitiba (30/10/1936).

Ilustração 26 – Comunicação da Chefe de Assistência Social do Departamento Feminino Provincial à Amélia Lavalle Germano



Fonte: *Pront.* 0319, top. 291, fl. 49, DOPS/PR, DEAP/PR.

3.2.2 O DEPARTAMENTO DA JUVENTUDE INTEGRALISTA:

O Departamento da Juventude Integralista foi fundado em outubro de 1934, pelo então Secretário de Organização Política da Província, Hely Van Der Broock. Com a morte prematura de Van Der Broock, a chefia ficou a cargo do professor Antônio Koser, lente do Colégio Bom Jesus, escola pertencente à ordem franciscana de Curitiba. Seu imediato era um acadêmico, Ricardo Beltrami, também Comandante de Tropa dos plinianos. A Juventude Integralista realizava múltiplas atividades de caráter escotista, como aulas, jogos e excursões. Assim como nos outros Departamentos (e posteriormente nas Secretarias), o Departamento da Juventude tinha uma subunidade em cada núcleo e subnúcleo, em especial naqueles que atingiam certo tamanho.

Como regra nacional da Juventude, os plinianos ingressos se subdividiam em três graduações: “infantis”, para crianças de 5 a 8 anos; “vanguardeiros” – para crianças de 8 a 14 anos; e “pioneiros”, entre 14 e 18 anos. Ao chegarem no estágio de vanguardeiros, as crianças prestavam “juramento á Bandeira Nacional, e feito o exame de noviço” prestavam “o compromisso á Bandeira Integralista” (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 4).

Os 10 mandamentos dos plinianos, publicados no *A Razão*, estabeleciam:

1. – O [ilegível] é absolutamente identificado com a sua causa; ama-a sem temor e trabalha [ilegível] abnegadamente;
2. – O pliniano ama a verdade mais que a propria vida;
3. – O pliniano é bom filho, bom irmão, bom amigo, bom discípulo;
4. – O pliniano é cortez e affavel;
5. – O pliniano é disciplinado; portanto, obediente, pontual e ordeiro;
6. – O pliniano ama a natureza preotege as plantas e os animaes;
7. – O pliniano existe para fazer o bem;
8. – O pliniano é alegre, sorri das dificuldades e está sempre prompto para a lucta;
9. – O pliniano ama o Brasil ardentemente. Vê nelle toda a Historia e todo o soffrimento do seu povo;
10. – O pliniano tem o corpo limpo e a alma pura (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 4).

De acordo com seu Chefe, Antonio Koser, o Departamento da Juventude funcionava fundamentalmente “para contrabalençar a educação com princípios superficiaes e confusos, cujo fim [era] levar a humanidade para as idéas internacionaes e desta maneira preparar o terreno para o communismo” (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 2). Além disso:

O Dep. Da J. I. quer reunir a mocidade brasileira de todas as classes, sem distincção de raça, côr ou religião, incutir-lhe o espirito da camaradagem, para opor um dique a soberbia nefasta de nossos tempos, que separa as classes. [...] quer principalmente proteger e amparar áquella mocidade que já muito cedo se vê foçada a ganhar o seu sustendo, sendo arigimentado já em tenra idade no grande numero do operariado, dos obreiros; os constructores da pátria, hoje tão explorados, mocidade esta, que deve ser amaparada com um cuidado especial, pois nenhuma outra se acha tanto exposta ás idéas subversivas como ella. [...] quer tambem educar o homem physico, interessando a mocidade para os exercicios corporaes e jogos ao ar livre, excrusões

etc. e desta maneira formar homens robustos e resistentes. [...] quer enfim cooperar com os paes na grande e difficil obra educacional de levar a mocidade atravez dos anos mais perigosos da vida e integrando-a nas fileiras da Acção Integralista Brasileira, que concluirá a obra e assim se formará o brasileiro integral debaixo da trilogia: Deus – Pátria – Família. [...] para conseguir os fins acima mencionados, mantem cursos de História do Brasil e Geographia, bem como cursos de instrucção cívicas, moral e physica. [Antonio Koser] (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 2).

Na Sede Provincial, as aulas ocorriam às segundas e quartas-feiras, das 5:30h às 6:30h (ao que tudo indica, trata-se de fato do horário da manhã). Aos sábados ocorriam as instruções físicas, das 4 às 6h da manhã e aos domingos das 9 às 11h. Para atender aos impossibilitados em função dos horários e aos plinianos em idade avançada, o Departamento também criou aulas noturnas de Português, Aritmética e Datilografia.

Há evidência no *A Razão* de que Koser encontrava dificuldades em arregimentar as crianças para o Departamento. Isso se dava em função da desconfiança dos pais em relação ao tipo de educação pregada pela AIB e pelos riscos que ela acarretava. Em artigo intitulado “Apello aos paes!”, o professor tentou persuadir os progenitores:

Para remediar este mal temos os Departamentos da Juventude Integralista. Nestes departamentos acham os paes um auxilio forte e constante. Mas os Departamentos da Juventude Integralista não podem conseguir os seus fins sem a cooperação dos paes. [...] Os plinianos se acham sob a autoridade de seus paes ou responsaveis e não são, portanto, pessoas que podem dispor livremente sobre si e seu tempo. Os paes devem conceder aos seus filhos o tempo que necessitam para poderem cumprir seu dever que consiste em comparecer pontualmente ás horas marcadas pera os estudos. Os plinianos são crianças com todas as suas virtudes e tambem suas faltas. Por mais bem intencionadas que sejam, precisam sempre do estímulo e da exhortação de seus paes. Outrosim podem os paes deixar participar sem receio os seus filhos nas excursões que o Depa. da J. I. empreender, pois irá sempre junto pessoa de responsabilidade (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 3).

Na ocasião do aniversário do Departamento, em outubro de 1935, Koser retornou ao problema de forma mais direta:

Sabemos de muitos jovens patrícios que não se ficham em nossas fileiras, que não vestem a camisa verde, porque seus paes não consentem. A esses aconselhamos que acatem a vontade parterna. Sigam comtudo a marcha do *Sigma*. Defendendo pela palavra escripta ou falada o movimento que o coração abraçou [...] (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 4).

Em seguida, o professor apresentou alguns esclarecimentos aos pais, que nos dão ideia dos motivos principais das recusas paternas:

1.º - O Integralismo não é um ninho de desordeiros, e a prova disso é que com dois annos de existencia nunca *provocou* arruaças. Apenas quando atacado, defende-se; 2.º - Os plinianos *não prestam o juramento dos adultos e nem são obrigados* a aparecer em momentos de perigo; 3.º - De qualquer modo esse temor prejudica o jovem, tornando-o medroso, apathico, covarde, incapaz de lutar contra o mal, de lutar pela vida, de ser um homem de acção, de aparecer de frente erguida na sociedade [...] (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 4).

Pelas palavras de Koser, percebemos que os pais temiam a violência dos enfrentamentos públicos corriqueiros entre integralistas e comunistas. Os grifos do autor na questão do juramento podem também ser indicativos de que havia certo temor ou desconfiança em torno do comprometimento do filho no ritual integralista.

A despeito das dificuldades de arregimentação, o Departamento permaneceu em pleno funcionamento no ano de 1935 e o *A Razão* dava publicidade a algumas de suas atividades cotidianas. Sobre os estudos realizados na última semana de maio, dedicados “aos heroes da Guerra do Paraguai”, o jornal descreveu o tipo de educação ‘histórico-cívica’, fundamentalmente ‘positivista’, que as crianças recebiam no Integralismo:

Na aula da 2.ª feira falou o chefe deste Departamento sobre a vida e os gloriosos feitos do grande general Duque de Caxias e a de 4.ª dedicou aos generaes Manoel Luiz Ozorio, vencedor de Tuyuty e Barão do Triumpho, corajoso general de cavallaria, que falleceu em Assumpção aos 6 de janeiro de 1869. Com visivel entusiasmo esentaram [sic] os plinianos a historia destes heroes, o orgulho do nosso passado. O professor tambem fez lembrar aos plinianos, dos 100.000 soldados brasileiros, aos heroes silenciosos que sacrificaram a sua vida em defesa da integridade da nossa patria. A segunda semana de Junho será dedicada aos heroes da batalha de Riachuelo (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 3).

Atividades de ‘caridade’ também faziam parte do dia-a-dia do Departamento. Em 29 de junho de 1935, chefiados por Antônio Koser, os plinianos visitaram os órfãos do Asilo São Luiz:

Os plinianos encontraram os orphães formados no pateo do asylo. Curiosos contemplavam a juventude verde. Esta iniciou o pequeno festival com o “Hymno Integralista”. Em seguida seu chefe contou aos orphãos algo do movimento integralista e do seu grande chefe Plínio Salgado. Com visivel interesse escutaram os órfãos as palavras do orador. Terminando cantaram todos juntos a primeira parte do “Hymno Nacional”. Depois entregaram os plinianos á caridosa Irmã Superiora os doces e balas que tinham levado para serem distribuidos entre os orphãosinhos. O pliniano Ruy Patitucci levára um balão com Sigmas o qual soltaram com grande alegria, no pateo, levantando-se pelas alturas e por muito tempo se via o Sigma pairando nos ares de Curitiba. Na despedida os orphãos também ergueram os braços num alegre Anauê (*A Razão*, n. 10. 05/07/1935, p. 2).

Os Festivais da Juventude Integralista eram eventos significativos para os plinianos, momento em que as crianças apresentavam diversos números de teatro, canto e danças aos seus pais diante de grande plateia. O primeiro festival foi realizado numa tradicional sociedade alemã de Curitiba, a *Handwerker Unterstützungs-Verein* (Sociedade Beneficente Operária), ou simplesmente Sociedade Handwerker, como era chamada.

O segundo festival ocorreu por ocasião das comemorações do 1º aniversário da Juventude Integralista, entre 21 e 23 de outubro de 1935. Na ocasião, um número completo do *A Razão* foi dedicado à Juventude, apresentando relatório da extensa programação que incluía: hasteamento da bandeira, uma missa na Catedral Metropolitana, sessões integralistas e uma “chocolatada” na Sede Provincial, além do Festival propriamente dito na Sociedade Handwerker (*A Razão*, n. 26, 31/10/1935, p. 6). Na primeira página daquela edição, publicou-se a segunda e última gravura veiculada na primeira fase do *A Razão*, na qual um pliniano toca seu tambor pisoteando, com um pé, a foice e o martelo (o comunismo) e, com outro, o esquadro e o compasso (a Maçonaria):

Ilustração 27 – Gravura de um pliniano, publicada no *A Razão*, pisoteando os símbolos do comunismo e da maçonaria



Fonte: *A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 1.

3.2.3 O DEPARTAMENTO UNIVERSITÁRIO: “A ALMA DO EDIFÍCIO DA PRAÇA SANTOS ANDRADE”

“Nesses tempos, entre os universitários, quem não era integralista era comunista”.

Wilson Martins

“Encanta-me, sobretudo, o grupo de rapazes de nossa Universidade [do Paraná], futuros estadistas do Estado Integral, revelando uma cultura notável”.

Plínio Salgado

Robert Levine postulou como regra para o recrutamento integralista a sua “pouca influência entre os estudantes de nível universitário [...] exceto no Nordeste” (1980, p. 142). Esse parece não ser o caso do Paraná. O Departamento Universitário da Província era um dos mais enérgicos braços do Movimento e agrupou uma parte significativa dos estudantes da Universidade do Paraná, futura Universidade Federal do Paraná.¹³²

Alguns dos mais influentes líderes da AIB eram universitários (como Jorge Lacerda e João Alves da Rocha Loures Sobrinho) e, à sombra de alguns professores camisas-verdes (como Vieira de Alencar e Waldemar Grummt), o Departamento cresceu e se enraizou em diversos cursos da UPR. Os cursos de Direito e Medicina são recorrentes nas atividades do sigma veiculadas pelo *A Razão*, muito possivelmente, o primeiro, pela presença de Vieira de Alencar e, o segundo, pela ação enérgica de Jorge Lacerda, chefe do Centro Acadêmico daquele curso.

O Departamento foi chefiado, durante um longo período, por um dos mais ativos militantes do Movimento no Paraná, o acadêmico de Direito João Alves da Rocha Loures Sobrinho¹³³, redator-chefe do primeiro jornal da AIB no Estado, *O Integralista*, de curta circulação. Loures Sobrinho era também considerado um ‘doutrinador’ local, fato que o levou a ministrar cursos de História e Sociologia na Sede da AIB. Como tantos outros universitários, Rocha Loures era um admirador das ideias do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, sobretudo no que concerne à missão da universidade da sociedade.

A fundação do Departamento se deu, como vimos no Capítulo II, no dia 16 de agosto de 1934, numa das salas da Universidade do Paraná.¹³⁴ A partir de então, intensa propaganda

¹³² A propósito, a causa da federalização da Universidade do Paraná agitou os meios estudantis integralistas. Aproveitando a publicação de um decreto federal que contemplou diversos estados com universidades federais (“esquecendo-se de Curityba”), em setembro de 1935, os militantes participaram de um “*Marche aux flambeux*” em prol da federalização, cujas tochas foram fornecidas pela AIB. (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 3).

¹³³ Sua nomeação para o cargo se deu pelo decreto nº 5 da Chefia Provincial, de 27 de julho de 1934 (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 1).

¹³⁴ Posteriormente, com o crescimento do Movimento (e de seus adversários) um “edital”, possivelmente da própria UPR, proibiu a realização de sessões políticas nas dependências da Universidade (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 6).

foi despejada pelos integralistas universitários, com destaque para a atuação de Jorge Lacerda, considerado pelo Movimento como “um dos maiores oradores dentre os universitarios do Brasil” (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 6).

Os acadêmicos, redobrando esforços, fizeram a propaganda pessoal, espalharam boletins, realizaram sessões na séde da A.I.B., fizeram comícios em frente aos estabelecimentos de ensino secundário, instituíram a semana universitaria, effectuaram sessões no Theatro Guayra (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 6).

Em poucos meses, conseguiram reunir uma multidão de cerca de 1.500 estudantes para uma concentração num velho casarão da rua Dr. Mucicy. A reunião, que ocupava lugar privilegiado na memória do Departamento, se deu em 24 de outubro de 1934 e contou com a presença de oradores e estudantes da UPR, do Ginásio Paranaense, do Internato do Ginásio, do Novo Atheneu e do Instituto Santa Maria (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 6).

Segundo o *A Razão*, para 1935 o Departamento buscou “cimentar os [...] trabalhos, mediante a cultura”. Diversos comícios em frente aos ginásios ou em praças públicas foram realizados no primeiro semestre, o que, em parte, entrava em desacordo com a Lei de Segurança Nacional; em maio, a Semana Universitária teve sua sessão final proibida pelo Governo do Estado, que justificou o ato recorrendo à Lei. Esse fato levou os universitários à confecção de um abaixo-assinado, que não se veiculou no *A Razão*. Na verdade, os jovens militantes discordaram da não publicação do abaixo-assinado num texto que fez o retrospecto histórico do Departamento, publicado no nº 16. Segundo o texto, o abaixo-assinado não veiculou “por motivos estranhos ao Departamento Universitário”. Isso nos sugere que a Chefia Provincial pode ter barrado a publicação, com receio de contragolpes maiores por parte do Governo.

De qualquer forma, por ser comandado por universitários, o *A Razão* dava ampla publicidade às peripécias do Departamento. A primeira menção data de 24 de maio de 1935. Por sua natureza, qual seja, a propaganda, o periódico mostra com empolgação a recepção dos universitários à AIB:

Os meios universitarios do Paraná estão agitados pelo ideal integralista. É que os acadêmicos estão compreendendo que precisamos dar alma, viva como o nosso tempo, ao imponente edificio da praça Santos Andrade. Estudantes de Direito, medicina, engenharia, agronomia, odontologia e pharmacia interessam-se pelo estudo acurado da doutrina integralista. [...] O Departamento Provincial Universitario em data fixada vae estudar os themas fundamentaes do Integralismo, prometendo conferencias publicas dos nossos principaes oradores (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 2).

Além da Semana Universitária, outro marco na história do Departamento foi a fundação de uma instituição paralela de estudos, uma espécie de ‘SEP’ local, o Centro Ronald de Carvalho, que reunia estudantes nacionalistas, não necessariamente integralistas, como Oliveira Franco Sobrinho. É interessante notar que, enquanto o Departamento Universitário perdeu acesso às salas da UPR, o Centro Ronald de Carvalho ganhou a prerrogativa de fazer suas conferências no Salão Nobre da Universidade (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 5).¹³⁵

Em meados de 1935, o Departamento já possuía ramificações no ensino secundário, com uma seção instalada no Ginásio Paranaense, onde alguns professores eram membros ativos da Ação Integralista (como Liguaru Espírito Santo e Nilo Brandão). O *A Razão* publicou, no seu nº 12, um discurso da estudante do Ginásio e militante Rosita Macedo, proferido no “Centro Gynasial Paranaense”, em que atacou a Revolução Francesa e a “utopia” do sufrágio universal, para em seguida exaltar ao Fascismo, a “Alemanha com seu Hitlerismo” que “ressurg[iu]” e, finalmente, o Integralismo (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 4).

Na Universidade, os acadêmicos integralistas pareciam ter bom trânsito entre alguns professores e administradores. Em 7 de setembro de 1935, inventaram uma cerimônia para presentear a UPR com uma bandeira nacional. O reitor, Dr. Victor do Amaral, recebeu uma comissão de camisas-verdes e pareceu ter acolhido “com entusiasmo” a ideia, como disseram os militantes: decidiu que a entrega da bandeira integraria uma cerimônia da própria Universidade (a inauguração de dependências da Faculdade de Medicina) (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 1).

O estudante de medicina, Jorge Lacerda, foi escolhido para a cerimônia do oferecimento da bandeira, quando todo um ritual foi encenado, quase competindo com os desfiles cívicos tradicionais do 7 de setembro. Centenas de integralistas se agruparam na Sede Provincial e conduziram a bandeira até a Praça Santos Andrade, passando pela Rua XV de Novembro, onde cantaram ardentemente em todo o trajeto: “Avante, Avante, pelo Brasil toca a marchar / Avante, avante, Nosso Brasil vai despertar”, o hino integralista.

Como o próprio jornal descreve, “estavam presentes na Universidade, inumeras autoridades civis e militares e lentes cathedraicos”. Estava claro, pela situação, que o entusiasmo dos militantes – que foram cantando “Avante” até a porta da UPR – acirraria os ânimos da imprensa e de alguns participantes da solenidade. A chuva levou a cerimônia da

¹³⁵ O Centro conseguia atrair intelectuais com certo renome para palestrar em suas reuniões. Em 5 de setembro, por exemplo, o educador e sociólogo Fernando de Azevedo aceitou o convite para abordar o tema da “Educação e a Universidade Nacional” (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 2).

sacada para o Salão Nobre da Universidade, onde Lacerda, vestindo a camisa-verde, discursou (ver análise do discurso de Lacerda no Capítulo V):

Ao finalizar a sua oração, o companheiro universitário pediu permissão aos presentes, mesmo aos que tivessem ideias diferentes dos seus, que os acadêmicos integralistas que enchiam completamente o Salão Nobre, levantassem uma saudação ao Brasil e ao Pavilhão Nacional. Esta saudação poderia ser representada por “vivas”, mas os integralistas, ao invés de dizerem “vivas”, dizem “anauês”. Foram levantados então, três vibrantes anauês, dentro do salão, saídos das gargantas dos moços integralistas (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 1 e 6).

Alguns catedráticos presentes manifestaram contrariedade ao acontecimento, juntamente com parte da imprensa.¹³⁶ O “Diário da Manhã”, ao contrário, publicou o discurso de Lacerda para evitar “interpretações as mais desencontradas”. Passado o burburinho provocado pelos “anauês”, o professor Fernando Azevedo hasteou a bandeira, a convite do Reitor, enquanto “os bravos e intrepidos universitários camisas-verdes, cantaram com os braços estendidos a primeira parte do Hymno da Patria!” (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 1). O *A Razão* criticou duramente os lentes que se sentiram chocados com o evento:

[...] são homens dos séculos passados, que ainda se ajoelham no altar de Marx ou de Rousseau... São do século do lampeão... Por isto é que têm ojeriza ao Integralismo, que é uma causa nova, que é do século XX, que é do século da electricidade! (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 6).

O texto prosseguiu, atacando a política de neutralidade político-partidária adotada na UPR:

Os acadêmicos já estão cansados de ouvir que dentro da Universidade não deve penetrar política, porque ella é um templo de sciencia, porque ella “segue a tradição”. Si ella deve seguir a tradição, ella não pode pensar com a época, não pôde acompanhar o rythmo novo do pensamento do seculo, e então não será mais uma Universidade, mas apenas um museu. Mas si a politica (com p minúsculo) não pôde penetrar no recinto da Universidade os universitarios integralistas têm o direito de perguntar: “O que é que faz então, dentro do Salão Nobre da Universidade, o retrato de João Pessôa cuja bravura não se pôde negar, mas que nada fez em vida, pela Universidade ou pela Sciencia?” (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 6).

¹³⁶ Especialmente o jornal *O Dia*, que interpretou a participação dos integralistas na cerimônia como um ato político-partidário nas dependências da Universidade (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 3). *O Dia*, é o mesmo jornal que, no início de 1934, publicava textos de doutrina integralista. A mudança de atitude que parece ter assustado a AIB (“*O Dia desta vez errou*”, disseram), pode se explicar pela maior ou menor condição de coadunação do periódico com as diretrizes do Governo do estado, que a essa altura, já esboçava a repressão à AIB. O ‘fisiologismo’ do jornal não é uma exceção, já que o mesmo se deu com o *Diário da Tarde*, que também fazia propaganda do sigma antes da instalação da Província e se tornou antiintegralista convicto durante o Estado Novo.

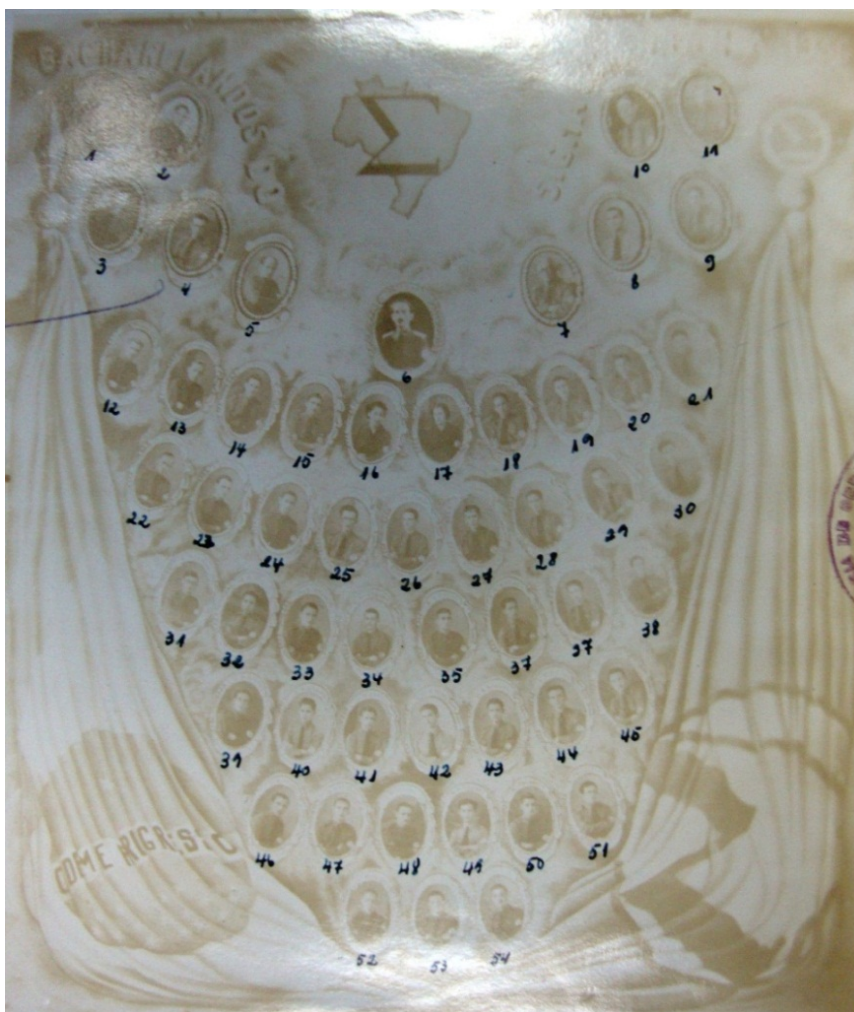
Embora os integralistas esbravejassem, o retrato de João Pessoa indicava que a política paranaense seguia os rumos dos vencedores da “Revolução” de 1930, ou os rumos ditados pelo homem colocado no poder por ela. Parece-nos, que custava aos jovens militantes compreenderem que a partir de meados de 1935, a AIB teria pouca margem de manobra diante do governo de Manoel Ribas, algo que se agravaria com o resultado das eleições de setembro.

Em 1936, às vésperas do fechamento da AIB no Paraná, encontramos o Departamento Universitário em intensa atividade. Agora com Jorge Lacerda na Chefia, os estudantes integralistas realizaram uma grande sessão em homenagem a Tiradentes, no dia 21 de abril, na Sede Municipal de Curitiba; ao mesmo tempo, já agendavam uma próxima sessão extraordinária para o 13 de maio, não realizada em virtude da repressão que sobreveio à Província. Naquele mesmo mês de abril, também nos deparamos com os universitários se aproveitando da presença de uma “Bancada Integralista” na Câmara Municipal de Curitiba (ver Capítulo IV): Jorge Lacerda solicitou ao vereador Raul Munhoz que defendesse o nome de “Alberto Torres” para a nomenclatura de um logradouro de Curitiba (*A Offensiva*, n. 149, 07/04/1936, p. 7).¹³⁷

Como forma de prestigiar os universitários integralistas, a AIB criou uma cerimônia de “imposição do grão do Sigma” aos formandos de cada ano, a partir de 1935. No Paraná, a cerimônia dos “Doutores do Sigma” ocorreu pela primeira vez naquele ano de 1936. De acordo com o que estabelecia o Departamento Nacional de Estudantes, confeccionou-se um quadro com os formados vestindo a camisa verde, em “retratos typo cartão postal” (*A Offensiva*, n. 266, 23/08/1936, p. 1). A Ilustração 28 é uma foto do quadro, tirada pela Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná (após 1938, utilizada para incriminar os ex-universitários integralistas).

¹³⁷ O horto florestal acabou recebendo o nome.

Ilustração 28 – Quadro “Bacharelados do Sigma”, Província do Paraná (1936)



Fonte: *Pront.* 1791, cx. 376, fl. 5, DOPS/PR, DEAP/PR.¹³⁸

De fato, o Departamento Universitário da AIB no Paraná era um dos mais ativos segmentos do Movimento, como vimos. Enraizado nas duas principais instituições de ensino do Estado (a UPR e o Ginásio Paranaense), os camisas-verdes puderam levar sua pregação política a uma parcela incontável, pela falta de fontes, de estudantes. Ademais, o Departamento possuía segmentos paralelos, como o Centro Ronald de Carvalho, ou

¹³⁸ Compõem o quadro os **Professores**: 1. Leonel Martins, 2. Luiz Amarante, 3. Ildefonso Puppi, 4. João Zagonel Passos, 5. Nilo Brandão, 6. Plínio Salgado, 7. Manoel Vieira de Alencar, 8. Fernando Azevedo, 9. João Mazarotto, 10. Estevão Coimbra, 11. Hirose Pimpão. **Alunos**: 12. Neri S. Alves, 13. Delmont Bittencourt, 14. Otávio Bittencourt, 15. Valentim Coelho, 16. Rosalba Queiroz, 17. Ligia Fruet, 18. Rui C. de Albuquerque, 19. Nei Lobo, 20. Carlos Camargo, 21. Jair Lopes, 22. Joel Fleischfresser, 23. Egon Mueller, 24. Agostinho E. de Leão, 25. Ernesto Nicolosi, 26. Bruno Jonscher, 27. Afonto T. de Freitas, 28. Gastão Pires. 29. Francisco Raitani Jr., 30. João C. Costa, 31. Carlos Winterz, 32. Misael Passos, 33. Mário Barletta, 34. Jorge Baggio, 35. José C. Marques, 36. Emerson Vassão, 37. Antônio T. Trevisan, 38. Heitor Baggio, 39. Bemvindo Bastos, 40. Bernardo M. Garcez, 41. Estanislau Skroch, 42. Leonardo Abagge, 43. Walter Horstmann, 44. Osvaldo Schmidt, 45. Amadeu Puppi, 46. Mateus Gusso, 47. José Gueiros Sobrinho, 48. Cláudio Macedo, 49. Davi Xavier, 50. Horst Graensly, 51. Oto Blume Jr. 52. Honorio Andreata. 52. Valdomiro C. Davi (*Pront.* 1791, cx. 376, fl. 4, DOPS/PR, DEAP/PR).

influenciados por ele, como o Grêmio Universitário do Paraná (maior instituição de representação acadêmica do período). Em certa medida, esses elementos explicam a impressão que o coetâneo Wilson Martins teve em relação à presença integralista entre os Universitários do Paraná, constante na epígrafe deste subitem.

3.2.4 A SECRETARIA PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO MORAL E FÍSICA (EXTINTA MILÍCIA INTEGRALISTA PROVINCIAL)

A “Secretaria de Educação Moral e Physica na Provincia do Paraná” surgiu após a extinção da Milícia Integralista, em abril de 1935, data da promulgação da Lei de Segurança Nacional. Como na capital e em alguns núcleos do interior já havia milícias formadas, Egmar Schimmelfeng Pereira comunicou, em maio de 1935, “aos Companheiros do Interior da Provincia que, dentro em breve [entraria] em ligação com os mesmos, afim de lhes transmittir a orientação que [deveriam] tomar em face desta nova Secretaria” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 2).

Com efeito, a mudança parece ter sido muito mais aparente do que efetiva: o Chefe permaneceu o mesmo após a nova nomenclatura, Schimmelfeng Pereira (antigo Chefe do Estado Maior da Milícia), e o próprio jornal *A Razão* atestou:

Essa famigerada Lei de Segurança não conteve em nada o surto do nosso movimento. Em uma simples pernada [sic] o Chefe Nacional pôs bem longe essa lei que pretendia deter a nossa marcha. O governo não quer que falemos em milícia. Está bem: não nos impressionam as palavras. Em vez de milica, temos a Educação Moral e Physica (*A Razão*, n. 9. 28/06/1935, p. 1, grifo nosso).

Cotidianamente, a Secretaria funcionava das 14 às 16 horas e, aos domingos, eram ministrados cursos de “educação physica”, às “8 horas da manhã, no Passeio Publico” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 2). Completando a outra prerrogativa do nome da Secretaria, o professor João Batista Zagonel Passos ministrava aulas de “educação moral”, todas às quintas-feiras, às 20 horas, na Sede Provincial (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 2).

Corriqueiramente, o *A Razão* publicava frases de teóricos da Educação Física, como Geoges Hébert, como forma de atrair elementos para nova ‘milícia’:

A EDUCAÇÃO physica é a acção methodica, progressiva e continua, da infância até a idade adulta, tendo por objecto assegurar o desenvolvimento physico integral; acrescentar as resistências orgânicas; pôr em jogo as aptidões de todos os generos de exercicios naturaes e utilitarios indispensaveis; desenvolver a energia e todas as

outras qualidades de ação ou viris; emfim, subordinar tudo o adquirido, physico e viril, á uma idéa moral dominante: o altruísmo (*A Razão*, n. 7, 15/06/1935, p. 6).

Todos os inscritos na AIB deveriam pagar as “taxas da Educação Physica”, destinadas “à aquisição de material esportivo e technico”, segundo ordenanças da Secretarial Nacional de mesmo nome (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 6). Além do mais, a Secretaria Provincial chegou a possuir um campo de esportes, localizado na Avenida Iguacu, onde geralmente os ‘milicianos’ treinavam e se reuniam para as grandes marchas e manifestações públicas do Movimento (até a proibição de 1936) (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 4).

3.3 ADESÃO E FEIÇÃO SOCIAL

A documentação aqui trabalhada não nos permitiu acessar muitas informações sobre o perfil do ‘militante comum’, se é que tal categoria se encaixa em um filiado ao Integralismo. Os nomes e perfis aqui levantados se referem apenas aos que podemos chamar de ‘politicamente ativos’, boa parte deles com cargos de chefia no Movimento. Sobre aqueles que engrossavam as fileiras, os milicianos, a mulher atrás do militante, o simples lavrador ou operário inscrito, talvez nunca saibamos, pois suas atividades e nomes não figuram nos jornais.

Em virtude disso, dificilmente teremos números seguros quanto ao perfil geral dos filiados à AIB no Paraná. Os problemas nesse caso, reafirmamos, são de ordem documental. Não há condições de fazer a pesquisa que Hégio Trindade executou na década de 1970, em função da óbvia da finitude da vida. Para nós, portanto, seria um luxo encontrarmos algum militante nascido na década de 1900 vivo e disposto a falar.

Mediante tal fato, recorreremos a uma tripla tipologia de fontes, com o escopo de cotejamento, em busca de um perfil mais sólido para os militantes da Província do Paraná. Em primeiro lugar, levantamos as parcas e lacunares informações sobre a feição social dos filiados fornecidas pelos periódicos, mesmo incorrendo ao risco de traçar um panorama apenas do grupo militante politicamente ativo: aqueles cujos nomes aparecem nos jornais – líderes ou indivíduos que se aproximavam das lideranças, desenvolvendo junto a elas as atividades do Movimento.

Em segundo lugar, investigamos a imensa lista de filiados ao Núcleo de Curitiba, apreendida pela DOPS/PR, referente aos indivíduos inscritos na AIB que votaram no plebiscito interno do Partido, em maio de 1937. Quanto a tal documentação, a incompletude é

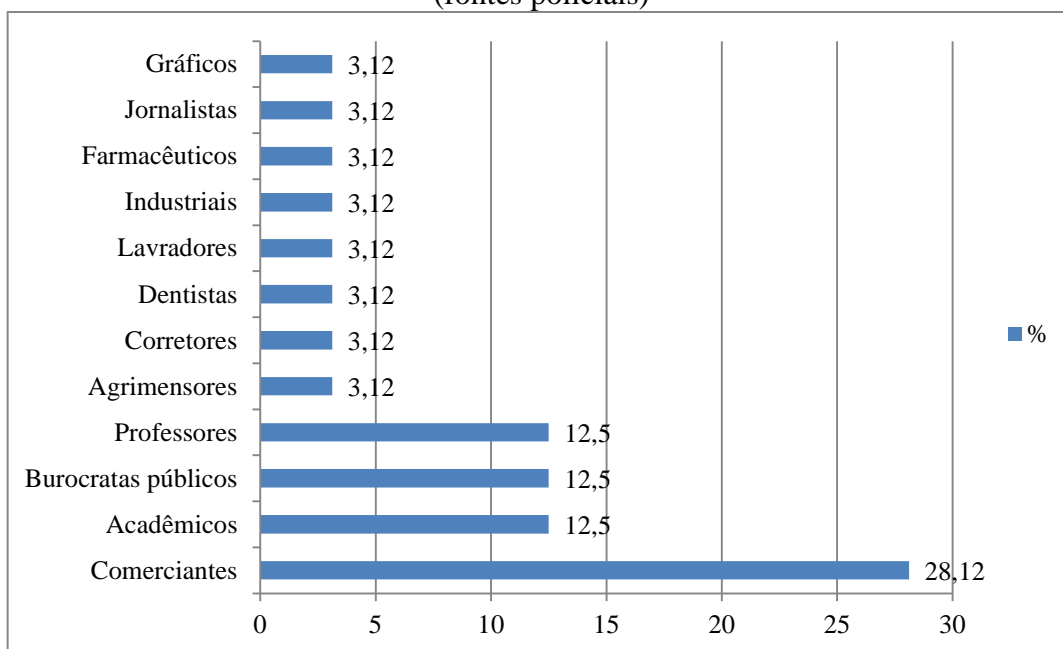
ainda mais complexa, pois figuram apenas nomes, sem qualquer informação adicional. Ainda assim, a lista nos serve para esboçar respostas à pulsante questão do ingresso de descendentes de imigrantes na AIB.

Por fim, nos debruçamos sobre os prontuários dos filiados investigados e/ou presos pela DOPS/PR, que mesmo em número extremamente reduzido, parecem ser uma das fontes mais fidedignas para um perfil – muito embora saibamos que a DOPS também tendia a capturar, em sua maioria, ‘os peixes grandes’. A despeito disso, quando a repressão caiu sobre a Província em 1938, muitos indivíduos sem qualquer cargo de liderança no Movimento foram encarcerados e interrogados; em seus dossiês constam informações completas sobre o perfil sócio-profissional e étnico.

Do cotejamento desses tipos de fontes podemos lançar uma hipótese que se assenta sobre as características sócio-profissionais, geracionais e étnicas dos filiados mais ativos; em outras palavras, aqueles militantes que apareciam nos jornais e/ou foram presos após 1938.

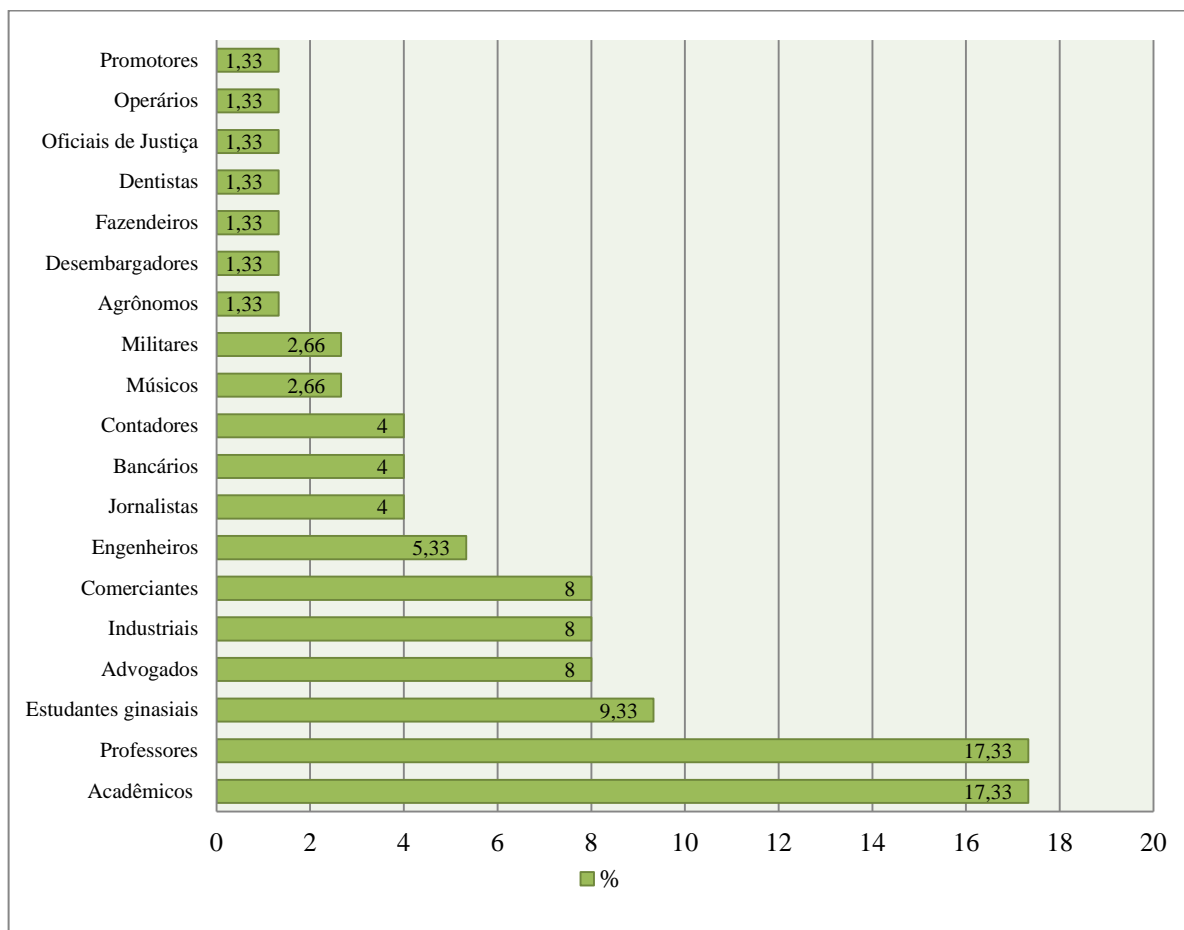
Quanto à profissão, os gráficos a seguir apresentam, respectivamente, os resultados extraídos dos dossiês da DOPS/PR e das fontes jornalísticas, sem distinção por localidade¹³⁹:

Gráfico 1 – Distribuição em porcentagem das profissões dos filiados a AIB/PR (fontes policiais)



¹³⁹ Para as fontes jornalísticas (*A Razão*, *A Offensiva* e *Anauê*) 100% corresponde a 75 nomes cujas informações sobre a profissão estavam completas. Para os dossiês da DOPS, 100% corresponde a 34 indivíduos, cujas pastas da DOPS trouxeram informações completas sobre o perfil sócio-profissional (núcleo de filiação, local de nascimento, profissão, data de nascimento e ascendência étnica). Para as referências das pastas da DOPS utilizadas, ver o item “Fontes e Bibliografia”, ao final deste trabalho.

Gráfico 2 – Distribuição em porcentagem das profissões dos filiados a AIB/PR (fontes jornalísticas)



Independente das discrepâncias na liderança das profissões entre os filiados¹⁴⁰, nos dois gráficos, há um predomínio de indivíduos pertencentes ao que poderíamos chamar de classe média ilustrada, aqui composta por muitos formadores de opinião, dividindo espaços com “a classe média inferior”, de pequenos proprietários e burocratas (TRINDADE, 1979). Ao mesmo tempo, e certamente pela natureza das fontes, observamos uma parca participação do operariado e dos camponeses. Contudo, as fontes jornalísticas sugerem que essa participação foi considerável, sobretudo em bairros operários de Curitiba e Ponta Grossa, para o caso do operariado urbano, e nas regiões agrícolas interioranas, como Rio Negro, no que concerne ao campesinato.

De qualquer forma, aquilo que Trindade chamou de “média burguesia intelectual”, presente mais nas lideranças nacionais e regionais, aparece aqui de forma predominante no perfil dos ‘militantes ativos’ paranaenses, de acordo com os dados jornalísticos (1979, p.

¹⁴⁰ A DOPS comumente atribuía ao termo “comerciante” vários tipos de atividades, desde o simples vendedor de sapatos, até o proprietário de casas comerciais.

134). Se tomarmos por base os números oriundos da DOPS, veremos a predominância de burocratas públicos e privados (o que Trindade chamou de “pequena burguesia”), corroborando assim a tese do autor para o plano nacional (1979, p. 135).

Sobre o quesito nascimento, 53,12% dos filiados nasceram na década de 1900; 28,12% na década de 1890; 15,62% na década de 1910; e, por fim, 3,12% na década de 1870. Esses números, extraídos das pastas da DOPS, mostram que a maioria dos militantes era composta por jovens, com no máximo 38 anos de idade, nascidos no Paraná (80%), oriundos de estratos médios da sociedade – predominantemente de setores intelectualizados – que cresceram e foram instruídos sob a influência do fervor nacionalista dos anos 1920 e 1930.

Em cidades maiores, como Curitiba e Guarapuava, a maioria dos militantes ativos era recrutada entre os luso-brasileiros, embora os teuto-brasileiros e os ítalo-brasileiros não ficassem muito distantes. Para o caso de Ponta Grossa, Niltonci Chaves ousou defender, como fatores determinantes para a adesão, o catolicismo (quesito quase impossível de se verificar, porém plausível), a urbanização e a presença de “numeroso contingente de italianos e alemães” na cidade (1999, p. 64). Pela complexidade do último ponto, veremos a questão em um subitem à parte, que trata tanto da adesão de contingentes ‘imigrantes’ à AIB no Paraná, quanto das aventadas ‘relações nazi-integralistas’ locais.

3.3.1 AS RELAÇÕES NAZI-INTEGRALISTAS E A QUESTÃO IMIGRANTE NO PARANÁ

Abordaremos primeiramente o mote das possíveis relações entre a Ação Integralista e o Círculo Paranaense do Partido Nazista. Poucas dúvidas restam sobre o contato efetivo, para além da ideologia, da Ação Integralista com o Fascismo Italiano. Quanto ao Nazismo, contudo, o problema tem se tornado tanto mais complexo quanto mais as pesquisas avançam em minúcias empíricas. Temos poucas condições de fazer uma análise, no que concerne ao Paraná dos anos 1930, do que vem se convencionalmente chamar na historiografia de *relações nazi-integralistas* (termo pejorativo que remete ao contexto da Segunda Guerra Mundial). Em nosso estudo anterior acerca do Círculo do Partido Nazista no Paraná (ATHAIDES, 2011), baseado exclusivamente nas fontes da polícia política varguista, não encontramos qualquer documentação relevante a esse respeito.

Isso não nos parece desconsiderável, uma vez que o órgão produtor de tais documentos (a DOPS) avançou sobre as duas instituições ao mesmo tempo e, frequentemente, associá-las se mostrava muito conveniente para o aparato repressor. Na verdade, o que

percebemos é que, para incriminar os nazistas, a DOPS pouco se utilizou da associação ‘nazi-integralista’; todavia, para reunir ‘evidências’ contra os camisas-verdes a conexão foi posta em funcionamento.

Quando preso, em 1941, Oscar Witt (o correspondente e fotógrafo do *A Razão*) não negou o fato de “ter simpatia pela causa Alemã na [...] guerra” (*Pront.* 2977, Cx. 448, fl. 4, DOPS/PR, DEAP/PR). Assim se sucedeu com outros tantos integralistas, com sobrenomes alemães. Isso, não obstante, não provava absolutamente nada, além do fato de um teuto-brasileiro ser favorável ao país de seus avós. Em 1941, além do mais, essa opinião ainda não era crime, desde que fosse restrita ao foro privado. Obviamente, ao espírito totalitário da DOPS interessava adentrar aos recônditos do pensamento dos indivíduos, criminalizando-os com o que encontrasse por lá – somente pelo fato de que lá encontraria alguma coisa.

Mesmo quando o Brasil se achava em Estado de Guerra com Alemanha e Itália, após agosto de 1942, as opiniões de um ex-integralista de ascendência germânica não faziam dele, a priori, um “nazista fervoroso”, como gostava de designar a DOPS. O catedrático da área de Odontologia da Universidade do Paraná, Waldemar Grummt, de dentro da cadeia, escreveu uma carta muito pertinente a esse respeito, endereçada a Walfrido Pilotto, delegado da DOPS paranaense, em 30 de setembro de 1942. Grummt foi incansavelmente acusado de ser “nazista” e perdeu a paciência a ponto de tentar explicar as coisas para o “Dr. Valfrido”, mesmo correndo o risco de ser incriminado pelo que dissesse ou deixasse de dizer:

Estou aqui ha mais de 14 dias e não vejo solução do meu caso. No curto interrogatorio que V. sr. me fez, notei que o meu delator, que Deus o perdoe, me acusava de ser nazista e que eu estava doutrinando a minha clientela com ideas nazistas. Ora isto é um absurdo, pois como lhe respondi, sou brasileiro e fui integralista e não nazista [...]. Fiz parte do integralismo até a sua dissolução. Entrei para o mesmo com perfeito conhecimento de que era uma doutrina completamente diferente da nazista. O nazismo é um fenomeno alemão bazeado no jus sanguinis. So recebe elementos alemães [...]. O integralismo foi um fenomeno brasileiro que recebia adeptos de nacionalidade brasileira, sem distinção de raça, cor ou credo. Ele tinha portanto, a baze do jus solis. Dizer que o integralismo era nazismo é uma estupidez, pelo menos uma ignorância (*Pront* 3655, top. 489, fl. 18-21, DOPS, DEAP/PR, grifos originais).

Em seguida, o dentista tocou em pontos nevrálgicos do problema, descrevendo uma parte do interrogatório que, por razões óbvias, não consta no auto de declarações: a insistente palavra acusatória de Pilotto:

Quando em seguida a minha afirmação de que eu era brasileiro, que sempre cumpru as suas obrigações, o Sr. me disse que eu usava a nacionalidade de brasileiro para

cobrir um alemão, isto me feriu mais ainda [...]. O simples fato de eu ter sido integralista, deveria bastar para excluir a hipótese do Sr. ter na sua frente um nazista [...]. O simples fato de Hitler dizer que os descendentes de alemães no mundo são alemães não faz de mim um alemão [...]. Sr. Dr. Valfrido Piloto! Apesar do Sr. me ter dito que eu era um alemão com manto de brasileiro, tenho a dizer que sou brasileiro nato, reservista de 1ª categoria, e não um poltrão; até a presente data cumpro as minhas obrigações, quer diante da pátria, quer diante da sociedade, e quer diante da minha família. Sí, portanto, o passado de uma pessoa serve para se julgar o seu futuro, creio que nada mais tenho a dizer (*Pront.* 3655, top. 489, fl. 18-21, DOPS/PR, DEAP/PR, grifos nossos).

Grummt entendeu que a DOPS julgava, no presente, o seu passado (como integralista, mesmo em regime constitucional) e o seu futuro (sua capacidade de ser algo ‘pernicioso’ doravante). Foi esse espírito totalitário que instigou, no Estado do Paraná, a famigerada associação nazi-integralista. Para além disso, existem poucas evidências sobre um contato mais direto entre as **estruturas partidárias**.

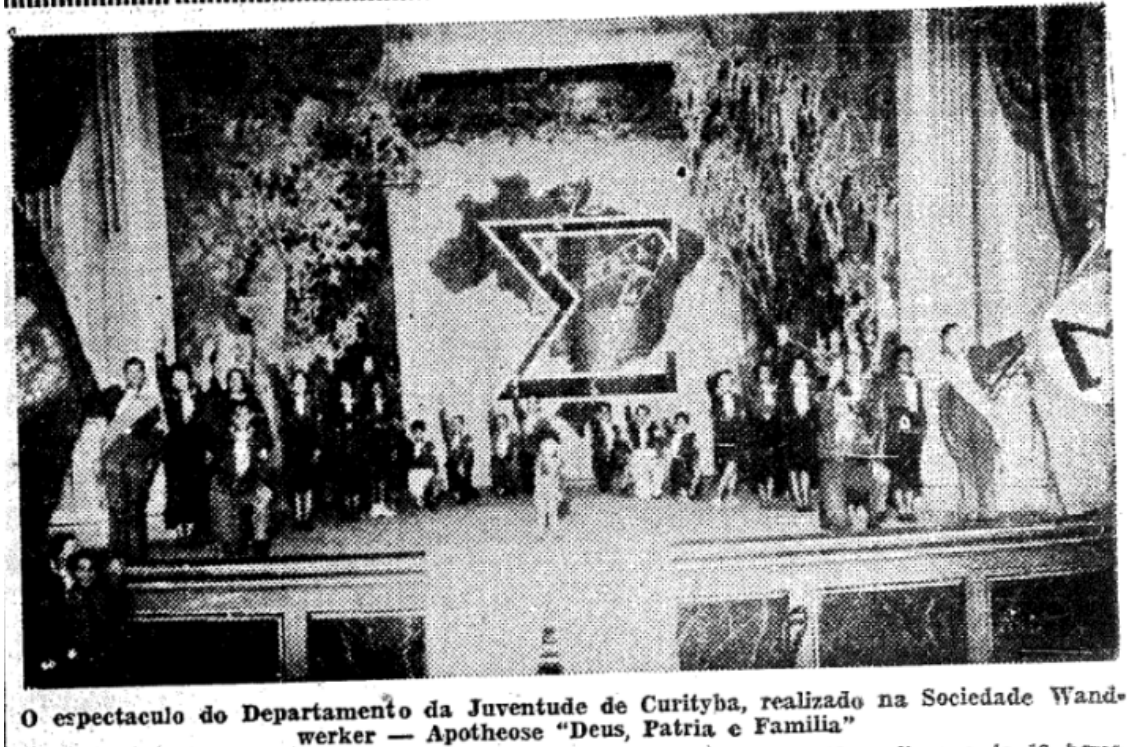
Indícios apontam que militantes da NSDAP¹⁴¹ e da AIB se conheciam, especialmente fora dos círculos partidários. Há até um caso-limite de mudança de partido: um indivíduo de Ponta Grossa que deixou o Partido Nazista e ingressou no Integralismo.¹⁴² Todavia, não há até o presente momento, prova alguma de contatos mais diretos, de subsídios, de compartilhamentos de aparatos propagandísticos, de estruturas prediais, de aparições conjuntas, de maquinações de *Putsche*, ou qualquer outro tipo de mazorca.

De substancial, podemos afirmar que o Integralismo teve contato com indivíduos e círculos étnicos alemães de Curitiba, que figuravam como ‘pertencentes’ ao Partido Nazista ou sob sua esfera de influência. É o caso da Sociedade Handwerker, que cedeu seu espaço para uma apresentação dos plinianos de Curitiba, como vimos.

¹⁴¹ A NSDAP funcionou no Paraná entre os anos 1933-1938 e congregou aproximadamente 190 militantes, distribuídos em 9 núcleos municipais interioranos e uma sede em Curitiba (ATHAIDES, 2011).

¹⁴² Segundo Niltonci Chaves, trata-se do “ex-líder expulso do Partido Hitlerista de Ponta Grossa”, Waldemar Hoffman, alemão nato (1999, p. 65).

Ilustração 29 – Plinianos na Sociedade Handwerker (1935)



O espectáculo do Departamento da Juventude de Curitiba, realizado na Sociedade Handwerker — Apotheose “Deus, Patria e Família”

Fonte: *A Offensiva*, n. 81, 30/11/1935, p. 7.

O uso do salão da Handwerker pode ser significativo, uma vez que a Sociedade figurava entre os ‘domínios’ da NSDAP.¹⁴³ Entretanto, é de se supor que o AIB solicitou o local em virtude do seu tamanho, assim como outras sociedades, agremiações ou partidos poderiam fazer, alugando as dependências ou contando com a camaradagem dos líderes da Handwerker. Em outras palavras, pelo texto do *A Razão*, a utilização do salão da Sociedade não significou uma abertura de portas à propaganda integralista pelo grupo étnico alemão, ou pelo Partido Nazista.¹⁴⁴

Ao contrário de um aluguel ou cedência, o *A Razão* registrou apenas uma verdadeira ‘abertura de portas’ de um clube étnico para a AIB. Trata-se da *Sociedade Recreativa Wladislawa Jagielgo*, localizada na Colônia Abranches, um reduto de imigrantes e descendentes poloneses e irlandeses. Segundo o jornal, naquela sociedade: “estiveram os

¹⁴³ A Sociedade Handwerker era uma das mais tradicionais associações germânicas do Paraná; possuía aproximadamente 3.500 filiados à época. A partir de 1934, foi alvo de intensa propaganda dos nazistas, tendo sido alguns de seus Presidentes militantes da NSDAP local. A interferência dos nazistas levou à cisão da Sociedade através de oposicionistas da diretoria, surgindo assim o *Teuto-Brasilianischer Unterstützungs-Verein Curitiba* (ATHAIDES, 2011).

¹⁴⁴ É possível conjecturar também que uma ‘ala antinazista’ na Handwerker, a favor de certos níveis de ‘abrasileiramento’, pode ter recebido a AIB como forma de propor uma aproximação com o “país hospedeiro” (exatamente o contrário do que os nazistas queriam). Essa ala, identificada com o teutobrasilianismo, combateu duramente os nazistas a partir de 1936, conseguindo inclusive publicar seus protestos em um renomado jornal antinazista europeu (ATHAIDES, 2011).

nossos valorosos companheiros Oscar Witt, Lothar Witt, Gregorio J. Mennicelli, João Klier, onde fizeram uma intensa propaganda da nossa doutrina. Foram gentilmente recebidos” (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 3). Isso só corrobora a ideia de que onde havia imigrantes e descendentes relativamente ausentes de participação política ou esquecidos pela política tradicional, a AIB tinha um pouco mais de facilidade de arregimentação.

Também observamos no *A Razão* o patrocínio de empresas pertencentes a **indivíduos** filiados ao Partido Nazista (o grifo é para ressaltar que as empresas não eram do Partido). É o caso da Impressora Paranaense, de Max Schrappe, uma das maiores empresas gráficas do Paraná na época. Alemão nato, Schrappe foi tesoureiro dos nazistas após a fundação do Círculo, em 1933, e era um dos empresários que prescrevia os maiores donativos mensais para a NSDAP. Além disso (quicá, justamente por isso), sua empresa prestava serviços de impressão para o Consulado da Alemanha em Curitiba (ATHAIDES, 2011).¹⁴⁵

A princípio a informação é ‘assustadora’, mas é preciso levar em conta que se tratou de um patrocínio comum, quando havia algum filiado à AIB participando diretamente dos negócios familiares. Werner Schrappe e Oscar Schrappe, filhos brasileiros de Max, eram filiados à Ação Integralista e muito estimados pela liderança da Província (a morte de Werner foi descrita no Capítulo V). A história se repete em outros casos envolvendo o imigrante (‘patriarca’) e o filho brasileiro, como é o caso também da indústria de massas Todeschini.¹⁴⁶

Posta a questão ‘nazi-integralista’ e até que outras evidências provem o contrário, passemos a abordar o segundo problemas: o ingresso de teuto-brasileiros na AIB. É fato que, no Paraná, os integralistas tinham que lidar com os imigrantes e descendentes, em especial poloneses, alemães e italianos (na ordem decrescente de suas participações no contingente populacional do Estado). Não fosse assim, uma efusiva chamada que encontramos no *A Razão* não os teria considerado, para além dos luso-brasileiros: “Brasileiros e Estrangeiros Abrasileirados!!! [...]” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 2). Os dados mostram nitidamente a presença de ‘estrangeiros’ na AIB/PR, mas essa presença tem suas nuances geográficas e esteve longe de ser majoritária no todo.

O ‘problema’ no Paraná era, com efeito, menor do que nos outros Estados ao Sul. Não encontramos nenhum evento no Paraná em que as falas do Chefe Nacional precisassem de

¹⁴⁵ Outro nazista que patrocinou o jornal integralista foi Kurt Maeckelburg, um ativo membro da NSDAP, também muito conhecido entre a comunidade germânica em geral. Talvez em função disso tenha preferido usar seu próprio nome no cabeçalho do anúncio, para depois expor sua Livraria Alemã (Livraria Paraná) e sua Casa de Tintas.

¹⁴⁶ Isso não se deu somente com os imigrantes e descendentes. Muitas empresas brasileiras, cujo dono (‘patriarca’) não era filiado à AIB, patrocinavam o jornal por influência dos filhos, que participavam dos negócios e eram militantes.

tradução para o alemão, como aconteceu em Blumenau (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 3). Isso não impediu que se editasse na terra das araucárias o primeiro livro de propaganda do Sigma traduzido para o alemão – amplamente utilizado em Santa Catarina, posteriormente. Esse livro foi o bombástico “*O Integralismo ao alcance de todos*” de Wenceslau Junior. A obra foi organizada e traduzida por Edmundo Winarski (Secretário Provincial de Finanças) e Nicolau Reuter (Chefe do Departamento de Planos da Secretaria Provincial de Propaganda). A ideia da tradução partiu do Próprio Chefe Provincial do Paraná, pouco tempo após incluir Winarski em seu secretariado. O *A Offensiva* explicou a iniciativa:

É que apesar da obra formidável do Integralismo, no sentido de integrar na vida brasileira os elementos teuto-brasileiros do Sul do paiz; não obstante a fundação de centenas de escolas de alfabetização pelo Movimento do Sigma instaladas, e que se acham em franco funcionamento, na região em que a colonização allemã é mais intensa – e como acontece por todo o Brasil –; embora os camisas-verdes não tenham medido sacrificios para tornar a Doutrina Integralista conhecida de todos os brasileiros, filhos de allemães que infelizmente não falam a nossa lingua – (isto graças ao desamparo, ao abandono em que sempre os deixaram os governo liberaes!) –, há milhares deles que ainda não a conhecem e que, portanto, continuam na situação tristíssima de quem é considerado “estrangeiro” na propria terra em que nasceu, porque os responsaveis pelos destinos da Patria não lhes deram meios de poder aprender a lingua, estudar a Historia, conhecer as tradicções, commungar dos mesmos ideaes e aspirações, irmanar-se pelas mesmas dores e alegrias a todos os brasileiros. São pincipalmente os de idade mais avançada, que já encontram difficuldades senão impossibilidades de vir a aprender o nosso idioma, para poderem então satisfazer o grande desejo de estudar a Doutrina Integralista, que a elles foi dar tudo o que os governos liberaes lhes negaram [...] (*A Offensiva*, n. 225, 07/07/1936, p. 6).

Se tomarmos a língua como um referencial de ‘abrasileiramento’, para o fim da década 1930, Reinhard Maack estimou que 71.000, do total de 126.000 alemães do Paraná (alemães e descendentes), ainda falavam o alemão regularmente; 40.000 não tinham nenhum conhecimento acerca do idioma dos pais (GERTZ, 1987). Não obstante, o livro traduzido pelos militantes paranaenses foi muito mais popular em Santa Catarina do que no Paraná, indicando que a questão da “assimilação” era pulsante de fato no Estado vizinho, tanto pelo tamanho da Província Catarinense, quanto pela quantidade de alemães lá residentes.

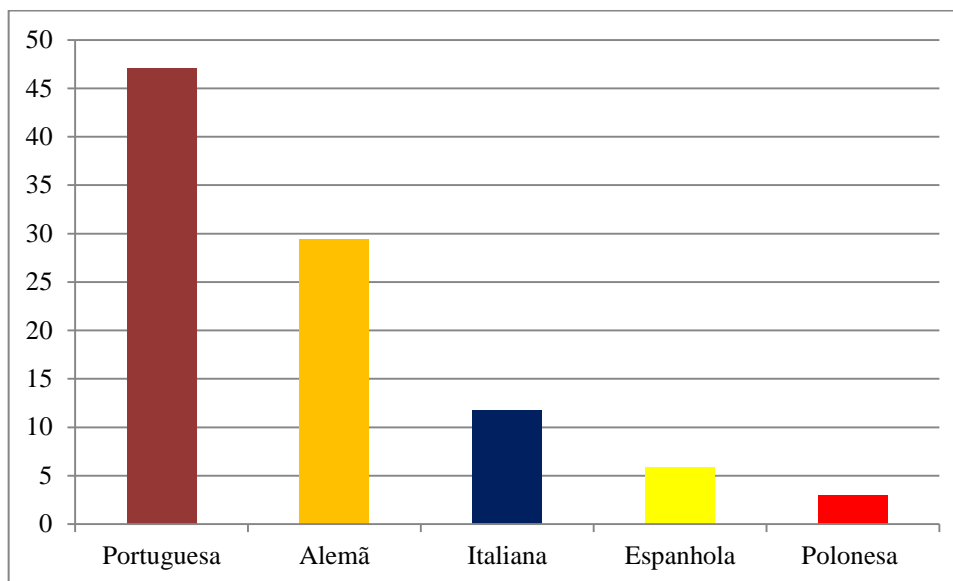
Ilustração 30 – Capa da tradução para o alemão do livro de Wenceslau Junior,
O Integralismo ao alcance de todos



Fonte: FARIA; BARROS, 1983, p. 35.

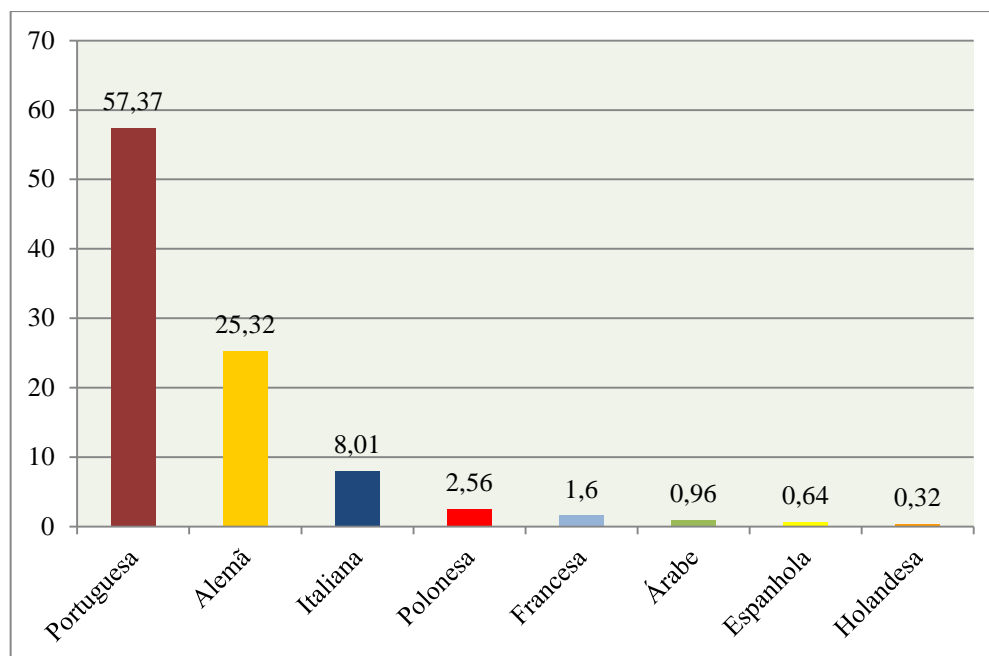
Para aclarar tal questão, os números da nossa tripla tipologia podem ser agora expostos, iniciando pelos dados da DOPS:

Gráfico 3 – Distribuição em percentual da origem étnica dos sobrenomes de filiados a AIB/PR (fontes policiais)



Para um total de 312 indivíduos, referenciados nos jornais da imprensa integralista, os percentuais quanto à origem étnica dos nomes são os seguintes:

Gráfico 4 – Distribuição em percentual da origem étnica dos sobrenomes de filiados a AIB/PR (fontes jornalísticas)



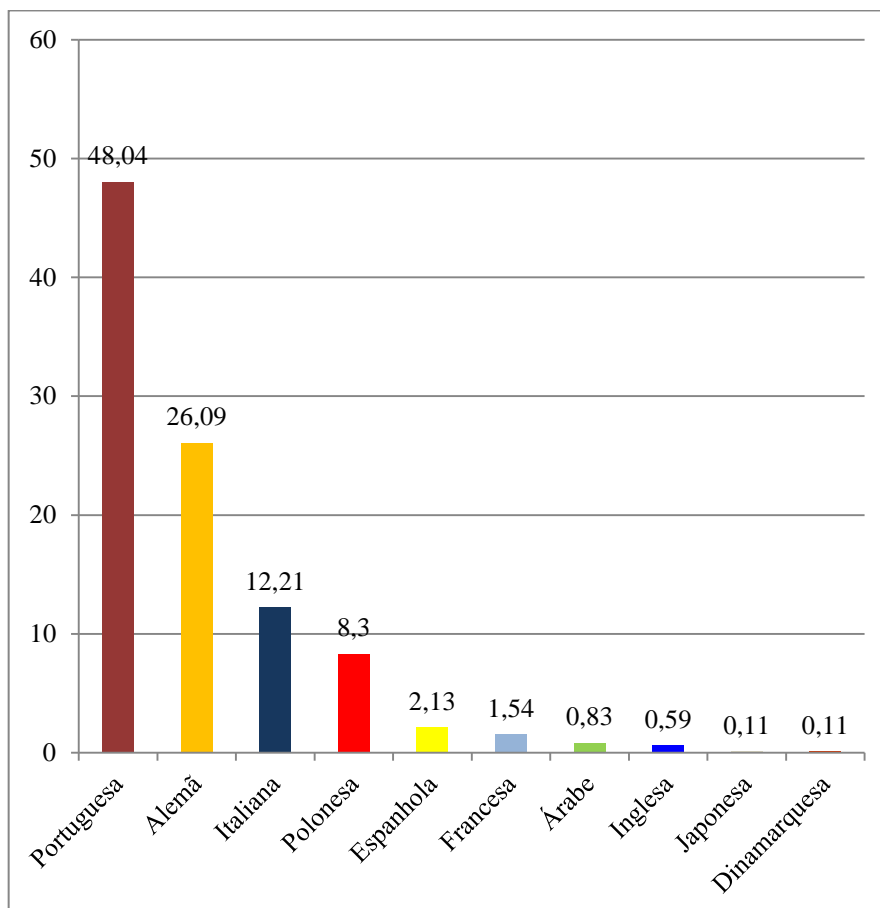
Como podemos observar pelos gráficos – produzidos a partir da análise das duas fontes – a presença de descendentes de imigrantes na Província do Paraná foi de fato importante, muito embora os números não nos permitam afirmar que o grupo politicamente

ativo da AIB seja de maioria imigrante ou descendente. Os dados da DOPS apresentam um percentual um pouco maior de sobrenomes alemães, mas são de pouca confiabilidade para o período estudado, uma vez que foram produzidos no contexto da Segunda Guerra, auge da caça aos “alemães 5ª colunas”.

Ademais, muitos nomes e sobrenomes estrangeiros não significam muita coisa, quando gerações da família já se encontravam perfeitamente ‘abrasileiradas’ (apenas um estudo concreto das origens familiares dos militantes com nomes estrangeiros poderia ser revelador nesse sentido). Ainda assim, não é desprezível o fato de que, assim como nos outros Estados do Sul, a porcentagem de ‘alemães’ ingressos na Província da AIB seja superior em cerca de 13% a da proporção de ‘alemães’ na sociedade paranaense (aproximadamente 12,1%).

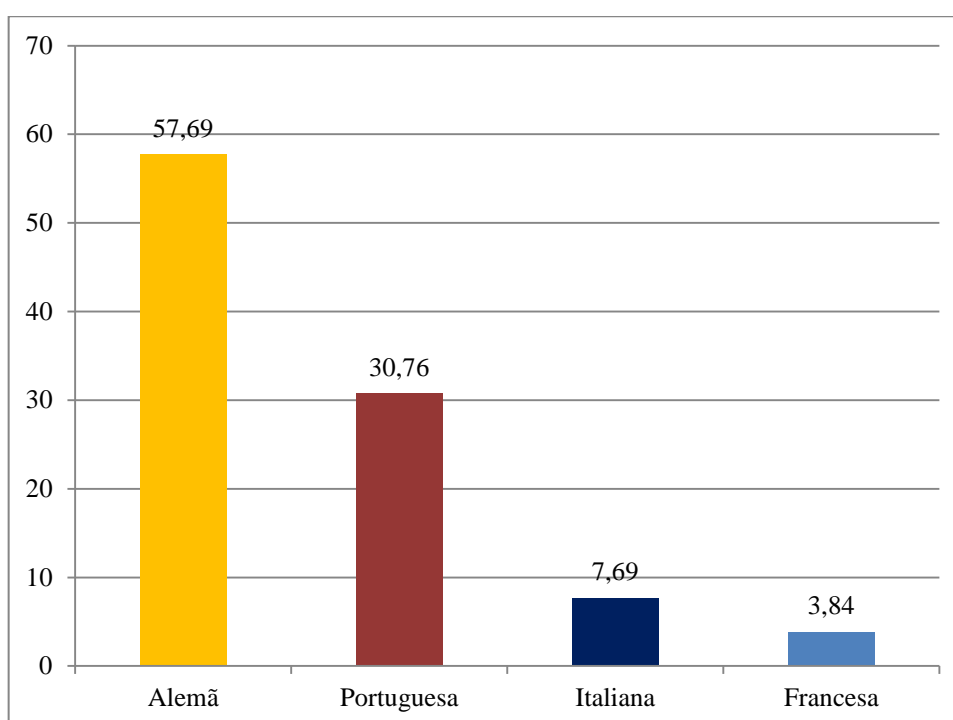
Os resultados são semelhantes se observarmos o percentual de nomes estrangeiros nas fileiras específicas do núcleo de Curitiba, a partir da lista de votantes no plebiscito interno da AIB, em 1937 (*Pront.* 2566, top. 423, fl. 6-18, DOPS/PR, DEAP/PR). De um total de 843 sobrenomes, cuja origem foi possível determinar, encontramos a seguinte distribuição:

Gráfico 5 – Distribuição em percentual da origem étnica dos sobrenomes de filiados à AIB em Curitiba – votantes no plebiscito interno de maio de 1937 (fontes policiais)



A despeito desses resultados, estudos localizados seriam extremamente profícuos e poderiam contrariar essa tendência geral, em que os luso-brasileiros predominam na Província. É o caso, por exemplo, da cidade de Rio Negro, sobre a qual não encontramos qualquer dado referente ao número de alemães que lá vivam na década de 1930. Se separarmos apenas os militantes de Rio Negro dos 312 referenciados pelas fontes jornalísticas, a porcentagem praticamente se inverte entre portugueses e alemães.¹⁴⁷

Gráfico 6 – Distribuição em percentual de sobrenomes estrangeiros entre os filiados ao Núcleo de Rio Negro (fontes jornalísticas)



3.3.2 A PARTICIPAÇÃO DO EMPRESARIADO LOCAL

Outra questão importante a ser posta é a do financiamento partidário. Por força de certo marxismo, todos os movimentos fascistas carregaram continuamente a pecha burguesa, o que fazia acreditar que sua base material se assentava sobre grandes contribuições da mais alta burguesia. Isso não é de todo uma inverdade, porém é necessário relativizar o peso que

¹⁴⁷ Estatística referente a 26 nomes de filiados ao núcleo de Rio Negro, mencionados pelo *A Razão*.

essa burguesia exercia sobre o movimento e, sobretudo, relativizar os intentos dos homens de negócio, quando faziam doações ou patrocinavam publicações do partido.

A AIB se financiava com a contribuição obrigatória e regular de seus membros e por doações (geralmente impossíveis de constatar). Em vista disso, um interessante (e perigoso) ‘termômetro’ do financiamento do movimento são os anúncios de seus jornais. Antes de tudo se trata, em nosso entendimento, de um fenômeno de financiamento ‘parcialmente político’. As empresas podem ter sua contrapartida nos lucros, todavia estão automaticamente assumindo uma posição política, diferentemente do que acontece em anúncios de periódicos tradicionais. Somente uma análise de quesitos que extrapolam ‘a burguesia’ (classe) pode revelar os intentos da aproximação do empresariado.

O que queremos dizer com isso é que esses homens, por mais ‘burgueses’ que fossem, tinham a capacidade de se entregarem a uma militância passional no interior do Movimento, com a mesma intensidade, ou ainda maior, que a maioria dos ativos militantes do partido – dispondo assim de suas finanças para auxiliá-lo.

Contrariando à própria imagem social de ‘partido do povo’ que AIB tentava lograr, algumas edições do *A Razão* nos servem para delinear parte das relações da Província com os empresários de Curitiba. Exemplifiquemos com dois deles em especial, que saltam aos olhos, na medida em que não se contentam com o simples patrocínio ao jornal, mas se engajam no Movimento: a família Todeschini e a Leão Júnior.

A proximidade se estampa desde os primeiro número do periódico, quando se noticia o casamento do herdeiro da fábrica de massas, Italo Todeschini. Muito embora, seja pouco provável que o casamento tenha se realizado sob a ritualística integralista¹⁴⁸, o *A Razão* fez questão de noticiá-lo, mencionando o nome dos famosos pais do militante. No nº 12, exemplar comemorativo de 1º ano da Província, um patrocínio elaborado como reportagem de página inteira foi veiculado, historiando os 50 anos da fábrica e seus benefícios à sociedade paranaense (trata-se do maior anúncio veiculado no *A Razão* em toda primeira fase):

¹⁴⁸ Nos casamentos integralistas, as vestimentas cingiam-se de significados especiais: a noiva precisava estar vestida com uma blusa verde durante a cerimônia civil e o noivo de calça branca e camisa verde. Já na cerimônia religiosa, era permitido um “vestido clássico” com um emblema integralista do “lado do coração”. O noivo deveria casar vestido com uniforme do movimento, assim também deveriam estar vestidos todos os presentes (CAVALARI, 1999, p. 172, 173).

Ilustração 31 – Parte superior do anúncio de página inteira da *Todeschini & Irmãos* no *A Razão*

Um Estabelecimento que honra a Industria do Paraná.

O Cincoentenario do Estabelecimento Industrial de Todeschini & Irmãos.

O Paraná está de parabéns. Nos dias que vão passando se registra o cincoentenario de um estabelecimento comercial que honra não só o Paraná, como o Brasil. É uma industria brasileira que muito faz pela grandeza da nossa patria, e ha cincoenta annos vem dando o trabalho a inumeros operarios, que são, neste estabelecimento, da melhor maneira remunerados, e com ahiabilidade tratada. É um estabelecimento modelo.

Fundada em 1885, a actual firma de Todeschini & Irmãos, sobe em todo o tempo que commeciam grandes symposias as suas

qualidades incomparaveis, que tudo o que se experimentar, torna-se seu inevitavel consumidor.

do sr. João Todeschini.

Os actuaes dirigentes da tão prestantissima casa industrial, não

duetos hygienicamente empacotados e encalxotados, merecem a plena confiança dos seus consumidores.

Avenida 7 de Setembro nrs. 243 e 245.

Esta acreditada firma está empenhada no fabrico das saborosissimas

quirera, cangica e couteio.

A fabrica modernamente installada é movida a vapor e electricidade, produzindo além das massas alimenticias citadas, Bolas e Caramelos, e torrefacção de café. Produz ainda na mesma fabrica um molinho de cereaes.

O numero de operarios que emprega é de 70, tendo caminhões e outros meios de transporte de seus apreciados productos, para que sejam, com a maxima frescura, entregues aos freguezes.

Gasta mensalmente 2.000 saccos de trigo em massas alimenticias.

Ed. Telegraph: **TODESCHINI**

TELEPHONE **26.128**

Todeschini & Irmãos

FABRICA FUNDADA EM 1885

1
8
8
5

1
9
3
5

Massas, Aletria, Semolina, Tapioca, "Extra", Pastilhas e "Bibolla", que são manipuladas em nossa fabrica especialmente equipollata.

O estabelecimento em questao está situado em uma das pontas mais agradaveis desta Curitiba, não só pelo seu ambiente, mas tambem

desmerecem a attenção dos que por aqui vivem, e para seus freguezes. A Fabrica de Massas Alimenticias do sr. João Todeschini & Irmãos, em Curitiba, Paraná.

Fonte: *A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 11.

Da mesma forma, Agostinho Leão Júnior, além de um dos patrocinadores mais assíduos do periódico, participou ativamente do Movimento. Quando o avião de Plínio Salgado fez uma escala em Curitiba, para em seguida voar até Santa Catarina,

rumaram também [...] em avião especial da Aerolloyd, acompanhando o Chefe Nacional, o Chefe Provincial Vieira de Alencar, os companheiros Agostinho Leão Junior e Carlos Augusto Serrano, Secretario Provincial de Finanças. Ontem mesmo, ás 16,45 os referidos integralistas voltavam a Curitiba (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 6).

É difícil imaginar que o professor Vieira de Alencar tivesse condições de fretar um avião da Aerolloyd para acompanhar a chegada de Salgado a Santa Catarina; como Agostinho Leão não tinha nenhum cargo de liderança na AIB, só nos resta conjecturarmos que a viagem foi feita por sua conta.

Em uma análise quantitativa (número de ocorrências) e qualitativa (localização, tamanho e qualidade dos anúncios) dos patrocinadores do *A Razão*, encontramos as seguintes empresas como principais apoiadores:

1. Papelaria Requião (artigos para escritório e livros).
2. Fabricante das farinhas de trigo Dolores, Sara e Delia (empresa não identificada).
3. João Prosdócimo & Filhos (bicicletas e acessórios).
4. Passos (Alfaiataria).
5. Andreatta (Alfaiataria).
6. Fabricante do Sal União (empresa não identificada).
7. Aerolloyd Iguassú (companhia aérea).
8. C.O. Mueller (representante dos rádios Atwater-Kent).
9. Bertha (Joalheria).
10. Vitraux (Vidraçaria).
11. Fabricante do Xarope Santo Antônio (empresa não identificada).
12. Walter & Cia. (artigos para esporte).
13. Oficinas gráficas *A Cruzada* (serviços gráficos)
14. Fabricante do Pó de Arroz “Sirus” (empresa não identificada)
15. Maison Blanche (roupas infantis)
16. Leão Júnior (derivados da Erva Matte)
17. Fabricante das “Essencias Zenith” (empresa não identificada) (essências para fabricação de bebidas)
18. Todeschini & Irmãos (massas)
19. Casa Globo (calçados)
20. Electro Brasil (instalações elétricas)

Poucos são os citados na lista, de fato, detentores do que poderíamos se chamar de ‘grande capital burguês’. A maioria deles pertence ao setor do comércio e de serviços locais da cidade de Curitiba. Também cabe assinalar, que algumas das empresas citadas pertenciam a indivíduos filiados ao Movimento ou à família deles – como é o caso da Todeschini e da Papelaria Requião.

Portanto, podemos dizer, *grosso modo*, que uma parcela do estrato social médio e alto que ingressou no Movimento (pequenos/médios comerciantes locais e médios/grandes industriais), também patrocinou o funcionamento do *A Razão* em sua primeira fase. É plausível que alguns desses patrocinadores mais abastados tenha feito generosas contribuições ao Movimento, contudo, a natureza da fonte não nos permitiu comprovar tal assertiva.

Ademais, o ingresso e a militância ardorosa de alguns desses ‘homens de negócio’ na AIB mostram que, a despeito daquilo que até mesmo um futuro Estado Integral poderia oferecer aos seus ‘parceiros’ (um ‘tiro no escuro’ para muitos empresários), a paixão pela causa fascista arrebatava os homens, sem levar em consideração sua posição social.

3.3.3 A INTELLECTUALIDADE PARANAENSE E O INTEGRALISMO

Como apontou Trindade (1979), a conjuntura de renovação intelectual e espiritual do início do século XX levou muitos pensadores nacionais para o caminho da crítica aos pressupostos fundantes da cultura brasileira, até então. De certa forma, essa ‘intelectualidade renovadora’ preparou o terreno para a aceitação do fascismo no Brasil. Segundo Paxton:

Os intelectuais dos primeiros tempos exerceram influências importantes e de diversos tipos. Em primeiro lugar, ajudaram a abrir espaço para os movimentos fascistas, enfraquecendo o apego das elites aos valores do Iluminismo, até então amplamente aceitos e aplicados de forma concreta no governo constitucional e na sociedade liberal. Os intelectuais tornaram possível imaginar o fascismo (2007, p. 42).

Zeev Sternhell assevera que os fascismos exercem um “efeito de satelização” na intelectualidade pouco afeiçoada ao materialismo – quer seja ele de ordem marxista ou liberal – e zelosa pelos valores espirituais (1999, p. 32). Sobre o caso brasileiro, Levine apontou:

Acadêmicos e intelectuais passaram a gravitar para a AIB mais frequentemente do que para a Frente Popular de Roberto Sissón e Luís Carlos Prestes; isso não deve surpreender. A elite refinada e bem-educada, produto dos meios conservadores e intelectuais, reagia com maior calor ao apelo moralista, tradicionalista e hierárquico de Plínio do que às promessas de reviravolta social com que acenavam as esquerdas (1980, p. 141).

No Estado Paraná, a intelectualidade mais próxima ao catolicismo – e que possuía seus centros locais de reflexão (como o Círculo de Estudos Bandeirantes) – simpatizou ou cerrou fileiras no Integralismo. Por outro lado, a intelectualidade mais próxima do humanismo (como a do Centro de Cultura Filosófica, de Erasmo Piloto) optou pela distância; os intelectuais do Paranismo, em geral, passaram ao largo do Integralismo, provavelmente por estarem mais próximos desse segundo grupo ou do governo estabelecido no Estado (inimigo declarado da AIB, a partir de 1936).

Alguns desses intelectuais, como o jovem Rocha Loures Sobrinho, migraram do Centro de Cultura Filosófica para o Integralismo e para o Centro Ronald de Carvalho. Este último, paralelo ao Departamento Universitário da AIB, abarcava jovens nomes, em geral universitários, ligados ao pensamento conservador, ao catolicismo, “à obra do ressurgimento nacional” e (não necessariamente) ao Integralismo (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 6). O nome

do Centro veio do poeta nacionalista e secretário da presidência de Vargas (de 1934 até sua morte, em 1935) (HILTON, 1977, p. 40).¹⁴⁹

Fundou-se em Curitiba uma novel [sic] aggremação literária e cultural, composta dos elementos de mais destaque da nova geração. É o centro Ronald de Carvalho, á frente do qual estão os universitários Oliveira Franco Sobrinho, Jorge Lacerda, Ernani Santiago de Oliveira, Rocha Loures Sobrinho, Paulo Müller de Aguiar, Ademar Gonzaga, Eloy Costa. O Centro Ronald de Carvalho lançou um manifesto expondo as suas directrizes, que se podem resumir numa nova cultura que dê um sopro de vida ao Brasil que está morrendo (*A Razão*, n. 2, 10/05/1935, p. 4).

No Círculo de Estudos Bandeirantes, outro lócus do laicado católico paranaense, a AIB também possuía ao menos dois filiados de peso: o agrônomo Liguarú Espírito Santo, 1º Vice-Presidente entre 1920-1945, e o engenheiro civil, catedrático do Ginásio Paranaense, Valdemiro Augusto Teixeira de Freitas – ambos fundadores do Círculo, em 1929.

De fato, o Integralismo era assunto de pauta nos círculos católicos por volta de 1935. Em 1 de junho daquele ano, uma reunião foi realizada na Casa das Associações Católicas de Curitiba para discutir a posição dos católicos frente ao Movimento de Plínio Salgado. Liguarú fez inicialmente a defesa e a exposição da doutrina integralista:

apresentou os motivos porque o catholico não pode e nem deve ficar indifferente diante do movimento do Sigma que vem auxiliar grandemente a Igreja, no combate das doutrinas subversivas que se apresentam com summa gravidade, citando em abono de sua these, a autoridade do Papa (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 3).¹⁵⁰

Em seguida, designado por Vieira de Alencar, falou Valdemiro Teixeira,

[...] que de modo incontestável, fulminou todas as objeções que se pudessem formular como pretexto para se não alistar nas fileiras dos “Camisas-Verdes”, chegando a esta conclusão: “É dever do catholico ingressar sem perda de tempo nas fileiras dos ‘Camisas-Verdes’, em defesa de Deus, da Patria e da Familia, bases essas, que estão ameaçadas pelo terrorismo de Moscou” (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 3).

João Batista Zagonel Passos, Valle Sobrinho, Angelo Antonio Dellegrave e Vieira de Alencar também falaram, mas o ‘melhor da festa’ foi a conversão ao Integralismo, *in loco*, de uma eminente personalidade política do Estado: o General Raul Munhoz, membro do Círculo

¹⁴⁹ Ronald de Carvalho teria sido um dos primeiros intelectuais a associar, já em 1924, o termo “Integralismo” ao um pensamento conservador e espiritualoso, especificamente quando se referiu ao pensamento de Graça Aranha (VASCONCELLOS, 1979).

¹⁵⁰ Liguarú também ministrava cursos na Secretaria Provincial de Estudos. Dividindo espaço com Rocha Loures, que ensinava Sociologia, em setembro de 1935, Espírito Santo deu início a um curso de “História Social e Política do Brasil” (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 6).

de Estudos Bandeirantes, Deputado eleito para a Constituinte Nacional¹⁵¹, ex-Membro do Conselho Consultivo da 1ª interventoria Ribas, histórico comandante do Corpo de Bombeiros do Paraná e maçom (!). Em meio à reunião, Munhoz pediu a palavra:

Começou o orador, por dizer da grandiosidade da Marcha Integralista que se vem processando em todo o país, e reputou os “Camisas-Verdes”, os verdadeiros salvadores do Brasil, contra as hostes satânicas do comunismo que livremente propaga o vírus da pestilência na sociedade moderna, acobertado pela máscara de partido, na Aliança Nacional Libertadora. Disse também, não podia, como católico, deixar de ingressar nas fileiras dos soldados de Deus, da Pátria e da Família, e por isso se declarava integralista, porque, se não fôra essa sessão que se realizava, teria já ingressado nas fileiras do Sigma fazendo juramento, há dias antes (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 3).

Pela fala de Munhoz (“se não fôra essa sessão que se realizava, teria já ingressado nas fileiras do Sigma fazendo juramento, há dias antes”), sua conversão ‘ao vivo’ foi mero teatro, arquitetado para comover os presentes (e, quiçá, convencê-los a fazerem o mesmo). O efeito parece ter sido positivo: “reboou pela sala, uma salva de palmas, que se prolongou por muito tempo” (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 3).

Raul Munhoz, posteriormente seria o vereador mais votado do Integralismo nas eleições municipais em Curitiba, realizadas em setembro de 1935. Além dele, a AIB fez outros vereadores em mais 8 municípios, afora os prefeitos de Teixeira Soares e Rebouças. As eleições de 1935 no Paraná são o tema do próximo capítulo, que trata também da repressão governamental posta em funcionamento contra a Ação Integralista naquele mesmo ano.

¹⁵¹ Raul Munhoz (1875-1940) foi eleito Deputado Constituinte, em 1933, pelo PSD, partido de Manoel Ribas. Porém, desentendeu-se com o interventor e abandonou o partido. Em seu lugar assumiu Idálio Sardemberg (DAGOSTIN, 2011).

CAPÍTULO IV -
O INTEGRALISMO NO PARANÁ:
ELEIÇÕES E REPRESSÃO

4.1 O CONTEXTO NACIONAL: A AIB ENTRE O ENRAIZAMENTO POLÍTICO E O ABORTO DA CHEGADA AO PODER (1935-1937)

Muito embora isso ainda não aparecesse em seus primeiros estatutos, em 23 de abril de 1933 a Ação Integralista Brasileira já havia requerido e conquistado um registro no Tribunal Superior da Justiça Eleitoral, para concorrer naquele ano às vagas da Constituinte Nacional. Era o estágio embrionário da metamorfose do movimento em partido. Os primeiros resultados foram parcos: com 4 candidatos, conseguiram apenas 2000 votos (CARONE, 1976, p. 209); no ano seguinte, elegeram somente o polêmico João Carlos Fairbanks como Deputado da Constituinte paulista, com 8935 votos (DOTTA, 2010).

Somente quando o Integralismo assumiu abertamente seu papel de partido político, em 1935, é que os principais resultados nas urnas apareceram. Assim, o ano de 1935 representou – se quisermos seguir o modelo de Robert Paxton – o início do enraizamento no sistema político brasileiro, a partir da abertura à concorrência no jogo político liberal-democrático e a suavização de parcelas do discurso radical e revolucionário do Movimento. O II Congresso Integralista, realizado na cidade de Petrópolis (7 a 9 de março de 1935), determinou a transformação da AIB em partido político, além de “centro de estudos e de educação, moral, physica e civica” (*Monitor Integralista*, n. 10, 07/05/1935).¹⁵² Com tal atitude, a Ação Integralista, paulatinamente, se mostrou mais parecida com os outros partidos, o que propiciou uma abertura maior ao eleitorado médio do país. Como veremos neste Capítulo, as eleições municipais no Paraná, em 1935, foram a primeira amostra disso.

Em novembro de 1935, ocorreu a chamada Intentona Comunista, rapidamente sublimada pelo governo. O evento deu munção ao discurso dos camisas-verdes e Plínio chegou a oferecer 100.000 homens da ‘extinta’ milícia ao Presidente Vargas para combater os vermelhos (HILTON, 1977). A partir daquele ano, o enfoque ideológico dos discursos integralistas recaiu sobre o anticomunismo, em especial naqueles discursos direcionados aos militantes de base (TRINDADE, 1979, p. 239); segundo Hilton,

O levante de caráter comunista nesse mês [novembro de 1935] parecia uma dádiva de Deus para os integralistas. Embora a insurreição fosse facilmente sufocada, o próprio fato da tentativa confirmou as advertências que os integralistas vinham fazendo a respeito da subversão comunista [...] (1977, p. 25).¹⁵³

¹⁵² Contava naquele ano com 1123 núcleos, espalhados por 538 municípios e um total de cerca de 400 mil adeptos.

¹⁵³ Após a Intentona, até Hans Henning von Cossel, líder do Partido Nazista no Brasil (*Landsgruppenleiter*) em carta a seus superiores na Alemanha afirmou que a AIB teve seu “prestígio reforçado” com a tentativa de sublevação comunista (HILTON, 1977, p. 25).

No início de 1936, foram criados organismos de socialização do poder no interior do Movimento, sobretudo, no intuito de atrair setores da burguesia: a Câmara dos Quarenta, o Conselho Supremo e as Cortes do Sigma (TRINDADE, 1979, p. 173), aos quais viria se somar, com o mesmo intuito, em abril de 1937, a Câmara dos Quatrocentos (*Monitor Integralista*, n. 19, 12/05/1937).

O grosso do Movimento era, de fato, formado pela genérica “classe média”, como mostrou Trindade (1979), seja o que o autor chamou de “classe média superior” (profissões liberais e oficiais) ou a “classe média inferior” (pequenos proprietários, empregados e funcionários). No que concerne especificamente aos militantes e dirigentes em nível local (a base do Movimento) também se encontrava uma significativa parcela de indivíduos oriundos das camadas populares: trabalhadores de pequenas e médias indústrias, agricultores, lavradores e artesãos (1979, p. 136-137). A relativamente pequena adesão do operariado urbano ao Integralismo reflete algumas posições elitistas iniciais do Movimento, a influência da esquerda sobre a classe e, sem dúvida, a legislação trabalhista de Vargas – um problema tanto para AIB, quanto para o PCB (HILTON, 1977, p. 28).

Fato é que, como aponta Levine, por volta de 1936, no chamado “ano verde”,

a atração exercida pelo movimento integralista sobre uma larga faixa de brasileiros do mais variado matiz preocupava seriamente os democratas moderados e levava o Presidente da República a tratá-los com respeito e, mesmo, com algum temor, até que seu próprio poder se consolidou firmemente, depois de novembro de 1937 (1980, p. 131).

As primeiras medidas repressivas contra a AIB foram de caráter estadual e/ou municipal. No âmbito mais local, os integralistas desafiavam os poderes coronelísticos e as parentelas, há muito estabelecidas. Em alguns casos os confrontos se tornavam sangrentos, como no episódio do assassinato do líder integralista de Guarapuava, no Paraná, em 1938 (ver Capítulo III). Por parte dos interventores e Governadores estaduais, o confronto se dava fundamentalmente pelo teor da militância integralista, veementemente combativa contra “as máquinas políticas estaduais” tidas como “contrárias ao interesse nacional” (HILTON, 1977, p. 28).

Em um acirrado jogo de forças, os integralistas tiveram suas sedes fechadas em alguns estados no ano de 1936 (Bahia, Santa Catarina, Espírito Santo, Alagoas e Paraná), o que não impediu que as coisas voltassem à normalidade através de inúmeras manifestações, petições e, quando possível, da ajuda do Governo Federal (MAIO; CYTRYNOWICZ, 2003). Vargas se

posicionou discretamente em relação à repressão estadual à AIB. Onde a prudência o permitia, no sentido de não complicar as relações com os Governadores e militares pró-integralistas, ele interferiu cuidadosamente para a reabertura dos núcleos. Por essas atitudes, o Presidente foi muitas vezes tachado de “cumplice” dos camisas-verdes (HILTON, 1977, p. 42).

Tais proscições, com efeito, não foram suficientes para abalar as estruturas do Movimento, que crescia a passos largos entre 1936 e 1937. Na região Sul, por exemplo, os integralistas elegeram muitos vereadores, prefeitos e juizes de paz, nas eleições de 1936. Somente em Santa Catarina foram 8 prefeitos, 72 vereadores e dezenas de juizes (ZANELATTO, 2007). Circulavam, por todo o país, notícias de que as regiões de colonização alemã e italiana do Sul estavam aderindo em massa, fato que embora parcialmente verdadeiro, requer alguns cuidados por parte do historiador.¹⁵⁴

Não obstante, em 1937, o Integralismo começava a mostrar sinais de cansaço, em virtude da dubiedade do Chefe (em suas negociações com Vargas) e a perda do impulso revolucionário.¹⁵⁵ Relevante, nesse sentido, é o fato de que, por volta de meados de 1937, a AIB começou a sofrer baixas, sendo a mais significativa a do Deputado Federal Jeovah Motta.

¹⁵⁴ De acordo com o historiador René Gertz, é necessário dispensar cuidados conceituais ao analisarmos a ‘questão imigrante’ no Sul do Brasil, em especial articulando o trinômio Nazismo, germanismo e Integralismo. Gertz propõe “que se retire a variável étnica do primeiro plano”, alertando que “ninguém se lembra de que a sociedade nestas regiões também possuía estratificação social e que ela se inseria num contexto político regional” (1987, p. 132). Ainda segundo o autor, existem densas evidências de conflito declarado tanto de **nazistas contra integralistas**, quanto entre **representantes do germanismo e do Integralismo**, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, as explicações para o grande sucesso da AIB nessas regiões (como exemplo, os 70% dos votos de Blumenau nas eleições de 1936) devem estar fora de conjeturas não empíricas, como o fator étnico (GERTZ, 1987, p. 204). A variável étnica – ou melhor, uma ideia sobre ela, o *Deutschtum* – só pode entrar nas explicações após ser despojada de qualquer julgamento a priori da condição dos alemães que viviam no Sul do Brasil (sobretudo no que diz respeito a conceitos como “assimilação”). Vencida essa etapa, o germanismo pode ser efetivamente a chave para se compreender a posição de militantes nazistas, teutos e teuto-brasileiros em relação ao Integralismo: “A posição dos ‘partidários’ [filiados à NSDAP] em relação ao integralismo parece ter dependido de sua integração ou não no movimento germanista. Aqueles ‘partidários’ que conseguiram integrar-se no *Deutschtum* posicionaram-se contra ou ao menos de maneira cética em relação ao integralismo. Dos que entraram em conflito com o *Deutschtum* muitos se ligaram ao integralismo, não por último como vingança” (GERTZ, 1987, p. 138). O debate em torno do *Deutschtum* tem grande importância, porém não finaliza a questão, para Gertz. Devem ser consideradas as questões **sócio-profissionais** e aquelas ligadas às **condições políticas locais** para se entender a adesão ao Integralismo nas cidades de ampla população de origem teuta. Em resumo, o autor ampara – baseado em extensa pesquisa empírica – parte da tese clássica de Hélio Trindade de que “as fileiras do integralismo foram engrossadas por pessoas jovens em processo de ascensão social” e que existe uma forte ligação entre Integralismo e acelerada industrialização (GERTZ, 1987, p. 169). Ao mesmo tempo, quesitos da política local tiveram peso desproporcional, em várias cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, no que diz respeito à adesão de teutos ao Integralismo e só estudos desses contextos locais podem elucidar as razões para certos ingressos massivos na AIB.

¹⁵⁵ Paxton (2008) afirma que, ao se aproximarem do poder, os nazistas se encontravam sem ‘fôlego’, com o esgotamento de recursos e a perda do ímpeto revolucionário. Parece-nos uma proposição interessante para pensarmos os últimos meses da AIB, quando uma massa de militantes que esperava tomar o poder se viu pasma com seu Chefe retirando a candidatura à presidência, na espera das migalhas de Getúlio.

Alguns militantes, um tanto desiludidos, entendiam que a AIB se tornara “um instrumento da burguesia” (HILTON, 1977, p. 28).

Na verdade, Plínio Salgado já assumira desde a “Carta de Natal” de 1935 que perdera parte do controle sobre seu Movimento, o que deixava a AIB suscetível ao radicalismo:

Na madrugada de ontem, meditando sobre o movimento político-social que criei no Brasil, senti-me apreensivo. Examinei a minha criação e inquietei-me. Não temo os inimigos nem as adversidades, porém temo os meus próprios adeptos. Porque eles, na exaltação revolucionária, poderão perder aquilo que mais procuramos, aquilo que é fundamental do nosso ideal: a consciência de nós mesmos. E, perdendo a consciência de si mesmos, perderão o conceito da autoridade, como eu a quero, e a concepção do Chefe, como é necessária a uma Nação Cristã (SALGADO, 1946, p. 137-138).

Entre o radicalismo e a entropia, Salgado optou por domesticar os caracteres mais exaltados do Movimento, submetendo-os ao jogo político da liberal-democracia. Na mesma “Carta de Natal”, podemos ler:

[...] neste momento de tantas angústias para o meu Brasil, sinto a minha responsabilidade grave e procuro falar menos como agitador, que tive a necessidade de ser para despertar a Pátria, do que como um construtor, um doutrinador que procura dar sólidos fundamentos à Nacionalidade (SALGADO, 1946, p. 141-142).

O conchavo político com outro chefe autoritário, no momento em que este planejava concentrar os poderes e destruir a própria democracia foi apenas o corolário do processo. A última ‘revolução’ da qual participaram os integralistas foi a da sua derrocada: o apoio ao golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, que instituiu o Estado Novo.

Não é difícil demonstrar como o processo de destituição do caráter revolucionário da AIB, que culminou na radicalização de uma ínfima parcela de militantes e a consequente proscrição total do Movimento, tem os anos de 1935 e 1936 como pontos de inflexão. Ao mesmo tempo em que ascendia ao número de aproximadamente 400 mil adeptos, o Integralismo ‘optou’, em 1935, por tornar-se um ‘partido da paz’ e, em 1936, concorrer às eleições presidenciais que viriam no ano seguinte. Com isso uma série de mudanças pode ser observada no interior do Movimento, como apontou Trindade:

Esta mudança marca o início de uma mutação estratégica no integralismo e o desencadeamento do processo de negociação com o poder estabelecido. O movimento abandona suas pretensões “revolucionárias” e torna-se um partido político. O Departamento da Milícia transforma-se em Secretaria de Educação (moral, cívica e física); a Câmara dos Quarenta, pela natureza de sua composição

interna, revela uma disposição de obter prestígio e respeitabilidade junto às elites econômicas e políticas (1979, p. 177-178).

Ao mesmo tempo, como mostrou Hilton (1977), Salgado iniciara contatos com os círculos governamentais e acreditava numa candidatura à presidência, a qual declararia apoio (de Oswaldo Aranha, tio de seu parceiro no *A Razão* e na SEP, Alfredo E. de Souza Aranha).

Depois do malogro da candidatura do Embaixador brasileiro em Washington, Plínio decidiu lançar sua própria candidatura, ao que tudo indica, como forma de pressão. Através de um plebiscito interno, realizado em maio de 1937, para decidir o candidato da AIB ao Catete, Salgado estimou que o Integralismo tivesse aproximadamente meio milhão de votos garantidos, o que era insuficiente para levá-lo à presidência.

Assim, no ano de 1937, delineou-se uma aproximação conveniente entre AIB e o governo Vargas. Getúlio desejava o apoio – ou a conivência – dos integralistas para uma mudança de regime, ao passo que Salgado ambicionava espaço para os camisas-verdes no poder, já que a via eleitoral se mostraria insuficiente. Vários núcleos da AIB já haviam voltado ao funcionamento em 1937 (entre eles o do Paraná), apesar da resistência de Juracy Magalhães, Governador da Bahia.

Em 14 de junho, alguns integralistas se dirigiram ao Catete para comunicar ao Presidente a vitória de Plínio no plebiscito interno. Getúlio deu declarações de que os integralistas nunca apresentaram “dificuldade para [seu] governo” e nunca se envolveram em atividades de “subversão da ordem ou das instituições vigentes no paiz” (*Folha da Manhã*, n. 4063, 15/06/1937, p. 3). Em seguida, encabeçados por Manoel Vieira de Alencar, comunicaram o fato ao Ministro da Justiça, que também lhes foi amigável e garantiu a constitucionalidade da AIB.

Em outubro de 1937, o Estado de Guerra, que havia sido suspenso em meados do ano, foi novamente imposto.¹⁵⁶ O motivo foi a descoberta do “Plano Cohen”: um plano fictício de *coup d'état* comunista, criado pelo serviço secreto integralista, no intuito de revigorar no interior do Movimento o ardor do combate aos vermelhos. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, imediatamente levou o plano a Vargas e solicitou uma palestra com Plínio. Da conversa, Dutra conseguiu apoio dos integralistas para o golpe e, em um encontro pessoal com Vargas, Salgado recebeu a promessa da Pasta da Educação.

Para demonstrar sua força, no dia 1º de novembro os integralistas realizaram uma marcha pela Capital Federal. Alguns milicianos pensaram que chegara a hora da “Marcha

¹⁵⁶ O Estado de Guerra vigorou entre novembro de 1935 e junho de 1937, justificado pela “Intentona Comunista”.

sobre Roma” tupiniquim; Olbiano de Mello chegou a propor a ocupação estratégica da cidade, mas o que se viu foi um desfile pacífico de 50.000 (as fontes varguistas apontam para apenas 17.000) integralistas, cujo clímax foi a saudação com “três anauês” ao Chefe do Estado brasileiro.¹⁵⁷ O episódio da marcha pode ter surtido o efeito contrário e sido crucial para a decisão do Presidente de proscrever definitivamente a AIB, temendo um Estado integralista paralelo (HILTON, 1977).

Dez dias depois, com a decretação do Estado Novo, os integralistas tiveram seu pior medo confirmado: Vargas estava ‘jogando’ e os camisas-verdes eram ‘peões’ manobrados no tabuleiro; ou como disse em certa ocasião o Ministro do Exército, eles fizeram papel de “palhaços no circo político” (HILTON, 1977, p. 54). Exceto no que concerne a aspectos da doutrina (como a constituição de um Estado autoritário), Vargas não tocou no assunto ‘Integralismo’ em seu discurso à nação. Diante disso, Salgado preferiu se resignar à violência: transformou a AIB em ABC (Associação Brasileira de Cultura), uma entidade fantoche do Integralismo, enquanto aguardava angustiadamente o Catete cumprir sua parte no acordo.

A partir de então, paulatinamente, os espaços de ação dos integralistas foram tolhidos e Vargas distribuiu diversas cartas brancas para a repressão Estadual. O que o projeto do novo Estado varguista passou a exigir foi a “dissolução completa da organização integralista”, para que Salgado continuasse a vislumbrar o Ministério da Educação (HILTON, 1977, p. 50). As conversações declinaram quando em 2 de dezembro foi promulgado o Decreto-Lei nº 37:

Art. 1º Ficam dissolvidos, nesta data, todos os partidos políticos.

§ 1º São considerados partidos políticos, para os efeitos desta Lei, tôdas as arregimentações partidárias registadas nos extintos Tribunal Superior e Tribunais Regionais da Justiça Eleitoral assim como as que, embora não registadas em 10 de novembro do corrente ano, já tivessem requerido o seu registro.

§ 2º São, igualmente, atingidas pela medida constante dêste artigo as milícias cívicas e organizações auxiliares dos partidos políticos, sejam quais forem os seus fins e denominações,

Art. 2º E’ vedado o uso de uniformes, estandartes, distintivos e outros símbolos dos partidos políticos e organizações auxiliares compreendidos no art. 1º (BRASIL, 1937).

Ao decreto se seguiu “uma campanha sistemática contra os camisas-verdes. Sedes locais da AIB foram fechadas, reuniões impedidas e, em vários casos, membros do partido encarcerados” (HILTON, 1977, p. 52). Ao mesmo tempo, a ABC não teve sucesso em

¹⁵⁷ Em entrevista, um ardoroso e influente militante da AIB afirmou que muitos integralistas se frustraram quando Salgado ordenou, na “Marcha dos 50 mil” em apoio a Vargas, que os milicianos saudassem Getúlio com 3 anauês, saudação destinada apenas ao Chefe Nacional do Integralismo. Na verdade, muitos acharam que a AIB tomaria o poder exatamente naquela ocasião (SANZ, 2004). No dia seguinte Salgado esclareceu as coisas pelo rádio: “O que eu desejo não é ser o presidente da República, mas simplesmente o conselheiro do meu País” (HILTON, 1977, p. 50).

conseguir registro no Ministério da Justiça, embora seus estatutos se enquadrassem na referida Lei (VICTOR, 2005). Na verdade, Vargas, “lambuzando com melado a boca dos integralistas, preparou o golpe branco de 1937”, como apontou Luiz Carlos Tourinho (1991, p. 309).

Para o Integralismo, portanto, a aliança com Getúlio Vargas e a retirada da candidatura de Plínio Salgado, em 1937, significou, por um lado, o esmagamento das pretensões ao poder e, por outro, a radicalização de uma parcela do Movimento, que lançou mão do ataque desajustado de maio de 1938, a chamada Intentona Integralista. Tratava-se de um elaborado plano de tomada do poder que aliou setores descontentes das forças armadas, liberais proscritos por Vargas e ex-integralistas. O movimento teria ‘braços’ nos Estados de São Paulo, Paraná, Bahia e Pernambuco e seria deflagrado a partir da Capital Federal. Essa “imponderável” aliança entre fascistas, militares e liberais, como a nomeou o historiador Rogério Lustosa Victor (2005, p. 32), teve como ápice um desorganizado ataque ao Palácio da Guanabara, facilmente combatido pelas forças leais ao governo que acorreram ao local.¹⁵⁸

Após o levante, a repressão foi sistemática, ao passo que, pouco tempo depois, cerca de 1.500 suspeitos ou envolvidos no episódio foram recolhidos ao presídio de Ilha Grande, no Rio de Janeiro (VICTOR, 2005). Com o desenrolar dos acontecimentos, surgiram rumores na imprensa sobre uma suposta participação alemã no atentado. A informação, muito conveniente, também saiu da boca do próprio Vargas, que conseguiu, com isso, provar aos círculos governamentais norte-americanos que o fantasma do fascismo é quem ameaçava o Brasil. Logo, com a Guerra, os camisas-verdes entrariam para a categoria de quinta-colunas.

4.2 A AIB E AS ELEIÇÕES NO PARANÁ

*“A Liberal-Democracia é um regime tão falho, que nos dá a arma, com que
havemos de liquidá-la: o voto!”*

A Razão, n. 19, 06/09/1935, p. 2.

Para estabelecermos essa dimensão do enraizamento político da AIB no Paraná, a análise do fenômeno eleitoral em seu conjunto é imperativa. Seguramente, um estudo completo de qualquer participação eleitoral requereria a análise do perfil dos candidatos, das campanhas, dos resultados, das diferenciações sócio-profissionais do eleitorado, além da

¹⁵⁸ Há suspeitas de que alguns ministros e destacamentos policiais foram letárgicos no atendimento a Vargas, indicando que setores do Governo estavam interessados na morte do Presidente (SEITENFUS, 2003).

comparação desses dados com os comportamentos eleitorais regionais. Infelizmente, em virtude do tipo específico de documentação disponível sobre as eleições paranaenses nos anos 1930, tal estudo completo ainda não pode ser feito.

Várias questões nos foram postas mediante um primeiro contato com os dados eleitorais da AIB no Paraná, publicados pelos jornais do próprio Movimento; a título de exemplo: tendo em vista a própria religiosidade do Integralismo, a religião teria influenciado determinados eleitores a escolherem, em seus municípios, vereadores e prefeitos integralistas no Paraná? Quais as relações entre as clivagens étnicas, sociais, culturais e o ‘voto verde’ em âmbito estadual?

A maioria das questões desse tipo só poderia ser respondida mediante um estudo minucioso da distribuição dos votos, através de um mapeamento geo-eleitoral. Entretanto, os dados disponíveis são fragmentários e de natureza externa às fontes eleitorais propriamente ditas; pouco ou nada nos permitem saber ou mesmo imaginar o que se passava na mente dos que escolheram o Integralismo quando foram às urnas – sobretudo, a respeito dos não militantes.

Assim, o que apresentamos aqui foram os próprios dados, sem dúvida inéditos, mas que só nos permitem, quando muito, elaborarmos conjeturas baseadas em informações eleitorais pouco específicas (em geral, de âmbito municipal). Evidentemente, arriscamos colocar tais conjeturas à prova do tempo e das futuras pesquisas e, quiçá, do aparecimento ‘miraculoso’, em algum porão, dos mapas eleitorais do Estado do Paraná referentes àquele período.¹⁵⁹

A despeito das dificuldades, foi possível verificar que, nas urnas, o Movimento integralista deu passos consideráveis rumo ao poder local. Além das Prefeituras de Teixeira Soares (primeira cidade do Brasil a ter um prefeito integralista empossado) e Rebouças, metade das Câmaras municipais de cidades importantes, como Ponta Grossa e Rio Negro,

¹⁵⁹ A documentação sobre as eleições paranaense da década de 1930 são um problema a parte. No território do Estado, ela simplesmente não existe, de acordo com as informações que colhemos junto às autoridades competentes. O Tribunal Regional Eleitoral e o Arquivo Público do Paraná não possuem nenhum dado sobre o que ocorreu na chamada *primeira fase da justiça eleitoral*, de 1932 a 1937. Em Brasília, o Tribunal Superior Eleitoral possui apenas o resultado das eleições da Assembleia Estadual Constituinte de 1935, na coletânea dos Boletins Eleitorais. Essa fonte não trás o detalhamento geográfico do voto por partido, apenas da eleição em sentido amplo. Não sabemos, por exemplo, em quais bairros, municípios ou regiões os candidatos integralistas receberam mais votos. Além disso, não temos **dados oficiais** sobre as eleições municipais, para os cargos de prefeito e vereador. Nesse caso, mapear as eleições sem esses dados é praticamente impossível, uma vez que as datas dos pleitos só foram unificadas para todas as cidades do Paraná a partir das eleições municipais de 1972. Antes, as eleições eram realizadas sempre no ano da criação do município ou no ano seguinte e, subsequentemente, a cada quatro anos. Desta forma, antes de 1972 o Paraná teve eleições municipais em praticamente todos os anos, em uma ou outra cidade. Nossa fonte para o estudo dos resultados eleitorais da AIB no Paraná, portanto, são os periódicos do próprio Movimento e os jornais de época, de circulação geral, que veiculavam notícias sobre os pleitos.

vestiu a camisa verde na legislatura de 1936. Mais importante que isso, em todas as localidades, a AIB despontou como a segunda força política do Estado, atrás somente do partido governista, o Partido Social Democrático de Manoel Ribas. No ano anterior, os camisas-verdes estavam em penúltimo lugar na corrida eleitoral.

É muito provável que, em virtude desse salto eleitoral, 1935 seja também o ano dos primeiros entrechoques dos camisas-verdes com os poderes municipais e estaduais, demonstrativos da força que AIB passou a representar no Paraná. Tais escaramuças não significaram, naquele ano, confronto aberto. Representaram antes, sintomas de certo incômodo dos poderes locais com o crescimento do Integralismo, antecâmara da proscrição que viria no ano seguinte.

Em meados de 1934, Plínio Salgado emitiu uma diretiva a todos os Chefes Provinciais do Integralismo determinando: “a Acção Integralista Brasileira em todas as provincias do paiz tome parte nas próximas eleições para a Constituinte Estadual e Camara Federal”.¹⁶⁰ No Paraná, as eleições para a Constituinte ocorreram em outubro de 1934. De um total de 64.208 inscritos, contabilizaram-se 46.515 votos válidos, distribuídos entre 10 legendas participantes. As três principais, o Partido Social Democrático (PSD), o Partido Social Nacionalista e a União Republicana Paranaense (URP) atingiram o quociente e elegeram, respectivamente, 20, 5 e 5 deputados.¹⁶¹

À época, a Província da AIB ainda contava com poucos adeptos (cerca de 2000), e ainda menos eleitores, exatamente 278 (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 3). Os números se mostraram ainda insuficientes para atingir o quociente eleitoral, que era de 1.550 votos. O resultado não foi nada agradável: a AIB só ganhou dos “Universitários Independentes”, um grupelho de 6 candidatos, que recebeu ao todo 35 votos.¹⁶² Contudo, a distância entre os

¹⁶⁰ A AIB só oficializou em seus estatutos a transformação em partido político no II Congresso Integralista de Petrópolis, em abril de 1935.

¹⁶¹ O PSD fora fundado por Manoel Ribas para concorrer às eleições de 1934 e representava, *grosso modo*, o suporte ao getulismo no estado. O PSN era a maior oposição partidária local ao PSD; aglomerava revolucionários dissidentes de 1930 ao redor de Plínio Tourinho (ex-líder da Revolução de 1930 no Paraná), contrários às posições de Vargas e de seu interventor local. Já a URP reunia políticos ligados à “República Velha” e ao extinto PRP (Partido Republicano Paranaense). Além dessas três legendas e da Acção Integralista, as demais que concorreram à Constituinte Estadual foram: Partido Pró-Estado Leigo, Partido Concentração Trabalhista, Partido Consolidação Cívica, Partido Reivindicador Proletário, Partido Universitários Independentes (TSE, Boletim Eleitoral, Janeiro-Abril, 1935, p. 611 e 612).

¹⁶² Curiosamente, entre os membros do grupelho estava um dos futuros carrascos da AIB na Delegacia de Ordem Política e Social durante o Estado Novo, o “Dr.” Divonsir Borba Cortês.

camisas-verdes e os últimos colocados era gritante, já que somaram ao todo 7841 votos, distribuídos entre 15 candidatos.

Pelos perfis, os candidatos integralistas foram selecionados entre aqueles que melhor poderiam atrair votos, dentro e fora do Movimento, quer por carisma, quer por outro capital simbólico de qualquer tipo. Infelizmente, não temos as informações necessárias, sob o suporte de mapas eleitorais, para sabermos quais as regiões, cidades ou bairros que votaram nos candidatos da Ação Integralista, em 1934.

Tabela 2 – Resultados da AIB nas eleições para a Constituinte Estadual (outubro de 1934)

Candidato	Nº de votos	Profissão	Cargo na Ação Integralista Brasileira
Francisco Flávio Fontana	649	Advogado	-
Antonio Cony Germano	595	Comerciário, empregado da Leão Júnior.	Monitor ajudante de ordens do Chefe Provincial
Alvaro Junqueira Junior	593	s/inf.	-
Felizardo Toscano de Brito	558	Jornalista (ex-Diretor do <i>Diário dos Campos</i> de Ponta Grossa)	Secretário Provincial de Organização Política (após a morte de Van de Broock)
João Alves da Rocha Loures Sobrinho	544	Acadêmico de Direito da UPR	Chefe do Departamento Universitário
Hely Van Der Broock	537	Dentista	Secretário Provincial de Organização Política
Ernesto Canac ¹⁶³	533	s/inf.	-
Caio Graccho Gaissler ¹⁶⁴	531	Engenheiro Elétrico	-
Abdon Pacheco do Nascimento	530	Médico	Chefe Municipal de Antonina
Carlos Victor Breithaupt	519	s/inf.	-
Jorge Lacerda	516	Acadêmico de Medicina da UPR	Diretor do Periódico <i>A Razão</i>
Lothar With	511	Comerciante/fotógrafo	-
Rubens Klier de Assumpção	506	Diretor da Escola de Aprendizes e Artífices	Diretor do Departamento Provincial de Cultura Artística
Luiz Pedro Bebiano Puppi	504	s/inf.	-
Ely Azambuja Germano	215	Dentista	Secretário Provincial do Departamento de Proganda

Fonte: TSE, Boletim Eleitoral, Janeiro-Abril, 1935, p. 611 e 612 (informações sobre profissão e cargo da AIB encontradas nos periódicos *A Razão* e *A Offensiva*).

O resultado do pleito mostra que o Integralismo recebeu uma significativa votação de fora das suas fileiras: cerca de 7500 votos vieram de simpatizantes à causa e/ou aos candidatos. Isso não era insignificante para um partido com 3 meses de funcionamento.

¹⁶³ Trata-se de Ernesto Canac Filho, filho do banqueiro franco-brasileiro e ex-prefeito de Joinville Ernesto Canac, falecido em Curitiba em 1920.

¹⁶⁴ Caio Graccho de Souza Gaissler era engenheiro elétrico, formado pela Universidade de Illinois, em 1924. Era filho de Zelia Cunha Gaissler, Chefa do Departamento Feminino e uma das mulheres mais importante da AIB no Paraná.

Um ano mais tarde, em junho de 1935, o *A Razão* convocou os integralistas do Paraná para as eleições municipais, que ocorreriam em setembro. A conclamação mostra, escancaradamente, a forma instrumental com que a AIB tratava os processos eleitorais: “Aproximam-se as eleições [...]. Despedacemos com o proprio voto a Liberal Democracia!” (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 1).¹⁶⁵

Na mesma edição, o jornal informou aos militantes sobre as datas-limite de qualificação e inscrição eleitorais.¹⁶⁶ Alertou também aos eleitores sobre a obrigatoriedade do voto, a despeito da “ojeriza” [sic] que pudessem sentir em relação ao processo (veiculou-se inclusive o valor da multa por não comparecimento). O voto não facultativo, segundo a matéria, nada mais era do que o símbolo da “falta de interesse do povo brasileiro, por um regimen decadente e apodrecido” (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 1). Evidentemente, a multa era bem vinda até para aqueles que queriam se utilizar do sistema para destruí-lo.

Os inimigos eleitorais imediatos, sobretudo no interior, eram os candidatos dos ‘coronéis’, que se integravam em um ou outro partido com chances de fazer votos (PSD, URP e PSN); longe de terem se extinguido em 1930, os ‘mandachuvas’ locais ainda exerciam pesada influência sobre grupos populacionais nos sertões paranaenses. Como veremos, em Rio Negro, a força do ‘coronel-integralista’ contribuiu para os resultados eleitorais positivos da AIB local.

Os camisas-verdes que se preparem. Muitos “coronéis” virão lhe pedir o voto... Tenhamos uma resposta á altura, prompta nos nossos labios. É com o proprio voto que arrazaremos este regimen, com seus “coroneis”, políticos profissionaes, partidinhos politicos, etc., e sobre estes escombros, levantaremos o Estado Integral e imporemos um novo rythmo de vida ao Brasil e á America do Sul! (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 1).

Em todos os municípios, onde haveria candidatos da AIB aos executivos ou às câmaras, foram organizados serviços de qualificação eleitoral. Em Rio Negro, em virtude dos intimidantes números do Movimento, esperava-se grande resultado (não sem exagero):

Os partidos politicos estão inativos e estagnados; só os integralistas estão arregimentando e qualificando. Consta, como certo, que os politicos, convitos de

¹⁶⁵ O Integralismo e os partidos fascistas em geral não são partidos políticos no sentido comumente atribuído ao conceito. A ideia de *partido* ganha, no fascismo, o significado pejorativo de *despedaçamento*, de *facção de interesses* (de classe, de oligarquias, profissões, etc.), contrária à ordem transcendente que almejava implantar. Além disso, o voto secreto e universal é visto pelos fascistas como uma “técnica de desapaixonar” o homem massificado, transformando-o em eleitor e afastando-o da energização das massas que queriam promover (ANSART, 2004, p. 27). Nos fascismos, o partido se torna apenas um aparato dentro do movimento maior, que aceita as regras do sufrágio, por ver nelas a própria possibilidade de destruição do sistema liberal-democrático.

¹⁶⁶ A nota indica que a AIB pode ter tido problemas com o alistamento eleitoral, assim como ocorria com os outros partidos, contudo, em menor número, em virtude da intensidade da mobilização dos adeptos.

que serão completamente derrotados nas urnas eleitorais, cogitam de conseguir um empréstimo com o Estado, para o Município, para que assim o prefeito seja nomeado pelo Governador do Estado, de acordo com o que prescreve a Constituição, sobre o caso em apreço (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 5).

Mediante a esperança da vitória em várias Prefeituras – o que se mostrou mais concretamente em Santa Catarina no ano seguinte – o *A Razão* publicava constantemente artigos no intuito de ‘preparar o terreno’ para a inusitada situação:

Julgam os nossos adversarios que os futuros prefeitos integralistas, que faremos em todo o Brasil, terão a volúpia das oposições systematicas, aos governos estaduaes... Em primeiro lugar devemos dizer, que ao prefeito integralista [sic], será indiferente, o nome da pessoa, que, no actual regime, dirige o Estado. Como póde ser o Joaquim, póde ser o Brederódes ou o Conegundes... É indiferente. Em segundo logar devemos acrescentar que o prefeito integralista, agirá de acordo com o governo, [nos] largos planos administrativos de real interesse publico. No entretanto, porem, devemos dizer, que o unico choque que poderá haver, entre os poderes municipaes e estaduaes, é no terreno politico, onde o prefeito integralista não transigirá absolutamente, com nenhum governo, não obedecerá a nenhuma imposição politica vinda do alto, não se curvará deante de nenhum liberaloide, porque o prefeito integralista só tem um Chefe, que é Plinio Salgado [...] (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 1).

A onda repressora contra o Integralismo, que pairou sobre Santa Catarina a partir de meados de 1935, parecia sugerir aos integralistas paranaenses algumas precauções. Destarte, os ataques aos partidos adversários durante a campanha eleitoral foram relativamente discretos no *A Razão*. Somente, em 23 de agosto figurou uma matéria, intitulada “Charada liberal-democrata, que serve para todos os partidos politicos situacionistas ou oposicionistas do Brasil”, que tentou mostrar a similitude ideológica entre dois partidos concorrentes do próximo pleito:

A – Eu sou pela liberal-democracia e pela Constituição.

B – Eu também.

A – Eu quero a Republica federativa e a autonomia dos Estados.

B – Eu também.

A – Não quero a intervenção do governo em matéria de economia.

B – Eu também.

A – Creio que no Brasil não existe questão social. O operario se compra com meia dúzia de leis sobre salario minimo.

B – Eu também.

A – Acho que o voto secreto salvou a Republica.

B – Eu também.

A – Eis por que sou do P.S.D...

B – E eu da U.R.P.

Só as idéas devem unir ou separar os homens, Quando o ideal é o mesmo e os homens (2) se guerreiam é porque domina a lei do interesse (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 4).

O PSN não aparece na crítica, possivelmente por se tratar de um partido declaradamente oposicionista e liderado pelo respeitado Major Plínio Tourinho, considerado pelos camisas-verdes, talvez erroneamente, como um simpatizante do Movimento.¹⁶⁷

Com candidatos em quase todas as cidades maiores, os atritos políticos pré-eleitorais se espalharam pelo interior. Em Londrina, por exemplo, o agrimensor e fazendeiro Hebert Gonçalves Palhano, coordenador integralista local, teve seu nome estampado “na chapa de um partido politico” da “moribunda Social Democracia” [sic], sem o seu consentimento. Palhano protestou contra o jornal que veiculou a notícia, cuja serventia fora, segundo o militante, apenas para “lançar confusão” em época eleitoral (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 3).

Ironicamente, os militantes do Paraná fizeram forte campanha a favor da transparência nas eleições, de forma a evitar as tradicionais práticas fraudulentas da Primeira República. O *A Razão* conclamou os camisas-verdes, na semana anterior ao pleito, a exercerem “sevéra vigilancia” contra os “crimes eleitoraes, contra quem quer que [desobedecesse] os imperativos da Lei”. De fato, se o “voto era uma arma” (como diz a epígrafe deste subitem), o ‘punhal’ não poderia estar enferrujado. Assim, trechos da legislação federal sobre a obrigatoriedade do voto e as penas para coação de eleitores circularam na edição do dia 6 de setembro (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 5).

Sabemos poucos nomes de camisas-verdes que se lançaram à candidatura e campanha nos meses anteriores ao pleito (sobretudo dos derrotados). Além de alguns poucos eleitos, temos apenas a informação de que, na cidade de Castro, João Toledo de Mascarenhas (Secretário de Propaganda) saiu como candidato a prefeito e foi derrotado (*A Razão*, n. 17/09/1935, p. 2). Da mesma ordem de dificuldade, qual seja, a ausência dos mapas eleitorais, são os próprios resultados de 12 de setembro.

De qualquer forma, acompanhando os periódicos, encontramos as primeiras parciais na edição de 17 de setembro do *A Razão*; indubitavelmente, os números já se mostraram intimidantes aos partidos tradicionais: com 69,2% das sessões apuradas, o resultado genérico

¹⁶⁷ Em maio de 1935, os camisas-verdes ‘arrancaram’ uma apreciação escrita do então Deputado Federal Plínio Tourinho, consorte de Vieira de Alencar na Universidade do Paraná. O fizeram se apoiando no prestígio do Chefe Provincial, que enviou carta ao antigo articulador local “Revolução” de 1930, contendo uma introdução e três perguntas relacionadas à AIB e à Lei de Segurança Nacional. Atencioso com o colega, Tourinho acabou respondendo de forma favorável aos integralistas em algumas questões postas por Alencar: criticou a Liberal-democracia, defendeu o nacionalismo do Movimento pliniano, mas também a irrestrita liberdade partidária, inclusive para os comunistas. Essa última assertiva pouco importou para os camisas-verdes, Tourinho logo entrou para a categoria de “simpatizante”. Depois disso, as lideranças se utilizaram insistentemente da carta de Tourinho, pois se tratava, nas suas opiniões, de uma voz “serena e desapaixonada de um homem [...] que diz o que sente” (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 6).

dos votos por partido na Capital apresentava o PSD com 1950 votos, a AIB, com 1086 e o PSN, com 801 votos.

Os resultados finais para Curitiba foram divulgados pelo *A Razão* de 20 de setembro e apresentaram pouca discrepância em relação aos primeiros números, no que concerne à margem de distância entre os partidos:

Tabela 3 – Resultado geral por partido das eleições municipais em Curitiba (1935)

Partido	Votos
PSD	4412
AIB	2190
PSN	1620
Branco	141
Nulos	126

Com exceção da 32ª seção, na qual a AIB venceu, e da 37ª, onde se verificou um empate em 104 votos, o Integralismo perdeu em todas as outras 39 seções eleitorais da Capital para o PSD. Quanto ao PSN, os camisas-verdes perderam somente nas seções 16ª, 29ª, 35ª, 36ª e 40ª (além de um empate na 17ª).¹⁶⁸ Elegeram-se pela Ação Integralista para a Câmara Municipal de Curitiba o General Raul Munhoz, cujo capital político não vinha da sua atuação na AIB¹⁶⁹, o acadêmico de odontologia Nelson Lins de Albuquerque e Luiz Machuca (*A Offensiva*, n. 81, 30/11/1935, p. 8).¹⁷⁰

Com efeito, os resultados para Curitiba foram reveladores de que a AIB ganhara um fôlego eleitoral gigantesco em pouco mais de um ano de existência, figurando agora como a

¹⁶⁸ Em Curitiba, o total de votantes foi de 8400 eleitores.

¹⁶⁹ O General Raul Munhoz nasceu em 1875, oriundo de família tradicional do meio político paranaense. Foi comandante da Polícia (Força Pública), na Primeira República, da qual se demitiu por discordâncias com o Governo. Foi nomeado por Manoel Ribas para o Conselho Consultivo do Estado em janeiro de 1933, permanecendo no cargo até sua eleição para a Assembleia Nacional Constituinte pelo PSD, em maio de 1933. Não chegou a assumir o cargo de Constituinte, renunciando e abandonando o Partido por enteveros com o Governador (DAGSOTIN, 2011). Maristela Dagostin afirma que, depois dessa renúncia, Munhoz “abandonou [...] a política em 1933” (2011, p. 193); não obstante, não há dúvidas de que o General, além de ingressar na AIB, foi eleito e seguiu seu mandato de vereador, até renunciar e se afastar do Integralismo, provavelmente em 1937, quando repudiou os conchavos políticos de Plínio no pré-eleições presidenciais.

¹⁷⁰ Como suplentes, foram eleitos pela AIB: Bento Martins Azambuja, Pedro Cordeiro, Saturnido Miranda, Asdrubal Belegard, Presciliano Requião, Ligarú Espírito Santo, Miguel Karam, Alceu Saldanha Faria e João Batista Zagonel Passos (ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, Curitiba: Emp. Gráfica Paranaense, 1937, p. 6).

segunda força do Estado.¹⁷¹ Contudo, o problema do quadro partidário local que impedia os camisas-verdes de se aproximarem ameaçadoramente do partido de Manoel Ribas era a existência de uma oposição ao regime vigente, anterior à AIB. Essa oposição já possuía certo reconhecimento por parte da população e dispunha dos atributos do capital político de seus líderes: o Partido Social Nacionalista, de Mário e Plínio Tourinho.

Como observou Zanelatto, para o caso catarinense de 1936, a AIB obteve extraordinários resultados nas regiões em que o Movimento soube cooptar o “novo potencial oposicionista” do Estado, que se erigiu com “os desdobramentos da política regional no pós-1930” (2007, p. 72). Em outras palavras, os integralistas tiveram que se mostrar como uma oposição viável ao Governador Nereu Ramos, em regiões esquecidas ou massacradas pela política oficial (como era o caso de algumas regiões de colonização germânica).

No que concerne ao Paraná, a oposição às forças estabelecidas na Segunda República já começara a se constituir com a queda da interventoria dos ‘Tourinho’.¹⁷² Mais tarde, os irmãos Tourinho abraçaram a causa da oposição ao governo de Manoel Ribas em forma de um partido nacionalista, o Partido Social Nacionalista, formado por um quadro de ex-revolucionários de 1930, transformados em dissidentes. Como se pode ver pelo último nome da legenda, o PSN compartilhava com a AIB o carácter nacionalista, sem precisar dos cacoetes fascistóides que, sem muitas dúvidas, afastava uma parte mais conservadora da população.

Desde 1932, era pública a crítica de Plínio Tourinho à queda de seu irmão e às diretrizes do governo Ribas. Essas últimas contribuíram certamente para a formação de um

¹⁷¹ Pelos discursos proferidos no Congresso Meridional das Províncias Integralistas em Blumenau (outubro de 1935), os resultados do Paraná encheram a AIB de esperanças para todas as eleições municipais que estariam por vir, especialmente as de Santa Catarina (*A Razão*, n. 24, 17/10/1935, p. 3).

¹⁷² O irmão de Plínio Tourinho, Mário Alves Monteiro Tourinho foi o primeiro interventor do Paraná, após a vitória do golpe que levou Getúlio ao poder. Mário fora convidado pelos revolucionários locais para o cargo e, a partir de 5 de outubro de 1930, o militar conceituado e de vasta carreira, que sempre lutara ao lado das forças legalistas, passou a chefiar o estado convulsionado pelo seu irmão. Numa tentativa desajustada de acomodar as forças locais e sem traquejos para lidar com a situação imposta pela “Revolução”, Tourinho enfrentou a oposição dos próprios revolucionários (sobretudo dos que não foram alocados em cargos no Governo, como queriam); ao mesmo tempo, atraiu a antipatia do Governo Federal por ser contrário um de seus projetos para o Paraná: a criação do Território do Iguacu. Por fim, a dupla crise que acometia o Paraná (política e econômica) exigia ações mais enérgicas. Tourinho deu início ao saneamento econômico, mas a crise política o engoliu. O Governo Provisório, por incitação do tenente João Alberto (‘olheiro’ de Vargas no Paraná), temia que o descrédito do interventor subisse até a esfera federal. Assim, Tourinho renunciou em 29 de dezembro de 1931, passando o poder provisoriamente a um político tradicional da Primeira República, João David Pernetta, que, em 1932 o entregou a Manoel Ferreira Ribas. O “meio sangue”, Manoel Ribas (paranaense de nascimento e gaúcho de vivência), como o intitulou Luiz Carlos Tourinho (1991, p. 164), permaneceu à frente do executivo estadual de 1932 a 1945.

potencial opositor local à interventoria ‘gaúcha’ de Manoel Ribas.¹⁷³ Como pudemos constatar pelas urnas, pelo menos na capital, parte desse potencial opositor foi cooptado pelo PSN.

No interior, onde o PSN tinha menor entrada, a AIB se aproximou de forma ameaçadora e, em algumas localidades, ultrapassou o PSD, elegendo vereadores e dois prefeitos. Numa matéria intitulada “As razões, porque o Integralismo conquistou tantos votos no Paraná”, o *A Razão* apontou:

O povo já está cansado, dos partidos políticos, que promettem tudo e não realizam nada; que só surgem antes das eleições, para desaparecerem logo em seguida, porque o que lhes interessa, não é o bem público, mas sim os poderes públicos! As oligarquias dos municípios do interior da Província, nunca fizeram benefícios ao povo; só arrecadaram os impostos dos adversários... perdoando os dos correligionários! As administrações na quase maioria, constituíram apenas em pintar a fachada da Prefeitura, macadamizar a estrada que passa defronte a esse edifício, pagar o prefeito e funcionários e dar os votos de 4 em 4 anos ao governo estadual! E só! Isto aborreceu o povo: e daí a força, com que se apresentou o Integralismo desta vez (*A Razão*, n. 21, 20/09/1935, p. 2).

Entre os diversos absurdos, apontados como motivos para os resultados da AIB (como a rebeldia do povo em relação ao “chicote despótico” do Governo), o trecho citado acima contém algo de verosímil: o relativo abandono de algumas regiões pelos poderes públicos. Essa pode ser, sem dúvida, uma variável considerável, em certa medida, para entendermos a adesão e a votação que a AIB recebeu no interior.

Em Rio Negro, como se esperava, “os camisas-verdes [...] fizeram metade da Câmara” (4 vereadores). O PSD teve 790 votos, contra 650 da Ação Integralista. Segundo *La Maison*, o Integralismo havia sido derrotado no total porque sofreu “coação policial”, perdendo o “direito [de] realizar comícios públicos, caravanas e propaganda”. De qualquer forma, a derrota foi entendida como vitória pela Chefia Provincial que, enviou telegrama ao Chefe de Rio Negro: “[O] resultado ahí, elegendo metade [da] Câmara representa victoria esplendida [no] momento, dadas [as] circunstancias [que] rodearam [o] pleito” (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 1).¹⁷⁴ Além da repressão, Rio Negro foi uma das poucas cidades em que o Governo (PSD) conseguiu compor um bloco com os outros partidos, no intuito de vencer os camisas-verdes.

¹⁷³ Os dissidentes falavam abertamente no ‘gauchismo’ que havia tomado conta dos postos de governo durante a interventoria Ribas. Muitos dos que ascenderam aos cargos nesse período, de fato, eram gaúchos e haviam ficado de fora do arranjo feito por Mário Tourinho (sobretudo os militares).

¹⁷⁴ Todos os juizes de Paz posteriormente eleitos, na cidade e nos distritos, eram filiados à AIB (*A Offensiva*, n. 86, 04/01/1936, p. 8).

Também em Ponta Grossa e Imbituva, 50% das cadeiras da Câmara foram conquistadas pela AIB (4 e 6 vereadores, respectivamente). O resultado final em Ponta Grossa, por partido, apresentou o PSD com 1452 votos e a AIB, com 1117; elegeram-se Olympio de Paula Xavier, Antônio Dechandt, Albino Wiechetck e Adelino Machado de Oliveira (ZIENTECK, 2055, p. 35).

Em Rebouças, Altair Bittencourt – ex-prefeito converso ao Integralismo – foi eleito para seu segundo mandato.¹⁷⁵ *A Offensiva* apresentou nota de capa informando que sua posse só foi garantida após decisão do Tribunal Superior Eleitoral, em sessão de 11 de setembro de 1936.

Na Lapa, os primeiros resultados apresentaram o PSD com 730 votos e a AIB com 543 (*A Razão*, n. 21, 20/09/1935, p. 1). No final, os números “ultrapassaram as expectativas” até do Movimento (PSD: 1286; AIB: 840), com a eleição de 3 vereadores – de acordo com o *A Offensiva*, metade dos vereadores da cidade (*A Offensiva*, n. 79, 16/11/1935, p. 10). O núcleo da Lapa era um dos mais jovens da Província e possuía pouco mais de 300 membros, o que fez o *A Offensiva* exultar pela constatação de que “as sympathias pelo Integralismo se multiplicaram [...] rapidamente!” (*A Offensiva*, n. 73, 05/10/1935, p. 9).

Em Jacarezinho, 2 integralistas foram eleitos vereadores, com 219 votos: Pericles Pereira e Joaquim de Almeida Filho. Os municípios de Paranaguá e São Matheus elegeram 1 vereador integralista cada, com 246 e 98 votos para AIB, respectivamente (*A Razão*, n. 23, 07/10/1935, p. 4).¹⁷⁶ No primeiro, foi eleito o advogado catarinense Genaro Regis Pereira da Costa, no segundo, Olavo Albano Meister.

Teixeira Soares elegeu João Molinari Sobrinho como prefeito Municipal, primeiro prefeito integralista do país¹⁷⁷, o que rendeu à cidade o título de “Cidade Integralista”¹⁷⁸, em outubro de 1935; o resultado apresentou 253 votos da AIB, contra 197 votos do PSD. O prefeito eleito de Teixeira Soares descendia de uma tradicional família local, proprietária de grandes fazendas de erva-mate e madeira, onde trabalhava parte considerável dos habitantes

¹⁷⁵ Durante o Estado Novo, Bittencourt foi nomeado prefeito por Manoel Ribas, exercendo o cargo entre 1941 e 1946.

¹⁷⁶ Não há informações sobre os votos do PSD, PSN e URP.

¹⁷⁷ A AIB parece ter considerado a eleição de Molinari com primazia, por ter sido ele o primeiro prefeito a assumir o cargo, ao contrário de Altair Bittencourt, de Rebouças, que teve que lutar na justiça antes de tomar posse.

¹⁷⁸ De acordo com o *Monitor Integralista*, era um título honorífico destinado às “cidades que mais se [salientassem] na campanha do integralismo”, conferido pelo Chefe Nacional; para isso, Plínio “[adotaria] o critério que [julgasse] melhor” (*Monitor Integralista*, primeira quinzena de maio, 1934).

da cidade (OLIVEIRA; MONTEIRO, 2011).¹⁷⁹ João Molinari Sobrinho, era por assim dizer, um daqueles ‘coroneis de novo tipo’, que converso à AIB pôde usar todo o seu capital social e político para trazer a Prefeitura para os camisas-verdes:

A especificidade de Teixeira Soares é a aproximação dos seguidores de Plínio Salgado com os setores mais reacionários da política local, e posteriormente a AIB nessa conjuntura se tornou um instrumento político de rearticulação dos grupos desprestigiados após a Revolução de 1930. Além de abrigar as classes médias urbanas, o movimento se estendeu a outros grupos, como os fazendeiros e produtores agrícolas que haviam perdido seu prestígio político com a revolução de 30, ou seja, aos indivíduos ligados às práticas coronelísticas no espaço municipal (OLIVEIRA; MONTEIRO, 2011, p. 10).¹⁸⁰

Contudo, possivelmente o fato que mais influenciou nesse resultado foi o prestigiado governo municipal exercido anteriormente pelo pai de João Sobrinho, Domingos Molinari, entre 1928 e 1930.

Esses elementos talvez indiquem um caminho para entendermos o resultado das eleições na cidade. O fato fica mais nítido, se pensarmos que o núcleo local não tinha número considerável de camisas-verdes que constituísse uma ameaça eleitoral. Ao contrário, foi como decorrência das eleições que o Movimento teve explosivo crescimento na cidade. Em fins de outubro, *A Razão* comentou: “A gloriosa ‘Cidade Integralista’ do Paraná, na última sessão, teve 48 novas inscrições, entre as quaes as do illustre Juiz de Paz e senhora” (*A Razão*, n. 26, 31/10/1935, p. 1).

Tabela 4 – Resultados da AIB nas eleições municipais de 1935

Cidade	VotosA IB	Votos PSD	Votos PSN	Nº de vereadores eleitos
Curitiba	2190	4412	1620	3
Rio Negro	650	790	?	4
Ponta Grossa	1117	1452	?	4
Imbituva	?	?	?	6
Lapa	480	1286	?	3
Jacarezinho	219	?	?	2
Paranaguá	246	?	?	1
São Matheus	98	?	?	1
Teixeira Soares	253	197	?	?
Rebouças	?	?	?	?

¹⁷⁹ Todos os líderes integralistas de Teixeira Soares provinham de famílias tradicionais, católicas e integrantes da elite local, “com participação e representação política desde a emancipação da cidade em 1917” (OLIVEIRA; MONTEIRO, 2011, p. 11).

¹⁸⁰ Molinari tomou posse em fevereiro de 1936. Desenvolveu um governo austero nas finanças municipais e implantou o famigerado “Código de Conduta”, um amontoado de regras morais e padronizadoras da fachada urbana e do comportamento dos munícipes.

Os primeiros sinais de embates entre os poderes instituídos e o Integralismo no Paraná se deram, como vimos, em Rio Negro, um dos maiores e mais ativos núcleos. Também há relatos de conflitos localizados da mesma natureza em Guarapuava e Teixeira Soares¹⁸¹, além do que, é possível supor que ocorressem em várias outras localidades, em virtude dos costumeiros arranjos na conformação das autoridades policiais locais. Silva afirmou, para o caso de Guarapuava, que o delegado local era “sempre pessoa de confiança do preposto local que, naquele momento, via-se incapaz de apresentar uma contraproposta para as bem articuladas práticas integralistas” (2008, p. 68). Cremos ser esse cenário comum em vários outros municípios.

Em Rio Negro, em julho de 1935, os Integralistas praticaram “heroísmos de paciência”, quando o delegado local proibiu o uso da camisa-verde “como si Rio Negro, fosse um seu feudo, que não seguisse a nossa Constituição”, nas palavras de um militante (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3). Além disso, numa determinada ocasião, quando os projetistas chegaram ao cinema local para a exibição de um filme integralista, encontraram “ostentivamente [sic], alguns soldados com armas embaladas” (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3).¹⁸² Na verdade, a ordem, vinda da Delegacia Auxiliar de Curitiba, era para que se evitasse “desfiles ou descolamentos em massa de integralistas uniformizados pelas ruas, toda vez que [houvesse] Perigo de Conflictos com elementos adversários”, segundo o delegado (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3).

A esses eventos de caráter local (e talvez pessoal) se sobrepuseram os primeiros embates de caráter sistemático entre a chamada Delegacia Auxiliar (antecessora da DOPS) e os Integralistas, em julho de 1935, por ocasião das comemorações do primeiro aniversário da Província. Antes mesmo do encerramento das comemorações, Vieira de Alencar fez sua segunda aparição no *A Razão*, para explicar conceitualmente e juridicamente o que entendia por extremismo (acusação mais tarde utilizada por Manoel Ribas para por o Movimento na

¹⁸¹ Em 30 de agosto o *A Razão* deu publicidade às restrições impostas aos integralistas pelo delegado local de Teixeira Soares: “O illustre delegado de Policia de Teixeira Soares, Paraná, num acto o mais original da historia do movimento integralista, prohibiu: 1.º que os brasileiros prestem o juramento integralista, ao entrar para as nossas fileiras. 2.º que os integralistas andem pelas ruas em **grupo de mais de um**. 3.º que os integralistas se reúnam até na séde, desautorando assim, a determinação do Chefe de Policia, que permite reuniões publicas dos camisas verdes. Nesse andar, o illustre delegado, dentro em breve tambem prohibirá que os integralista se alimentem...” (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 6).

¹⁸² Na Lapa aconteceu algo semelhante, quando La Maison, Silva Prado e Jorge Lacerda fariam conjuntamente uma sessão em fins de julho. Nesse evento, contudo, a polícia só se fez presente e não impediu a reunião (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 4).

ilegalidade). Segundo o texto, a AIB não se encaixava dentro das definições legais do termo, de acordo com a Constituição e com a própria Lei de Segurança Nacional:

[...] a Acção Integralista Brasileira nem ameaça ninguém, nem aconselha a violencia, não conspira, nem faz mashorcas. Ao contrario, bate-se pela disciplina, pela ordem, pelo respeito ao principio de autoridade, empenhando-se em uma formidavel propaganda doutrinaria na conquista da opinião publica pela diffusão das ideas e pela persuasão. Alista eleitores e concorre aos pleitos eleitoraes [...]. Queira ou não os seus inimigos, ninguém deterá sua marcha gloriosa para o futuro e ruja embora em torno de si uma tempestade de odios ella irá para a frente e há de construir a Grande Patria, forte, unida, disciplinada e feliz (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 12).

Fato é que as “grandes demonstrações cívicas públicas” aventadas com grande antecedência, marcadas para 21, 22 e 23 de julho, foram proibidas “terminantemente”, em virtude de “certas determinações illegaes e injustas”, de acordo com o *A Razão* (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 1). Não houve nenhum confronto. Vieira de Alencar acalmou os militantes mais exaltados, fazendo-os entender que “os camisas-verdes sabem obedecer agóra, porque um dia tambem saberão mandar!” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p.1).

O entrevero transcorreu da seguinte forma: em 17 de julho, o programa dos festejos foi entregue à Delegacia Auxiliar, “que com elle concordou, menos no tocante á marcha luminosa, que julgou inconveniente”¹⁸³, conforme texto de Vieira de Alencar distribuído abertamente aos jornais de Curitiba. A “marcha luminosa” só poderia ser realizada no campo de esportes da AIB. Dias depois, um ofício da mesma Delegacia trouxe ordens que “praticamente impossibilitavam as festividades projectadas” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 4):

Assim é que, na conformidade dessa nova deliberação da referida autoridade, a concentração não poderá fazer-se nem em nosso campo de esportes, nem em parte nenhuma; não poderemos ir incorporados á estação da via férrea em formatura ou em massa; não poderemos passar pela rua 15; não poderemos falar ao povo da sacada do edificio onde temos a nossa séde, nem em frente á estação da Estada de Ferro, nem em parte nenhuma e não poderemos, em summa, usar a camisa verde, que é o symbolo da nossa organização (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 4).

A ordem impedindo as manifestações públicas veio diretamente de um “jovem delegado de Polícia”, mas foi confirmada somente no dia seguinte pelo Chefe de Polícia do Estado.¹⁸⁴ Segundo os integralistas, o fato gerou “um verdadeiro ‘jogo de empurra’”, já que o

¹⁸³ Os integralistas desfiliaram pelas principais ruas da cidade com fochos luminosos no dia 23 de julho de 1935.

¹⁸⁴ Na ocasião, o Chefe de Polícia do Paraná era o bacharel José Merhy e o Secretário do Interior e Justiça, o médico e tenente-coronel do Exército Eurípedes Garcês do Nascimento.

Chefe de Polícia, Dr. José Merhy¹⁸⁵, havia negado pessoalmente a Vieira de Alencar, na data do ofício, que tinha algum conhecimento sobre tal ordem, estabelecendo a data do dia seguinte para resolver a situação na delegacia.

Presente hoje á hora e logar indicados, recebemos do Dr. Chefe de Policia, que se não achava presente, um recado telephonico para nos entendermos com o delegado Auxiliar, que, nos restituindo o officio que nos havia mandado, confirmou integralmente as providencias determinadas, declarando não poder alteral-as (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 4).¹⁸⁶

Antes de relatar o fato, a coluna “Comentando...”¹⁸⁷ contou uma “história da Carochinha [sic]” que nos forneceu, de forma indiciária, uma identidade para o referido delegado. Trata-se de um texto feito pelos militantes mais exaltados que, contrariando a calma imposta por Vieira de Alencar, tentavam acender a chama da revolta. A história conta que um comandante “medroso” de certo navio permitiu que um jovem aventureiro falastrão fosse “seu piloto”. Este último, “para entrar mais em graça com o comandante e ganhar mais uns graus na loja do ‘Bode Preto’, se meteu por mar em fóra e foi dar com os costados no frigido Mar dos Sargaços”, onde os “tripulantes pereceram de fome e de sêde” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 2). Depois de discorrer sobre o ocorrido, o texto exortou: “E o piloto dessa embarcação que vá “cavando” média... enquanto é cedo” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 2, grifo nosso).

Com o conto do “piloto”, ficou muito claro que o ódio dos integralistas se direcionava ao jovem bacharel (e maçom) Walfrido Pilotto, que fora designado há não muito tempo por Manoel Ribas, para o posto de delegado da Delegacia Auxiliar, predecessora da Delegacia de Ordem Política e Social.¹⁸⁸

Entre fins de julho e início de agosto, os integralistas paranaenses começaram a temer os acontecimentos do Estado vizinho ao Sul. Uma campanha anti-integralista encabeçada por Nereu Ramos e pelo Chefe de Polícia Claribalte Galvão resultou na prisão de chefes locais

¹⁸⁵ Uma nota no *A Razão* chegou a sugerir que, em virtude de ter impedido a concentração integralista, um banquete foi oferecido ao Chefe de Polícia do Estado por “numerosos comensaes” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 5).

¹⁸⁶ No mesmo número, o jornal veiculou uma entrevista de Plínio Salgado sobre “O Integralismo e o Extremismo”. Parecia constante, portanto, a preocupação local em evitar o enquadramento da AIB na Lei de Segurança Nacional, algo que, possivelmente, já estava sendo discutido nos círculos governamentais de Manoel Ribas

¹⁸⁷ “Comentando...” foi uma coluna constante, sempre anônima e ácida no conteúdo crítico, veiculada em quase todos os números do *A Razão*. Trazia comentários sobre a política estadual, a imprensa e sobre o cotidiano do Movimento (como os debates com a Maçonaria), muitas vezes sem receio de citar os nomes de envolvidos.

¹⁸⁸ Na década de 1940, Walfrido Pilotto ascendeu à cadeira de delegado de Ordem Política e Social e se tornou um dos maiores carrascos de integralistas, nazistas e estrangeiros, descendentes dos países Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial (ver ATHAIDES, 2011; KIMURA, 2006; SHIZUNO, 2010; PEREIRA, 2010).

(como Ricardo Gruenwaldt, de Jaraguá¹⁸⁹), na proibição de passeatas e na perseguição a professores e funcionários públicos filiados à AIB. O número 14 do *A Razão* deu ampla cobertura ao fato:

O governo de Santa Catharina, prevendo que o Integralismo fará cerca de 15 prefeitos municipaes naquela Provincia, iniciou uma campanha ilegal e absurda contra a Acção Integralista Brasileira [...]. Com a aproximação das eleições, as autoridades começam a amedrontar as populações. Os integralistas, muitas vezes, não estão seguros em suas collocações. O governo quer impor o regimen do terror! O governo quer chegar ao cumulo de proibir o uso da camisa verde, mais do que garantido pelas leis do Paiz e aprovada até pelo Ministerio da Guerra! (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 1).

Jorge Lacerda usou o *A Razão* para declarar publicamente sua ojeriza ao Chefe de Polícia do Estado de Santa Catarina, quando as arbitrariedades policiais chegaram a contrariar alguns dos habeas-corpus concedidos a favor dos militantes presos:

[...] senhor bacharel Chefe de Policia, eu devo dizer-lhe uma cousa que o senhor já sabe. Quem saiu fóra da lei em Santa Catharina, não foram os integralistas, mas sim a sua policia e o seu governo! Quem saiu fóra da Constituição, foi o senhor mesmo, baixando portarias prohibindo o uso da camisa verde, a liberdade de reunião e de propaganda, direitos legitimos, consagrados pela Constituição! Quem saiu fóra da lei, foi a sua policia, que fez retirar 3 moças por que vestiam a blusa verde, de dentro de um Igreja, onde ellas constrictas e humildes, pediam a Deus melhores dias para a nossa Patria! [...] Quem saiu fóra da lei, foi a sua policia, que se negou a cumprir as ordens do Juiz de Direito de Rio do Sul (!), que concedeu habaeas-corpus aos integralistas pressos naquella cidade, pelas arbitrariedades do delegado local [...] (*A Razão*, n. 14, 05/10/08/1935, p. 1 e 4).

As matérias sobre Santa Catarina também mostram certa precipitação dos camisas-verdes do Paraná diante da relativa liberdade de ação que haviam conquistado frente ao governo Manoel Ribas. Em outras palavras, embora temerosos, os paranaenses contaram vantagem antes do tempo:

Agora, o governo de Santa Catharina reflecta um pouco... A victoria do Integralismo é inevitavel! Enquanto no Paraná o senhor Manoel Ribas conserva o prefeito de Rebouças, Althair Bittencourt, que é o Chefe Integralista local, o governo catharinense treme deante de alguns professores publicos integralistas... O contraste é frisante (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 1, grifo nosso).

Com efeito, pouco tempo depois a decepção com o Governo local lhes sobreveio. Com a proximidade das eleições municipais, no início de setembro de 1935, uma lista de proibições

¹⁸⁹ Gruenwaldt incentivou os integralistas de Jaraguá a promoverem boicotes a uma casa comercial da cidade ligada ao prefeito. Depois de alguns dias de prisão, em 3 de agosto, ele e outros integralistas foram postos em liberdade.

foi imposta aos integralistas por meio de portaria da Delegacia Auxiliar, de Walfrido Pilotto: o uso da camisa integralista, a propaganda partidária eleitoral, reuniões livres e em lugares públicos escolhidos pela AIB, organização de caravanas e excursões e exibições de filmes. Todas essas atividades foram categoricamente proibidas.

As medidas foram justificadas grosseiramente, sob a acusação de que “elementos integralistas [estavam] criando situação de intranquilidade pública provocando constantes atritos com elementos adversos”, nas palavras de Pilotto (*A Offensiva*, n. 70, 14/09/1935, p. 5). Especificamente, as restrições se sustentavam nos seguintes pontos:

1. A “previsão de acontecimentos graves no Estado”, tendo em vista os “conflictos sangrentos provocados em vários pontos do país [...] por elementos integralistas” (*A Offensiva*, n. 70, 14/09/1935, p. 5).
2. “Como medida assecuratória da ordem pública”, estritas condições foram baixadas pela Delegacia Auxiliar para a realização de reuniões públicas (o que incluía determinação única do lugar – Praça Oswaldo Cruz – e censura prévia na pauta) (*A Offensiva*, n. 70, 14/09/1935, p. 5).
3. A desobediência integralista quanto à organização de milícias, proibida pela Lei de Segurança Nacional (em outros termos, todo partidário uniformizado foi considerado um integrante de milícia armada) (*A Offensiva*, n. 70, 14/09/1935, p. 5).

Vieira de Alencar entrou imediatamente com um mandato de segurança que foi votado no Tribunal Regional Eleitoral no dia 3 de setembro, com a presença de vários militantes enchendo as salas do prédio. O mandato foi concedido por 3 votos a 2, com voto de minerva do Presidente do Tribunal, Dr. Antonio Franco. Também parece ter sido decisivo o parecer do relator do processo, Dr. Antonio de Paula, publicado na íntegra no *A Offensiva*. Em longa explanação, de Paula argumentou que a proibição se sustentava “na previsão do que há de vir [...], em mera suposição”, prova de que “a polícia coarctava o exercício de direitos fundamentais”, além de extrapolar absurdamente as prerrogativas do aparato policial (*A Offensiva*, n. 70, 14/09/1935, p. 5).¹⁹⁰

¹⁹⁰ O Tribunal Regional da Justiça Eleitoral entendeu que não era de sua alçada decidir sobre o uso da camisa verde, por considerar a escolha da vestimenta um “direito incontestável de todos” (*A Razão*, n. 21, 20/09/1935, p. 2). Isso gerou mal-entendidos, pois alguns jornais da cidade veicularam que a proibição imposta por Walfrido Pilotto continuaria.

Alencar conseguiu reverter a decisão de Pilotto (que provavelmente veio de Manoel Ribas), mas essa foi, sem dúvida, a primeira das muitas ‘podas’ que o “Maneco Facão”¹⁹¹ faria nos galhos da “floresta verde”.¹⁹² A partir de setembro, a Ação Integralista se manteve um permanente estado de confronto com a interventoria de Manoel Ribas.¹⁹³ As perseguições fizeram os textos do *A Razão* ganharem em tensão e, até o fim daquele ano, Lacerda militou diariamente com seus discursos inflamados, enquanto Manoel Vieira de Alencar lutou nas instancias jurídicas para garantir os direitos da AIB. O resultado das eleições do dia 12 de setembro só fez a situação piorar.

De qualquer forma, depois do acontecimento, Walfrido Pilotto começou a figurar abertamente no *A Razão* como inimigo do sigma. No nº 19, de 6 de setembro, o jornal comparou a resposta dos delegados Auxiliares do Rio Grande do Sul e do Paraná, no que concerne a um telegrama emitido pelo Chefe Provincial de Santa Catarina, solicitando informações sobre as perseguições locais:

A nota do delegado de Polícia de Porto Alegre, vem contrastar com a nota deselegante do delegado de Polícia de Curitiba, Dr. Walfrido Pilotto, que desconhecendo as normas da distinção, endereçou ao Chefe Provincial de Santa Catharina, um telegrama-resposta muito infeliz pela ausencia absoluta de polidez e de cavalheirismo, nas expressões nelle emittidas. Ao illustre delegado da Capital, pedimos um pouco mais de reflexão nas suas resoluções (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 3).

No nº 21, numa matéria sobre os desfiles integralistas que aconteceram livremente no Rio de Janeiro, o jornal admoestou o delegado paranaense:

Como os camisas-verdes verão na noticia abaixo, as paradas athleticas e cívicas não estão prohibidas absolutamente. Podemos realiza-las aqui no Paraná quando bem entendermos, porquanto as leis do Rio de Janeiro não são differentes das do Paraná.

¹⁹¹ O apelido de Manoel Ribas surgiu após a execução de sua política de modernização do aparelho estatal paranaense, na qual o então interventor se valeu de inúmeros **cortes** nas despesas e de um rígido controle sobre o funcionalismo.

¹⁹² Enquanto os integralistas concorriam aos pleitos municipais, em setembro de 1935, o Deputado Federal Plínio Tourinho emitiu da tribuna seu parecer sobre o Movimento, indicando a mudança de posição do Governo Ribas. Na opinião do major, “o Governo [do Paraná] [assumiu] hoje uma certa ofensiva” contra a AIB, embora “a Justiça Eleitoral o [considere] como uma força política” (TOURINHO, 1991, p. 42).

¹⁹³ No plano nacional, somente Manoel Ribas e Juracy Magalhães, Governador da Bahia, empreenderam sistemática repressão ao Integralismo (no sentido de uma tentativa de extinguir qualquer atividade do Movimento). Nos dois estados as tomadas de posição dos governadores, com vistas grossas do judiciário, assemelham-se em muito às características do período discricionário do Estado Novo. Não que a coação inexistisse em outros estados na década de 1930, ela apenas não ocorria de forma sistemática e aniquiladora (muitas vezes havia apenas a convivência dos Governadores para com atitudes repressivas das autoridades municipais). Manoel Ribas, no entanto, chegou a assumir sua ojeriza para com os Camisas-verdes, após sua indicação para o cargo de interventor durante o Estado Novo: “Apresso-me a dizer-lhes que já fui apontado como inimigo número um do Integralismo, título aliás que muito me honra [...]” (ALBUQUERQUE, 1994, p. 57).

Para isto chamamos a atenção do bacharel Walfrido Pilloto e de sua Policia! (*A Razão*, n. 21, 20/09/1935, p. 3).

Em outubro, Jorge Lacerda começou a expor através de seus textos editoriais o pesado clima repressor que recaia sobre a Província, com total conivência do Governo estadual: “Estamos no regime do chicote!”, foi o título da matéria de abertura do nº 24 do *A Razão*.¹⁹⁴ A indignação vinha, em parte, de dois eventos. O primeiro, em Teixeira Soares, onde mesmo com um prefeito integralista eleito, a sede do Núcleo local não pôde ser aberta por resistência do delegado; o segundo, em Rio Negro, onde a situação para os camisas-verdes se agravou após as eleições, chegando ao nível da violência física.

A Intentona Comunista e o Estado de Sítio dela decorrente, a partir de novembro, parecem ter contribuído tanto para reforçar o discurso anticomunista da AIB, como para munir os Governos estaduais de armas legais contra o próprio Movimento. No Paraná, poucos dias após a Intentona, o jornal *A Razão* saiu de circulação sem qualquer explicação local. Somente o *A Offensiva* veiculou uma nota, em 21 de dezembro, esclarecendo a “suspensão temporária” do periódico:

O governo do Estado do Paraná vinha censurando “A Razão” de nós, que não poderíamos assumir uma fôrma tão humilhante para outra attitude sinão interrompendo a sua publicação. O governo, além de outras proibições, chegou ao cumulo de impedir a publicação de criticas á maçonaria, de noticias sobre a prisão de um deputado comunista, capitão do Exercito e sobre a existencia de mais de 300 inscriptos, no nucleo de Antonina, chegando até a censurar um artigo nosso, que não continha absolutamente nada censuravel. **O governo da Republica não decretou o estado de sitio para governadores de Estado defenderem a maçonaria e communistas amigos.** E nunca tambem, para combaterem o Integralismo, que poz á disposição das autoridades 100.000 homens para a defesa da honra e da dignidade do Brasil! [...] Cumpre-nos acrescentar ainda, que o único jornal censurado até agora, em Curityba foi “A Razão”. Como vêm os leitores, a exceção é odiosa e revoltante. Estes foram os motivos que nos levaram áquelle gesto (*A Offensiva*, n. 84, 21/12/1935, p. 12, grifo nosso).

Oferecendo a Getúlio 100.000 homens para debelar a revolta, Salgado esperava cair nas graças do Presidente e, ao mesmo tempo, garantir a legitimidade da AIB frente ao fechamento das garantias constitucionais. O ato não surtiu o efeito, apenas figurou nas lamentações de vários discursos da AIB contra o Governo. Na Lapa, o Chefe Municipal quis repetir o feito do Chefe Nacional, oferecendo ao delegado Victorio Augusto Zappa “uma columna de 50 camisas-verdes para o policiamento [da] cidade e estradas do Municipio” (*A*

¹⁹⁴ Essa foi a primeira edição em que o *A Razão* participou do “**Sigma – Jornaes Reunidos**”, conglomerado jornalístico criado por Plínio Salgado em outubro de 1935. Além desse periódico, integravam o conglomerado no Paraná o *Brasil Novo* de Ponta Grossa e o *Brasilidade* de Guarapuava.

Offensiva, n. 338, 15/11/1936, p. 14). A resposta do delegado da Lapa não foi tão gentil quanto a de Getúlio, pelo que se revestiu de ironia:

Com muito prazer respondo a sua attenciosa carta de hontem datada. Num rasgo de captivante generosidade deseja v. s. “collocar á disposição desta Delegacia uma columna de 50 camisas-verdes para o policiamento desta cidade e estradas do Municipio”. Apesar de vivermos um seculo de maravilhas, não me constava (talvez devido meus poucos conhecimentos) que uma camisa de colloração verde pudesse (por meio de engenhoso mecanismo) policiar cidade e estradas inteiras com tanta, ou mais eficiencia que a nossa policia: Trata-se, não padece duvida, de uma formidavel e arrojada invenção deante da qual a do radio é “café pequeno”, ou “pinto”, com perdão do logar commum que reforça a expressão. V. s., douto e ilustrado, não desconhece que grande parte da receita publica, no Brasil, (para falar somente do nosso Paiz) é absorvida pela manutenção das forças armadas. – Mobilizando camisas, o governo estará livre do espantallo que é o “déficit” orçamentario e o Paiz, com tal economia, entrará em uma nova phase de prosperidade! Prodigioso!!! E quantos sacrificios de vida se evitarão? As CAMISAS, depois de uma refrega poderão ser substituídas. – Mas nenhum sacrificio de vida humana! Para beneficiar a humanidade v. s. não deve retardar em registrar o prodigioso invento, o único capaz de estancar a sangueira da guerra ítalo-ethiope. Dada a importância incontestavel da invenção, declino de aceitar o seu louvavel offerecimento. – Algum espirito malefico poderia roubar as camisas e a Policia não deseja complicações [...] (*A Offensiva*, n. 338, 15/11/1936, p. 14).

Ao invés de legitimidade, o Chefe da Lapa conseguiu escárnio e, posteriormente, repressão.

4.3.1 O FECHAMENTO (ABRIL DE 1936)

Com a decretação da “comoção intestina grave”, ou Estado de Guerra (Decreto nº 702, 21/03/1936), o solapamento mais profundo das garantias constitucionais contribuiu de forma direta para a repressão do governo Ribas contra a Ação Integralista. Embora até Filinto Muller tivesse afirmado, por escrito, que mediante o Estado de Guerra “nenhuma restricção” havia sido “feita ou determinada [...] com relação á A.I.B.”, a independência ganha pelas forças executivas estaduais deu ao Governador do Paraná a chance de tentar esmagar a Província (*A Offensiva*, n. 163, 24/04/1936, p. 1).¹⁹⁵

Em 25 de abril de 1936, Salgado recebeu um telegrama de Manoel Vieira de Alencar “annunciando que o governo do Estado [acabara] de determinar o fechamento de todos os nucleos integralistas do territorio paranaense” (*A Offensiva*, n. 165, 25/04/1936, p. 2).

¹⁹⁵ Sobre isso, um militante pegado na ‘devassa’ feita por Ribas no funcionalismo policial do estado reclamou a seu superior: “[...] Eis ahi a minha grande supreza. O Estado de Guerra, bem o sabe v. excia., foi creado para exterminar o communismo e nunca o Integralismo [...]” (*A Offensiva*, n. 209, 18/06/1936, p. 2).

Segundo Manoel Ribas, a AIB, desenvolvia “atividades subversivas”, para o que conservava estoques de material bélico (*A Acção*, n. 43, 26/11/1936).

Imediatamente, Vieira de Alencar solicitou certidão negativa da Chefatura de Polícia, sobre os antecedentes criminais da AIB, para pelear, agora em vão, nas instancias jurídicas (*A Offensiva*, n. 175, 07/05/1936, p. 4). Não sabemos se a confecção da certidão (que saiu negativa, já que nos registros da Chefatura nada havia contra a AIB) teve alguma relação direta com o fato, mas no dia 13 de maio o Chefe de Polícia do Estado, José Merhy, pediu demissão (*A Offensiva*, n. 181, 14/05/1936, p. 2).

Em maio, o *A Offensiva*, novo porta voz do Movimento no Paraná, publicou matéria sobre o agravamento da situação:

Ainda agora temos conhecimento, por um despacho telegraphico, de que o governo do Estado do Paraná recrudescer a sua acção contra o Integralismo. Informa esse telegrama que o sr. Manoel Ribas, governador, começou ordenando o fechamento de todas as sedes de Nucleos Integralistas e o conseqüente encerramento das escolas e dos ambulatórios que o Sigma sustenta! Em seguida, expediu ordens proibindo o uso da “camisa verde”. Posteriormente, deu instruções ao chefe de Polícia, determinando mais duas providencias: - proibição absoluta do uso do distintivo integralista, e a retirada das placas collocadas nas sedes de todos os nucleos, inclusive no de Curytiba! [...] A policia, no cumprimento dessas ordens, chegou a lacrar algumas sedes de nucleos de “camisas verdes”! [...] Os Chefes da Provincia Integralista do Paraná, porém, não concordaram com as medidas de violencia postas em pratica pelo governador do Estado, tendente a aniquilar ali a acção dos “camisas verdes”, e requereram um mandado de segurança, que deverá ser julgado no proximo dia 29, não por elementos de uma politica apaixonada e truculenta, mas por um Tribunal de magistrados, defensores da lei e cultores da justiça brasileira (*A Offensiva*, n. 192, 27/05/1936, p. 4).

Em fins daquele mês, o mesmo jornal tentou pintar um Manoel Ribas conivente com comunismo, apontando sua “dúbia e estranha attitude” perante a Intentona de novembro de 1935. Segundo a matéria, Ribas teria mantido contato com comunistas locais antes da eclosão do movimento e “parecia estar mancomunado com os cabeças do levante comunista”.¹⁹⁶ O “Atilla das planícies cobertas de verdes pinheiras”, como foi chamado pelo jornal carioca, ordenou a cessação de quaisquer atividades integralistas em todo o Estado (núcleos, escolas, ambulatórios), bem como determinou a censura total aos símbolos e ritos do Movimento

¹⁹⁶ Segundo os integralistas, o diretor da Estrada de Ferro SP/RS, Alexandre Gutierrez, teria presenciado uma reunião de Ribas com “comunistas confessos”, fato que o motivou a procurar a 5ª Região Militar. Os militares, em seguida, teriam colocado diversos líderes comunistas na cadeia e, assim, frustrado as “idéas sanguinarias” de Manoel Ribas que, “desapontado, voltou-se contra o Integralismo” (*A Offensiva*, n. 194, 29/05/1936, p. 2). Obviamente, essas assertivas carecem de respaldo das fontes e da historiografia sobre a “Era Ribas”. Salgado parecia corroborar essa interpretação esdrúxula. Referindo-se ao “aspecto gravíssimo” da campanha contra a AIB no Paraná, disse considerar as restrições “normais quando um partido cresce e conquista a alma do povo”, mas advertiu ao próprio Getúlio Vargas de que “trata-se... de um partido cujo extermínio foi concertado na Rússia... como preliminar indispensável à implantação do regime soviético no Brasil” (HILTON, 1977, p. 30).

(sigmas, desfiles, cerimônias, etc.). Em 9 de junho, o periódico registrou que “Na capital e no interior do Estado, já não existe nenhum “placard”, nenhum cartaz, nenhum boletim. A ogerisa do Sr. Manoel Ribas tudo levou no redemoinho!” (*A Offensiva*, n. 201, 09/06/1936, p. 4).

A repressão não parou por aí. Naquele mesmo mês, Ribas abriu sindicância entre os auxiliares da polícia estadual, à caça de integralistas na corporação. O delegado Auxiliar, Iracy Queiroz, enviou questionários às repartições, indagando sobre a filiação à AIB, no intuito de “devassar a consciencia de seus leaes servidores”, segundo o *A Offensiva*.¹⁹⁷

Em meio ao turbilhão da repressão, Salgado recordou no editorial do *A Offensiva* de 28 de junho de 1936 a sua primeira visita a Ponta Grossa, em 1934. Na ocasião, por meio de um telegrama, o Chefe Nacional foi recepcionado com todas as honras por Manoel Ribas. Na opinião irônica de Salgado, a culpa do crescimento inicial da AIB no Paraná era do Governador, que qualificou o Chefe com os mais elogiosos epítetos:

Aquellas homenagens tão espontaneas que S. Ex. me prestou quando estive a primeira vez no Paraná, concorreram, em grande parte, para que o povo desse Estado fosse ferido pela curiosidade de conhecer as idéas de que era portador o homem reverenciado pelo Governo (*A Offensiva*, n. 218, 28/06/1936, p. 2).

Em seguida, Plínio tentou acalmar os camisas-verdes paranaenses com o pedido:

Peço aos integralistas do Paraná que suspendam seu juízo, por enquanto. Não se encolerizem contra o sr. governador. O sr. Manoel Ribas costuma ser diferente dos seus collegas. Foi o único que documentou a sua admiração por mim; quer ser, talvez, o único a cumular-me com toda sorte de atenções. Reponsavel pelo nosso crescimento inicial, quer ser tambem o autor amável da nossa victoria. Perseguir é uma forma de prestigiar. Não se esqueçam os integralistas paranaenses do telegramma de Ponta Grossa... Quem sabe se o sr. Manoel Ribas quer precipitar nosso triumpho? (*A Offensiva*, n. 218, 28/06/1936, p. 2).

A solicitação de Salgado parece ter surtido efeito: nenhum confronto violento entre integralistas e forças do Governo se verificou no período em que a AIB permaneceu fechada no Estado.

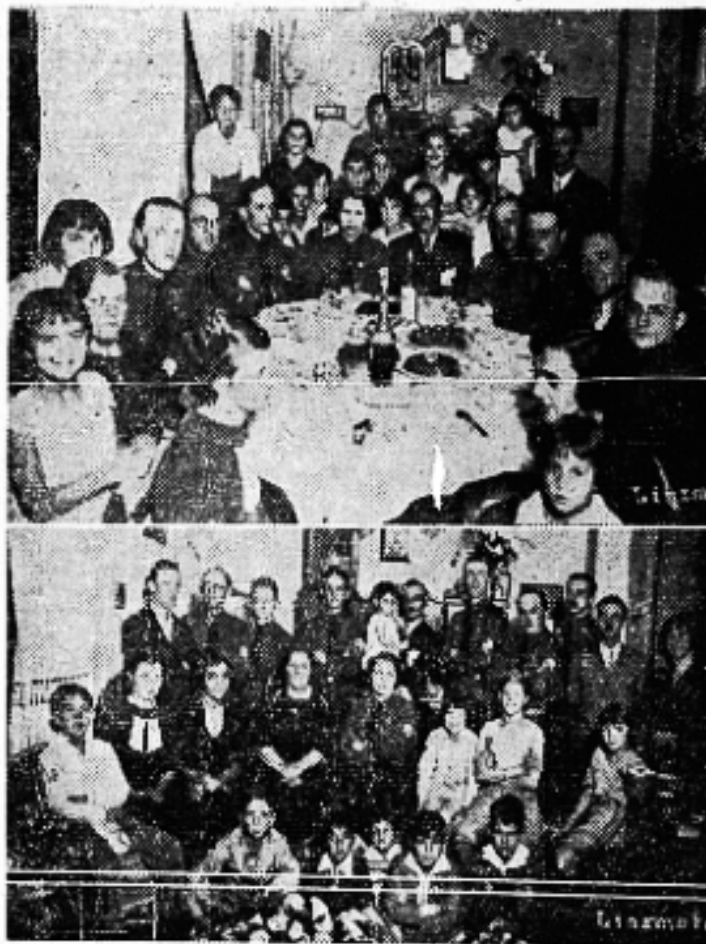
¹⁹⁷ Um dos questionários teria chegado ao militante Oswaldo Lima, 2º suplente da Delegacia Auxiliar de Curitiba, pelo que respondeu: “Respondendo á pergunta de v. excia., informo que, tendo agido sempre com a mais absoluta lealdade para com as autoridades do Estado, em todas as emergências e em todos os perigos, tendo collaborado com a minha pequena parcela de serviço contra o surto comunista que nos ameaçou, tenho também, para com v. excia., neste instante, a mesma lealdade e franqueza, afirmando que sou inscripto na Acção Integralista Brasileira. Por esta minha qualidade, de integralista, talvez seja demittido das minhas funções [...]” (*A Offensiva*, n. 209, 18/06/1936, p. 1).

4.3.2 MILITÂNCIA EM TEMPOS DE PROSCRIÇÃO (ABRIL – DEZEMBRO DE 1936)

Ao invés da radicalização e da violência, a Província do Paraná criou estratégias para manter a mobilização, de forma a evitar a dispersão pelo medo da repressão. Ao mesmo tempo, os militantes desenvolveram formas alternativas e curiosas de resistência ao aparato repressor.

Tanto eventos domésticos, como aniversários e batizados, quanto públicos, como reuniões cívicas oficiais, passeatas e missas, foram aproveitados pelos camisas-verdes: agora, muitas vezes trajando paletó e gravata, eles continuaram a levantar os tradicionais anuês, de forma a se mostrarem presentes, ainda que de forma discreta, no cenário paranaense entre abril e dezembro de 1936. A foto da ilustração que se segue mostra os camisas-verdes reunidos num espaço privado, na comemoração do aniversário da Chefa do Departamento Feminino do Núcleo de Curitiba, Maria Ida C. Klier. O jornal chamou o texto de “nota social”, de forma a evitar qualquer conotação política. A despeito disso, ainda vemos, no espaço privado, os militantes vestindo a camisa verde.

Uma nota social na Província do Paraná



*Dois aspectos da festa social na residencia da
companheira Maria Ida C. Klier.*

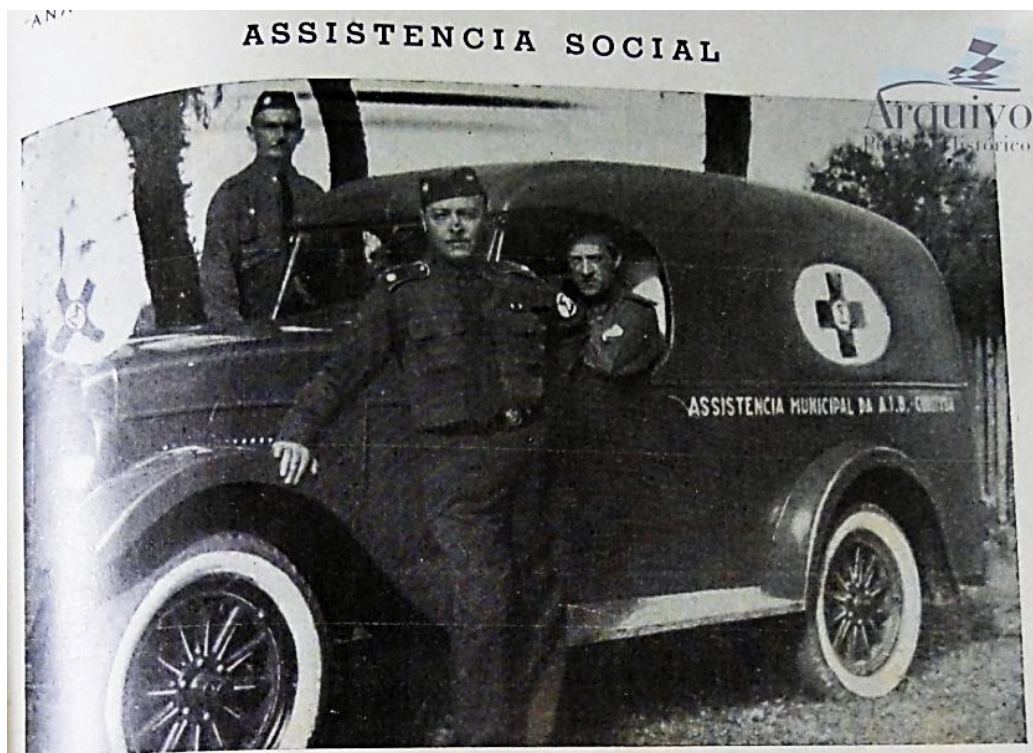
Fonte: *A Offensiva*, n. 218, 28/06/1936, p. 12.

Algumas atividades do Movimento parecem ter se mantido na clandestinidade, como o recrutamento de militantes e alguns poucos rituais em lugares afastados. Somente as atividades assistenciais do Departamento Feminino parecem ter se mantido às claras e conservado certa regularidade, no período do fechamento. O *A Offensiva* noticiou, em 28 de junho, a continuidade das doações a hospitais e a distribuição de gêneros alimentícios (feita não mais na Sede do Departamento, mas nas casas das blusas-verdes). Além disso, o jornal assinalou sobre o trabalho das “Bandeirantes da Caridade”, um grupo de mulheres que percorria os bairros pobres “levando aos humildes o conforto moral de sua fé integralista, e a

esperança de melhores dias aos que são atormentados pela pobreza” (*A Offensiva*, n. 218, 28/06/1936, p. 13).

Evidentemente, reprimir confessadamente tais práticas assistenciais seria contraproducente ao Governo do Estado. Fechar ambulatórios e escolas provavelmente não foi uma decisão vista com bons olhos às populações que deles dependiam.

Ilustração 33 – Ambulância da Assistência Social integralista de Curitiba (s/d)



Fonte: *Anauê!*, n. 19, 09/1937, p. 9 (Top 032.0001.0001, FPS – APHRC).

De tal modo, a documentação aqui trabalhada sugere que a repressão governamental se concentrou nas atividades que mais tinham relação com a esfera política. Como se tratava de um movimento fascista, obviamente, isso incluía o universo simbólico.

Nos últimos dias de junho, a Delegacia Auxiliar manteve sob custódia, de modo frequente, vários integralistas, presos por usar o sigma na lapela dos paletós: “Por toda parte andam as autoridades policiaes: nos cafés, nas repartições publicas, nas casas commerciaes, nas barbearias e nas ruas, [caçando] distintivos integralistas”, relatou o *A Offensiva* (*A Offensiva*, n. 220, 01/07/1936, p. 1).

O trabalho da futura DOPS de reprimir até os ínfimos detalhes que indicavam o pertencimento dos integralistas não era fácil. Os jovens militantes, propositadamente, usavam o distintivo e as vestimentas para abarrotar a Delegacia, de forma a importunar suas atividades

– já que sabiam que não seriam detidos por muito tempo. Em 7 de setembro de 1936, centenas de militantes, liderados pelos universitários, vestiram a proibida camisa e se dirigiram às ruas para cantar o Hino Nacional, quando da passagem do pavilhão nos desfiles oficiais:

Ao serem presos os primeiros companheiros, centenas de integralistas acompanharam-nos percorrendo a rua 15, rumo à Chefatura de Polícia. O povo contemplava indignado a arbitrariedade policial. Inúmeros populares seguiram os passos dos denodados “camisas-verdes”. O prédio da Chefatura tornou-se pequenino para conter a grande massa verde que ali se comprimia. [...] O delegado de dia, em face da sua própria arbitrariedade, estava vivamente embaraçado. Não sabia como resolver o “caso”... Para passar duma sala á outra, com dificuldade atravessava a volumosa massa de integralistas que se comprimia nas diversas dependências da Delegacia. Sentindo-se mal, o delegado atrabiliario, deante de seu gesto infeliz, viu-se forçado a pôr em liberdade os camisas-verdes (*A Offensiva*, n. 287, 17/09/1936, p. 3).

Após a soltura, como se debochassem do poder policial, os militantes tiraram uma foto em frente ao seu ponto de encontro favorito, o Café do Estado.¹⁹⁸ Percebemos na Ilustração 34 que alguns poucos ainda usavam a camisa-verde.

Ilustração 34 – Integralistas soltos pela polícia em setembro de 1936, em frente ao Café do Estado (07/09/1936)



Fonte: *A Offensiva*, n. 287, 17/09/1936, p. 3.

¹⁹⁸ Em outra matéria sobre as atividades dos universitários integralistas, o Café do Estado foi considerado substituto provisório da Sede fechada (*A Offensiva*, n. 328, 04/11/1936, p. 5).

Mesmo com a completa proibição dos símbolos próprios do Movimento, a AIB se valia da ampla aceitação de ritos e símbolos nacionais ou religiosos. Destarte, o culto às ‘figuras eminentes’ da nação, aos heróis, aos signos nacionais ou religiosos se tornaram o *locus* alternativo para onde os integralistas dirigiam as aglomerações de militantes. O uso do sigma, do ‘Anauê’ ou a celebração da Noite dos Tambores Silenciosos¹⁹⁹ eram sinais de filiação, portanto, execrados pelo poder governamental. Diferentemente era o culto a Tiradentes, ao Pavilhão Nacional ou a celebração de uma missa. Essa brecha simbólica se tornou extremamente importante para os Camisas-verdes no momento da repressão.

Ilustração 35 – Integralistas sem a camisa verde, prestando homenagens diante o busto de Carlos Gomes



Fonte: *A Offensiva*, n. 260, 16/08/1936, p. 13.

Sobre a ocasião da fotografia acima, os integralistas descreveram:

Revestiram-se essas homenagens de um cunho menos pomposo, porquanto a Chefia Provincial não pode, em virtude da situação creada pela intolerancia do governador

¹⁹⁹ Ver análise da cerimônia no Capítulo V.

Ribas, realizar integralmente o ceremonial official aprovada pela Secretaria Nacional de Cultura Artística [...]. Apesar de tudo isso, não deixamos passar a ephemeride em branca nuvem. O incansavel companheiro Cardoso, Chefe Municipal e actualmente Chefe Provincial interino, organizou, de commum accordo grande cortejo, provocando a enorme massa humana a admiração de todos os transeuntes. À frente, o Departamento Feminino conduzia a lyra artística, solemnemente. O companheiro Carlos, Chefe Provincial interino, determinou então, em meio á emoção geral, um minuto de silencio em honra ao grande Brasileiro (*A Offensiva*, n. 260, 16/08/1936, p. 13).

A renúncia forçada dos Camisas-verdes aos seus sinais de filiação fica clara nesse excerto; ao mesmo tempo, vemos signos e ritos amplamente aceitos e inquestionáveis se sobreporem: no lugar do Sigma, a “lyra artística”; no lugar do abusivo uso da saudação “Anauê!”, o minuto de silêncio. Não obstante, alguns elementos do rito integralista, considerados ‘menos ofensivos’, permaneceram na celebração a Carlos Gomes:

feito então grande silencio, o Chefe Cardoso, de accordo com o ritual integralista, procedeu á chamada do maestro Carlos Gomes. – Companheiro Carlos Gomes?! – Presente, responderam centenas de vozes (*A Offensiva*, n. 260, 16/08/1936, p. 13).

Uma missa na Catedral Metropolitana, em 4 de outubro, foi a saída encontrada pelo Movimento para a ocasião da Noite dos Tambores Silenciosos de 1936. Impedidos de realizar a cerimônia, “mandaram celebrar uma missa em Acção de Graças pela passagem do 4º anniversario da Acção Integralista Brasileira”, rezada pelo monsenhor Lamartine Corrêa de Miranda. Músicos integralistas tocaram na missa ‘verde’, que teve seu ápice após o “acto da Elevação”, quando “os camisas-verdes cantaram o Hymno Nacional, com os braços levantados” (*A Offensiva*, n. 306, 09/10/1936, p. 1).²⁰⁰ Sem as camisas verdes, os militantes foram fotografados ao final da cerimônia e figuraram na capa do *A Offensiva*:

²⁰⁰ Nos municípios do interior e do litoral também ocorreram missas em ação de graça ao aniversário da AIB; em alguns casos, a Noite dos Tambores foi celebrada secretamente na residência de militantes (*A Offensiva*, n. 306, 09/10/1936, p. 1). Em Ponta Grossa, a cerimônia foi realizada no próprio núcleo, contudo, para não gerar desconfiança, participaram dela somente 21 integralistas, possivelmente fazendo muito mais silêncio que a cerimônia já exigia (*A Offensiva*, n. 308, 11/10/1936, p. 14).

Ilustração 36 – Parte superior da capa do *A Offensiva*, exibindo a fotografia da missa que substituiu a celebração da Noite dos Tambores Silenciosos em Curitiba (04/10/1936)



Fonte: *A Offensiva*, n. 306, 09/10/1936, p. 1.

O Departamento Universitário integralista, por sua vez, parece ter se escondido sob a carapaça da “União Nacionalista Universitária”, agremiação que possuía congênere no Rio de Janeiro, fundada por volta de setembro de 1936. O amplo cunho nacionalista da União permitiu, inclusive, que naquele mesmo mês de outubro ela se filiasse (talvez por afronta dos camisas-verdes) à Liga de Defesa Nacional, Chefiada no Paraná por ninguém menos que o próprio Manoel Ribas.

Na ocasião da fundação do “Centro de Brasilidade Olavo Bilac” (01/10/1936), instituição ligada à União Nacionalista Universitária, um evento patriótico foi paulatinamente tomado pelos integralistas. A fundação se realizou no salão nobre da Universidade do Paraná, na presença de vários catedráticos, de deputados estaduais, do Reitor Victor Ferreira e do próprio Manoel Ribas. Da parte dos integralistas, Vieira de Alencar e Everaldo Leite (Membro do Supremo Conselho da AIB) integravam o corpo de convidados ilustres.

Manoel Ribas presidiu a sessão e, na medida em que anunciou os palestrantes, deparou-se com suas vítimas:

[...] Após, foi dada a palavra ao bacharelado integralista João Cecy Filho que produziu magnífica oração, por vezes interrompida pelos aplausos calorosos da assistência entusiasmada. O orador encerrou o seu discurso, profundamente nacionalista, afirmando que “o Brasil até hoje tem sido uma vespera”, mas que “essa vespera está prestes a terminar, porque no despertar da mocidade se anunciava uma

Nova Alvorada!” Em seguida o sr. governador do Estado deu a palavra ao bacharelado integralista João Alves da Rocha Loures Sobrinho, que impressionou vivamente o auditório com a sua oração maciça e profunda (*A Offensiva*, n. 307, 01/10/1936, p. 10).

Cecy Filho não ousou falar em “futuro Estado Integral”, mas a “Nova Alvorada” tinha um significado muito claro para a maioria dos presentes.

Depois da fala do Desembargador Hugo Simões (o mesmo que deu voto favorável ao Integralismo na Corte de Apelação), do “improviso” de Manoel Ribas e do Hino Nacional, ocorreu a “grande surpresa”:

A assistencia fremia de entusiasmo! Como se fosse despertada por uma scintilha, ergueu-se, vibrando de jubilo, pois iria cantar o Hymno da Patria, o que não lhe fôra permitido no Dia da Patria pela propria policia do mesmo governador! E ergueu-se então, quase a totalidade da assistencia de braços ao alto cantando o Hymno Nacional. Eram 95 por cento dos presentes, os representantes de todos os integralistas da Provincia do Paraná! Percebia-se, nitidamente, o constrangimento do governador do Estado que ordenou o fechamento dos Nucleos integralista, arrancando-lhes as taboetas e os mastros das suas bandeiras, onde os pavilhões Nacional e do Sigma antes tremulavam gloriosamente [...] (*A Offensiva*, n. 307, 10/10/1936, p. 10).²⁰¹

Ilustração 37 – Universitários integralistas cantam o Hino Nacional fazendo a saudação fascista em frente ao Governador Manoel Ribas (01/10/1936)



Fonte: *A Offensiva*, n. 307, 10/10/1936, p. 1

²⁰¹ Poucos dias depois, os universitários de esquerda paranaenses fundaram a União Democrática Estudantil, de caráter antifascista, também no salão nobre da Universidade. O ato de fundação foi boicotado pelos integralistas, que distribuíram panfletos, interromperam as palestras e chegaram a cantar o hino integralista. Jorge Lacerda chegou a receber voz de prisão dentro da Universidade, mas sob protestos da massa presente, não foi levado até a delegacia (*A Offensiva*, n. 328, 04/11/1936, p. 1).

Ilustração 38 – Discurso de João Alves da Rocha Loures Sobrinho na Liga de Defesa Nacional (01/10/1936)



Fonte: *A Offensiva*, n. 307, 10/10/1936, p. 1.

Em 25 de outubro, os camisas-verdes cerimoniaram outro evento cívico tradicional. Para a “Semana da Aza”, convidaram diversas autoridades militares e civis ligadas à aviação para depositarem uma aza de flores naturais, “ostentando no centro o Sigma”, aos pés do monumento a Santos Dumont (*A Offensiva*, n. 329, 05/11/19369, p. 1). Na ocasião, pareciam mais ousados quanto ao temor da repressão: embora ainda sem a camisa-verde, expuseram o sigma nas flores e fizeram a chamada dos pioneiros da aviação brasileira.

Ilustração 39 – Cerimônia integralista em homenagem à Aviação (25/10/1936, Praça Santos Andrade)



Fonte: *A Offensiva*, n. 329, 05/11/1936, p. 1.

Enquanto os militantes da Província encontravam essas brechas para permanecerem no espaço público da Capital, atitudes mais enérgicas eram tomadas por Salgado e pelo Supremo Conselho Integralista para tentar por fim à repressão no Paraná. Um longo telegrama foi enviado ao Presidente da República, apontando a mudança de âmbito na repressão à AIB no Estado: da esfera municipal, para o completo ‘cerco’ estadual promovido em todas as cidades da Província; esclarecia também o documento que, mediante as tentativas por parte de Vieira de Alencar de resolver a questão na Justiça, os magistrados locais se abstiveram de deliberar em virtude do Estado de Guerra, só restando o chefe do executivo nacional como recurso (*A Offensiva*, n. 224, 05/07/1936, p. 1).²⁰²

²⁰² Mais tarde Plínio comparou a atitude dos magistrados paranaenses com a dos catarinenses: “Os juízes do Paraná não tomaram conhecimento de um pedido de mandado de segurança impetrado pelo Integralismo, sob alegação de que estamos em estado de guerra, embora reconheçam a legitimidade da pretensão da A.I.B. Os

A resposta do Governo ao telegrama foi evasiva e fez o problema girar em círculos: “O presidente da Republica dispensou a merecida atenção ao assumpto do vosso telegramma de hontem e recommendou ao ministro da Justiça as necessarias providencias” (*A Offensiva*, n. 224, 05/07/1936, p. 1). Na verdade, Alencar já havia se dirigido ao Ministro da Justiça, Vicente Ráo, “nada conseguindo, porém, não porque houvesse má vontade daquele titular, porém pela dificuldade de se poderem conter os interesses politicos dos Governadores estaduaes” (*A Offensiva*, n. 224, 05/07/1936, p. 1).

A tão combatida liberdade federativa deu ao Estado a prerrogativa de se aproveitar de um decreto federal (o Estado de Guerra) para se tornar imune às ingerências do governo central; afinal, quem mais saberia dos perigos existentes no Paraná do que o seu Governador? Essa era a lógica do argumento de Ribas contra os integralistas, lógica que se manteve até que, em seus cálculos e nos do Governo Federal, a AIB fosse considerada um problema menor se voltasse à legalidade. Evidentemente, tais cálculos vislumbravam o ‘ato final’ de 1937.

Em meados de 1936, Salgado pôs em prática uma interessante estratégia de pressão a favor dos integralistas paranaenses, utilizando-se do maior jornal nacional da AIB, o *A Offensiva*. O “desfile telegráfico” era, em certa medida, um parente bem distante dos micro-blogs da internet atual. Corriqueiramente, todos os núcleos da AIB eram obrigados a enviar telegramas à Sede Nacional, ou a Plínio Salgado, relatando sobre os eventos do Movimento que ocorriam simultaneamente em todos os núcleos do país, como a celebração de algum ritual oficial em data comemorativa; também se ‘reuniam virtualmente’ para reivindicar alguma coisa, ou seja, para “desfilar” telegraficamente em protesto.²⁰³

Um dos maiores “desfiles telegráficos” da história da AIB, senão o maior, foi aquele que reivindicou a reabertura dos núcleos integralistas do Paraná. Um número muito próximo da totalidade dos núcleos integralistas do país enviou telegramas ao Presidente da República, com cópia a Plínio Salgado, no dia 25 de julho de 1936, solicitando uma intervenção no sentido de que as arbitrariedades de Manoel Ribas contra a AIB cessassem. Segundo Plínio,

juízes de Santa Catharina tem concedido varios ‘habeas-corpus’ e mandados de segurança aos integralistas” (*A Offensiva*, n. 260, 16/08/1936, p. 2).

²⁰³ Para Benedict Anderson, o nacionalismo implica em atos de imaginação, que, por sua vez, engendram o sentimento de pertença a determinada comunidade nacional. Assim, a imaginação é essencial para a conformação de uma identidade comum, uma vez que os seus membros jamais estabelecerão laços entre si em sua totalidade, nem em parte significativa dela, “mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem de sua comunhão” (1991, p. 25). Para essa comunidade, é prática comum, portanto, criar mecanismos simbólicos redutores das distâncias geográficas e culturais. Os fascismos eram mestres na busca dessa integração simbólica da nação.

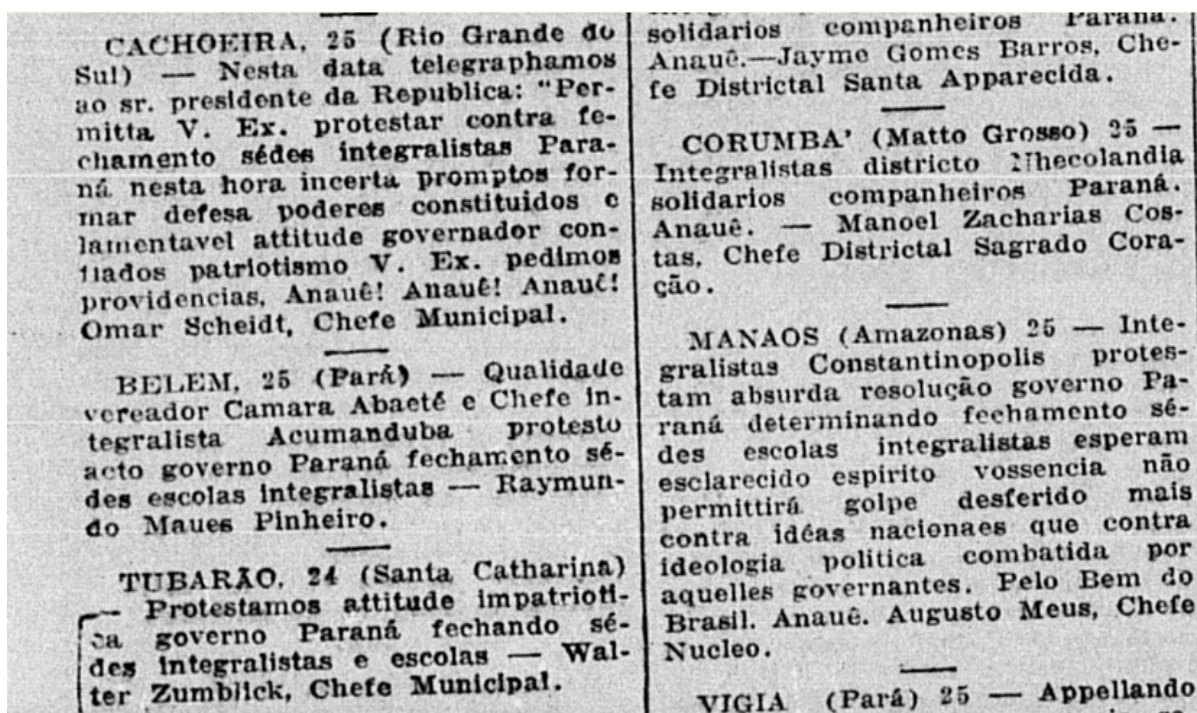
cerca de 2.000 Chefes Municipais participaram da "parada" (A *Offensiva*, n. 245, 30/07/1936, p. 2).

Ilustração 40 – "Desfile Telegráfico" da AIB em protesto contra o fechamento dos núcleos integralistas do Paraná



Fontes: A *Offensiva*, n. 242, 26/07/1936, p. 9.

Ilustração 41 – Detalhe das mensagens do “Desfile Telegráfico” em protesto contra o fechamento da AIB no Paraná



Fonte: *A Offensiva*, n. 243, 28/07/1936, p. 5.

O Chefe da AIB esperava com isso mobilizar o próprio Manoel Ribas, mas as arbitrariedades recrudesceram naquele mesmo mês. Em Rio Negro, proibiu-se a venda dos periódicos da imprensa integralista nacional (as revistas *Anauê!* e *Panorama* e o jornal *A Offensiva*), ao mesmo tempo em que a polícia promoveu ‘devassas’ nas residências dos líderes locais. Em telegrama, La Maison relatou:

a policia, hontem, cercou minha casa e passando rigorosa busca nada encontrou. Apenas apprehendeu alguns cartuchos de dynamite que tenho em meu poder para fins industriaes. O governo federal decretou a “lei de segurança” e o “estado de guerra” para reprimir o surto comunista, porém, nesta cidade, a lei só tem sido applicada contra os integralistas (*A Offensiva*, n. 246, 31/07/1936, p. 1).

De qualquer forma, os efeitos da campanha a favor da reabertura vieram em 3 de dezembro. Sem maiores explicações, o *A Offensiva* trouxe uma nota de capa:

Ilustração 42 – Nota do *A Offensiva* comunicando a reabertura dos núcleos integralistas do Paraná (dezembro de 1936)



Fonte: *A Offensiva*, n. 354, 04/12/1936, p. 1.

Conforme nota do *Monitor Integralista*, Ribas se sentiu pressionado a autorizar a reabertura dos núcleos em virtude do ano eleitoral que estaria por vir: “foram reabertos os Nucleos da A.I.B, no Paraná [...] pela necessidade dos Integralistas procederem á qualificação eleitoral” (*Monitor Integralista*, n. 17, 20/02/1937, p. 2).

Numa leitura sequencial dos periódicos do pós-reabertura, observamos as atividades da Província voltando à normalidade. Enviados da Chefia percorriam o interior inspecionando os núcleos recém-reabertos e Jorge Lacerda, juntamente com Rocha Loures, participavam do 1º Congresso da Imprensa Integralista, em Belo Horizonte (*A Offensiva*, n. 361, 12/12/1936, p. 1; n. 364, 16/12/1936, p. 1). No Congresso, Lacerda usou da sua experiência com a repressão para palestrar sobre a tese “Em face do sensacionalismo policial como devem se comportar os jornaes integralistas?” (*A Offensiva*, n. 364, 16/12/1936, p. 2).

De fato, a Província voltaria a funcionar fundando núcleos, escolas e ambulatórios em 1937. Em outubro daquele ano, contudo, como antessala da proscricão que viria com o Estado Novo, a 5ª Região Militar proibiu “até segunda ordem reuniões [de] qualquer partido” (08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-1-OS, FPS – APHRC). Imediatamente, todo aparato repressor voltou à ativa contra os camisas-verdes, agora de forma mais intensa e violenta. A informação da nova proscricão chegou a Salgado por um telegrama de Teixeira Soares, onde não se realizou naquele ano a Noite dos Tambores Silenciosos. De Jacarezinho, também chegaram ao Rio notícias de que “diversos [companheiros estavam] no carcere, presos [à] noite [e] incomunicáveis” (08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-2-OS, FPS – APHRC).

Os tambores não tocariam mais, nem em silêncio. A aventura integralista no Paraná terminaria sob o martelo, ou melhor, sob “o facão”, mais uma vez precoce, do poder estadual. Desacorçoado, Emanuel Bittencourt, um dos líderes integralistas de Ponta Grossa, escreveu a Salgado:

Com os corações erguidos aos céus, os olhos cheios de lágrimas, assistimos no recêso dos nossos lares a brilhante cerimonia no teatro João Caetano, a Noite dos Tambores Silenciosos, ouvindo a vossa palavra ardente, vigorosa neste pobre Paraná, nesta infeliz Ponta Grossa, fomos pela terceira vez proibidos de realizar a cerimonia aguardada entusiasticamente pelo povo da cidade, em virtude das ordens emanadas da Chefia de Polícia. O Estado de Guerra no Paraná, servirá unicamente para a perseguição ao Integralismo – Três Anauês (08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-6-OS, FPS – APHRC).

Bittencourt, mediante as perseguições, esperava que os militantes paranaenses pudessem entrar em comunhão com seus companheiros de São Paulo (reunidos no Teatro João Caetano) olhando para o céu, no “recêso” dos lares. Esse tipo de mecanismo simbólico-emotivo aglutinador foi profusamente utilizado no interior do movimento integralista, juntamente com um grande ‘arsenal afetivo’ composto por mensagens e práticas. A instrumentalização desse ‘arsenal’ é o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO V - AS PAIXÕES PELO SIGMA

*“Despe a camisa verde, da revolta
que não sentiste – ó misero impostor...
Annulla-te, a ti mesmo... e depois volta...”*

A Razão, n. 4, 24/05/1935, p. 1

Se a essência do fascismo reside em algum campo mais ou menos próximo das afetividades, não há dúvidas de que o Integralismo é um caso ilustrativo. Nos discursos e nas práticas integralistas da Província do Paraná observamos nitidamente aquilo que podemos chamar de ‘tríade afetiva’ de todo fenômeno fascista:

1. A paixão militante: cada militante citado até aqui passou por um processo, mais ou menos semelhante – porém, em níveis diferentes – de entrega afetiva em relação ao Movimento e ao seu líder carismático. Esses homens e essas mulheres, dispostos aos mais radicais e espontâneos sacrifícios em prol do sigma, estavam imersos num universo místico-simbólico-afetivo, cujos caracteres reforçavam os laços de pertencimento a uma comunidade maior.
2. O ressentimento: a coletividade integralista compartilhou uma tríplice imagem idílica do Brasil: um futuro perfeito, um passado distante visto saudosamente, que remonta à Colônia, e um passado relativamente recente de humilhação a ser superado. Surge daí, o cultivo de afetividades reativas: a amarga ou ressentida busca por se reencontrar com um passado (que nunca existiu) para promover o renascimento nacional. Além desse ressentimento, incrustado no nacionalismo integralista, os camisas-verdes cultivaram afetividades reativas contra tudo e todos os que pudessem se interpor em sua jornada “inevitável” rumo ao poder, isso das mais variadas formas.
3. O ódio contra os indesejáveis: decorre do ponto anterior a busca frenética por responder a pergunta: “quem errou” ao longo da história do Brasil? (ao invés de “onde e como erramos”?). A resposta: os entes tidos como causadores da ‘anomalia’, do ‘desvio de rota’: as múltiplas facetas dos indesejáveis, de acordo com o discurso fascista – o “estrangeiro”, o “supercapitalismo”, o “capitalismo judaico internacional” (ou simplesmente os judeus) e o inimigo imediato, o monstro soviético.

Portanto, em torno do triplo núcleo afetivo *paixão militante*, *ressentimento* e *ódio* o fascismo brasileiro fascinou não só “gente ignorante”, mas pessoas de todas as classes sociais e níveis de instrução, como vimos nos capítulos anteriores. Uma parcela significativa dessas pessoas, desinteressadas, colocaram seus talentos, seu dinheiro ou o que tivessem ao alcance a serviço de um movimento quase sem programa, que não lhes oferecia muito além de

promessas vagas, mas proporcionava uma comunhão passional jamais vista: as paixões pelo sigma.

5.1 A PAIXÃO MILITANTE

5.1.1 ENTRE A HESITAÇÃO E A PAIXÃO MILITANTE

A paixão militante é capaz de se manifestar das mais variadas formas e intensidades. Em nível elevado, não há senso de restrição ou temor da deterioração da imagem social que impeça o militante de demonstrar sua devoção pela causa. Uma comparação ilustrativa é, sem dúvida, a da devoção religiosa. Os estatutos da Ação Integralista deixam clara a necessária relação de entrega do indivíduo ao Movimento: “O integralista é um homem livre que se inscreve espontaneamente na A.I.B. com o fim de sacrificar, uma parte de seus interesses e de seu tempo, submettendo-se a deveres de honra pela grandeza da Nação” (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 4).

Utilizando-se dessa premissa, já o primeiro jornal da AIB no Paraná, *O Integralista*, trouxe um veemente alerta aos ‘aventureiros’, esclarecendo que o Movimento não admitia ‘o morno’ simpatizante: “O ‘SYMPATHIZANTE’ NÃO SERVE [PARA] O INTEGRALISMO. ESTE MOVIMENTO SAGRADO DA PATRIA SÓ ADMITE A SINCERIDADE, A CORAGEM DE AFFIRMAR OU MESMO NEGAR A SUA DOCTRINA [...]” (*O Integralista*, n. 1, 06/08/1935, p. 4, fonte como no original).

A profundidade dessa abnegação devota, exigida pelo Movimento, pode ser medida observando suas exceções. Em boa parte dos números do *A Razão* os redatores veicularam efusivas admoestações aos militantes, sobre os requisitos necessários para se vestir a camisa verde; uma delas dizia:

Todo integralista deve levar o seu distintivo na lapella. Deve comparecer às sessões. Nas cidades, nas villas, nas aldeias, nos sertões, nas selvas, nas escolas, nas casernas, nas fabricas, nos navios, nos carros, nos lares, nas ruas, o integralista não se deve esquecer nunca do seu grito de guerra: Anauê! (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 4).²⁰⁴

²⁰⁴ É possível que a fase de ‘pré-filiação’, instiuída para os neófitos ingressos na AIB tenha sido imposta exatamente para que se pudesse avaliar o nível de abnegação do candidato: o interessado em cerrar fileiras era apresentado a um dos núcleos por um militante “exemplar”; lá o neófito era inquirido: “Já pensou maduramente na responsabilidade que vai assumir?” Ao obter resposta afirmativa, dir-lhe-ia: “Considero-o inscrito; deverá, porém, esperar noventa dias para prestar juramento, em homenagem ao Chefe Nacional que o esperou desde 7 de outubro de 1932” (CAVALARI, 1999, p. 168). Claro que, o ‘estágio probatório’ do novo militante poderia ser

Ao tentar elencar todos os lugares de possível frequência de um camisa-verde, a mensagem era clara: ‘não te envergonhes de ser militante independente do local onde estejas!’. Está claro que certas diretrizes e ordens vindas do Movimento colocavam à prova essa capacidade de desprendimento e desvergonha. Uma nota no nº 17 do mesmo jornal pediu aos militantes algo patentemente vexatório, obviamente, se não instado pela paixão nacional e militante:

INTEGRALISTA! Se estivéres ou não de camisa verde, quando a bandeira nacional passar na rua, conduzida por alguma tropa, descobre-te, respeitosamente, toma a posição de sentido e levanta o teu braço direito em continência á imagem do Brasil que vae passando! (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 4).

O apelo fez questão de ordenar “descobre-te”, o que, em outras palavras, significava: ‘sejas visto fazendo isso e não te envergonhes’.

Uma fotografia registrou um desses instantes de desvergonha. Em 7 de setembro de 1935, em meio aos festejos cívicos oficiais, os acadêmicos integralistas fizeram uma esdrúxula aparição: se aglutinaram nas calçadas da Rua XV e insuflados por gritos de Jorge Lacerda, berraram 3 “anauês”, quando uma tropa militar composta por acadêmicos (não integralistas) desfilou com o pavilhão nacional.

Ilustração 43 – “Os camisas-Verdes, na Rua 15, de Curitiba, em saudação á Bandeira da Patria”, 07/09/1935 (legenda original)



Fonte: *A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 1.

Não obstante, há indícios de que nem todos eram capazes de tais atitudes. Já no primeiro número do hebdomadário, uma nota chamou a atenção dos militantes:

O INTEGRALISTA DEVE SEMPRE COMPARECER ÀS SESSÕES SEMANAES NA SÉDE INTEGRALISTA. DEVE SEMPRE LEVAR NO PEITO SEU DISTINCTIVO. DEVE SEMPRE NA RUA OU EM QUALQUER OUTRO LOGAR, FAZER A SAUDAÇÃO INTEGRALISTA, AO SEU COMPANHEIRO. O INTEGRALISTA DEVE SER CORAJOSO. DEVE TRABALHAR INSTANTE A INSTANTE PELA CAUSA. QUANTO MAIOR FOREM AS DIFFICULDADES, MAIS DEVE ENTHUSIASMAR-SE, PORQUE UMA CAMPANHA FACIL, NÃO É DIGNA DE HOMENS FORTES (*A Razão*, 01/05/1935, p. 1, fonte como no original).

Certamente, à boa parte dos militantes da Ação Integralista não faltava a devida coragem, mas a admoestação é um sinal de que havia, entre o ‘devoto’ e o simples inscrito, uma distância significativa. Tal distância era perpassada pela noção de vergonha que, em Norbert Elias, significa o temor do rebaixamento ou da proscrição social em vários níveis: “é um medo de degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas” (1993, p. 242). Trata-se, evidentemente, de uma linha do desprendimento, a qual o militante necessitava cruzar, para que se entregasse à totalidade da empreitada que a causa fascista demandava.

Essa renúncia necessária para uma militância passional foi chamada de “revolução” em um poema anônimo publicado no nº 3 do *A Razão*. O autor não abordou o mote da

“revolução integral”, mas de uma ‘revolução interior’, permeada pela renúncia de si e do imediatismo.

A Revolução Necessária...

*Despe a camisa verde – imediatista,
Incapaz da renúncia do presente:
Nem por mudar uma camisa, a gente
Conseguirá fazer-se integralista
Quem a vestiu, sonhando uma conquista
Ambiciosa, iludiu-se, totalmente:
– O Soldado de Deus não traz em mente
Nenhuma presunção personalista...
Integralismo é a escola da Humanidade:
– Christo prégando a reforma interior,
Na Judéa do egoísmo e da vaidade...
Despe a camisa verde, da revolta
que não sentiste – ó misero impostor...
Annulla-te, a ti mesmo... e depois volta...
(A Razão, n. 4, 24/05/1935, p. 1).*

O pseudo-militante é aqui chamado de “impostor”, uma vez que “não sentiu as dores das revoltas”, sob as quais, afetivamente o Integralismo se erigiu, embebido em ressentimento coletivo (sobre o qual falaremos no presente Capítulo). A solução para o imediatista era clara, bíblica e, pela popularidade, não requer referência: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me”.

É fato, que o ímpeto para as desavergonhadas manifestações da paixão militante encontrava em Plínio Salgado um precursor. Na verdade, um ato, ainda no início do Movimento, colocou o Chefe Nacional como ponto de referência para os apaixonados pelo sigma; o feito entrou para os anais da AIB, sendo inclusive celebrado como uma de suas datas comemorativas no curioso ritual das “Matinas de Abril” (23/04)²⁰⁵. Pouco tempo depois de lançar o Integralismo em São Paulo, Plínio decidiu que chegara a hora de fazer uma marcha pelas principais avenidas da cidade. Seus companheiros do movimento Verdeamarelo, Menotti Pichia e Cassiano Ricardo, lhe exortaram quanto ao “ridículo” [sic] que seria realizar uma passeata que mal reuniria 50 pessoas: “Plínio não faça isso, vai ser ridículo fazer um desfile com 40, você vai ser vaiado [teria exortado Pichia]; ele [Plínio] [respondeu]: – eu não me importo com vaias” (MOURÃO apud SANZ, 2004). Mostrando sua total ausência do senso

²⁰⁵ Em uma praça ou quintal, os integralistas esperavam o sol nascer; sob a luz dos primeiros raios o líder presente declarava: “Camisas-Verdes! Em saudação ao Brasil, levantar o braço!” Após o feito, os militantes contemplavam o Sol por certo tempo, o que simbolizava a espera do dia da vitória do Movimento. A seguir, o mesmo líder dizia: “Camisas-Verdes! Este sol iluminou quatro séculos da História Brasileira, iluminou a primeira marcha dos integralistas e iluminará a vitória do sigma! Assim como esperamos hoje esta alvorada, aguardamos confiantes o dia do triunfo! Pelo Brasil! Pelo estado integral, três anões! Todos responderão anões”. O ritual se encerrava com o som de uma banda ou de clarins e com o Hino Nacional (*Monitor Integralista*, n. 18, 10/04/1937, p. 12).

do ridículo naquele momento (leia-se: ausência de temor da inferiorização social), realizou-se a “Marcha dos 40”.

Segundo Gerardo Mello Mourão, Cassiano e Menoti lembraram a Salgado inclusive o quanto ele seria brutalmente achincalhado, desfilando por lugares onde o risco da degradação social advinda da vergonha seria mais gritante – como em frente ao Jóquei Club. Sobre isso Plínio teria respondido irritadamente: “eu um dia ei de fechar o Jóquei Club” (MOURÃO apud SANZ, 2004).

Mesmo com o exemplo do Chefe, vestir a camisa verde em público pode ter sido prática constrangedora para uma minoria de adeptos, enquanto para outros (os que de fato merecem o título de *militantes*), motivo de orgulho e exaltação, atitude irrefletida e imediata, motivada pelo fervor da paixão. Sobre os recém-filiados ao núcleo de Antonina, em junho de 1935, o *A Razão* informou: “todos são integralistas de coração. A alguns porém, falta a coragem de vestir a camisa-verde” (*A Razão*, 15/06/1935, p. 7). A indicação de que “todos são de coração”, seguida da exceção, nos dá indícios de que, embora poucos, alguns de fato não o eram.

Outra demonstração de hesitação no ardor militante foi uma estranha observação sobre alguns militantes fundadores do mesmo Núcleo de Antonina. O texto cumpria a missão de fazer um retrospecto do Movimento naquela cidade, mas acabou revelando aspectos importantes dos hesitantes de primeira hora: “Entre alguns nomes, que silenciámos por motivo de respeito á pessôa, revelou-se entuastico [sic] adepto do ‘Sigma’ o atual chefe municipal” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 8). Na verdade, como descreve o restante da nota, enquanto as reuniões integralistas na cidade eram secretas, o Movimento estava cheio de ‘adeptos’; no momento em que se tornaram sessões públicas, inclusive na fundação do Núcleo, o Chefe Abdon Pacheco do Nascimento ficou apenas com meia dúzia de ínsitos.

Assim, a ocultação dos nomes de alguns dos ‘pais fundadores’ do núcleo se explica claramente pelo fato que eles não conseguiram ‘cruzar a fronteira’. Em outra reportagem, esta versando otimistamente sobre o sentido “profundo no curso da nossa história” das “legiões verdes em marcha”, o autor deixou escapar algo que se adéqua ao acontecimento de Antonina: “muitos brasileiros há, que ainda não transpuseram os humbraes do Integralismo, unicamente por lhes faltar a necessaria fé e o ardôr da convicção” (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 3).

Por vezes, as explicações para essa falta de ardor ganhavam contornos estranhos, mas inteligíveis à luz da sociedade machista da época. Antônio Alceu, Chefe integralista de Palmas, levou a falta de coragem entre os que não vestiam a camisa-verde para o plano da falta de virilidade.

Ah, Brasileiro! É preciso que tenhas vergonha! Sejas brioso! Sejas homem! Tenhas a virilidade de mandar no que é teu. De ser gente! Não sejas um eunucho moral. Tenhas fibra! E amor á tua Mãe-Pátria. E a coragem magnífica, “florianica”, de uma attitude intrépida, “macha” [...] (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 6).

Se por um lado o jornal apresenta vestígios sutis acerca dos hesitantes entre a paixão e a vergonha (por razões óbvias), por outro, as demonstrações de desprendimento e abnegação pela causa e pelo líder são elementos amplamente veiculados, dotados discursivamente de significados e de imagens afetivas. Começemos pelo uso da camisa verde.

5.1.2 O “MANTO VERDE” E A PAIXÃO

O Chefe do Núcleo Distrital de Areia Branca, município da Lapa, descreveu com entusiasmo a atitude de seus comandados, em carta à Chefia Provincial: “Cada qual quer ser o primeiro a vestir a camisa-verde a fim de demonstrar [sic] publicamente a sua qualidade de integralista, e dar exemplo a outros brasileiros” (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 5). Se o entusiasmo real em vestir a camisa dos militantes não alcançava o nível das descrições, dificilmente saberemos. Porém, alguns casos bizarros mostram que o ‘manto’ era intocável ao apaixonado pela causa.

Um militante de Santa Catarina, mediante a proibição do uso da ‘sagrada’ camisa verde, resolveu se desavergonhar por completo tirando a roupa e saindo às ruas:

O delegado de costumes, mandou prendê-lo. Estaria louco? seria sócio da Sociedade dos Nudistas da America? Chamado á presença das autoridades, estas lhe perguntaram: - Porque andas, quase semi-nu em plena via publica? – Por nada, sô delegado. É que o governado Nereu não qué que se ande de camisa... Tô respeitando as lei...[...] (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 3).

Proibir a camisa verde não significava apenas comprometer o uniforme da coletividade. Significava, antes de tudo, violar aspectos simbólicos fulcrais da paixão do militante fascista. Apesar de ser fato de difícil compreensão, aqueles homens faziam política enquanto usavam sua indumentária: uma prática política enormemente pautada em elementos simbólico-emotivos. A insistência nos símbolos, nos ritos, nas imagens emotivas (irritantes para uma leitura com os olhos do presente) indica que tais práticas não eram apenas reflexo de instâncias maiores, eram a própria política fascista.

Em um texto que visava apresentar a Ação Integralista Brasileira para os leigos, no item “A Camisa”, o autor exortou até os não-ínsitos sobre a separação entre dubiedade e militância passional (traduzida aqui por “coragem”):

A camisa integralista é o distintivo de mais evidencia [...]. Tem para o movimento alta significação pois força as pessoas a se manifestarem explicita e publicamente, patenteando a sua ideologia. Fazem restricções á camisa todos aquellos que não tem a necessaria coragem para defender publicamente a sua opinião. Não pode ser miliciano integralista quando não tiver o coração de vestir uma camisa verde e formar nas legiões do Sigma, o que aliás é bem pouco em face do mais que elle precisa ser para realizar os seus compromissos de honra (*A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 5, grifo nosso).

Como o texto acima deixa claro, vestir a camisa era “bem pouco”, mediante a quantidade de sacrifícios necessários para que o militante se achasse digno daquela vestimenta. O sacrifício é sem dúvida a palavra-chave de uma série de imagens emotivas construídas em torno da militância passional.

5.1.3 A IMAGEM DO SACRIFÍCIO

Era parte indissociável da vida do integralista se sacrificar integralmente, justa ou injustamente pelo Movimento. “Para o integralismo, a maior regalia, em tempo de paz é a prisão”, como afirmou Ricardo Gruenwaldt, Chefe Municipal de Jaraguá (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 1). Esse sacrifício era a garantia da vindoura glória terrena (com a vitória do sigma) e da glória celeste (com um lugar de destaque na Milícia do Além): “O nosso movimento é um movimento de renuncia. A nossa marcha tem o estigma da dôr. So quem soffre tem uma idéa leve da perennidade” (*A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 1).

No original, a palavra sacrifício, do latim *sacrificium*, tem o significado de ‘tornar algo sagrado’. Com o tempo, mas sem perder o significado original nos discursos religiosos, ‘sacrifício’ passou a corresponder a algum tipo de renúncia, pessoal ou coletiva. Em termos junguianos, o sacrifício é a abdicção de uma posição cômoda, superior a uma mera acomodação: significa abdicar do ego, se colocando em posição de submissão a um significado, provido de sentido (SAMUELS, 2003).

O Integralismo fazia crer aos seus militantes, que quanto maiores fossem as dificuldades, mais deveriam se entusiasmar. Os percalços tinham o significado de oferendas, e quanto maior a oferenda, maior seria a coroa futura – o que em certos discursos religiosos se

traduz na frase: ‘quanto maior o sacrifício, mais santo se torna o homem’. Os sofrimentos, de tal modo, eram tidos como oportunidades de forjar homens melhores. Em situações de perseguição, Plínio costumava encorajar seus militantes lhes falando do sacrifício, como elemento necessário para forjar virtudes. O *A Razão* publicou uma dessas frases eloquentes de Salgado, em caixa de texto destacada no início da página:

Que Deus nos mande perseguições e o fogo dos sofrimentos. Porque não estou lidando com material de estanho ou chumbo, mas, com aço de minha raça. Quero todo o fogo dos altos fornos, o fogo da cólera e do despeito, da ironia e do sarcasmo, da perseguição e das traições, porque neste fogo temperarei o aço verde desta milícia e com ele farei um gladio. Com este gladio marcharei, ó Deus, por Vós, pela Patria, Pela Família e construirei a Grande Nação (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 2).

No contexto das ‘provações’ que o Movimento sofreu no Sul do país, oferecer seus empregos em sacrifício pelo sigma era demasiadamente dignificante. Quando três militantes de Teixeira Soares foram demitidos de seus cargos na Prefeitura, escreveram um telegrama ao Chefe Nacional, cheios de júbilo pelo encalço: “Chefe Nacional. [Pelo] motivo único [de] sermos Integralistas, acabamos de ser exonerados dos cargos [que] ocupávamos [na] Prefeitura. Com isto levantamos forte Anauê [pela] Felicidade da Patria!” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 1). Ao telegrama dos teixeirassoarenses, o próprio Salgado replicou: “Luctai, soffrei, que num dia proximo venceremos!” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 1).

Os exemplos discursivos também descem a hierarquia do Movimento. O Chefe Provincial do Paraná, em discurso aos universitários asseverou: “quem vence sem perigo, vence sem glória” (*A Razão*, 23/08/1935, p. 3). Da mesma forma o fez, mas com requintes bíblicos, D. Soares, simples militante de Paranaguá: “como nos ensinou os sábios Evangelhos, a estrada que conduz ao Mal, é facil e bela, ao passo que a que conduz para o Bem, é cheia de espinhos e dificuldades” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 2).

O sofrimento, os perjúrios, as ofensas, eram tomados pelos militantes como etapas necessárias à vitória do Movimento e à “glorificação [dos] nomes [dos militantes] no dia do triunfo” (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 5). Os sacrifícios faziam dos integralistas merecedores de um mundo futuro, construído a partir da abnegação coletiva:

Moços da Patria! Ella vos chama ao dever. Vesti a *Camisa Verde*, que é o symbolo de um novo conceito de vida e o escudo duma nova éra, onde os homens affirmam-se pelo character e buscam o sacrificio, para dentro dele patentear que são dignos e são sincéros (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 3).

Antônio Alceu garantiu, nesse sentido, que os camisas-verdes carregavam apenas “um único desejo”:

Soffrer pelo Brasil. E é do fundo desse soffrimento, das suas entranhas quentes e palpitantes, sentindo o seu amargor até o paroxismo, que surgirão, por obra e graça d’uma fatalidade privilegiada, as gerações magníficas do Brasil maravilhoso do Futuro! Gerações que não terão medo nem precisarão vestir uma camisa verde! Porque essa camisa verde já há de andar rolando fragorosamente no seu sangue ardente! Estugindo, espadanando nas corredeiras de suas artérias... (*A Razão*, n. 26, 31/10/1935, p. 5).

Seria por meio do sacrifício, segundo Antonio Alceu, que a pátria saberia distinguir “entre os bastardos, os filhos queridos”. Esses últimos, indubitavelmente

se batem sempre até a morte pelo Brasil. [...] [São] os que dão a vida pela Vida do Brasil. Os que morrem para que elle não morra. Os que o querem mais que a tudo. Os que sofrem porque elle soffre. Os que choram com a dôr delle. Os que gostam da Patria não por querer, mas porque já nasceram com esse gosto. Com essa sina. Os que conseguem renunciar. Os que não temem sacrificio. Os que disputam o soffrimento [...] (*A Razão*, n. 8, 28/06/1935, p. 6).

Quando as perseguições começaram nos Estados do Sul, por volta de julho de 1935, elas forneceram de bandeja uma série de motivos para o uso abusivo da imagem do sacrifício na imprensa camisa-verde, como vimos com os ‘demitidos’ de Teixeira Soares. Evidentemente, na provação, poucos militantes gostariam de ser achados como “bastardos” da “Mãe gentil”.

Um militante de Campinas proferiu uma frase, em certa ocasião, que se tornou jargão entre os integralistas de todo o país, especialmente em momentos de perseguição e prisão: “todo o Camisa-Verde, para ser integralista completo, precisa ter em sua fé de ofício uma prisão, por causa do nosso movimento” (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 1). Muitos levariam isso a sério. Em São Francisco, quando 33 militantes foram presos por organizarem um comício no dia 7 de setembro de 1935, “um facto significativo” se passou na cadeia municipal: cinco outros se apresentaram ao delegado como “integralistas” e exigiram a própria prisão (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 6). A notícia não trouxe mais detalhes, mas fica patente a atitude sacrificial dos militantes, que certamente esperavam seu cadinho futuro mediante a abnegação do direito de liberdade em solidariedade aos “companheiros”.

Outro exemplo eloquente e trágico, em meio à repressão no Sul, veio de um ‘amigo’ muito próximo da Província do Paraná, o Chefe de Jaraguá, Ricardo Gruenwaldt. O *A Razão*

publicou uma carta de Gruenwaldt aos “companheiros” de luta, logo após sua prisão em fins de julho.

O que vos falei tantas vezes em minhas excursões pelo interior do meu querido Município, quero provar agora. Não eram palavras vãs, quando vos dizia que devíamos sacrificar as nossas economias, a nossa comodidade, a nossa tranquilidade, a nossa liberdade e, até a própria vida pela Grandeza da Nação. Já sacrifiquei minhas economias a ponto de viver e me vestir como o mais pobre de vós; sacrifiquei comodidade para levar aos mais recônditos rincões do Município a palavra do Chefe Nacional; sacrifiquei minha tranquilidade, vivendo em vigilância permanente, para parar qualquer golpe vibrando contra o Brasil e contra o Integralismo no Município. Hoje sigo preso á Florianópolis, – sacrifiquei também a minha liberdade. Resta-me só a vida. Mas eu vos juro por tudo que me é sagrado – juro por Deus e pela minha Honra, juro pela minha Pátria tão querida e tão infeliz, juro pelas entranhas de minha mãe, que me deu a vida, que não hesitarei um só momento de sacrificar também a vida [...] (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 4).

Gruenwaldt queria mostrar que o ato sacrificial não era feito apenas de discursos (“não eram palavras vãs”), mas também de atitudes e, sobretudo, por meio da agressividade alheia. O Chefe de Jaraguá falava muito sério: no dia 13 de agosto de 1937, quando liderava 5.000 integralistas e a Câmara Municipal da cidade, o carismático farmacêutico foi assassinado em sua própria residência pelo delegado de polícia local (*A Offensiva*, n. 566, 14/08/1937, p.1).

Passadas todas as provações do ano de 1935, um interessante ocorrido, no ano seguinte, ilustra a relação fetichizada do militante integralista com o sacrifício. Quando da realização do 1º Conclave Parlamentar Meridional da AIB – que reuniu os candidatos eleitos pelo partido nos pleitos anteriores – “um prefeito do Paraná” (provavelmente João Molinari Sobrinho) tomou uma atitude inusitada, quebrando o protocolo da cerimônia. Falou algumas palavras sobre as perseguições e interdições aos integralistas no Paraná e pediu licença para abraçar Plínio Salgado; depois do abraço, colocou uma medalha no peito do Chefe Nacional; estranhando o ato, Salgado retirou a medalha para ler uma mensagem nela gravada: “No meio da chamma das perseguições forja-se o aço verde do Sigma” (*A Offensiva*, n. 313, 17/10/1936, p. 5). O militante demonstrava que a lição fora aprendida, materializando a imagem do sacrifício e entregando o pequeno ‘monumento à dor’ ao venerado Chefe.

Entendendo, destarte, que o sofrimento era via necessária à vitória, os integralistas também se aventuraram em peripécias não muito convencionais, pouco inteligíveis aos olhos de membros de outros partidos que com a AIB compartilhavam o cenário político (e isso muito antes das perseguições). Inventavam sacrifícios gratuitos, por assim dizer, aos olhos de qualquer observador.

5.1.4 AS PERIPÉCIAS DA PAIXÃO MILITANTE

É difícil imaginar um membro ‘engravatado’ do Partido Social Democrático sequer ponderando a aventura de escalar o monte mais alto do Sul do Brasil para afixar uma placa de bronze com o símbolo da sua agremiação política.²⁰⁶ Os integralistas do Paraná o fizeram. *A Razão* deu ampla cobertura ao fato, do qual tomaram parte 9 militantes “vestindo a Camisa Verde, a camisa da honra e do sacrifício” que “buscaram o amago da natureza fértil da Patria, e lá cravaram o ‘Sigma’”. Em si o evento é revelador da paixão militante, pela via do sacrifício, mas sua narrativa pelo periódico merece nossa atenção:

E o gigante Marumby, vendo o destemor dos novos filhos da Patria, notando-lhes nas fisionomias, a sinceridade e firmeza de caracter, canta com eles, pelo écho de suas vozes, nesta hora de angustia, dentro da qual se entrechocam as consciências e se decide a sorte do Brasil, o hymno de sua liberdade! E assim como esses Camisas Verdes cravaram o “Sigma” num dos dêdos da Patria, chegará tambem a hora em que hão de craval-o no seu coração!... (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 3).

A subida ao Marumby, longe de representar um evento ‘atlético’, tinha o significado particular de ser uma projeção da escalada integralista rumo ao poder, ao “coração” do Brasil. Os percalços da subida (da dupla subida) foram narrados de forma dramática:

Logo de inicio, alguns companheiros, que se achavam sobrecarregados, supunham não poder continuar a jornada... fraquejavam. Mas, logo refaziam suas força, quando reflexionavam que algo mais importante, que uma simples excursão os impulsionava [...]. O sangue fervia-nos nas veias. Faltava-nos agua. Mas apezar de todos esses contra-tempos, vencíamos as diversas etapas (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 3).

Ao atingirem o cume, os militantes fincaram a placa de bronze numa rocha, depois de permanecerem por duas horas (!) tentando fazer nela um buraco. Em seguida, renovaram o juramento de fidelidade ao Chefe, cantaram a primeira metade do Hino Nacional e o Hino Integralista. Por fim, lançaram sinalizadores luminosos, que foram correspondidos de Curitiba e, junto à placa, deixaram uma garrafa com mensagens para futuros montanhistas, no linguajar apostólico do “ide e dizei...” (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 3).

²⁰⁶ À época, o Pico Marumbi era considerado o ponto de maior altitude do sul do Brasil. Somente alguns anos mais tarde, Reinhardt Maack descobriu que o Pico Paraná tinha altitude superior ao cume do Marumbi.

Ilustração 44 – Militante integralista no topo do Pico Marumbi, após apregoar a uma placa de bronze com o sigma



Fonte: *Pront.* 173, top. 140, fl. 79, DOPS/PR, DEAP/PR.

Entre as fotografias divulgadas pelo jornal, encontra-se a disposta na Ilustração 44, retratando o carrancudo e extenuado militante que fixou a placa.²⁰⁷

O sacrifício dos 9 militantes não foi esquecido com o avanço do Movimento no Paraná, nem com a repressão que lhe sobreveio. Ao contrário, sua representatividade foi utilizada na adversidade. Após o fechamento dos núcleos, em abril de 1936, o *A Offensiva* orgulhosamente veiculou para todo o país:

Camisas-Verdes da Patria! Os vossos companheiros da Provincia do Paraná, estão vivendo neste instante uma das phases necessarias da gloriosa marcha do Sigma [...]. Fecharam-se as portas de todos os Núcleos. Foram arrancadas as placas de todas as sédes. Prohibiu-se o uso da Camisa-Verde e do distintivo. Ha, porém, ainda um Sigma tralhado em bronze, cravado na rocha millenaria do pico Marumby, que se ergue, majestoso e imponente, no seio da Serra do Mar, e que a sanha despótica desse governo não se lembrou de arrancar [...] (*A Offensiva*, n. 200, 07/06/1936, p. 11).

²⁰⁷ À época não se tratava de uma expedição ‘fácil’, como talvez possa ser considerada hoje pelos montanhistas. O Olimpo, o ponto mais alto do Conjunto Marumbi já havia sido atingido há 56 anos, porém, ainda não havia os acessos das principais trilhas atuais, que foram abertas entre 1938 e 1942; além disso, somente na década de 1940 foram instaladas as correntes de apoio à subida.

Na mesma linha de atos sacrificiais, o *A Razão* deu cobertura a uma um “raid”²⁰⁸ de 3 camisas-verdes gaúchos que faziam o trajeto Porto Alegre – São Paulo a pé. O sacrifício pode ter sido motivado por uma ‘promessa’, já que há pouco tempo os 3 haviam sido presos pela polícia de Rio do Sul/SC e postos “numa cadeia infecta e miserável”. De qualquer forma, a atitude foi dramaticamente narrada pelo jornal:

Em largos trechos da estrada, onde as casas se distanciavam dezenas e dezenas de quilômetros, como por exemplo, nos campos extensos de Vaccaria, os companheiros chegaram a passar fome. Mas nunca arrefeceram o seu entusiasmo, apesar das geadas constantes, continuando com o mesmo ardor a jornada. Eles viajam envergando a camisa-verde [...] Os companheiros percorreram cerca de 40 quilômetros sem comer absolutamente nada. No percurso foram perseguidos por uma boiada, salvando-se com grandes dificuldades. Depois de uma longa caminhada de 10 horas a fio, sem o contacto de uma casa, abatidos pela fome e pelo cansaço, os companheiros em Baixa Funda vibraram de entusiasmo, quando avistaram um braço erguido ao céu, na saudação integralista: era o sargento do batalhão de sapadores, o valoroso comp. Ary Costa. Que erguia o braço, saudando os integralistas gaúchos! [...] (*A Razão*. n. 18, 30/08/1935, p. 6).

Tirar a roupa, escalar uma montanha, andar quilômetros passando fome, são apenas algumas manifestações ‘exóticas’ dessa paixão, vindas de indivíduos em alto nível de ‘entrega’ ao Movimento. Contudo, essa entrega só estaria completa mediante uma paixão desenfreada pelo Chefe carismático, elemento fundamental nos movimentos e partidos fascistas.

5.1.5 A PAIXÃO PELO CHEFE: “A FASCINAÇÃO DO PREDESTINADO”

“Para os integralistas a pessoa do Chefe Nacional é intangível”. Essa assertiva, constante no artigo 9º dos estatutos da AIB, remete-nos um dos pontos mais altos do êxtase militante no Integralismo (e nos fascismos em geral): a presença, *in loco*, do chefe.

A escolha de um líder carismático para a Ação Integralista não foi tarefa automática, como mostrou Trindade (1979). Salgado titubeou em assumir a chefia e parece ter se escolhido na falta de algo melhor. Entretanto, mesmo antes de fundar o Movimento, o futuro Chefe tinha consciência do potencial afetivo de um líder em meio ao caos dos processos revolucionários. No jornal pré-integralista *A Razão*, Plínio escreveu:

²⁰⁸ O uso do termo, por derivação de sentido, praticamente desapareceu, mas, no contexto, significava uma façanha esportiva, ou coisa do gênero, cujo objetivo era percorrer determinadas distâncias ou, nos casos mais ousados, alcançar pontos longínquos da Terra.

Uma revolução é uma força nacional que deflagra e arrasta em impulsões imprevisíveis as energias sociais, até que uma mentalidade forte, dispondo de elementos materiais suficientes, possa impor uma coordenação, uma disciplina segundo os impositivos de uma consciência nova que se criou. Suscitar o advento dessa consciência, eis a obra presente da Revolução (SALGADO apud TRINDADE, 1979, p. 88-89)

Hesitações à parte, Salgado se impôs na chefia de forma incontestada, mesmo sentindo de perto as dificuldades da empreitada nas suas primeiras viagens de propaganda do Integralismo pelo Brasil:

Eu ia sendo recebido como um intellectual, cuja incapacidade para pôr em execução um plano político deveria ser uma contingência de minha própria estrutura mental de homem dos livros. Eu notava uma certa benevolência, ao mesmo tempo respeitosa para com o escriptor e sceptica para com o político. Eu não assustava nenhum partido, não inquietava nenhum governador (*A Offensiva*, n. 218, 28/06/1936, p. 2).

Atribuindo três marcas distintivas ao poder do “Chefe” na AIB (a centralização, a totalidade e a permanência), Trindade visualizou a liderança carismática de Plínio em seu conjunto de entrevistas, colhidas 40 anos depois do Integralismo: 2/3 dos entrevistados simpáticos ao Chefe ainda o eram por reconhecimento à sua retórica e convicção (1979, p. 166). Mediante tal fato, cremos ser importante pontuar uma das conclusões da presente pesquisa quanto à liderança carismática de Salgado, manifesta nos periódicos aqui analisados: muito embora ele não fosse o ‘tipo ideal’ de líder carismático fascista, a estrutura emotivo-simbólica do Movimento criou um imenso arcabouço afetivo em torno de sua figura, mesmo nos militantes mais afastados de sua presença. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, os ritos em torno da figura do Chefe levavam o militante a ter consciência da participação em uma comunidade maior, encabeçada por um guia supremo e infalível.

O primeiro desses ritos era o juramento de fidelidade ao Chefe, ocasião em que, de frente ao retrato de Plínio, os novos militantes declaravam: “Juro por Deus, e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores” (*Monitor Integralista*, n. 5, 04/1937, p. 11).

A crença no pertencimento a um grupo maior liderado por um distante e infalível Chefe supremo fomentava individualmente no militante a expectativa de um dia poder contemplá-lo. Isso reforçava, emocionalmente, o êxtase do indivíduo com a passagem ou a chegada do Chefe Nacional, sobretudo quando imerso na multidão. Portanto, nas grandes manifestações de massa em torno do Chefe, o desprendimento e o deslumbramento do

participante alcançavam níveis elevadíssimos, pela combinação da visão glorificante do objeto da veneração com a experiência física do ‘mergulho’ na multidão.²⁰⁹

Os militantes de Ponta Grossa descreveram a presença do Chefe apontando os efeitos emocionais da contemplação momentânea do “intangível”, num evento de massa:

tudo nas suas reuniões, aí se evidencia de maneira facinante e irresistível, criando um ambiente novo, onde nascem as emoções nunca antes sentidas e, agora, mais do que nunca triunfantes, as emoções latentes de um povo que dormia [...] (*A Razão*, 30/07/1935, p. 5).

Na presença das “emoções nunca antes sentidas” não faltava a reação física natural, presente na mobilização de muitos sentimentos; a lágrima é um elemento constantemente nos relatos desse tipo, como nesse vindo de Blumenau:

Finalizando [sua fala, o Chefe] referiu-se á saudação que recebêra do jovem “pliniano”, pela manhã, ao entrar na cidade. Fallou longamente sobre a juventude brasileira, e em certas ocasiões fazia verter lagrimas a quantos o ouviram, embebidos completamente nas suas palavras (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 4).

A visita do Chefe era aguardada e ventilada com muita antecedência; o evento em si consumava uma explosão passional mesmo para os simples e interioranos militantes, que na ocasião estavam prestes a contatar o mais alto nível da cadeia hierárquica do Movimento. A mágica da presença do Chefe era tamanha que, às vezes, não era preciso uma visita completa; a escala do avião que levaria o Chefe a outro lugar era suficiente para causar um fervor e a formação de caravanas em direção ao campo da aviação. Numa dessas ocasiões, em 30 de maio de 1935,

milhares de boletins tinham sido espalhados, anunciando a passagem do Chefe Nacional por Curityba. [...] Estava anunciada a sua chegada para ás 12,30. No entanto já ás 11 horas, centenas de camisas-verdes se dirigiam ao Campo no Bacachery [...].“os valorosos e bravos plinianos sob as ordens do professor Antonio Koser, desfilaram pela Rua 15 de Novembro e outras arterias da Capital, marchando ao rufo de seus tambores, em direcção ao Bacachery” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 1 e 6).

Jorge Lacerda também expressou a comoção dos militantes com a chegada do avião:

²⁰⁹ “Depois do sexo, a atividade que mais intensamente combina a experiência corporal com forte emoção é a participação em uma demonstração de massa em época de grande exaltação pública. Ao contrário do sexo, que é essencialmente individual, essa é por natureza coletiva, e, ao contrário do clímax sexual – pelo menos no que se refere aos homens –, pode ser prolongada durante várias horas. Por outro lado, assim como o sexo, tal participação implica ações físicas – marchar, gritar palavras de ordem ou cantar – nas quais a imersão do indivíduo na massa, que é a essência da experiência coletiva, encontra sua expressão” (HOBBSAWM, 2002, p. 91).

O Chefe Nacional passou ontem de avião por Curitiba e commnosco ficou apenas uns minutos! Que minutos, porém, de intensa vibração cívica! Todos acorreram ao Campo da Aviação! Os pequenos plinianos, ao rufar dos tambores, desfilaram pela Rua 15 e marcharam também ao Campo! Bondes e automóveis iam e vinham numa lufa-lufa enorme... Minutos cheios de impaciência, foram os da espera do avião! Quando ao longe, na fimbria longinqua do horizonte, bem ao lado do pico azulado do Marumby, avultou o avião, todos os braços se levantaram e Anauês estrugiram no ar! Foi um espectáculo grandioso! [...] Todos queriam abraçar o Chefe. Gente humilde e pobre procurava ter contacto com elle! ERA A FASCINAÇÃO DO PREDESTINADO! (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 1).

O objeto do carisma é admirado e adorado desde os primeiros sinais visuais de sua aparição, uma “experiência visceral [...] anterior a qualquer mensagem transmitida” (LINDHOLM, 1990, p. 50): “Quando ao longe, na fimbria longinqua do horizonte, bem ao lado do pico azulado do Marumby, avultou o avião, todos os braços se levantaram e Anauês estrugiram no ar!”.

Após o almoço e depois de se dar conta da mobilização afetiva que sua passagem havia promovido (um “frenesi de entusiasmo”, como descreveu o jornal), Salgado decidiu cumprir sua ‘lição de casa’ de líder carismático: foi até a rua e fez um pequeno discurso “aos camisas verdes que [...] o esperavam com impaciencia [sic]” (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 6).

Ilustração 45 – Recorte da capa do jornal *A Razão*, noticiando a escala do avião de Salgado em Curitiba (maio de 1934)



Fonte: *A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 1

Quando da segunda visita de Salgado a Curitiba, conforme o *A Razão*, os paranaenses esperaram “o Chefe Nacional com o peito arfando [e] nos olhos de todos os camisas-verdes via-se uma luz nova que queria ver o Chefe” (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 1). Já com a Província estruturada e contando com cerca de 7 mil filiados, era preciso mostrar ao Chefe as potencialidades locais da AIB, tanto no âmbito numérico, quanto no fervor da militância. A chegada foi descrita nos seguintes termos:

Ao meio dia, o Chefe Provincial, Vieira de Alencar, acompanhado dos seus secretários e de inúmeros camisas-verdes, rumou ao Campo da aviação. No meio da maior animação, conversavam os integralistas. O entusiasmo era delirante e mais se acentuou ainda quando do fundo do horizonte surgiu a nave aérea em que viajava o Chefe Nacional. O avião fez a aterrissagem, e Plínio Salgado acompanhado de Iracy Igayara, Chefe de sua casa militar e de Silva Telles, Chefe Provincial de S. Paulo, desembarcou sob os Anauês que irromperam do peito dos camisas-verdes (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p.1, grifo nosso).

Ilustração 46 – Chegada de Plínio Salgado ao Campo da Aviação do “Bacacheri”, Curitiba



Fonte: *Pront. 173*, top. 140, DOPS/PR, DEAP/PR.²¹⁰

Na parte da tarde, Salgado dirigiu uma sessão na Sede Provincial que já “regorgitava de camisas-verdes e curiosos” antes de sua chegada; o momento da sua fala, nas descrições do redator, era sempre precedido por um ‘clima’ de suspense: “ha um momento de atenção. Vae fallar Plinio Salgado” (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 3, grifo nosso). Da mesma forma, sobre o êxtase coletivo em um discurso proferido em Santa Catarina, o correspondente do *A Razão*, Oscar Witt, escreveu:

²¹⁰ As marcações numéricas nos indivíduos fotografados são de autoria da DOPS.

Finalmente, Plínio Salgado fazia-se ouvir. Depois dum silêncio, quando fora anunciado que ia falar, a assistência toda prorrompe em aplausos delirantes. Como sempre, após ter falado alguns momentos, dominava completamente a multidão, que se conservou estática, ouvindo-lhe o verbo fascinante e cheio de fé! (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 3).

Da entrevista com o próprio Salgado, Trindade concluiu que as reações estáticas à fala do Chefe eram também produto de uma ‘cerimonialização’, como vimos no excerto que se seguiu, da qual Plínio saiba se valer:

O carisma que ele possuía, vinculado a sua capacidade de retórica, necessitava, na sua concepção, de uma “liturgia” para exteriorizar-se e comunicar-se melhor com as massas. Mesmo que a *mise em scène* não substituísse eloquência, ela desenvolvia um ambiente propício à transmissão da mensagem fazendo brotar uma ligação simbólica e afetiva com o Chefe (1979, p. 168).

Como afirmaram os militantes de Ponta Grossa, a *mise em scène* promovia, nas “arrebadoras solenidades dos Camisas-verdes”, “sempre [a palpitação de] alguma coisa infinita e intraduzível” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 5).

Difícilmente saberemos se as cenas descritas por Jorge Lacerda e pelos redatores tiveram de fato esses caracteres estrondosos. Não temos a ousadia, no entanto, de duvidar prontamente. Sabemos que os integralistas ficaram furiosos quando se veiculou uma informação que punha em dúvida a veneração dos militantes locais ao Chefe Nacional: “O Chefe Nacional foi recebido em Curitiba [apenas] por 12 pessoas”. Em resposta, a Chefia Nacional veiculou uma circular aos Chefes Provinciais de todo o Brasil, em que esclarecia essa e outras “deturpações de fatos”, veiculadas por “organizações secretas que combatem o integralismo”:

Mentira deslavada, pois uma multidão de mais de 5.000 pessoas, apesar de ser dia de trabalho, e cerca de 1.000 ‘camisas-verdes’ receberam o Chefe. Damos como testemunhas as próprias autoridades militares do Exército, no campo de aviação, que até solicitaram do Chefe Provincial que não fizesse formatura militar, pedido que não poderia fazer si fossem apenas 12 pessoas (*A Razão*, n. 9, 26/06/1935, p. 4).

Se há dúvidas sobre a mobilização dos camisas-verdes para o campo da aviação, não podemos dizer o mesmo sobre a conferência que Plínio Salgado realizou no Teatro Guaíra, até porque a fotografia nos proíbe a desconfiança:

Ilustração 47 – Conferência de Plínio Salgado no Teatro Guaíra (julho de 1935)



Fonte: *Pront.* 173, top. 140, fl. 79, DOPS/PR, DEAP/PR.

Antes de abrir as portas deante do nosso Theatro Municipal, já havia uma grande multidão. Em poucos minutos, estando ainda longe a hora da conferencia, o Theatro estava completamente cheio. [...] Quem não estava no Guayra, repleto á cunha, com cerca de 4.000 pessoas, estava ali, em frente, em casa, nos cafés, para ouvir Plínio Salgado através de altos-fallantes e do radio. O Chefe Nacional deu entrada no Guayra debaixo de tonitroantes Anauês e de uma chuva de palmas. [...] Quando Vieira de Alencar disse: “Vae fallar o Chefe Nacional”, as palmas estremeceram o Theatro Guayra. Não se pode descrever esse espetáculo colossal. Deante daquela enorme multidão Plinio Salgado discorreu panoramicamente durante mais de três horas, sobre o movimento do Sigma (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 3).

Antes de Plínio falar, já haviam discursado três outros líderes. Portanto, é de se estimar que as pessoas já estivessem por duas horas ouvindo discursos até que o Chefe iniciou sua fala e permaneceu nela por três horas. É como se a afirmação hiperbólica de Roland Corbiser, intelectual do Integralismo, fizesse sentido: “Plínio dominava a massa e esta última teria feito não importa o quê sob suas ordens” (TRINDADE, 1979, p. 166).

Depois de atacar as doutrinas “unilaterais” do século XX e fazer a “topografia do Integralismo” (com falas tradicionalmente entrecortadas por aplausos), em sua “peroração”, Salgado “[apelou] para a Posteridade, para o *minuto eterno* da vida humana”; o redator

conclui: “esse momento foi profundamente comovedor, não ha brasileiro que o esquecerá” (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 8).

Esse tipo de adoração carismática tem o poder, com o tempo e em certos casos, de abismar e até mesmo amofinar o objeto da adoração. Lendo as entrelinhas de algumas falas de Salgado, vemos que o Chefe nem sempre tinha paciência com o nível elevado de bajulação que seus comandados praticavam em torno de sua figura. Por vezes, parecia surpreso com o poder do seu carisma. Em entrevista publicada no *A Razão*, num tópico que chamou de “A grande surpresa”, Salgado descreveu sua passagem pelo interior de Santa Catarina:

Segui, depois, para Jaraguá. Ahi foi a surpresa formidavel. Já no caminho, notei que o interior catharinense está tomado de febre integralista. Numa localidade pequenina, chamada Bananal, disseram-me que os “camisas-verdes” queriam festejar minha passagem. Julguei que encontraria ali uns 20 integralistas e qual não foi o meio [sic] espanto, quando vi formadas 850 “camisas-verdes”! Era gente da roça. Terminada a recepção, quando os nossos automoveis continuavam a viagem, vi um espectáculo empolgante. Aquella gente regressava, tambem, para a gleba, pois tinha interrompido o trabalho: eram carroças, carros, homens a cavallo, de bycicleta, todos voltando para suas fainas (*A Razão*, n. 7, 15/06/1935, p. 5).

Em outra passagem da mesma entrevista, Plínio relatou o entusiasmo que as pessoas das menores localidades de Santa Catarina vivenciavam quando seu trem passava: “em cada estaçõzinha, havia ‘camisas-verdes’ formados. Pelos campos, muitas vezes, as populações rurais obrigavam-nos a parar. Vinham então as crianças das escolas ruraes trazendo-me flores” (*A Razão*, n. 7, 15/06/1935, p. 5). Nessas cenas, que o jornal chamou de “acclamações delirantes á Idéa Nova”, em Santa Catariana, Salgado percebeu que “quase levava o braço constantemente erguido, porque de todas as casas de colonos braços se erguiam e gritos ecoavam: anauê!” (*A Razão*, n. 7, 15/06/1935, p. 5).

Outras vezes, o Chefe tentou acalmar a miríade de pedidos de visita, na qual se achava afogado e, por ser um líder carismático, sentia-se na obrigação de atender.²¹¹ Nesse aspecto, o núcleo de Ponta Grossa parece ter ganhado o prêmio local de apoquentação. O próprio *A Razão* veiculou notícias sobre os “insistentes pedidos de Ponta Grossa”, cujo resultado foi uma promessa de visita, feita pelo Chefe. Depois de decepcionar os pontagrossenses em certa ocasião, Salgado enviou uma mensagem ao Núcleo Municipal explicando que, depois

²¹¹ Na matéria editorial do *A Offensiva* de 24 de maio de 1936, Plínio elencou uma série de localidades que “reclamavam” da sua ausência. Logo de início, desabafou: “Como poderei attendel-os, se eu sou um homem apenas para tantas cidades? E esses apelos, que me chegam em clamôr aos ouvidos acaso não são os mesmos que me enviam todos os reductos dos camisas-verdes do Brasil?”. Sobre o Paraná, o Chefe afirmou: “Visitei Curityba, Ponta Grossa, Antonina, Paranaguá e passei ligeiramente em Rio Negro. Reclamam as cidades da Lapa, Morretes, Jacarezinho, Guarapuava, Teixeira Soares (que elegeu o primeiro prefeito do Sigma no Brasil), Castro, remotas cidades do sertão. Como acudir a todos? Como deferir tantos pedidos?” (*A Offensiva*, n. 186, 20/05/1936, p. 2).

do atraso em virtude do mau tempo, um “assunto urgente e compromisso anterior” exigiram sua presença no Rio de Janeiro: “É forçoso deixar de ir ver-vos. Até a ultima hora, tentei, telegrafando para o Rio, remover o compromisso, mas não pude. Nestas condições, assentei o seguinte: Virei, especialmente, visitar-vos no dia 21 de Julho” (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 3). Foi acordado que Plínio passaria por Ponta Grossa antes de participar das comemorações de 1 ano da Província do Paraná, mas o evento novamente não aconteceu. Para desgosto dos pontagrossenses, dois universitários de pouca expressão foram enviados como seus representantes. A visita só ocorreria em outubro, logo após o Congresso Meridional de Blumenau. Infelizmente, as descrições das visitas de Plínio no *A Razão* pararam naquele mesmo mês, provavelmente em virtude da censura.

Por fim, é importante assinalar que mesmo nunca tendo visto o Chefe, alguns homens estavam dispostos a matar e morrer por ele. Em Rio Negro, em junho de 1935, isso se materializou em um processo criminal, impetrado contra o Chefe Municipal Eugenio La Maison e outros dois militantes extremamente apaixonados: João Alfredo Hening e Raul Thomaz Steige (este último, o mesmo que será chicoteado pelo delegado de Polícia local após as eleições). A acusação: tentativa de homicídio, segundo reportagem do *A Razão*, contra “um indivíduo de péssimos hábitos [que] explorava infâmias, calumnias e ultrajes ao Integralismo, aos integralistas e ao Chefe Nacional” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1); no ato, alguns parentes do “indivíduo” apareceram em seu socorro e também apanharam dos integralistas.

O prestígio de La Maison, como chefe do 2º maior núcleo da Província, pesou nesse momento. Não poderia ter disposto de melhor causídico que seu próprio Chefe, Manoel Vieira Barreto de Alencar²¹², que se deslocou de Curitiba “com o fim especial de fazer á defesa daquelles bravos camisas-verdes, que defenderam com honra o nome do Chefe Nacional e do Integralismo” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1).

O julgamento, como se poderia esperar, tomou contornos circenses. Centenas de camisas-verdes tomaram as cadeiras do tribunal usando a camisa verde, assim como os réus: “a saudação integralista enchia a sala...” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1). Brillhante advogado e também um apaixonado pelo sigma, Vieira de Alencar seguiu uma linha de argumentação em que defendeu as razões subjetivas e afetivas do militante integralista para a adoração ao Chefe (!). Em outras palavras, usou a própria lógica da veneração carismática para a

²¹² O prestígio da carreira de advogado de Alencar pode ser medido pelas empresas que representou: Banco Alemão Transatlântico, Banco Francês, Banco Italiano, Banco do Brasil e Standart Oil (CROCETTI, 2011, p. 195).

justificação dos atos dos réus. Discorreu ainda longamente sobre a luta de Plínio Salgado a favor da união dos “irmãos que mataram irmãos” na trincheira da Revolução Constitucionalista, de forma a evitar ‘incidentes’ como esse que motivou o julgamento. Alencar comoveu o júri que, por unanimidade, absolveu o Coronel e os dois militantes (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 1).

5.1.6 AS MISSIVAS COMOVENTES

[...] Os integralistas trabalharam de outra maneira. Incentivaram o sentimento de patriotismo, que na época, após a Revolução, andava por baixo. Enaltecem o pavilhão nacional. Festejaram os feriados. Glorificaram os heróis do passado [...]. Os comunistas não aprenderam a lição. Nas cidades clamavam contra o latifúndio perante um povo que não sabia o que era latifúndio.

Luiz Carlos Pereira Tourinho

Transformemos a ideia Integralista em sentimento Integralista. Façamos a fusão do Pensamento Novo e da Ação Heroica, pela Revolução do Sigma [...].

Manifesto integralista aos estudantes do Paraná

O movimento integralista é prova mais evidente de que a consciência nacional está evoluindo a passos de gigante: emergindo de profundezas mythológicas, em que jazia a alma de nosso povo, vai se levantando um gênio lucido e guerreiro, robustecido por um somno de quatrocentos anos, no seio das mattas virgens do nosso sertão.

Emílio Willems

Segundo Marilena Chauí (1978), a Ação Integralista, em inúmeros de seus discursos, utilizou-se amplamente de imagens, em detrimento de conceitos. Acrescentemos a isso, que a AIB se valeu amplamente de imagens comoventes, cujo objetivo se centrava em mobilizar os sentimentos em intensidade, em detrimento de reflexões conceituais. Não que tais reflexões estivessem ausentes; contudo, somente elas não explicam a capacidade do tipo particular de adesão passional que o Integralismo suscitou.²¹³

Primeiramente, entendemos a missiva comovente como a ‘teatralização’ ou a ‘emotivação’ do conceito (nesse campo é impossível escapar do neologismo). No *A Razão*, o

²¹³ É fato que muitos adentravam à AIB, sem mesmo conhecer aspectos cruciais da doutrina. Os próprios líderes sabiam disso e tentavam explicar o fato ‘naturalizando’ a adesão: “Ha muita gente que diz, que inumeros integralistas entram para as fileiras do Sigma, sem saber o que é o Integralismo... É muito natural... Todo o mundo sabe tambem, que quando um individuo entra para um collegio, alli ele aprende, que é mamífero e vertebrado. Mas, vertebrado e mamífero, ele já era desde que nasceu...” (*A Razão*, n. 3, 17/05/1935, p. 4).

primeiro exemplo desse tipo de mensagem que encontramos aborda um ponto fundamental do programa integralista/fascista: a unidade nacional (ou o antifederalismo).

Um discurso qualquer, visando o convencimento, poderia elaborar uma assertiva do tipo: ‘as barreiras alfandegárias estaduais são um entrave para o crescimento econômico nacional’ e, a partir disso, discorrer densamente sobre o tema, levantando reflexões sobre os problemas de uma política fiscal interestadual em um bloco geográfico coerente. Não obstante, o jornal integralista preferiu apresentar a questão em forma de conto, publicado em 4 longos capítulos, em edições diferentes (como uma novela) e recheado de imagens telúrico-emotivas. Os textos foram expostos respectivamente no nº 8 (“Enquanto o chimarrão corre...”), no nº 11 (“Filhos da Campanha”), no nº 13 (“Está resolvido!”) e no nº 17 (“Desabafando...”) e contém altas doses do típico nacionalismo telúrico e econômico plinianos, além do anticomunismo primário.

A ‘novela’ foi escrita pelo Chefe Municipal de Palmas, Antonio Alceu Araújo, e só se torna inteligível em seus efeitos comoventes, se os capítulos forem lidos em sequência e sem prévia informação sobre seus personagens, ou seja, da maneira com que a maioria dos leitores teve contato com ela. Em síntese, o conto apresenta a história (fictícia para quem lê pela primeira vez) da conversão à AIB de um sertanejo de nome Xanduca, um matuto dos campos de Palmas. Ele recebera a visita de seu primo Venâncio (outro matuto recém converso), filiado ao Integralismo no núcleo da cidade mais próxima e, depois de longa prosa, decidiu encilhar o cavalo e ir à cidade com o parceiro jurar fidelidade à AIB. Depois de assustar o primo com a atitude repentina, Xanduca apresentou uma longa explicação para sua decisão: tentara vender gado para um paulista, que desistiu da compra no último momento, quando soube que o vendedor não poderia arcar com as despesas alfandegárias.

Em “Enquanto o Chimarrão corre...”, de 22 de junho de 1935, Alceu descreve uma roda de chimarrão de “fazendeiros” de Cruzeiro do Sul (hoje Joaçaba), região contestada por Paraná e Santa Catarina, que “proseavam” sobre os “absurdos” do imposto sobre a cabeça de gado. Em certo momento “a prósa, que começara tão amena e cordial, se azedára [...] surgindo um natural sentimento de revolta, de aversão ao regime vigente” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5). Um “amuado” integrante da roda se manifesta contra a falta de assistência do governo, que se lembra dos sertanejos apenas em época de eleição: “e aquelle matte, que principiára tão bom, tão gostoso, já amargava no correr desta conversa desoladora e dolorosa, mais real, mas tyrannicamente real” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5).

A roda é interrompida, no fim da tarde, pela presença de um cavaleiro, vindo da “coxilha fronteiraça”: “É o Venancio. Vem da cidade”. Venâncio, personagem-chave da trama

de Alceu, e aqui ainda um simpatizante, é prontamente inquirido pelos homens da roda sobre “esse partido novo” que surgiu na cidade, pelo que responde:

- Ah, o Integralismo?! Pois para lhes dizer a verdade, o que eu sei é que elle é a fala lá na cidade. E está forte. Conta com gente bôa. Tem séde e está trabalhando com fé. – Pois olhe, diz outro, eu li um manifesto do Chefe, e gostei do seu conteúdo. – Mas será que é assim mesmo? – É sim, retorquiu, positivo, o recémchegado; tive oportunidade de falar com o Chefe e outros camisas-verdes e fiquei convencido da sinceridade da sua pregação. – Tomára que sim! Só assim a nossa vida ha de melhorar. – Melhora, lhes garanto! Exclamou o disposto sympathisante. O Integralismo é a salvação do Brasil. Ai de nós se elle não vencer! Virá o communismo. – O communismo? Nem diga! – Sim, o communismo, pois a tal de Aliança Nacional Libertadora nada mais é que o communismo disfarçado. Descaradamente mascarado. Podem crer! Assisti a uma sessão e fiquei sabendo cada coisa (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5).

A partir de então, Venâncio entra no assunto que circulava na roda de chimarrão antes da sua chegada, trazendo a panacea do Integralismo:

E Saibam mais: o Integralismo combate as barreiras entres os Estados, acabará com esse absurdo imposto de Estado para Estado, como si a gente passasse de um paiz para o outro, como si não estivéssemos sempre dentro da nossa querida Patria. Então, poderemos vender livremente os nossos gados, os nossos productos. A nossa situação melhorará. Seremos amparados pelo Governo. Teremos representação. Teremos força. Teremos, em summa, uma realidade, um valor dentro da Patria. Os outros ouviam-no em silencio, bem impressionados, dominados pela fala convincente do ardoroso catechumeno. E uma suavidade bonacheirona pousou sobre aquelles corações judiados, dando lugar a que um comentasse com acerto: - Arre! Que esse tua nova nos consola de muita contrariedade, de muita descrença; nos enche de coragem (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5).

Em “Filhos da Campanha”, Venancio, já converso ao Integralismo, realiza uma visita ao primo Xanduca na fazenda e, entre abraços e prosas, percebe o matuto acabrunhado como não lhe era de costume: “Mas aquelle dia a fronte sympathica do Xanduca se anuviou um instante [...]. Aquilo foi rápido; mas deu para o Venancio notar que alguma coisa se passava no intimo daquella alma bôa e simples dos campos” (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 2). Xanduca insiste para que Venancio fique na fazenda por algumas horas para “desabafar”, mas o jovem alegava ter um compromisso inadiável na cidade:

Vou jurar!
– Jurar?!
– Ué, mas que admiração é essa!
– Então você não sabe? Não ouviu dizer que ando por toda campanha, já há tempo, a fazer como um apostolo, a pregação do Integralismo? Já falamos mesmo a respeito dele.
– Sim, Venancio, eu sei de tudo isso, mas você vae jurar de verdade?
– Ora dá-se home! Que duvida! Não vou, já estou indo! É hoje de noite, si Deus não mandar o contrario.

– Bom, agora eu é que faço empenho de não lhe preterir (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 2).

Num súbito de entusiasmo, Xanduca decide fazer o mesmo, mas oculta o fato de seu primo, que dormia na relva, enquanto o matuto preparava o cavalo:

– Pois é, monologava o Xanduca, enquanto olhava, enternecido, para o amigo que cochilava – eu também vou, que diabo! A gente precisa ser homem! E depois si o Integralismo é mesmo como diz Venancio, a gente tem até obrigação. É um dever dos brasileiros. Dos caboclos de brio! Então isto póde continuar assim? É só imposto e mais imposto. E nada! O que o governo nos dá? Não nos protege, não nos ajuda em nada. E o comunismo, ainda, a querer nos tomar o que é nosso. O que ganhamos dos nossos antepassados – o Brasil! Esse Brasil suado das Bandeiras. Esse Brasil marcado de cicatrizes das lutas da Conquista. Não. Qu’esperança! Esses patifes errarão o váo. Mostraremos com quantos páos se faz uma cangalha. Havemos de ver!... Está decidido, vou jurar também! (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 2)

O penúltimo capítulo intitula-se “Está resolvido!” e trata dos momentos anteriores à viagem para “a cidade” e o juramento de Xanduca ao Integralismo. Aqui o texto ganha contornos telúricos e novelescos, característica dos escritos de Alceu, com a descrição das atividades cotidianas da fazenda (como o tradicional “café com mistura” da tarde) e de uma paisagem quase viva:

Depois, olhou a vastidão ampla e sossegada da campanha larga que, desacorçoada, dormitava debruçada no alto das coxilhas altaneiras. Estas, activas, aprumadas, continuavam a balisar as distancias perdidas na lonjura, por sua vez afogada nas brumas longinhas do sertão zul-negrejando lá longe, práns bandas do sul... [...] (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 4).

Xanduca se preparara, acordara seu primo, mas de pronto não lhe contou que iria “jurar”; inventara uma desculpa para ir à cidade junto com Venâncio. O início da viagem se deu no fim da tarde:

Havia de ser quatro e tanto quando montaram a cavalo. Aquellas quatro léguas, naquelles cavallos garantidos, elles fariam num pulinho. Cortavam chão aquelles animaes! E aquella noite, si Deus permitisse, jurariam! Pois Xanduca, embora o outro ignorasse, tambem ia com esse firme proposito. Seria, como o outro, tambem Integralista. Nada o demoveria dessa “tenção” (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 4).

Finalmente, no capítulo 4 (intitulado “Desabafando...”), Xanduca revela a seu primo, em meio ao caminho, que também vai à cidade “jurar” e os motivos da decisão:

Prósa vae, prósa vem, ás tantas, quando venciam um repecho forte do caminho, elle, animando-se, desembuchou serio, com a língua um tanto travada e a vóz tremida:

Você nem calcula o que vou fazer na cidade. E o outro, naturalmente: – Não mesmo [...].
– [...] Vou pelo mesmo motivo que você vae.
– Como!
– Pois é o que lhe estou dizendo: também vou jurar [...] (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2).

Agraciado com a notícia, Venancio se sente recompensando e surpreso, mas sem coragem de inquirir o matuto sobre os motivos da decisão. A explicação veio por iniciativa própria de Xanduca:

– Você sabe bem que eu tinha uma ponta de vaccas gordas pra vender. Não vendi antes porque as ofertas foram baixas. Pois bem, vá escutando: há de fazer duas semanas, me apareceu lá em casa o Tancredo Sizudo, que você conhece, e me fez um bôa proposta: dava 150\$000 pela vaccaria. Quanto ao preço, ficamos certos. Só dependia da vista do gado. Si agradasse, estava feito o negócio. Mostrei-lhe a vaccaria, que estava na invernada “Pinheiro Sózinho”, e elle se agradou muito, Pediu-me um pequeno refugio, no que não puz duvida, e lá mesmo, no rodeio, fechamos o negocio [...] (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2).

O ponto de inflexão na negociação se deu quando o comprador perguntou se receberia o “gado guiado”, por aquele preço. “Guiado”, significava descontado de impostos, em virtude da guia de recolhimento interestadual. Para Xanduca, a partir de então, o negócio se tornou desfavorável, pois teria que pagar 24\$000 por cabeça, o que reduziria drasticamente o lucro.

Prefiro, a fazer maú negócio, perder o engorde do gado. Então eu hei de me sujeitar a esse abuso? Era só o que faltava! Não darei esse gosto... Vendo o gado na minha casa, nada tendo que ver com as complicações dessa divisa, que só serve pra dar dôr de cabeça na gente [...] (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2).

Em seguida, Xanduca subtrai a culpa ao comprador e explica: “Ora seu Tancredo [...] Nós somo é as victimas! O culpado, o único culpado é o Governo, que criou, só pra nos sacrificar, essas barreiras absurdas” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2). Voltando ao tempo narrativo da caminhada e da prosa, o contrariado homem da campanha vai direto ao ponto: “tenho ou não razão de querer jurar? Pois o Integralismo não promete acabar com essas barreiras idiotas?” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2).

Depois de muito lamento e de exclamações de “barbaridade!”, Xanduca foi “serenando”, confortado pelas verdades e esperanças de mudança do Integralismo:

Não ha de ser nada! Pra que é que veiu o Integralismo? Não foi pra acabar com tudo isso? Com essa inconsciencia do regime actual? Com essas barreiras contra-mão? Que só têm uma serventia: agravar ainda mais a animosidade existente entre Estados irmãs, que vivem em rixas constantes, um querendo ser mais que o outro,

cada qual procurando lograr, prejudicar o visinho. E nós venceremos! Somo a rebeldia massacrada de uma Nação mal servida e descontente, Agora já somo invencíveis. Porque o nosso guia supremo é Deus! [...] (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2).

Para concluir a história, Alceu lançou mais alguns parágrafos de descrição minuciosa de uma ‘campanha viva’ e finalizou associando “aquella viagem [à] caminhada gloriosa do Integralismo!”:

Os dois vultos, sumindo-se ao longe, depois de terem vencido todos os contra-fortes da jornada, personificavam o proprio Integralismo!... o Integralismo, transpondo todas as dificuldades e chegando afinal ao seu Destino!...” (*A Razão*, n. 17, 23/08/1935, p. 2).

Num dos últimos números do *A Razão*, Araújo apresentou o personagem Venâncio como um militante real, de nome Venâncio Milhomens, uma espécie de “pregador dos campos”, que atravessou a campanha divulgando o Integralismo por regiões ermas (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 5). Nesse ponto as trajetórias de Venâncio e do militante palmeano Juvenal parecem ser a mesma (ver Capítulo III). Se Venâncio Milhomens nunca existiu, certamente Juvenal serviu de inspiração para o matuto de mesma fé. Qual não foi a reação dos leitores ao saberem que um homem com tal desprendimento existia? Esse é o efeito do conto e, mais ainda, da revelação da sua ligação com a vida real.

Por fim, Alceu substantivou o nome do pregador, cunhando o termo Venancismo e, mais uma vez, utilizou e estranha e constante associação, presente em meia dúzia de seus textos, entre paixão militante e virilidade:

que quer dizer Vida nova, Energia criadora, Lampejo coruscante de fé, Fé no que é nosso. Fé nos brasileiros, Fé no Brasil! Venancismo é ter a coragem de crêr! È ter a volupia do sacrificio. È uma ascética, é uma granítica, uma pertinaz vontade de ser homem (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 5).

Do ponto de vista dos discursos mais expressivos da militância passional e da elaboração de missivas comoventes, o autor desse conto, o Chefe Municipal de Palmas, é um caso excepcional. Talvez nenhum outro colaborador do *A Razão* tenha elaborado textos emotivos, cujos caracteres apelativos sejam tão explícitos e intrigantes – o que fez Alceu sair da última, para as primeiras páginas em pouco tempo e, mais tarde, ganhar espaço até no *A Offensiva*.

O que seria o Integralismo para Alceu? Para muito além de uma doutrina política (um conceito) com termos inscritos em uma ideologia, o movimento integralista se definia como

[...] o Brasil numa vibração impericível, criadora, infinita!... É a força ancestral da Raça! É o fatalismo da Nação! É a partida da “monção” da mocidade viril, rumo ao seu Destino. É o milagre da Geração nova. É a Grande Marcha! É o solar Roteiro do nosso Futuro. É o Atavismo Tupy referendo, pororocando na geração de 20 annos. Estuando com fragor no seu sangue rebelde. É uma saudade do que já fomos. É uma vontade doída, divina, desvairada de abrazeirar o Brasil. De caminhar ao encontro do nosso Passado. É a doída, é a maguada nostalgia da Taba! (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 6).

Nesse texto, intitulado “Os Donos do Brasil”, que muito se parece em estilo com o verdeamarelismo dos anos 1920, a temática da exploração nacional foi esboçada nos seguintes termos:

Mercenarios da Patria, não nos intimidam as vossas fanfarronadas ameaçadoras! Rachíticos Moraes, não tendes direito á graça de governal-a. Nunca! O Brasil há de mostrar que dos seus filhos, só os d’alma, só os de coração, é que hão de vencer! Só a estes – aos verdadeiramente brasílicos – é que ele pertencerá! Elle bem sabe que, entre os productos, de sua vida, da sua seiva robusta, ha muitos judas. Bem sabe! (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 6).

Em Alceu Araújo, a pátria ganhou consciência, a ponto de fazer escolhas e de ter sensibilidades parelhas às de seus “filhos”:

Mas, o instinto profundo do seu sêr [do Brasil] distinguirá, entre os bastardos, os filhos queridos. Os que não renegam o seu sangue. Os que não vendem a consciencia. Os que se batem sempre até a morte, pelo Brasil. Os que dão a vida pela Vida do Brasil. Os que morrem para que ele não morra. Os que o querem mais que a tudo. Os que soffrem porque ele soffre. Os que choram com a dôr dele (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 6).

Essa ‘biomorfização da nação’ se inscreve não apenas nas estratégias de impacto discursivo da AIB, mas na crença última de que a nação é um ente superior metafísico, dotado de existência real e que padece dos mesmos males que os homens: sofre, chora, sangra, sente dores, ou seja, é afetada, sobretudo emocionalmente.²¹⁴ Semelhante tratamento davam à pátria os intelectuais do verdeamarelismo, como mostrou Vasconcellos; Menotti del Picchia (que inclusive publicou um texto no *A Razão*), tratava-a como uma “fêmea ardente e exuberantes; mas às vezes frívola e arisca” (TRINDADE, 1979, p. 132). O europeu, no caso de Picchia,

²¹⁴ Isso é importante para compreendermos mais adiante a ideia da *humilhação nacional*: uma coletividade que sente as dores da nação e se porta como vítima de determinados “ultrajes históricos” por ela sofridos.

seria o violador dessa “fêmea”, que se vingaria de seu “desvirginador”, enxotando os elementos estrangeiros da sua presença (TRINDADE, 1979, p. 133).

Alceu também deu o poder da fala a esse ente supremo, a nação, que no

[...] supremo dia [...] por si mesmo, lavrará a sua carta de alforria mundial. [...] batendo no largo peito, dirá, num soliloquio luminoso: – Ergue-te do teu abominável leito de Procusto e contempla, sobranceiro, os teus vastos domínios. Toma conta delles, que elles já agora te pertencem, e edifica no seu solo fecundo a “Grande Nação Brasileira”. Realiza o teu Destino. É a vóz da Terra Querida! (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 5).

Ao contrário das características dos textos de Alceu, às vezes as missivas comoventes se valiam mais da linguagem do que do conteúdo. Um militante de Teixeira Soares abusou do ‘tempo verbal bíblico’ em um texto ‘profético’, intitulado “São chegados os tempos”: “Brasileiros! Que ainda não comprehendestes o que é o Integralismo, não vos mostreis indiferentes a Elle, não vos junteis ás fileiras dos chamados comodistas, porque se assim fizerdes deixai de ser Brasileiros!!!” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 7). Jargões atribuídos a Cristo nos evangelhos também figuram: “Em verdade vos digo, que as vozes dos verdadeiros Brasileiros, retumbam do Amazonas ao Prata [...]”. Na metade do texto, surge a profecia: “Ainda vos digo, a vós todos que não conheceis a doutrina de Plínio Salgado, que não passará este anno, sem que Ella, resplandeça com todo o brilho, de módo a acabar com todas ás incertezas” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 7).

O uso de exemplos bíblicos e o uso da linguagem profética são uma constante nas mensagens comoventes do periódico; em alguns deles a sensação é a mesma que ler um livro bíblico como os de Daniel e Jeremias. Tal prática reforçava o lado místico-religioso do Movimento e sua relação com o catolicismo, ao mesmo tempo em que dava ao militante comum a sensação de ‘santidade’, mesmo em meio às mais horrendas posturas. Nesse sentido, os perseguidores da AIB em Santa Catarina foram comparados a Judas, “o traidor” e numa carta de linguagem mórbida, mas endereçada para levar esperança (!) aos catarinenses, o militante curitibano João Roberto Moreira escreveu:

Deixai que um cacique mestre os apoie nessa mesquinha; tão certo como a existência de um Deus, a justiça se fará sentir em breve, não só na voz da História, como na realidade arrepiadora de corpos apodrecidos a bailarem lubricamente, quais fantoches dependurados em arvores... Muitos “judas” existem e muitos “judas” alimentarão também a ganancia carniceira dos abutres!... Não vedes ao longe, os urubús a espreitarem? Elles já sentem o cheiro de Scariotes... (*A Razão*, n. 16, 05/08/1935, p. 1).

Depois de destilar ódio, na frase seguinte, um surto de cristandade fez o militante pedir serenamente: “Não alimenteis desejos de vingança; os maus, como o célebre traidor de Christo, fazem justiça a si próprios”; a carta conclui: “Não desanimeis companheiros meus; a nossa hora soará... E então, muito chôro e ranger de dentes se ouvirá dos que estertoram na agonia lenta de uma vida enlameada...” (*A Razão*, n. 16, 05/08/1935, p. 1).

Quando os 3 militantes de Teixeira Soares foram demitidos pela Prefeitura, em agosto de 1935, o *A Razão* lhes enviou mensagem de ânimo, cuja conclusão em forma de oração, remete à cena bíblica de Jesus Cristo expulsando raivosamente os comerciantes do templo: “Oh Deus, tu que reges os destinos eternos do Universo, dá-nos sempre a mesma coragem e o mesmo ardor nesta campanha e dá-nos força, para que cheguemos no término da cruzada, afim de enxotarmos a chicote os miseráveis vendilhões do templo da Patria” (*A Razão*, n. 16, 15/08/1935, p. 1).

As semelhanças com o universo religioso nos fazem concordar, em certa medida, com Griffin (2008) sobre as afinidades entre os símbolos e ritos cívicos fascistas e seus predecessores durante a Revolução Francesa, cujo Festival da Razão de Robespierre pode ser citado como exemplo máximo. Os *Festivais da Federação e da Razão, os Altares Patrióticos, as Cocardas tricolores, as Árvores da Liberdade*, ícones amplamente utilizados após 1790, compunham um complexo simbólico da prática política criado com a Revolução, que visava manter o caráter numinoso do símbolo e do rito na esfera do político – com a característica peculiar de prescindir da divindade concreta, em favor da Razão (HUNT, 2007). Os fascistas prescindiram das divindades concretas, mas, ao invés da razão, lhes suprepuseram cultos cívicos fundamentados nos mitos telúricos e nos heróis passados. Os integralistas acrescentaram a isso, contraditoriamente, o catolicismo.²¹⁵

A “sacralização da política” (LENHARO, 1986), no Integralismo, por sua vez, se processou complexamente e é muito provável que se tornasse mais abundante em metáforas sacras se tivesse se apossado do poder. As tradicionais festas cívicas nacionais, como o 7 de setembro, eram amplamente ritualizadas, ganhando um sentido mais profundo de culto sacro.

²¹⁵ Ainda não foram estudadas a fundo as relações entre a origem da doutrina pliniana e o Integrismo Católico, surgido em finais do século XIX na Europa e que teve considerável influência no Brasil. Embora não haja qualquer prova de que Plínio tenha se aproveitado do conceito para dar nome à sua Doutrina, algumas semelhanças são evidentes. Primeiramente, os inimigos materialistas da AIB e do Integrismo são praticamente os mesmos; ao mesmo tempo, a proposta pliniana integradora e avessa a certos aspectos da modernidade se coaduna com a definição do Integrismo (ainda que careça de adaptações para o campo político). Segundo Marcos Gonçalves: “o integrismo representa uma atitude no sentido de impregnar de catolicismo todas as esferas da vida social, converter o Estado à égide de um fundamento católico, preocupando-se em atacar e coibir os impulsos verificados nos fenômenos plurais da Modernidade” (2009, p. 35).

Isso se dava por meio da combinação dos tradicionais signos pátrios (com certas adaptações, como no Hino Nacional) com os novos signos criados pelo Movimento e combinados com formas litúrgicas e signos católicos.

A título de exemplo, Jorge Lacerda descreveu um verdadeiro ‘ato de contrição’ pessoal para o 7 de setembro de 1935: “Dentro de cada coração ergue-se um altar onde recolhidamente, o brasileiro se ajoelha, para rezar as suas preces mysticas, para cantar os hymnos sagrados das grandes lithurgias cívicas!” (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 1).

É interessante perceber como Lacerda, na continuação do texto acima citado, passou de uma dissertação para uma oração, no sentido religioso do termo, porém, direcionada à divindade secular/telúrica. Ao se reportar aos que renegaram a pátria (tanto os que o fizeram pela condição de “miseria”, ou “alma” dilacerada, quanto os que abraçaram o “ouro de Moscow ou de Rotschild”), Lacerda literalmente rezou:

Oh meu Brasil! Elles não têm culpa. Forças ocultas interesseiras agitaram-nos, fazendo-os descrentes das nacionalidades e das Patrias. Elles que necessitam de ti, oh Brasil, porque necessitam de uma Patria, seguem os falsos messias de doutrinas falsas, indivíduos muitas vezes ricos, que não precisam das Patrias, porque podem viver burguesamente em qualquer dellas! (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 1).

O universitário prosseguiu aprofundando a comparação na continuidade da sua prece:

O “Dia da Patria” para a Nação, é como o Dia do Natal para a Familia Christã. E tú, oh Brasil, celebrarás o “Dia da Patria”, como celebram os lares pobres e as choupanas tristes o seu Natal modesto. Tu és pobre, não tens dinheiro, não tens crédito, não tens a força das grandes potencias, és tão ridicularizado. 7 de setembro é teu Natal! E o teu Natal é igual ao Natal dos lares humildes. Tu bem sabes por que... [...] (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 1).

Essas formas simbólicas, com requintes do catolicismo, apareceram também no discurso ao Reitor da Universidade do Paraná, em 7 de setembro – a famigerada ocasião da “entrega do pavilhão”, descrita no Capítulo III:

Dr. Victor do Amaral, vimos deante de vossa veneranda ancianidade [sic], offerecer a Bandeira do Brasil, neste dia, em que os brasileiros entoam as grandes lithurgias cívicas, deante do altar magnifico da Patria, erguendo a hóstia sacrosanta desta Bandeira (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 6, grifo nosso).

Nesse discurso polêmico, Lacerda falou como se recebesse a própria pátria em espírito (!), para que ela pudesse entregar aos “filhos” uma espécie de revelação, ou profecia:

[Ouço nesta solenidade] uma voz misteriosa e triste, que não [sei], si se [levanta] da terra ou si [desce] dos céus. E ella [diz]: “Meus filhos, eu sou a Patria que há 400 annos dorme embalada pelo calor do trópicos! Hoje, que comemoro o anniversario da minha Independencia, devo dizer-vos, que ainda não sou completamente livre e independente! Sou preso a ignorância de 300.000.000 [sic] de meus filhos e ao depauperamento de 20.000.000 [sic] de brasileiros doentes, esquecidos na larga extenção verde de meus sertões abandonados! Sou preso á incultura geral que me mata e á falta de ideal que me aniquilla! Sou preso ás dividas dos gananciosos argentarios intenacionaes! Um dia [...] um jovem, meu filho, o genial Castro Alves, de quem disse, um meu pensador, que si o Amazonas cantasse deveria chamar-se Castro Alves, dirigiu ás dobras de minha Bandeira, essas estrofes de fogo, verberando a escravidão negra! [versos de Castro Alves foram recitados]. Hoje, que sou considerado colônia, povoada de escravos brancos, ainda ouço a rebeldia daquelles versos! Mas eu confio em vós, meus filhos, na grandeza da vossa bravura e na intelligencia dos vosso cerebros! E a vós misteriosa se cala! (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 6).

Entre os mitos telúricos e o catolicismo, o enunciador preferiu se referir aos dois para explicitar a origem da “voz misteriosa”: “não sei, se se levanta da terra ou sei desce dos céus”.

Jorge Lacerda era, de fato, primoroso na sacralização dos signos políticos. Depois das vitórias eleitorais de setembro de 1935, ele encorajou os militantes a continuarem a luta nos seguintes termos: “Lêde sempre, aos sertanejos, aos lavradores, os evangelhos da bravura, escriptos com o sangue dos nossos antepassados heroicos” (*A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 1). A passagem remete aos ancestrais, aos mortos cultuados pela pátria. A relação entre vivos e mortos era outra faceta simbólico-emotiva presente no Movimento, corriqueiramente explorada pela imprensa integralista. Ateremos-nos mais especificamente a tais mensagens a partir de agora.

5.1.6.1 AS MISSIVAS DO ALÉM

Não é nenhuma novidade a potencialidade afetiva dos eventos que circundam o fim da vida humana, ou da vida de entes imaginários (como a nação). Segundo José Gil, é característica do próprio discurso nacionalista, em geral, uma relação com a morte que engendra a ideia de perenidade da nação no tempo: “de facto se a nação nunca morre, é porque há sempre vivos que morrem por ela” (1989, p. 299).

Para além dessa ‘comum’ relação de todo nacionalismo com a morte, no Integralismo, os mortos e moribundos tiveram um papel fundamental nos discursos e nas práticas. Os falecidos, por assim dizer, estavam muito mais ‘próximos’: ‘enviavam’ mensagens de admoestação do além e ‘ressuscitavam’ entre os camisas-verdes. Ao mesmo tempo, os

militantes moribundos se manifestavam passionalmente no instante do sopro final, para que as emoções daquele minuto mobilizassem outros em vida.

A despeito de todo o catolicismo do Movimento, Antonio Alceu discursava abertamente sobre a nova geração integralista, não como descendente dos antigos bandeirantes, mas como “eles próprios, os antigos Bandeirantes ressurrectos de seus tumulos veneráveis”, que se colocaram “a trabalhar de novo um Novo Brasil!” (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 6).²¹⁶

Jorge Lacerda, por sua vez, ao admoestar a inercia popular frente à “hora tragica” em que o país vivia, abriu os jazigos militares:

E nesta hora, em que 400.000 patricios já estão de pé, tenhamos a certeza de que, si nesta hora tragica na Nacionalidade, os brasileiros não se levantassem, continuando ‘deitados eternamente em berço esplendido’, da lousa fria dos túmulos, se ergueriam revoltados, os fantasmas dos heróis das nossas batalhas que morreram sonhando com uma Patria maior. E eles, empunhariam o chicote das iras patrióticas, e ensinariam ao povo brasileiro a ter honra e a ter dignidade! (*A Razão*, 24/05/1935, p. 1).

Em outro excerto, a mística indigenista foi explorada pelo mesmo autor, resgatando ensinamentos históricos tupis e trazendo de volta o espírito de um chefe indígena para falar com os integralistas. O cacique “Cobra Feroz”, ou Ararigboia em tupi, indígena que participou da expulsão dos franceses do litoral carioca em meados do século XVI, voltou do além para conclamar:

“Oh brasileiros, ouvi a palavra selvagem de um antepassado vosso, que se levanta neste instante, para um appelo á honra e á dignidade de um povo! Eu vos conclamo patrícios, contra as hordas vermelhas que pretendem atravessar o Atlantico, para macular o solo virgem da nossa Patria! Eu vos lembro, como incitamento, o heroismo dos meus legendarios índios, quando marchamos com estrondo sobre os invasores estrangeiros, provocando na natureza brasileira, uma trepidação verde de orgulho e de entusiasmo! Brasileiros, escutai-me. Arrancai da propria terra, o Symbolo e o estandarte para a lucta: envergai a camisa da côr das nossas mattas e desfraldai a bandeira da côr dos nossos céus!” (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 2).

Como um característico ‘cacique fascista’, Ararigboia – por meio de seu avatar, Jorge Lacerda – fala em exterminar seu próprio povo, caso ele se resigne em vestir a camisa verde e morrer por ela. Num surto narcísico, evocando as “forças da natureza”, o enunciador propôs o aniquilamento do outro, para não vê-lo diferente de si mesmo:

²¹⁶ Alguém poderia argumentar contra nossas assertivas, apontando que se tratava apenas de ‘discurso eloquente’. Aqui pouco importa, até porque lidamos com um movimento fascista (majoritariamente cristão), para o qual discurso e prática tinham o mesmo nível de importância.

E, si isto não fizerdes brasileiros, que as aguas revoltas de todos os rios e do todos os oceanos inundem e suffoquem as terras do Brasil, para que desapareça para sempre, um povo que não soube viver com honra e que nem soube morrer com gloria (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 2).²¹⁷

Nos dois excertos de Lacerda, o do militar e o do indígena, o constructo integralista da nação brasileira é superior àquela coletividade humana que o subjaz. No primeiro, os heróis passados da pátria chicoteiam os homens punindo-os; no segundo, os exterminam. Sem usar maldições antepassadas, dez anos mais tarde vimos um chanceler ordenar a morte de seu próprio povo nos últimos dias de Berlim, em 1945. A justificativa? A mesma de Ararigboia: “um povo que não soube viver com honra e que nem soube morrer com gloria”.²¹⁸ Não sabemos o que viria depois da vitória integralista, nem cabem aqui altas conjecturas, mas é possível imaginar que alguns militantes integralistas, como Lacerda, sabiam que, cedo ou tarde, “o monstro [começaria] a devorar seus próprios filhos” (ARENDDT, 1989, p. 357).²¹⁹ O apego inelutável à lógica interna da ideologia tem o poder de “devorar [...] a substância original” da ideia (a “nação brasileira”, composta por pessoas), na medida em que é “posta em prática” (ARENDDT, 1989, p. 525).

Após a extinção da AIB, alguns militantes parecem ter alimentado essa sede de vingança contra seus pares, aqueles brasileiros que não souberam “viver com honra”, na época do Integralismo. Num poema anônimo, que remete ao período da Segunda Guerra, encontrado no dossiê da DOPS do militante guarapuavano Antônio Lustosa de Oliveira, o autor não precisou de um Ararigboia para desejar a destruição dos “condidadãos”:

²¹⁷ Vasconcelos já havia chamado a atenção para o olhar totalitário do Integralismo sobre o constructo de ‘povo brasileiro’: “pouco importa se a ideologia do caráter nacional autoendeusa ou deprecia os atributos de um povo. O componente totalitário é o mesmo. Na doutrina integralista, a imagem abstrata de nossa essência coletiva oscila entre os enunciados pessimistas, de teor apocalíptico, e afirmações laudatórias, ufanistas” (1979, p. 63).

²¹⁸ Segundo José Gil: “No fascínio exercido pela morte no nacional-socialismo, existia [...] a tendência para instalar a presença da morte na própria vida, impregnando-a do desejo de destruição e de auto-destruição [...]. Neste sentido, o nazismo poder ser considerado a consequência extrema deste processo de irradiação dos mortos pelo Estado e da incapacidade de lhes dar um novo lugar na construção simbólica da nação. Assemelha-se a um desvio psicótico (paranoico) do nacionalismo: apanhado pela vertigem da impossível identificação (com outro eu), é levado ao assassinio, sendo incapaz de operar o ‘retorno’ simbólico-terapêutico; procurará, daqui em diante, o seu território no real, na proliferação patológica do seu corpo, na anexação e na guerra de extermínio” (1989, p. 301).

²¹⁹ Essa afirmação, em que se sustenta a destruição ou a punição dos brasileiros não-ínsito ao Movimento, não era exclusiva de Lacerda. Ao contrário, figura em vários outros textos do *A Razão*. Num deles, intitulado “Hora Sinistra” (!), de autoria anônima, o redator ameaçou “todos aqueles espiritos fracos e combalidos, indignos deste século portentoso, porque não possuem a coragem de se afirmar e de suportar a tortura milagrosa dum Ideal [...]”: “Porém, impassíveis como viveram até aqui, serão tragados amanhã, na hora em que se desferir a maior batalha dos tempos, e esquecidos para sempre, ao alvorecer duma nova patria, que ressurgirá como marco indestructível duma nova Civilização, dando ao mundo as supremas reivindicações humanas!” (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 3).

VINGANÇA DE UM JUSTO

Obedeci cegamente
Ao grande Chefe Tonico [Plínio Salgado]
Por isso mal não me fico
Com a integralista gente.
Odiado vou com a esperança
Que a nazi-nipo bonança
Mate os meus concidadões [sic];
Que a minha pátria, vencida,
Seja pisada e batida
Por facistas e nipões
(Pront. 0360, Cx. 294, fl. 7, DOPS/PR, DEAP/PR)

Outro elemento que nos chama a atenção no discurso ‘de morte’ da AIB é que, em muitos excertos, de fato, ele parece contrariar dramaticamente a própria doutrina católica e seus rígidos dogmas sobre a relação vivos/mortos (sem levar em conta as constantes *ameaças* mórbidas). Em dezenas de textos os camisas-verdes se colocam como portadores ou profetas das vozes genéricas de povos que ocuparam o Brasil pré-cabralino:

O Brasil até agora não viveu como está vivendo nas hostes dos “Camisas-Verdes”, que faz surgir a voz da terra nas raças anthropologicas do nosso povo, e, unidos, todos, a uma voz, cantam patrioticamente, apontando o novo caminho a seguir, caminho da gloria, sim, mas tambem, o trilho espinhoso do sacrificio. E a mocidade da Terra de Santa Cruz está a postos (A Razão, n. 15, 10/08/1935, p. 2).²²⁰

Vozes dos elementos da natureza, ou “do Brasil” por meio da natureza, figuram em diversos textos, explicitando certa raiz nacionalista telúrica, expressa por Plínio Salgado em textos bizarros como os da obra *Geographia Sentimental* (1937). Para Lacerda, por exemplo, os militantes de Foz do Iguaçu, contemplando as cachoeiras e cataratas, eram capazes de sentir a “própria voz do Brasil, espumando desesperadamente na garganta incomensurável de seus abismos, como num grito de dôr e de desespero, dirigido ao céu, que parecia, já nos havia abandonado” (*A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 1).

Além das ‘vozes misteriosas’, Lacerda invocava corriqueiramente os heróis mortos da pátria. Para a comemoração da vitória na Batalha de Tuiuti, o General Osório, “o Centauro dos Pampas”, juntamente com uma miríade de “martyres, herois e sonhadores” saíram dos túmulos:

²²⁰ O último trecho nos permite identificar uma contradição imanente ao discurso indigenista da AIB: ele se coloca como portador das vozes do **passado indígena**, mas sua expansão se baseia na imagem dos **bandeirantes paulistas** (os maiores assassinos de índios): as vozes são indígenas, mas os jovens são da “Terra de Santa Cruz”, nome dado pelos brancos.

Camisas-verdes! No dia de hoje, evoquemos o espirito do Ozorio, o espirito tambem, de todos os heróes, que no fragor imortal das nossas batalhas, luctaram pela gloria o Brasil! Façamos esta evocação, nesta hora triste para a nossa Patria, em que os politicos pretendem lançar a discórdia e a indisciplina no nosso Exercito, neste instante em que o Brasil anda tão desacreditado no Estrangeiro! Evoquemos o seu espirito, nestes dias, em que os quartéis já não dormem sossegados, em que a Patria se desorganiza e em que o sinistro Capitalismo Internacional sonha com suas bandeiras negras, tremulando no topo das nossas alfandegas! Camisas-verdes dos sertões e das cidades, evoquemos tambem, o espirito imortal de todos os nossos martyres, heróes e sonhadores, que tudo fizeram para despertar uma Nação que dormia! (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 1).

Os momentos anteriores ao “passamento para a milícia do além” e os rituais em torno do falecimento de militantes também receberam lugar de destaque na imprensa integralista paranaense. Algumas manifestações de militantes moribundos, com suas inusitadas e apaixonadas exigências, foram constantemente ventiladas no intuito de abalar ou comover ‘os que ficaram’. No velório de um militante, assassinado em Bocaiúva por motivos não políticos, o Chefe Municipal Archias Pereira relatou:

O nosso extinto companheiro, não obstante seus 17 annos de idade e sua falta de cultura, era um ardoroso soldado do sigma, tanto que suas ultimas palavras foram essas: ‘vou morrer... quero ser enterrado como integralista!’. Elle percebeu, na sua dupla visão, que para comparecer perante Deus, era preciso estar com o uniforme glorioso do soldado de Deus! (*A Razão*, n.11, 12/07/1935, p. 5).

Longe de ser tema explorado apenas pelo *A Razão*, rastreamos o falecimento de militantes paranaenses, em relatos dramáticos, também no *A Offensiva*. Em 28 de fevereiro de 1935, o jornal carioca noticiou a morte do integralista João Henrique Costa:

Já affectado há tempos da moléstia que o victmou, Henrique Costa repetia sempre que, si fallecese, desejaria ser enterrado com o uniforme integralista e de acordo com o nosso ritual. Pois na terça-feira referida, a certa hora, sentido-se mal, envergou logo a camisa-verde não demorando a entregar a alma ao creador (*A Offensiva*, n. 42, 28/02/1935, p. 5).

Com teatralidade semelhante, no dia 20 de abril de 1935, o mesmo jornal divulgou as mortes de Werner Schrappe e Abílio do Vale. “O primeiro teve uma morte emocionante”, como a intitulou o periódico carioca:

Nos momentos lucidos que lhe precederam a agonia, tendo ao seu lado a sua esposa, a sua filhinha, seus paes e parentes, elle, naquele instante derradeiro da existência, não se esqueceu de seu Chefe Nacional, de seu Chefe Provincial, do Integralismo. Chamou o seu irmão, que é também camisa verde, e pediu-lhe que o auxiliasse a cantar o Hymno Integralista, que morria soffocado na sua garganta. No meio das lagrimas dos circumstantes, mandou chamar o Chefe Provincial dr. Vieira de

Alencar. E pouco antes de entrar na agonia, num ultimo esforço, gritou: “Viva Plinio Salgado! Viva Plínio Salgado! (A *Offensiva*, n. 49, 20/04/1935, p. 1).²²¹

Igualmente, um idoso de Teixeira Soares, com 74 anos, não tendo tempo hábil para se converter ao Integralismo antes da morte, proporcionou um “scena impressionante de fé integralista”: “chamou todos os seus filhos e, com lagrimas ardentes, pediu-lhes – ‘Meus filhos, entrem no Integralismo. É a ultima vontade de seu velho pae!’ E calou-se, para logo após morrer” (A *Offensiva*, n. 588, 09/09/1937, p. 3).

Talvez a riqueza em detalhes não nos permita duvidar de alguns desses ocorridos, mas não só isso nos leva a acreditar no exposto: o desprendimento do militante, mediante sua condição de entrega ao Movimento, é perfeitamente capaz de gerar tais manifestações. Afinal, que momento melhor que a morte para ‘eternizar’ sua devoção, vestindo no último instante a camisa verde, cantando o hino integralista ou gritando com a voz rouca e sufocada “Viva Plínio Salgado”?

Se o instante da morte era importante, talvez não fosse mais significativo que aquilo que viria depois: “os integralistas não se esquecem dos mortos. Eles, ao contrario dos materialistas, reconhecem que o homem não é só matéria, mas espirito, alma, aquella coisa sublime que só sabem sentir os espiritualistas” (A *Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 5). O Integralismo estabeleceu uma reação psicológica diante da finitude da vida: ritualizou-a no sentido da perpetuidade entre os que ficam.

Entre os rituais ligados ao pós-passamento, estava a “chamada” dos militantes falecidos. Nos funerais ou em ocasiões especiais, um militante chamava o nome do(s) defunto(s), pelo que todos os partidários reunidos respondiam: “presente”.²²² Trata-se, na realidade, de uma egressão intrigante para a aporia da morte: os que morreram, além de integrarem a “Milícia do Além” (uma coisa pouco esclarecida por Plínio Salgado), permanecem vivos em todos os que ficaram. Hannah Arendt, refletindo sobre a experiência da morte e da violência nos campos de batalha, apresentou uma pertinente reflexão que se presta para compreendermos a relação entre a morte e o militante integralista (que nunca deixou de se sentir em um campo de batalha):

²²¹ Na lápide de Schrappe, no Cemitério Luterano, foi colocado um sigma, arrancado mais tarde, segundo o A *Offensiva*, por “perversos comunistas”. Como de costume, os integralistas organizaram uma cerimônia para a fixação de outro sigma, agora em bronze, doado pelo A *Razão* (A *Offensiva*, n. 84, 21/12/1935, p. 3).

²²² A oração completa, segundo os protocolos da AIB era a seguinte: “no Integralismo ninguém morre! Quem entrou neste movimento imortalizou-se no coração dos Camisas-Verdes! Ao companheiro fulado de tal três Anauês! E todos respondem: Anauê, Anauê, Anauê!” (Monitor *Integralista*, n. 15. Rio de Janeiro, 10/1936). Note-se que a exclusão de um integralista do Movimento era considerada também como uma morte. Na cerimônia de exclusão, parecida com a da “chamada”, uma autoridade dizia: “Integralistas! Nosso companheiro (fulado de tal) é morto”; os presentes respondiam: “seja esquecido” (CAVALARI, 1999, p. 172).

No que concerne à experiência humana, a morte indica um extremo de solidão e de impotência. Mas, confrontada coletivamente na ação, a morte muda de feição; agora, nada parece intensificar mais nossa vitalidade do que a sua proximidade. Algo de que nossa própria morte é acompanhada da imortalidade potencial do grupo ao qual pertencemos e, em última análise, da espécie, desloca-se para o centro de nossa experiência. É como se a própria vida, a vida imortal da espécie, alimentada, por assim dizer, pela morte contínua de seus membros individuais, estivesse em “expansão”, fosse realizada na prática da violência (2010, p. 87).

Numa cerimônia em homenagem à Heli Van der Broock, Secretário Provincial de Organização Política, falecido um mês antes, a atmosfera ritualística foi trazida à cena por uma série de gestos e palavras. Circundado pelos familiares Vieira de Alencar solenemente se dirigiu até um retrato do falecido coberto pela flâmula do sigma, descobrindo-o. Em seguida, passou a palavra a Jorge Lacerda, que encabeçou a chamada do companheiro “feita por três vezes”; em seguida discursou longamente sobre o “idealista sincero, batalhador incansável e companheiro” Van der Broock:

Naquele momento de profundo ardor cívico todos os olhares, sinceramente humedecidos, fitavam a photographia de Heli, como que, evocando, aqueles dias saudosos em que elle no trabalho quotidiano da S.P. de O.P., emprestava ao nosso movimento, toda a sua atenção e o seu tempo, na certeza de que estava trabalhando pela grandeza de uma Patria que tinha que ser forte e respeitada um dia (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 4).

Após a fala de Lacerda e de alguns familiares, foi deixado, abaixo de uma fotografia de Van der Boock, um cartão com os dizeres: “HELI! Teu vulto, materialmente desaparecido, projecta-se no écran do futuro, como um modelo às gerações que hão de realizar a redempção do Brasil, ANAUE” (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 4).

O Dia de Finados também era oportuno para o Movimento mostrar sua concepção e ritualística em frente aos túmulos. Em 1935, os militantes de Curitiba se reuniram na Sede Provincial às 10 horas para seguirem em marcha aos cemitérios. Visitaram o cemitério Municipal, onde “de acordo com o ritual foi feita a chamada dos companheiros falecidos, Heli Van Der Broock, Carlos Prochmann Junior, D. Guilermina Miró Alves e Manoel Lopes”; em seguida

Na Cruz das Almas, diante de um grande multidão, os integralistas impressionaram os que allí estavam, pela profundidade do nosso ritual, rico de filosofia e de verdade. Identica solenidade foi feita no Cemitério Lutherano, onde se procedeu a chamada do companheiro Werner Schrappe. Dahi, em automoveis, se dirigiram os integralistas ao Cemitério Agua Verde, onde [ilegível] foram lembrados [ilegível] companheiro Luiz Pizzato [ilegível] do Valle e Luiz [ilegível] que naquele campo

repousam. No tumulto desses companheiros foram depositadas flores naturais (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 5).

Além dos próprios militantes, figuras proeminentes da nação, do Estado ou do município, já mortas, consideradas heróis ou “proto-integralistas” (‘integralistas antes do Integralismo’), também ganhavam perenidade e poderiam ter seus nomes “chamados” nas sessões ou em praça pública. Uma dessas chamadas ocorreu durante a inauguração do Núcleo Municipal da Lapa, que por sua história recheada de “sangue e heróis” era um prato cheio para os camisas-verdes manifestarem suas afetividades metafísicas:

Do Theatro local, os camisas-verdes acompanhados de grande massa popular dirigiram-se para a estatua do General Gomes Carneiro, onde Jorge Lacerda fez a chama daquelle bravo soldado brasileiro, a que todos responderam “presente”. Essa homenagem calou no fundo do coração do povo lapeano (*A Razão*, n. 6, 11/06/1935, p. 7)

Em Guarapuava, a 2 de setembro de 1935, Rocha Loures Sobrinho e Roberto Moreira dirigiram uma sessão integralista no cinema local, na qual fizeram a chamada dos “fundadores daquelle prospera localidade”. Na verdade, os militantes haviam lido, pouco antes da sessão, um “album sobre Guarapuava” que narrava a vida e “o valor heroico” daqueles indivíduos: “não tiveram duvida em julgal-os como pertencentes às nossas legiões do além” (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 5).²²³ Da mesma forma, numa cerimônia de comemoração ao aniversário do Departamento Universitário do Paraná, o mesmo Rocha Loures Sobrinho, Chefe do Departamento, “discorreu sobre a grande figura de Euclides da Cunha, fazendo a sua chamada, à que todos os camisas-verdes responderam a uma vós: Presente!” (*A Razão*, 23/08/1935, p. 3).

5.2 O CULTO AO RESSENTIMENTO CURUPIRA: A INSTRUMENTALIZAÇÃO POLÍTICA DA HUMILHAÇÃO

“Camisas-verdes! Para frente! E havemos de, em dia não remoto, amarrar a liberal-democracia, no obelisco da Avenida R. Branco”.

Madeira de Freitas (Secretário Nacional de Propaganda)
Congresso de Blumenau, 07/10/1935

²²³ Os “bandeirantes” proto-integralistas eram Antonio da Rocha Loures e o Padre Francisco das Chagas Lima; além deles, foram chamados da ‘outra vida’ na ocasião as “figuras impressionantemente históricas de Pedro Siqueira e Visconde de Guarapuava” (*A Razão*, n. 20, 17/09/1935, p. 5). Obviamente, a atitude pode ser lida como uma estratégia para conquistar a simpatia local, mas aqui suas razões subterrâneas pouco importam.

Segundo relatos de Oscar Witt, enviado especial do *A Razão* para cobrir a recepção de Plínio Salgado em Blumenau, em determinada sessão, o Chefe Provincial de São Paulo “num tom de voz, rítmico e cheio de sonoridade, falou das nossas amarguras” (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 4). Sobre o que Marcel da Silva Telles falou naquele momento? Que tipo de sentimento político se manifesta em um partido ‘amargurado’ e quais construções histórico-afetivas o tornam portador de um constante e revanchista ‘gosto amargo’?

Madeira de Freitas, na epígrafe acima, recordando a cena da vitória da “Revolução” de 1930 tentava, na verdade, promover um acerto de contas com o passado. Um passado recente tido como humilhante para nação, em que as esperanças foram desperdiçadas em uma revolução continuísta. Essa é apenas uma das imagens do ‘gosto amargo’ do ressentimento cultuado pelo Integralismo.

Nos partidos e movimentos políticos fascistas, o ressentimento aparece invariavelmente sob a forma de uma humilhação nacional instrumentalizada, na medida em que se fomenta um sentimento coletivo de sofrimento, “atrelado a um passado não esquecido” (ANSART, 2005, p. 16). O Integralismo, por sua vez, concebeu e cultuou o ressentimento de uma ‘nação vilipendiada’, instrumentalizando elementos históricos (alimentadores do ressentimento) e contemporâneos (alimentadores da ideia de crise) para a construção da sua militância. Portanto, a construção dessa afetividade hostil implicou no uso instrumental da memória coletiva e na tentativa de (re)construir ou (re)ordenar essa memória para os fins do Movimento.

Como não havia um acontecimento nacional catastrófico e humilhante (como foi a Primeira Guerra Mundial para os fascismos europeus), o Integralismo postulou a ideia da nação/raça catastrófica em si mesma, nascida e em permanente estado de flagelo, historicamente declinante e ameaçada por agentes externos e internos. Trata-se, em versão tupiniquim, daquilo que Sternhell chamou de “catalizadores” psicológicos (1994, p. 31-32). Para tanto, a AIB articulou todos os possíveis elementos semânticos no sentido de indicar e combater virulentamente os responsáveis por esse declínio nacional e a necessidade imperativa da palingenesia (renascimento).

Como apontou Chauí, depois de anunciar uma ampla crise de civilização, o Integralismo tratou de “particularizar as desgraças” (1978, p. 51 e 52); ao fazer isso, elencou os fatores ou agentes históricos humilhadores da nação: o capitalismo “judaico” internacional (por vezes omitindo o “judaico”), as cisões regionalistas internas, o comunismo, o materialismo burguês (que inclui a opressão aos operários e sertanejos) e os governos liberal-democratas brasileiros e estrangeiros.

Levando em conta o objeto específico de nosso estudo, o discurso inaugural do periódico *A Razão* é demasiadamente ilustrativo. Lançado em primeiro de maio de 1935 e dedicado “ao humilde e pobre operário”, o discurso apresenta o Integralismo como a trajetória final de “400 anos de sacrifícios, de anseios, de inquietudes e de luctas malogradas”, em um país que “temperou-se na dôr e nas revoltas intimas” e que hoje vive “uma hora incerta, que nos ares sulcam relampagos ameaçadores” (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 1).

Enquanto arma de combate, “A Razão surgiu para uma offensiva e para uma Grande Marcha... [...] Offensiva contra uma civilização burgueza, materialista, decadente, e contra todas as forças desagregadoras da nação!”, designadamente “[...]as forças demolidoras da anarchia vermelha e as forças gananciosas do Capitalismo Internacional” (*A Razão*, n. 1, 01/05/1935, p. 1).

Apresenta-se, pois, uma situação (de longa duração) de um país que nasceu e permaneceu em flagelo e que vive “uma hora incerta” (uma crise conjuntural). A “anarchia vermelha” era, à época, uma ameaça recente no bojo dessa crise e não havia impingido grandes intervenções no Brasil. Por outro lado, “as forças gananciosas do Capitalismo Internacional” tinham sua historicidade. Um dos temas mais explorados na construção desse ressentimento pelo Integralismo é a espoliação do Brasil por parte das nações estrangeiras. A insistência na necessidade de autonomia nacional, frente à humilhação histórica das forças do capital estrangeiro, identificada por Gilberto Vasconcellos (1979), pode ser entendida também como uma reação ressentida do ‘país que nunca fora nosso’.

Assim, a luta contra o capital estrangeiro se converte em uma peleja histórica da nação contra todo estrangeiro que de alguma forma tentou açambarcar riquezas e territórios do país.²²⁴ O *A Razão* também foi efusivo ao defender essa “fantasmagoria autonomística”, esse mítico país impenetrável, tal qual o mítico fantasma folclórico da floresta, o curupira (VASCONCELLOS, 1979).

Um manifesto lançado em Palmas, assinado por Antonio Alceu, postulava a construção de um Brasil

Independente. Livre do estrangeiro sugador de todas as nossas riquezas. Um Brasil de cabeça erguida, altivo, dono de si mesmo. Um Brasil destabocado! Liberto, para sua honra e certeza de sua vida e grandeza futuras, de todas as injunções deprimentes do banqueirismo internacional (*A Razão*, n. 5, 31/05/1935, p. 5).

²²⁴ Em virtude disso o Integralismo celebra as expulsões dos estrangeiros por elementos “nacionais”, como nas invasões francesa e holandesa.

Em texto já citado sobre o 7 de setembro de 1935, Jorge Lacerda discorreu sobre a não-independência do Brasil:

Um dia, já vae longe, um portugês, quase sem entusiasmo, de improviso, sem a força dos grandes anceios, soltou o grito de tua Independencia, ás margens do Ypiranga! Porém, não foi feita a tua real Independencia. Escravisaram-te aos gananciosos banqueiros internacionaes, que já têm o mundo dentro do cofre, e que têm um cofre dentro do coração! (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 1).

A salvação dessa falsa independência se daria, “quando um autentico brasileiro, não um português, mas um filhos dos teus sertões, o Chefe de teus camisas-verdes, o teu Plinio Salgado quebrar os grilhões que te escavizam” (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 1). Aqui, o Integralismo figura como o único capaz de realizar o que Ansart entendeu como a “inversão histórica da humilhação” (2005, p. 22).

Em outro texto, comparando o Brasil com uma embarcação, Lacerda discorre:

É o barco gigante sulcando os mares da Historia, sem rumo certo. Rebentam-lhe nos cascos, as ondas de todas as revoltas de uma Patria sacrificada! Sacudindo-o, erguem-se em catadupas, todas as vozes que, há tantos anos, gritam desesperadamente, mas que não chegam aos ouvidos dos comandantes da náu, presos aos sons do jazz e ao sabor das champagnes, nos festins da politicalha. E dentro do barco, continua a lucta... 152 partidos, 152 “comandantes”, já cansados, ainda luctam pela posse do leme. [...] E, justamente, quando os tripulantes se degladiam, saltam pela amurada de bordo, os corsários vermelhos, promptos para o golpe mortal. E de bordosa e a mensagem triste de um barco que naufraga, de uma nação que agonisa: – S.O.S.! –S.O.S.! [...] Oh Brasil, tu não has de naufragar! És tão grande, que o próprio Atlantico seria pequeno, talvez, para te servir de tumulo! (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 1).

Uma pátria que clama “S.O.S.!” é, sem dúvida, a indicação da “crise” propalada pela AIB, brilhantemente explorada por Chauí (1978, p. 119-149) em seus elementos filosóficos. Não obstante, existem componentes históricos, que remetem a um passado de opressão, do “barco gigante sulcando os mares da Historia, sem rumo certo”, de “todas as vozes que, há tantos anos, gritam desesperadamente”. Seus comandantes se inspiram em baluartes da liberal-democracia e da espoliação nacional (no jazz norte-americano e no champanhe francês), enquanto o mais novo agente externo da desgraça nacional, os “corsários vermelhos” (comunismo), engendram o golpe final.

Por fim, talvez não haja exemplo mais emblemático do ressentimento contra a ‘exploração nacional’ do que a apropriação particular que a Ação Integralista fez de um dos símbolos mais populares de qualquer Estado-nação: o Hino Nacional. Os integralistas nunca cantavam a segunda parte do Hino Nacional Brasileiro, tão somente porque, em seus

entendimentos, Osório Duque-Estrada iniciou-a com uma declaração de subserviência: “deitado eternamente em berço esplendido”.

5.2.1 O RITO E O RESSENTIMENTO

Todo ressentimento implica no ato de lembrar-se da dor de modo frequente. Boa parte dos ritos religiosos ou políticos são a materialização metódica e periódica desse ato. No Integralismo, pela sua natureza, isso não foi diferente.

A “Noite dos Tambores Silenciosos”, uma das mais importantes cerimônias anuais da Ação Integralista Brasileira, era um verdadeiro ‘culto à humilhação’, sob a forma de rito coletivo, portanto, um poderoso gerador de ressentimento. Ela durava três horas e tinha a dupla função de comemorar o lançamento do Manifesto de Outubro de 1932 (fundação da AIB) e “rememorar a proibição à milícia integralista”, instituída pela Lei de Segurança Nacional, em abril de 1935. Era um evento nacional, realizado simultaneamente em todos os núcleos integralistas, envolvendo juramentos, preces silenciosas, poemas, hinos e, com um toque de rebelião, o arrufar dos tambores, silenciados pela Lei (CAVALARI, 1999, p. 185).

Na Noite dos Tambores, a sensação de impotência – elemento-chave no ressentimento – frente à Lei de Segurança se converte em rito. Logo no início da cerimônia, tomava a cadeira da presidência para representar Plínio Salgado o mais pobre (leia-se, o mais ‘impotente’) dos integralistas de cada núcleo municipal da AIB; depois dos juramentos e da fala de um orador, à meia noite, todos faziam uma oração muda e ao fundo rufavam “impotentes” “caixas surdas [...] devagar” [sic] (*Monitor Integralista*, n. 18, 10/04/1937, p. 12). O ápice da cerimônia era a teatralização de um oximoro: a agonia de orar sem voz, ao som de caixas rufando a 10% de suas capacidades sonoras, fomentava a indignação contra o Estado e salientava a fraqueza dos integralistas em reagir diante da situação de silenciamento (a proibição das milícias).²²⁵

No Capítulo II, vimos o quanto Jorge Lacerda discursou na inauguração do *A Razão* e em diversos outros números (além dos palanques) contra a proibição da milícia. Seguindo seus passos, por ocasião da primeira celebração da Noite dos Tambores na Província do Paraná, o jovem militante Lourival Santos Lima, publicou um soneto no *A Razão*, intitulado “Nossos Tambores”:

²²⁵ “A mística do ato é deveras impressionante atingindo ao paradoxismo”, afirmou um militante em entrevista a Héglio Trindade (1979, p. 195).

*Tambores Silenciosos que vibraram
Na “Noite dos Tambores Silenciosos”
escuto ainda os sons que ressoaram
da Pátria, os seus pezares agustiosos!*

*Escuto! em meus ouvidos, misteriosos,
batidos por aqueles que tombaram
na batalha traiçoeira dos maldosos.
Mas, que, marcham commosco, não pararam!*

*Se não percebo mais nossos tambores,
nossos clarins enfáticos, festivos!
consolam-me o ideal, outros valores!*

*É que existem, agora imperecíveis,
Vibrados pelos mortos, pelos vivos,
Tambores Silenciosos, invisíveis!
(A Razão, n. 24, 17/10/1935, p. 2).*

No soneto, é interessante notar como se fundem as categorias, nas quais dividimos as mensagens afetivas criadas pelo Integralismo. Aos silêncios e “pezares angustiosos” da pátria, os mortos na perenidade (“imperecíveis”) vibram tambores “invisíveis”. À revolta contra o silenciamento se sobrepõe o barulho dos mortos. Essa também é uma forma de releitura local do rito integralista, mas que, não obstante, não perde em densidade no culto ao ressentimento. Apesar de toda mística, a Noite dos Tambores Silenciosos original não era um cerimônia que invocava os mortos. Na visão do militante paranaense, a impotência do Movimento diante da situação requeria um auxílio do além: já que a milícia terrena não podia tocar (nem existir), os membros da Milícia do Além tocariam pelos vivos.

5.3 O ÓDIO SEM RAZÃO NO A RAZÃO.

Decorre de todo ressentimento uma atitude de introspecção frente ao problema ou de uma reação contra ele. Os fascismos se construíram enquanto reação, sobretudo de um nacionalismo ferido, que depois de um tempo de amarga impotência buscou se reerguer. Essa reação fascista tende a eleger categoricamente uma série de responsáveis pelo período de declínio da nação. Não bastava culpar entidades, até certo ponto, inalcançáveis aos fascistas, como os países vencedores da Primeira Guerra ou a Liga das Nações. O inimigo tinha que estar mais próximo. Um ‘inimigo entre nós’ garante o alto grau de periculosidade do ‘outro ameaçador’, não distante, mas incrustado no meio social.

Como vimos no Capítulo I, Hannah Arendt aponta que a irracionalidade do ódio fascista se encontra justamente na sua necessidade de procurar esse ‘outro’ expiatório de forma sistemática. Também vimos que os fascismos em geral se constroem como reação a uma série de elementos considerados desagregadores na nação. Juan Linz (1976) apontou que esses movimentos tem maior possibilidade de sucesso em locais onde a ameaça da esquerda revolucionária se faz presente e intensa. Sem desconsiderar a existência dessa ameaça no Brasil, concordamos com Levine, quando postula que “a própria incapacidade das esquerdas em se fazerem uma ameaça visível enfraquecia o atrativo potencial do integralismo” (1980, p. 149).

A despeito da fraqueza do inimigo, o Integralismo elegeu o comunismo como um de seus principais adversários políticos e construiu boa parte de seus discursos em reação à “ideologia de Moscou”. Essa presença comunista, ainda parca e pouco sistematizada, representava um problema para a AIB: se quisesse se utilizar dos mesmos artifícios que seus congêneres europeus, precisava insuflá-la discursivamente. Deste modo, como indicou Trindade, “quando os fatos não são muito convincentes, a denúncia da ameaça socialista aumenta porque uma de suas funções é a de criar o inimigo externo a fim de estimular a disposição de luta dos militantes” (1979, p. 256).

Ao mesmo tempo, parecia muito proveitosa para a AIB, assim como era para alguns fascismos, a associação do comunismo aos judeus. Invariavelmente, entretanto, o discurso antissemita ganhou foro independente no *A Razão*, se despreendendo da crítica materialista de Salgado e culminando no mais escancarado ódio racista.

Discorreremos aqui sobre essas múltiplas manifestações do ódio integralista no *A Razão* em duas instâncias. Primeiramente, do ponto de vista do amplo discurso, abordamos as principais imagens elaboradas em torno do comunismo e dos judeus e, por fim, enfocamos as manifestações desse ódio direcionado aos ‘inimigos imediatos’ e visíveis, ainda que no plano discursivo. Nesse último caso, tratam-se dos alvos primários e cotidianos de seu ódio: os militantes da ANL, os judeus paranaenses e os membros da Maçonaria local.

5.3.1 O ÓDIO A ESMO E O DISCURSO: ANTICOMUNISMO E ANTISSEMITISMO NO *A RAZÃO*

“Eis a alternativa: comunismo ou integralismo, e, nesta hora cruciante da nacionalidade, escolhei, um ou outro, para que não sejas tragado por ambos”

A Razão, n. 11, 12/07/1935, p. 3

“A mão de Judá trabalha invisivelmente, por trás dos bastidores das sociedades secretas...”

A Razão, n. 20, 17/09/1935, p. 3

A simplicidade da ‘lógica inescapável da ideia’, parafraseando Arendt (1989), é capaz de produzir as mais incríveis elucubrações acerca de um ‘outro’ indesejável. Por essa lógica, não importa se ‘x’ carece de ‘y’ para comprovação. A relação, cara à História, entre evidência e objeto é morta para a ideologia. Isso posto, vejamos agora diversas manifestações do que podemos chamar ódio de ‘anticomunista e antissemita expiatórios’, cuja função no interior do movimento era fundamentalmente ‘socializar’ o ódio, além de outros sentimentos como o medo (sempre o medo daquilo que o outro poderia impingir – a decadência, a revolução comunista, a dominação internacional, etc.).

No intuito de desqualificar os inimigos próximos, o *A Razão* recorria frequentemente à inúmeras descrições das condições da URSS, sempre exposta como a matriz única do antifascismo brasileiro.

Uma nota no nº 9 alertou às “famílias brasileiras” taxativamente: “a Aliança Libertadora é comunista. O seu Chefe é o senhor Luiz Prestes, que é comunista e é o grande defensor do regimen bolchevista da Russia, onde as mulheres são ordenhadas miseravelmente como si fossem animaes” (*A Razão*, n. 9, 22/06/1935, p. 2).

A imagem das “mulheres-vacas”, “ordenhadas” na URSS, não é nenhuma novidade em discursos anticomunistas do período. No jornal paranaense ela ganhou página inteira, incluindo fotografias, em 27 de setembro de 1935. A chamada de cabeçalho trazia: “Brasileiros! Não admittamos que as nossas mães sejam transformadas em animaes como no Communismo!”. Em seguida, figuraram textos e fotos promovendo uma comparação entre o Comunismo e Fascismo:

Communismo :

**As crianças, mais desgraçadas que os animaes!
As mães transformadas em vaccas!**

O Communismo não permite que os paes fiquem com os filhos. Quando uma mulher tem um filho deve entregal-o immediatamente ao Governo. Não é necessario dizer quem é o pae, porque as gatas, as vacas, as cabras devem ser imitadas: cada "redada" é de um gato, um boi ou um bóde diferente. A mulher deixa de ser mãe para ser uma maquina de fabricar escravos para o Soviet. A misera reproductora é obrigada a ir todos dias ao "Posto de Ordenhação". Esse nome horrivel são os proprios communistas que deram ao lugar onde vão as mães deixar o seu leite para filhos desconhecidos. — Isto é tirado da Revista de Propaganda Sovietica Official no Exterior.



Uma pobre mãe submettendo-se ao doloroso vexame

crianças, nas **crêches** do Governo crescem alimentando-se em madeiras, não conhecem seus paes. São todas rachíticas e educadas para a escravidão. Pobre povo russo! E ainda ha tarados que pretendem esse inferno no Brasil! E esses tarados, são os que não têm Família, não têm Patria e não respeitam a Deus! são muitos: — o burguez gozador que explora o operario; — o capitalista deshumano; — o literato comunista degenerado e burguezote; — o agente de Moscow que recebe dinheiro para levar boa vida á custa dos operarios; — os desfibrados de toda a especie. Operarios! O communismo está vos passando o conto da "santa casa", o conto da "guitarra"! — Cuidado!



O leite das «reproductoras» do Estado segue para a socialização. O communismo quer, assim, transformar as mulheres em vaccas. Pobres crianças! Futuras peças de machinas!

Nesses estabulos todas as mães são degradadas torpemente. As

FASCISMO :

**As crianças: thesouros dos paes!
As mães respeitadas como santas!**

Enquanto o communismo é o aviltamento da creatura humana e o martyrio do operario, o Fascismo é a dignidade e a liberdade.



No seio quente das mãos carinhosas, as crianças fascistas mamam humanamente. — Estão crescendo para serem homens livres e não escravos do Governo como são os infelizes russos. — Possam compreender, todos aquellos que ainda têm mãe, o thesouro que possuem, para que não tenham, mais tarde, de arrepender-se quando a tiverem perdido.

Vêde que diferença!
Vêde o sorriso das mães felizes, tão diferente das caras tristissimas das mulheres russas!
Na Italia, os paes são donos das crianças. O governo fascista ajuda as mães, vela pelas crianças.
Vêde que bebê!
Vae ser um homem livre, não um escravo do capitalismo sovietico.
Vêde essas mulheres italianas! Comparaes com os outros clichés! — Operarios brasileiros que tendes coração e amae a vossos filhos! Operarios que prezaes a honra de vossas esposas e filhas! O fascismo as respeita e o communismo quer transformar todas as mulheres em escravas da rua dos Tymbiras!

Escreveu Gounod na primeira pagina da sua autobiographia:
"Minha mãe, que foi tambem minha ama, — escreven elle, — fez-me com certeza engulir tanta musica como leite. Nunca deixava de cantar quando me ninava.



A felicidade que nunca tiveram as crianças na RUSSIA, desde que meia duzia de criminosos escravizaram o povo daquella paiz: — ter na bocca, em vez de um fio bico de borracha, o seio palpitante de amor de uma mãe carinhosa; sentir no rosto innocente, a carne!
Este instantaneo foi apanhado na Italia.

Posso dizer que tomei as minhas primeiras lições sem saber, sem ter que prestar á primeira idade aquella attenção penosa tão difficil de obter-se das creanças".
Miguel Angelo dizia que tinha mamado, com o leite materno, o sentido da plasticia.

Fonte: *A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 3.

A publicação era, na verdade, uma reprodução adaptada de uma matéria do *A Offensiva*, de 15 de junho de 1935. A principal diferença entre as duas foi o pouco receio dos redatores paranaenses em se identificarem como *fascistas*. Na matéria original, a 'ordenação comunista' foi comparada com o futuro Estado Integral, não com o "Fascismo", termo pouco utilizado, em favor de "paizes corporativistas" (*A Offensiva*, n. 57, 15/06/1935, p. 5): ao invés

de “[...] o Integralismo é a dignidade e a liberdade!”, o *A Razão* publicou “[...] o Fascismo é a dignidade e a liberdade” (*A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 3).²²⁶

Em outro texto destinado às mulheres, Levy Saldanha, Chefe Municipal da Lapa, antecipou o destino da mulher brasileira após a vitória do comunismo:

A vossa função divinizante de esposa e mãe será um escarneo no regimen da escravidão branca. Não tereis mais o direito de amamentar o vosso filho, porque esse filho não vos pertencerá. Elle será do Estado escravizador. Tereis que descer do vosso pedestal dignificante, ó mães brasileiras! Para penetrardes num estabulo imenso onde sereis ordenhadas como um animal qualquer: e o vosso leite que é tambem vosso sangue leval-o-ão para filhos desconhecidos! Estes – pasmae, ó criaturas santas! – mais tarde serão atirados ás ruas, com na Russia, haja vista a cifra fabulosa de duzentos mil menores, naquelle Paiz, abandonados em Moscow, além de outras cidade, e que aos poucos vão desaparecendo corroidos pela syphilis, ou dizimados pela cocaína! (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 3).

Em vários números, o periódico paranaense apresentou essa tradicional estratégia anticomunista de veiculação de notícias reais ou fictícias da URSS; muitas delas versando sobre massacres ou sofrimentos do povo russo:

Não são só os operarios e camponeses os que na Russia têm sido sacrificados em beneficio da camarilha comunista. Em abril p. findo, foram fuzilados rapazes e moças, alguns contando com apenas 12 a 14 annos, accusados de crimes de assalto, roubo e assassinio. Com essas execuções já sobem a 63 victimas da campanha de repressão sovietica á criminalidade infantil. No entanto, esses infelizes menores são apenas victimas da dissolução da família e da animalidade dos costumes vigentes na Russia sob o guante do martello e da foice (*A Razão*, n. 6, 15/06/1935, p. 2).

A matéria não cita absolutamente nenhuma fonte de onde foi extraída a notícia – não era preciso.²²⁷ Em outra publicação, um autor anônimo sugeriu a ‘reflexão’ aos brasileiros, quanto à situação da tríade “Pão, terra e liberdade!” na URSS e o perigo da ANL fazer o mesmo no Brasil:

²²⁶ Dificilmente saberemos a real intenção do redator em se utilizar amplamente do termo “fascismo” em detrimento do nome do próprio movimento. Talvez fosse uma maneira de seduzir descendentes de filiados ou simpatizantes do Partido Fascista a ingressarem num movimento nacional, da mesma estirpe que o que governava a terra de seus pais. Bertonha (2001) postulou que havia, entre tais descendentes, certa tendência em admirar o modelo implantado na Itália, mas optarem pela filiação ao Integralismo, como forma de afirmação no meio político nacional.

²²⁷ Toda irreflexão do discurso anticomunista da AIB foi justificada por Salgado de forma bizarra no famigerado livro “Mensagem às Pedras do Deserto”, coletânea de pensamentos anticomunistas publicada, em 1947. Segundo o texto, o comunismo era inapreensível ao “raciocínio lógico”, uma vez que se conformava na “lógica do diabo, e o diabo não é um sujeito passível de interpretação por parte de pessoas ditas sensatas, ou seja, bitoladas e formalistas” (SALGADO, 1947, p. 7).

I
O PÃO

Na Rússia um operario precisa trabalhar 17 horas para obter o alimento que um operario nos Estado Unidos obtem em 5 horas, Sabendo-se que o operario americano, no cruel regimem liberal-democratico, já não está bem, calcule-se que pão come o operario russo!

II
A TERRA

Na Rússia, a terra é do camponês, mas a colheita pertence ao Governo. Há dias veiu um telegrama annunciando o fuzilamento de varios camponeses por terem escondido um pouco de trigo para alimentar suas familias. A Rússia está dividida em duas classes: os que produzem e os que consomem. Quem produz? Os camponeses e os operarios! Quem consome? Os dirigentes que ainda agora deram bailes sumptuosos, onde figuraram as joias e rodou champanhe!

III
A LIBERDADE

Acaba de ser declarada a pena de morte para criança de 12 annos para cima. Quem o annuncia? A agencia telegraphica a seviço do proprio Soviet! (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 4).

Noutra matéria, em 17 de outubro de 1935, veiculou-se a informação de que uma menina, considerada “heróina” na URSS, havia recebido do Estado um benefício de 30 rublos por mês, por ter entregado o pai (que teria escondido cereal e carne do Governo):

São interessantes esses 30 rublos: a mesma importancia que judas recebeu traindo o seu divino mestre, com a diferença que aquele traidor recebeu uma vés só e teve a coragem de se enforcar, ao passo que a pequena e triste traidora bolchevista vai receber seus 30, indefinitamente [sic] e ainda com a aureola de heróina! Pobre Rússia, que fizeram de ti! Brasil, oh Brasil, eis o que querem fazer de ti! (*A Razão*, n. 24, 17/10/1935, p. 5).

Os exemplos de ‘notícias’ sobre a URSS se repetem.²²⁸ Em outros textos, menos preocupados com o que acontecia na URSS, o comunismo e suas práticas foram simplesmente associados às clássicas figuras espirituais do mal:

O monstro crava cada vez mais fundo as suas unhas no seio da comunidade Brasileira. Já agora veio a luz do dia... mas com a mascara da hypocrisia, ainda! Elle cresce cada vez mais, sufocando todas as consciências: é o milagre de Satanaz! [...] Decidi, pois, brasileiro! Que a liberal-democracia está se finando... Eis a alternativa: *communismo* ou *integralismo*, e, nesta hora cruciante da nacionalidade, escolhei, um ou outro, para que não sejam tragado por ambos (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 3).

²²⁸ No nº 15, até mesmo notícias do Congresso Socialista Internacional de Paris foram publicadas, com as vozes de socialistas desacreditados da experiência soviética – diga-se de passagem, a coisa mais sensata sobre a URSS que se publicou no *A Razão*: “[...] nenhuma forma de democracia proletária existe na Rússia: nada de soviets, nada de syndicatos nem tão pouco um partido no verdadeiro sentido da palavra. ‘Não há nada de tudo isso [...] mas somente um Czar que em lugar de se chamar Romanoff, se chama Stalin’” (*A Razão*, n. 15, 10/08/1935, p. 2).

Usando do mesmo artifício, em texto sobre a morte do operário petropolitano Leonardo Candú (militante da ANL morto em combate de rua pelos integralistas), um comentarista se aproveitou morbidamente da situação e atacou o comunismo:

Se lhe tivessem dito, aqueles que o converteram ao marxismo, que, com a victoria de sua idéa, a velha mãe, peso morto do Estado rubro, talvez não tivesse direito á vida, e a companheira seria sua e dos camaradas, e as filhinas, propriedade do Estado Moloch, teriam oficialmente direito á educação collectiva, impessoal, anti-familiar, mas realmente estavam destinadas a perecer como os milhões de creanças russas abandonadas; si lhe tivessem dito tudo isto, talvez não morresse o operario Candú (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 2).²²⁹

A despeito das ‘imagens’ até aqui expostas, é possível afirmar que o discurso anticomunista do *A Razão* tinha certa tendência a se direcionar para a associação preferida dos fascismos, sobretudo do Nazismo. No artigo intitulado ironicamente de “O Paraizo Communista”, o autor apresentou a seguinte notícia:

Ainda agora, noticias procedentes de Charkow, capital da Ukrania, e publicadas na imprensa européa, informam que o sr. Magoniwnko, um dos principaes organizadores do bolchevismo e figura de relevo no governo actual, foi assassinado por um camponês, em sua casa, juntamente com sua filha. Fugiu o criminoso, que parece instrumento de grande complot. A policia sovietica já fuzilou varios camponeses e operarios suspeitos. Muitos outros serão por certo sacrificados (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 4).

Embora não seja possível duvidar prontamente da notícia, por se tratar da URSS de Stálin, o que nos chamou a atenção foi seu cabeçalho, que instruiu o leitor a seguir o raciocínio: ‘o socialismo soviético assassino que verá em seguida’ é fruto de “meia duzia de homens de gabinete, que tinham decorado no exilio e nas penitenciarias os principios salvadores elaborados por um profeta judeu” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 4).

Pela leitura sequencial do *A Razão*, tem-se a impressão, até o número 10, de uma parca ênfase no tema do antissemitismo. Até aquele número, apenas uma matéria se dedicou exclusivamente à detração aos judeus; os textos apresentavam um antissemitismo esporádico, diluído nos textos anticomunistas, antiliberais, ou imerso no antimaterialismo de forma genérica. Seguindo as ideias de Gustavo Barroso e dos “Protocolos dos Sábios de Sião” (livro

²²⁹ Moloch era o nome de uma divindade adorada pelos os Amonitas e Moabitas na Antiguidade, à qual se sacrificavam crianças em fogueiras. Na tradição cristã e cabalística é o nome de um demônio. Marx chegou a utilizar “Moloch” para designar o capital, em virtude da sua exigência de sacrifícios humanos.

fraudulento por ele traduzido pioneiramente no Brasil), acreditava-se que por trás de todos os ‘males’ do mundo ocidental estariam os judeus, agindo de forma oculta e conspirativa.²³⁰

A partir daquele número do periódico, contudo, as evidências não nos permitiram ignorar os ataques diretos aos judeus e que extravasavam a barreira do ‘simples’ “antissemitismo econômico”, como queria Reale²³¹, ou da “coincidência” de Salgado²³². Da leitura atenta dos números seguintes, tornou-se cada vez mais difícil depreender divisões estanques nas representações do antissemitismo (por exemplo, ‘econômico’, ‘religioso’ e ‘racial’).

No nº 10, foram apresentados trechos ‘amontoados’ e descontextualizados de uma tradução do Talmud, feita por “conhecedores da língua hebraica”, uma demonstração do antissemitismo primário:

Os judeus são o povo predilecto de Deus, os portadores do espirito de Deus, são homens; os pertencentes a outros povos não são chamados homens, mas sim, gado, animaes. Deus nunca está desgostoso com os judeus, mas sim, com os não judeus. A alma de um judeu vale diante do trono de Deus, mais que mil almas dos não judeus. Todos os judeus são filhos de príncipes, reis, imperadores. Quem dá uma bofetada num judeu merece a morte, pois é como se fosse dada a Deus. O dinheiro na mão de um não judeu é considerado dinheiro sem dono; o primeiro judeu que vem, toma-o. Quando um judeu está explorando um não judeu e surge um outro judeu, este segundo judeu fica obrigado a auxiliar o primeiro na exploração, tendo direito a uma gratificação correspondente ao auxilio prestado (*A Razão*, n.10, 05/07/1935, p. 6).

²³⁰ As raízes do pensamento antissemita de Barroso foram sintetizadas por Marcos Chor Maio nos seguintes termos: “o único grupo que recusou o convite cristão de criar uma totalidade que diluísse as especificidades foi o povo judeu. Concebido como povo do deserto, árido, disperso pelo mundo, incapaz de se fixar num só lugar, de constituir uma nação, um Estado e movido pela razão e pelos interesses, o povo judeu foi acusado de ser o inventor e a principal força do materialismo. Ao impedirem a realização plena do revolucionarismo cristão, os judeus derrotaram o espiritualismo, inventando o mundo moderno. Esta nova etapa da história se expressou através do capitalismo e do comunismo. A concretização dos princípios destas ideologias políticas destituiu os homens de suas referências morais básicas, instaurando o caos, intento previsto pela estratégia judaica” (MAIO, 1992, p. 26).

²³¹ Miguel Reale afirmou nesse sentido: “nós brasileiros devemos nos libertar do jugo do capitalismo financeiro e do agiotarismo internacional, sem que para isso abandonemos os princípios éticos para descambarmos até os preconceitos racistas. A moral não permite que se distinga entre o agiota judeu e o agiota que se diz cristão” (1983b, p. 231). Interessante observarmos que subjaz a essa frase a ideia de que no cristianismo integralista a agiotagem e a religião são excludentes. Ou seja, o judeu tem na sua índole o agiotismo. Isso corrobora, em certo sentido, a ideia de Tucci Carneiro, que vê em Reale um racismo travestido de “aparências formais” (2001, p. 294). Agradeço a indicação destas referências a Odilon Caldeira Netto.

²³² Plínio Salgado sempre tentou abrandar o antissemitismo incrustado em setores do Movimento mais ligados a Barroso. Em carta aberta, publicada na revista de estudos integralista Panorama, podemos ler, por exemplo: “Quanto ao capitalismo judeu, na realidade ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência; mais de 60% do agiotismo internacional está nas mãos israelitas. Isso não quer dizer que sejam eles responsáveis exclusivos pelas desgraças atuais do mundo” (SALGADO apud TRINDADE, 1979, p. 242).

Como corolário, o comentário de “João do Sul” (pseudônimo de um ‘tímido’ parnanguara antissemita, que publicava frequentemente no *A Razão*)²³³ ganhou contornos políticos:

É o cumulo! Com tal conceito religioso esta gente pretende instalar o communismo no mundo (pois não conheço judeu que não seja comunista). Que bello communismo! Lá em cima os judeus como príncipes, condes, duques, reis e imperadores, os nobres da criação, e lá em baixo, a humanidade, uma grande carneirada, as bestas de carga e do trabalho, adorando e venerando os seus amos. É o sonho de Israel!... Tome cuidado, brasileiro, para não te tornares carneiro, animal... (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 6).

João do Sul reaparece no nº 11, elaborando associações cada vez mais escabrosas e aumentando o tom da agressividade. Intitulando o governo soviético de “capitalista-judaico-russo”, afirmou que o Estado soviético “permite que os judeus residentes na Rússia tenham suas famílias e que frequentem suas synagogas”, embora tenha destruído as bases da família e da religião em toda sociedade Russa. O texto prossegue:

Além de milhões de vidas humanas sacrificadas com esta loucura, os templos christão são convertidos em cinemas, salões de baile, sédes de clubes, etc. Isto tudo está de accordo com o Talmud (a Bíblia judaica) que considera os judeus como povo superior, eleito de Deus, a raça superior, e os demais como um rebanho de carneiros, para os quaes os dez mandamentos de Moysés, não tem aplicação. Brasileiros! O communismo vem ahi, como Aliança Libertadora, atraz da qual se esconde Israel, para, na hora propria dar o bote e impor as leis talmudicas ao povo brasileiro (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 4).

Para João do Sul, a maçonaria também figurava entre os ‘recantos judaicos’. Quando, em agosto de 1935, os maçons de Paranaguá veicularam um folheto antiintegralista contendo a tríade “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” ele respondeu, mostrando ser um assíduo leitor de literatura antissemita:

Quanto a trilogia “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, recomendamos aos maçons a leitura dos “*protocolos dos sábios de Sião*” que são os planos elaborados pelos supremos chefes da franco-maçonaria. [...] Lê maçõn de Paranaguá estes “*Protocollos*” e verás que teus chefes supremos (todos judeos) querem te aproveitar como tijolo na construcção do trono de Israel. Depois de teres feito o teu trabalho, teus chefes supremos te darão em pagamento o desterro, a morte, o exilio. Lê estes “*Protocollos*” e verás que tomaste o bonde errado. Leia também: “*As forças secretas da revolução*” de Léon Poncins e vestirás uma camisa verde, porque és brasileiro e amas a tua patria e tua familia (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3).

²³³ O próprio militante se colocava na posição de ‘antissemita oficial’ do *A Razão*, adaptando o pseudônimo clássico de Gustavo Barroso, “João do Norte”.

A propósito, o livro antissemita de Poncins recebeu uma extensa nota de recomendação no nº 27 do *A Razão*. Eis as conclusões do redator da nota, sobre a leitura do texto:

Pouca gente sabe que o judaísmo, está indissolúvelmente ligado á Maçonaria. Na época atual judeus e maçons colaboram no mundo inteiro, para a vitória da revolução universal. Nos diferentes países, os altos graus maçônicos são, em grande maioria, ocupados por judeus. O judeu sempre teve predileção especial por sociedades secretas. Existem lojas exclusivamente judias, tais como a famigerada ordem maçônica do Bnai-Brith, com séde em Chicago. A Maçonaria em todos os países defende os interesses semitas. De mais a mais, os ritos, as senhas e os símbolos maçônicos são de pura origem judaica! O proprio objeto [objetivo] da Maçonaria, destruição da civilização cristã, revela o judeu, porque só ele póde lucrar com essa ruína, só ele nutre contra o cristianismo um ódio tão violento a ponto de crear semelhante instituição. Eis porque a maçonaria nos declara guerra. É que nós integralistas vemos no cristianismo o mais seguro guiador dos povos, e seguiremos os seus principios eternos (*A Razão*, n. 27, 08/11/1935, p. 4).

É fato que alguns discursos assinados por João do Sul se parecem mais antijudaicos que antissemitas. Entretanto, às vezes o parnanguara ultrapassava o antijudaísmo e assinava por artigos racistas vindos de pesados jornais antissemitas europeus, como do francês *Libre Parole Populaire*. Em texto dirigido ao problema da “infiltração judaica” nos EUA, o redator começou por enaltecer o “saneamento do [...] povo” que “os allemães iniciaram com coragem”; em seguida, lamentou o fato de que, na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, “as medidas de defesa contra as terriveis tentativas de dominio mundial pela raça judaica” ainda eram “fracas”. (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 3). Contudo, nos Estados Unidos, o problema se mostrava crítico:

Esse paiz, de immensas riquezas, offereceu á fantasia comercial, infinitas possibilidades. Que bello campo de acção para esta raça atrevida, que sempre está prompta a abandonar sua ultima patria adoptiva e procurar os paizes novos em via de revelação de suas riquezas. Nunca se encontrará entre os pioneiros que recortam novos territorios e trazem á luz as suas riquezas. Eles deixam para os outros povos o árduo trabalho alliado ao sacrificio de vida e bens, que sempre se dão nas novas emprezas. Mas, mas apparecem as primeiras riquezas, os judeus, um bando de aves de rapina, sahido dos ghettos europeus voam para estes paizes a procura do lucro fácil (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 3).

Os judeus, segundo o texto, esperaram o crescimento das cidades e das riquezas norte-americanas, para aparecerem no país apenas no século XIX (!): “Só agóra se observa a vinda dos judeus, sujós, barbados, nojentos, esfarrapados para explorar esse jovem povo confiante em suas forças, ingênuo e hospitaleiro”. Na sequência, por fim, o autor tentou mapear todos

os importantes cargos do governo Roosevelt nas mãos dos judeus (*A Razão*, n. 13, 30/07/1935, p. 3).

De fato, João do Sul era o antissemita mais frequente no *A Razão*. De agosto a novembro de 1935, quase todas as edições trouxeram matérias antissemitas assinadas pelo obscuro contribuinte. Um dos mais ousados de seus textos apareceu no nº 18, de 10 de agosto de 1935, cujo título é “O Desejo de Israel”. Nele, os judeus foram acusados de todos os “assassinatos em massa” ocorridos durante as Revoluções Russa, Húngara e Alemã, nos quais “entre as vítimas não se encontrava um judeu sequer”. Esses fatos, segundo o autor, receberam uma cobertura “curta e sem grandes comentários” pela “imprensa judaica internacional”, ao passo que, as revoluções fascista e nazista, feitas “sem derramamento de sangue”, foram veementemente combatidas pela mesma imprensa; diante disso, a história se repetiria no Brasil (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 4):

Quando o Integralismo tiver vencido no Brasil, a imprensa internacional judaica repetirá indetentamente a manobra usada em relação à Itália e Alemanha. Os [ilegíveis] telegráficos aquecerão de [ilegíveis] calúnias e mentiras lançadas no mundo. Portanto, quanto maior for o nosso movimento, maior deverá ser a nossa disciplina e ordem, pois uma revolução não se faz com violência, matando gente e incendiando prédios, mas sim impondo à nação, disciplina, ordem, respeito às leis, Contrário a isso é o desejo de Israel (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 4).

Se João do Sul oscilava entre o antissemitismo e o antijudaísmo, não é o caso de Raymundo Valle Sobrinho, nº 2 da Província Paranaense da AIB. Em “Tempora Mutantur...”, o texto mais complexo publicado no jornal, carregado de simbologia, Valle Sobrinho profetizou, para um tempo não muito distante, o fim da “absorção do espírito pela matéria” e do “desperdício das energias do homem, nas expansões exageradas da animalidade”. Em seguida, escreveu:

A profecia, para desespero de Israel, se não realizará, ainda, desta vez. Aries lhe não será sacrificado neste século. Mais cem anos de cogitações para o “povo eleito”! Mais vinte, lustros de machinações diabólicas, ou quem sabe? E quem dera!, de sua reconciliação plena com a Humanidade, pois na expressão veemente da terna Clotilde “é índigo dos grandes corações espalharem as perturbações que sentem” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 6).

Na sequência, o ex-Chefe integralista do Maranhão reforçou o primado da evolução irrepetível do curso da história: “A grande massa humana, marcha, sempre, no sentido ascensional”. A repetição do passado é uma falsa impressão gerada por “fenômenos sociais” que, na realidade, promovem “ligeiros recuos ao passado, onde se firma, para haurir forças de

quebrar entraves opostos á sua ascensão e realizar o surto compensador do retardo trasitorio e nefasto [...]” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 6). Cada fenômeno de retrocesso corresponderia a “uma phase compensadora, de bonança e de progresso”. Até aqui, o autor viu com positividade os ‘recuos’, pois se tratavam de eventos necessários ao avanço da humanidade. O grande problema, para Valle Sobrinho, residia nos fenômenos de retrocesso provocados por judeus:

Falta-lhe o cunho da expontaneidade. É fructo das machinações de uma nação que, sem territorio que lhe caracterise a personalidade juridica internacional, mas, aferrada ás suas tradições de sangue e religião, estabeleceu, ou, melhor, enxertou, no organismo de todos os povos, cellulas que se desenvolveram, atravez dos seculos, dentro do mais rigido exclusivismo e cujos membros são, desde a infancia, norteados, sob a mais rigorosa disciplina, no sentido de se organisarem, politicamente, ahi, mercê da cidadania adquirida pelo nascimento, de maneira a trazer sob seu jugo os incautos hospedeiros e garantir a Israel o império do Mundo, com o governo do Grande Despota (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 6).

Esse fenômeno, que ameaça subjugar toda a humanidade, constitui-se num

plano traçado, com indizível má fé, por um raça, excessivamente mystica e apegada a crença prophetica, cada vez mais viva, de que Jeovah lhe conferirá fatalmente o domínio absoluto sobre todos os povos que, incautos acolheram no seu seio. Só quem seja destituído de olhos de vêr, ouvidos de ouvir e facultade de raciocinar, se não aperceberá de que o Communismo é obra do judeu, de que as agitações e a confusão reinantes em todos os sectores da terra, são consequentes de seus machiavelicos manejos e que o celebre “olho de Moscow”, nada mais é que o seu proprio olho, que nos espreita em todas as manifestações da nossa actividade [...] (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 6).

Foi a primeira vez que surgiu no periódico a referência à “questão judaica” enquanto raça. Não temos como medir a reação que tal escrito provocou nos leitores do *A Razão*, contudo, sabemos que uma segunda parte de “Tempora Mutantur...”, prometida pelo jornal, nunca foi publicada.

Invariavelmente, tais estardalhaços antissemitas eram ‘suavizados’ no *A Razão* com a explicação tradicional de Plínio Salgado de que o problema dos judeus no Brasil era “moral e não ethnico” (*A Razão*, n. 22, 27/09/1935, p. 6). Não obstante, pelo que vimos, existem poucas razões, além da semântica integralista, para utilizarmos ‘divisões internas’ do antissemitismo camisa-verde, uma vez que nos textos aqui analisados os elementos se misturam.

5.3.2 O ÓDIO IMEDIATO: A ANL, OS JUDEUS E A MAÇONARIA NO PARANÁ

A base secular da sociedade!
A Religião?... A Patria?... Despresadas!...
E a Família... É presa da maldade!

A noite é horrenda! Tropas mascaradas.
Da Aliança Nacional!... E na verdade,
Fantasmas são das furnas condenadas!...

Angelo Antonio Dellegrave
(*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 2)

A despeito do combate e do ódio desferido contra “o comunismo” e “os judeus” em sentido amplo, para o caso dos fascismos, a odiosidade genérica necessariamente precisa se materializar em um objeto próximo, visível e alcançável. Se esse alvo não existe, é preciso criá-lo.

O PCB foi fundado no Estado do Paraná apenas em 1945. Apesar disso, alguns de seus militantes atuaram politicamente através da Aliança Nacional Libertadora, o conglomerado político de esquerda antifascista, sob forte influência de Luís Carlos Prestes (CODATO; KIELLER, 2008). Alguns políticos locais filiados ao PSD eram declaradamente participantes da ANL, como o deputado federal Dr. Otávio da Silveira, os deputados da Constituinte Estadual Tenente Agostinho Pereira Alves Filho e o Major Djalma Rocha Al-Chueyr (OLIVEIRA, 2004).

De acordo com Wilson Martins, que conviveu com comunistas e integralistas em Curitiba nos anos 1930, os integralistas eram esmagadora maioria no binômio direita/esquerda:

A esquerda brasileira sempre foi muito fraca em termos de penetração eleitoral. Aqui no Paraná, por circunstâncias históricas, mais fraca ainda. Nos meus tempos de estudante, havia comícios de esquerda e de direita. Foi o tempo brilhante do Partido Comunista e do Partido Integralista do Brasil todo, e em particular em Curitiba. Nesses tempos, entre os universitários, quem não era integralista era comunista. Havia cafés sentados [...] onde os comunistas iam tomar sua média com pão e manteiga, e outros onde os integralistas iam tomar café com pão e manteiga; ninguém se misturava, realmente nesses cafés. O Partido Integralista era, de fato, predominante em número. A esquerda sempre foi muito fraca [...] (IPARDES, 1989, p. 112-113).

Os camisas-verdes do Paraná constantemente se ‘infiltravam’ em reuniões da ANL local, no único intuito de mostrar que “aquelle que parecia não existir [o comunismo], escondeu a cara, mas deixou a asquerosa cauda de fora” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 5). Há relatos de que os aliancistas faziam o mesmo e que conflitos (físicos) não eram incomuns.

Violeta Franco, neta de Manoel Viera de Alencar, que frequentava a casa dos avós na década de 1930, relatou que esteve presente “ao lado de sua avó, [...] na noite em que uma conferência de Plínio Salgado no Cine Avenida foi interrompida por comunistas que transformaram a Avenida Luiz Xavier num campo de batalha” (*Estado do Paraná*, 02/04/1991, p. 20).

Na já referida sessão do *A Razão*, intitulada “COMENTANDO...”, um autor anônimo – que só poderia estar presente – descreveu com minúcias um evento da ANL em Curitiba, citando inclusive palavras da boca dos aliancistas:

A aliança Nacional Libertadora com fôros de Anjo Custodio da raça brasileira contra as “certas correntes imperialistas e guerreiras do fascismo”, comemorou a data do “13 de maio” fazendo conferencias num dos teatros de Curitiba, faziam apologia da “formidável concepção doutrinaria de Marx e Engels, posta em pratica pelo não menos formidável governo russo”, com [sic] eles proprios costumam dizer. Até aqui nada de importante. Certo orador escalado, e por sinal bom leninista, atacou as bases mais nobres da sociedade, o que fez algum, dentre os que estavam assistindo as suas patranhas, com ar de troça, dizer: – “Meu Deus”! Aqui o conferencista, agastado, diz que esse Deus por quem muitos clamam não existe. Que Deus é um ente imaginado por cerebros doentios, atraz do qual se acastelam os capitalsitas... e usurpadores do dinheiro do povo, (dirigindo-se contra o clero). Outro orador, tambem escalado pela Aliança, diz não estar de acordo com as opiniões emitidas pelo companheiro, por que ele, o orador crê na existência de um ente supremo, e portanto afrima [sic] a existencia de Deus. Em resposta o primeiro, com violencia ataca o segundo, fazendo-o que se retire do palco aborrecido. A plateia não podendo conter o riso diante das tão claras contradicções dos oradores, gargalha a bom gargalhar. Pobre Aliança Nacional Libertadora! “Quer a unidade da pátria” (só para inglêz ver... e só pra “despistar”), mas nem siquer, entre os seus sequazes, se conserva uma unidade de doutrina. Por aí se vê que o partido comunista mascarado em Aliança Nacional Libertadora, desde o nascer está se esfacelando... A.D. (A Razão, n. 3, 17/05/1935, p. 4).

Obstinadamente, em vários números do *A Razão*, os integralistas paranaenses se esforçaram para provar que o pluralismo esquerdista da ANL era o avatar de uma única instituição: o Partido Comunista “sob as ordens diretas de Moscou”.

Temos a certeza absoluta de que a Aliança Nacional Libertadora, nada mais é que o Partido Communista mascarado de nacionalismo mas traz o sinete do olho de Moscou. Os boletins comunistas espalhados nesta cidade a 1º de maio ultimo, e apreendidos pela policia, faziam franca e desassombrada alusão a Aliança Nacional Libertadora e a Comissão Juridica de Inquerito Popular. Ainda bem que não guardam segredos... Conhece-se o furto, pela casca... (A Razão, n. 3, 17/05/1935, p. 4).

Em outro número, porém da mesma forma, ao comentar a congratulação que a ANL enviou à recém-fundada União Democrática de Porto Alegre²³⁴, o autor da matéria intitulada

²³⁴ Junção entre a Frente Única e o Partido Liberal gaúcho.

“Enfim, o que é a Aliança Nacional Libertadora?” usou de todas as armas para forçar a associação:

É extranhavel essa atitude da “aliança”, mórmente porque diz combater as instituições liberaes-democraticas e, em seguida, faz conluos com ellas. Bem mostra que não tem principios: si é “nacionalista”, engana ás massas obreiras, dizendo-lhes confidencialmente que é “communismo” encapado e aproveita os esforços destas, que acreditam numa dictadura proletária, em beneficio de alguns liberaloides parasitas e exploradores; si é “internacionalista”, o que lhe cabe melhor, é obra do judeu. É o communismo, o materialismo estomago e sexo, que aproveita os elementos de todas as correntes, liberaes, liberaescommunistas e communistasliberaes, para dar seu golpe decisivo em proveito da “raça eleita” (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 1).

No mesmo número, na seção “Comentando...”, a atitude da criação da União Democrática, com o fito de combater o extremismo de direita e de esquerda, foi comparada “a scena do Evangelho em que se quis igualar a figura sacrosanta de Jesus, com a do criminoso vulgar que atendia pelo nome de Barrabás” (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 1). As imagens religiosas prosseguem:

[...] está se vendo repetir-se o quadro da aliança de dois inimigos para o combate do justo. É Anaz (a Frente Unica) e Caiphaz (o Partido Liberal) a fazerem as pazes para que unidos combatam o salvador do Brasil, que é o Integralismo. [...] Não para muito longe, ouviremos um Poncio Pilatos dizer á turba dos Judeus Internacionaes. Qual dos dois quereis que eu vos deixe livre? O Integralismo ou o Communismo? Nós já estamos ouvindo a gritaria do Judaísmo que aponta para o Integralismo e repete como outrora contra Jesus de Nazareth: - Crucifique-o! Crucifique-o! Mal sabem elles que é o sangue dos martyres que redime os povos. [...] Crucifigae o Integralismo entre os ladrões, como o foi o Nazreno, o nosso Mestre, e elle tambem ressuscitará triunphante, para a confusão de todos os inimigos da Patria [...] (A Razão, n. 9, 28/06/1935, p. 2).

É evidente, não faltava criatividade à AIB para desqualificar e associar a ANL ao comunismo.

No nº 4, o *A Razão* publicou uma carta de Luís Carlos Prestes à Ercolino Cascardo²³⁵, seguida de comentários ‘elucidativos’ (a colocação das palavras em letras maiúsculas no trecho abaixo foi feita pelo camisa-verde autor da matéria):

“A radicalização das grandes massas manifesta-se claramente, entre outros factos, pela influencia crescente do PARTIDO COMUNISTA, e a propria aclamação do meu nome nos comicios da Aliança É UM INDICIO DE TAL INFLUENCIA, porque não só os dirigentes da Aliança, mas as grandes massas que os apoiam, sabem que SOU COMUNISTA e membro do P.C.B.” (Isto prova que a Aliança é comunista). “As massas que vem lutar contra o fascismo, querem aniquilar o

²³⁵ A carta, redigida em 25 de abril, provavelmente veio à tona com o processo de fechamento da ANL pelo Tribunal de Segurança Nacional (RANGEL, 2005).

movimento integralista e vêm na Aliança a organização capaz de reunir numa grande e única força os esforços dispersos da multidão”. Isto prova que o Integralismo é a única taboia de salvação que as famílias brasileiras encontram para se livrarem do comunismo. Deante disso, que os chefes de família, os que amam a Deus e á Patria, decidam-se! (*A Razão*, n. 4, 24/05/1935, p. 6).

Em 5 de julho de 1935, o jornal reproduziu a notícia da descoberta de planos comunistas para o Brasil, “obviamente” ligados à Moscou e à ANL, que teriam caído nas mãos da polícia, em julho de 1935:

Ilustração 49 – Reportagem ventilando a descoberta de um suposto plano comunista para o Brasil



Fonte: *A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 1

A matéria foi extraída do jornal *Gazeta*, do Rio, mas foi o *O Globo* – o ‘caçador de extremismos’ – que “teve a primazia na divulgação do primitivo plano de infiltração comunista no Brasil”. Na esteira da lógica anticomunista dos integralistas, Roberto Marinho afirmou:

Verdadeira ou não [!] a impressão colhida pela Policia, o que é certo é que o governo está, em verdade, preocupado com a actividade dos elementos agitadores. A Aliança Nacional Libertadora passou a ser olhada com certa reserva, estando os

seus proceres mais destacados sob vigilância secreta (*A Razão*, n. 10, 05/07/1935, p. 1).²³⁶

No mesmo dia da publicação do nº 10 do *A Razão*, a ANL realizou manifestações no Rio de Janeiro em virtude do aniversário das revoltas tenentistas. Na ocasião, a leitura de um manifesto de Luís Carlos Prestes – em que exigia “todo poder à ANL” – casou-se com a denúncia de Roberto Marinho, tornando-se o pretexto que o Governo Federal esperava para pôr na ilegalidade a frente antifascista. O fraco inimigo se tornava agora ilegal.

A despeito da fraqueza, a AIB dirigia constantes alertas a segmentos considerados potencialmente integralistas, para que não se bandeassem para a ANL. No nº 11 do *A Razão*, uma nota intitulada “Prevenção”, chamou a atenção dos católicos:

Catholicos brasileiros, não vos deixeis illudir pelas labias da “Alliança Nacional Libertadora”! É agremiação comunista: apesar do disfarce, fácil é conhecer-lhe este caracter pelo seu chefe Luiz Carlos Prestes, que é comunista ferrenho, da escola de Stalin, onde foi aprender. Si “A.N.L.” declara que “absolutamente não se immiscue em considerações de credos religiosos, poisque isto é uma questão de fôro intimo de cada pessoa”, não passa isso de manhoso disfarce para enganar os incautos; alem de tudo, nessa mesma declaração já vem revelado que a dita “Alliança” só admite que cada qual tenha o credo religioso no fôro intimo, mas não o professe em publico. Nada de illusões: a “Alliança Nacional Libertadora” é communismo! (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 2).

Mesmo após o fechamento da Aliança, o jornal insistiu na associação. Em julho, um trecho da coluna “Comentando...” afirmou em tom de desabafo: “os que diziam que combatíamos uma coisa inexistente no Brasil, começaram a nos comprehender. Foi a maior propaganda que se poderia fazer ás nossas idéias” (*A Razão*, n. 12, 23/07/1935, p. 5). Mais tarde, já em setembro, o jornal persistiria no assunto, como forma de ressuscitar o defunto, com uma matéria, agora intitulada: “Mais uma prova de que a A.N.L., falecida ha algum tempo, era de facto comunista” (*A Razão*, n. 19, 06/09/1935, p. 1).²³⁷

²³⁶ Roberto Marinho, “que não é Integralista” (como os jornalistas do *A Razão* faziam questão de ressaltar) também muniu diretamente o jornal paranaense para o combate à ANL; em 12 de julho de 1935, Lacerda reproduziu do *O Globo*: “Haverá quem ignora que aquella ‘Frente Única’ não é mais do que uma tactica de acção da Terceira Internacional, nos paizes em que o communismo encontra maiores obstaculos para destruir a chamada burguesia? [...] Os que possam cerrar fileiras, sinceramente, na Alliança Nacional Libertadora, verão depois ‘que seguiram uma politica comunista, sem dar por isso...’ [...]. Abusem os dirigentes da Alliança Nacional Libertadora da ‘machiavelica manobra’ de reunir sob uma innocente bandeira de ‘frente única’ todos os elementos necessarios á victoria do regimem sovietico. Mas tenham um pouco de pudor, e respeitem os trabalhadores brasileiros, que não merecem ser ludibriados” (*O Globo*, 04/07/1935 apud *A Razão*, 12/07/1935, p. 1).

²³⁷ O *A Razão* pretendia deixar claro aos seus leitores que qualquer entidade de esquerda que surgisse no país seria concebida pela AIB como “uma nova roupa” do comunismo de Stálin. Destarte, no nº 23, depois de historiar os movimentos anti-fascistas do Brasil, o *A Razão* comentou o surgimento da “Acção Popular Pró-Pão Terra e Liberdade”, “dos milionários” Caio Prado Junior e Francisco Mangabeira, como o “novo traje” talhado pelos “alfaiates da Russia” (*A Razão*, n. 23, 07/10/1935, p. 3).

As estratégias discursivas contra a ANL, elencadas até aqui, privilegiam a “transformação de um conceito em uma imagem” (CHAUI, 1978, p. 40). Contudo, as outras três maneiras pelas quais a AIB trabalhava o discurso com imagens, segundo Chauí, (a “justaposição” e a “associação livre”) são as formas mais comuns do discurso odioso contra a ANL.

Às vezes a ANL recebia menções que a relacionavam ao mesmo tempo ao comunismo, ao judaísmo e ao capitalismo internacional:

O partido comunista, fantasiado no Brasil de “aliança nacional libertadora” e que melhor podia chamar-se “*Ajuntamento Judaico do Banqueirismo Internacional Escravista*”, jacta-se, em grandes títulos, através de seus diversos jornais, com grande circulação diária em São Paulo, Rio, Curitiba e outras cidades, pagos com o suor e o sangue de todos os povos, da “*victoria das massas*”, pela não realização da parada dos 10.000 “Camisas Verdes” em São Paulo (*A Razão*, n. 8, 22/06/1935, p. 6).

Os judeus, de acordo com o *A Razão*, estavam diretamente ligados à circulação de material propagandístico da ANL em Curitiba. Em julho de 1935, quando alguns folhetins apareceram na cidade pela manhã, o jornal esconjurou a atitude dos “morcegos”, “inimigos da luz”, que usaram “a escuridão da noite, para espalhar o vírus lastimoso de suas ideias malsãs”. A atividade foi atribuída aos “chefotes judeus”, que “prometendo uma ninharia, mandam outros, os iludidos, a difundirem pelas vias públicas, o papelucho de suas asneiras [...]”, sem serventia “nem para emburlhar uma migalha de cebo” (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 2). Em seguida o redator desconhecido compartilhou uma experiência pessoal (na qual é irônico observarmos o militante deslizar no próprio moralismo).

Certa vez, quando despreocupado eu vinha de um baile, (apesar de não gostar dessas coisas), bem cedo, isto é, antes do padeiro, lá pelas três da madrugada, observei na rua um vulto que, sobraçando um maço de papel introduzia, folha por folha, os pamphletos, no interior das casas. Pensei comigo: Que horas de espalhar programas de cinema, teatro ou circo de cavallinhos! Estuguei o passo. (Sou nimiamente curioso). Não eram programmas, e sim pamphletos da A.N.L. (!). Aproximando-mo do vulto, perguntei:
– Desculpa-me a indiscrição: quem te mandou espalhar esta papelada?
– O Judeu alli da esquina, que me prometeu pagar um mil reis, quando o comunismo vencer... Elle me disse que ainda serei dono da funilaria do Zeca Parafuso...
Dei uma gargalhada e me fui retirando. É assim que elles querem vencer... (*A Razão*, n. 11, 12/07/1935, p. 2).

Além dos judeus, a Maçonaria também figurava como parceira do movimento aliancista e a aura secreta e misteriosa da sociedade foi estendida aos antifascistas. Na matéria “A comunista Aliança Libertadora dentro da Maçonaria”, podemos ler:

O povo brasileiro que comece a abrir os olhos... O inimigo vem agindo abertamente e secretamente, com o fim de implantar no Brasil, o bolchevismo judaico da Russia. A comunista Aliança, *sem a vontade de sua maioria*, vem servindo de instrumento, a seculares forças secretas internacionaes, enfaixadas nas mãos de indivíduos que não são brasileiros e que, portanto, nada têm que vêr com o nosso Brasil. [...] Ainda há pouco a Aliança Libertadora fez algumas de suas reuniões em Paranaguá, na Maçonaria. Isto não é um signal, é um aviso! [...] Um pouco de raciocinio e de reflexão basta para vos mostrar que forças occultas vêm agindo subterraneamente... Ainda é tempo, porém! Matemos a hydra, antes que ella devore o Brasil! (*A Razão*, n. 9, 28/06/1935, p. 1).

Cabe apontarmos que os problemas do Integralismo com a Maçonaria extrapolavam a possível ligação de seus membros com a ANL. O internacionalismo e a defesa unilateral de princípios libertários da Revolução Francesa estão no cerne desse combate (nisso a AIB não diferia muito dos seus congêneres europeus).

Além do mais, pouco sabemos sobre as manifestações da Maçonaria paranaense, no que diz respeito aos violentos ataques públicos dos integralistas, para além daquilo que os próprios camisas-verdes publicaram. Contudo, é visível, que a partir do nº 18, a ANL figurou mais na lembrança do jornal *A Razão*, ao passo que a Maçonaria ocupou lugar privilegiado como alvo dos ataques odiosos dos integralistas.²³⁸

Naquele número do *A Razão*, Jorge Lacerda fez alusão a um “manifesto contra o Integralismo”, redigido pela “Maçonaria Nacional” e publicado em “um diario que se edita em Curityba, sympathizante da falecida A.N.L.” (*A Razão*, n. 18, 30/08/1935, p. 1). No nº 23, de 7 de outubro, aproveitando a visita a Curitiba do mais antimaçônico integralista, Gustavo Barroso, o jornal chegou a admitir a existência de “uma violenta campanha” perpetrada pela “dona Accacia” (Loja Maçônica Acácia) contra a Província do Paraná (*A Razão*, n. 23, 07/10/1935, p. 4).

Paranaguá também foi uma das cidades onde o conflito Integralismo x Maçonaria se mostrou contundente. Frente ao crescimento do Movimento, uma loja maçônica da cidade abandonou a tradicional discrição e fez circular um folheto anti-AIB. Talvez não seja preciso

²³⁸ Alguns conhecidos maçons participaram da AIB, como o General Raul Munhoz, que se elegeu vereador em Curitiba pelo Integralismo. A questão é saber se a necessidade de votos fez com que a AIB abrisse mão do desligamento do General da Loja Maçônica; ou ainda, se a Loja colocava a adesão ao Integralismo como sinônimo de exclusão da Sociedade, como sugere o *A Razão* (*A Razão*, n. 25, 23/10/1935, p. 4). Provavelmente, para o caso dos integralistas, não, mas o assunto requer uma pesquisa específica e de difícil acesso às fontes (senão impossível).

dizer que o folheto maçônico apresenta a perfeita compreensão da luta maior dos fascismos contra a democracia e a Ilustração:

[O juramento integralista] fêre a liberdade de pensar e agir do individuo e tem pretenções descomedidas de atingir a espécie humana, é um crime de lesa-liberdade de consciencia, directamente afronta os principios da Maçonaria que altea [sic] sua divisa de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Não é possível concordar com taes escravocratas que além de tudo são fundamentalmente opostos a igualdade, desejam o governo das elites, e perseguição aos judeus e aos que tem ideas contrarias e custe o que custar, imporão o mesmo óleo de ricino e “manganelis” (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3).

A resposta integralista veio através da crítica ao juramento maçônico:

“Se eu trair minimamente o meu juramento, seja-me cortado o pescoço; meu coração, meus dentes e minhas entranhas sejam arrancadas e deitados ao fundo do mar; queime-se o meu corpo e dispersem-se as minhas cinzas no ar, para que nada reste de mim e dos meus pensamentos entre os homens e entre os meus irmãos maçons.” Ora se um integralista trair o seu juramento não lhe cortamos o pescoço (processo puramente judaico que chama de “chrachten”) e também não queimamos o seu corpo, mas simplesmente a ficha do companheiro que faltou com sua palavra, sendo a elle em pessoa vedado as honras de integralista (*A Razão*, n.14, 05/08/1935, p. 3).

Por fim, o *A Razão* fechou os debates com a Maçonaria afirmando que as adesões ao Integralismo ocorridas no mês de outubro de 1935 (113 em Curitiba, 143 em Ponta Grossa e distritos) se deram em virtude da campanha maçônica contra a AIB: “só nos resta entretanto apresentar os nossos sinceros agradecimentos á ‘Dona Accacia’, apelando para que continue como nossa Secretaria de Propaganda”, afirmou um militante identificado como “Iapó” (*A Razão*, n. 23, 31/10/1935, p. 6).

É fato, que essa ‘catalogação’ de adversários e manifestações discursivas de ódio, é muito mais didática do que empírica, até porque o discurso fascista é avesso à empiria. Em muitos discursos ‘inclassificáveis’, a metralhadora integralista desfere tiros e coronhadas contra judeus, maçons e aliancistas ‘irmanados’, como se enfileirados no mesmo paredão de fuzilamento.

Isso só é possível através da livre circulação do ódio no interior do Movimento, obviamente direcionado a esses três principais bodes expiatórios: os comunistas, os judeus e os maçons. Associá-los inadvertidamente não implicava na quebra da lógica da ideologia, ao contrário, reforçava as suas fronteiras através do medo de um ‘gigante de três pernas’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese ambicionou apresentar uma faceta distinta do Integralismo, em pelo menos dois aspectos, se comparada às demais monografias já produzidas sobre o tema: 1) ele é tomado aqui, assumidamente, como uma variante do “fascismo genérico” e, enquanto tal, analisado como um fenômeno embebido em afetividades políticas; 2) essa análise se fez através do estudo de uma seção estadual do Movimento, a Província do Paraná, da década de 1930, uma das menos visitadas pela historiografia no Brasil.

Trabalhando com esses dois aspectos, esbarramos na contingência de entender as origens e a estrutura alcançada por essa seção estadual, uma vez que se mostrou impossível discorrer sobre as afetividades no movimento integralista do Paraná partindo do vácuo historiográfico até então existente. O estudo abrangente dessa ‘totalidade recortada’, contudo, tornou a tarefa árdua, na medida em que nos propusemos a acompanhar a atuação de incansáveis camisas-verdes em um recorte temporal de aproximadamente 2 anos e 4 meses: da fundação oficial do Movimento (julho de 1934) até sua volta da proscricção (dezembro de 1936). Ainda assim, sob nossas próprias lamentações, uma parte importante dessa história ficou ausente: a volta dos integralistas paranaenses às suas atividades políticas, durante o ano de 1937, depois dos 7 meses de repressão.

Como todo pesquisador dos fascismos espera, nossa análise ‘prévia’ da Província do Paraná trouxe a reboque o confronto com diversas ordens de elucubrações infundadas, algumas delas inclusive já academicizadas. Embora adentrar nesse território signifique se esquivar do mote principal da tese, o ‘juramento’ do historiador não nos permite o escapismo. Depois de quase 300 páginas, cremos ser possível agora alguma ‘reconfiguração’.

Nossa pesquisa mostrou, suportada em denso material documental que, nesse ínterim recortado (julho de 1934 a dezembro de 1936), a Província do Paraná vivenciou três momentos distintos. O primeiro, que vai de julho de 1934 a setembro de 1935, representou o período da criação e consolidação do aparelho partidário em âmbito local. Seu enraizamento no sistema político se processou de forma paulatina, seguindo um crescente gráfico de adesões e ramificações geográficas, culminando com os significativos resultados eleitorais de setembro. Foi o momento das massivas aparições da camisa-verde em espaços públicos no Paraná e da explosão numérica de militantes em Curitiba, Rio Negro e Ponta Grossa. Nas urnas, a AIB mostrou seu potencial e o espaço político conquistado entre uma massa de eleitores que não vestia a camisa-verde.

O segundo período vai das eleições, em setembro de 1935, até a proibição governamental ao Movimento, em abril do ano seguinte. Trata-se de um período em que os resultados das eleições fizeram acirrar os ânimos entre os poderes estaduais e os camisas-

verdes, tanto no que concerne aos poderes no âmbito municipal, quanto no estadual. Um ponto de inflexão nessa trajetória foi, sem dúvida, a Intentona Comunista de novembro: ao mesmo tempo em que favoreceu o discurso de ódio anticomunista da AIB, abriu as portas legais, pela decretação do Estado de Sítio, para que o Governo Estadual pudesse censurar e reprimir as práticas integralistas. Assim, ao mesmo tempo em que, por exemplo, o Núcleo da Lapa deu início a um crescimento explosivo, em dezembro, a censura fez o *A Razão* suspender sua circulação, colocando em estado de alerta os militantes, à espera do pior: a proibição total do Movimento, em abril de 1936.

Deste modo, teve início o terceiro e último período abordado por este trabalho, no qual os integralistas, agindo na ilegalidade, encontraram certas lacunas na estrutura repressiva para permanecerem mobilizados sob a sombra do “facção” de Manoel Ribas, enquanto aguardavam dias melhores (abril – dezembro de 1936).

Sobre essa história, nas entreouvidas das ruas ou mesmo em círculos acadêmicos, assistimos afirmações acaloradas de que o Integralismo no Paraná foi um movimento, cujo surto na década de 1930, deve ser associado (1) à existência de uma “cultura política paranaense”, “autoritária e conservadora” e (2) à presença considerável de imigrantes e descendentes de alemães e italianos – mais recentemente, juntou-se a essa lista a presença do Partido Nazista em solo paranaense. Tomando essas considerações, no início de nosso trabalho, como ‘pressupostos desconfiáveis’, debruçamo-nos para tentar desvelá-los “lá fora”, ou seja, por meio das evidências que os camisas-verdes deixaram.

É possível que o lado conservador do Integralismo tenha tido afinidades com esse ‘jeito paranaense’ de pensar a política, existindo assim algo de verossímil na memória popular? Primeiramente, cremos ser dispensável um conceito de cultura política de tipo ‘genético’, que popularmente circula até na academia. Embora se possa falar em tendências, não existe uma única cultura política em um Estado onde se encontravam, naquele período, comunistas, anarquistas, movimentos camponeses, conformistas de todo tipo, além de gente ‘nula’ politicamente, pelos mais variados motivos.

No Paraná, estimamos que a AIB tenha alcançado de 38.000 a 40.000 militantes entre meados da década de 1930 e o ano de 1937, data de sua proscrição definitiva. Ainda que essa pretensa cultura política fosse palpável, não temos certeza de que ela teria sido determinante para que todas essas pessoas jurassem fidelidade a um partido revolucionário (sobretudo do ponto de vista da mobilização afetiva e da uniformização). Com isso, temos aqui a pretensão de inverter a hipótese: talvez seja possível falar em uma tendência ‘à direita’, justamente após uma parte considerável dos formadores de opinião do Estado (vide o enraizamento da AIB na

Universidade do Paraná e entre intelectuais de todo tipo), juntamente com boa parte da população, terem sido arrebatados por um **amplo movimento fascista**. Em números relativos (militantes/número de habitantes) o Paraná ocupava a assustadora 5ª posição nacional. Ou seja, cerca de 16% da população aderiu ao Movimento, até dezembro de 1936.²³⁹

É claro que o termo *assustador* se aplica mais a Santa Catarina²⁴⁰, onde a AIB, em uma população praticamente igual à do Paraná, tinha 100.000 militantes. Além disso, naquele Estado a concentração de descendentes de italianos e alemães que cerraram fileiras foi superior a de qualquer outra parte da federação. Nas ditas “áreas de colonização”, o partido obteve os melhores resultados eleitorais e logrou aos historiadores catarinenses do Integralismo as suas maiores dores de cabeça. Foi de Santa Catarina, a propósito, que opiniões desavisadas importaram a ideia de que os teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros compunham a maioria dos filiados integralistas no Paraná – importação feita via ‘osmose metafísica de proximidade geográfica’, para parafrasear o professor René Gertz.

Nesse ponto, adentramos à segunda ordem de questões de nosso diálogo com a memória. Não precisamos aqui reproduzir os dados do Capítulo III. Nem mesmo se juntarmos todos os sobrenomes estrangeiros filiados à Província a porcentagem alcançaria o total de sobrenomes luso-brasileiros. A despeito disso, reitero, a participação de descendentes no Movimento era, para alguns casos, superior à sua porcentagem no total da população paranaense. Isso quer dizer que havia alguma coisa na AIB que atraía mais alemães e italianos? É possível que sim, como também é possível que as condições em que viviam certos grupos étnicos os tenham empurrado para o Integralismo, sobretudo no que se refere àqueles que se encontravam em relativo isolamento (como os de Rio Negro): homens e mulheres que não falavam mais que duas palavras em português e que nunca haviam sido convidados para a política, até que lhes foi entregue um exemplar em alemão de “O Integralismo ao alcance de todos”.

Com isso não desacreditamos da tese sustentada por João Fábio Bertonha, de que os caracteres fascistas da pátria-mãe podem ter exercido alguma atração (algumas respostas dadas por ex-militantes em interrogatórios na DOPS inclusive sugerem isso). Apenas cremos que existe um conjunto de fatores a serem analisados (especialmente em estudos locais), cujo desvelamento da primazia só será possível, no caso da Província do Paraná, se uma documentação de natureza distinta da que utilizamos aqui for encontrada.

²³⁹ A Província ficava atrás de Santa Catarina, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia (respectivamente e em ordem decrescente).

²⁴⁰ Embora recentes estudos que buscaram explicar o fenômeno eleitoral integralista já tenham tirado os pontos de exclamação do termo.

A ideia da conspiração nazi-integralista não mereceria muitas linhas se não fosse tão popular, quanto insustentável. De acordo com a documentação, em suas formas de ação e objetivos os partidos nazista e integralista claramente se distanciaram. A NSDAP/PR dirigia sua propaganda aos alemães e descendentes e estabeleceu uma conduta cautelosa quanto à sua “visibilidade” no cotidiano das cidades paranaenses. Em 1936, temos registros de que a “Delegacia Auxiliar” também vigiava as atividades dos nazistas e, sob ordens de Berlim, as atividades públicas do Partido tomaram cada vez mais contornos reservados (ATHAIDES, 2011). Ao mesmo tempo (justamente em 1936), a AIB foi abruptamente caçada pelo governo de Manoel Ribas. Deste modo, parece-nos pouco provável que o Partido Nazista pudesse, ou quisesse, dividir espaços públicos ou privados com os integralistas, como ocorreu em Santa Catarina. Fato é que a NSDAP/PR, muito centrada no *Anchluss* (anexação) dos círculos teutos, pouco se preocupou, mesmo que na base, em unir forças com a AIB.²⁴¹

Quanto ao objetivo principal desta tese, o estudo dos aspectos afetivos do movimento integralista, demonstramos que, num perene esforço para manter acesa a chama passional da militância, os jornais integralistas se utilizaram de inúmeras facetas do discurso emotivo. Algumas vezes, esse discurso se escorava nas próprias atitudes apaixonadas dos militantes, outras, em elucubrações pouco ou nada relacionadas ao mundo real.

Talvez não seja de todo correto atribuir o epíteto de ‘estratégias’ a esses discursos, uma vez que eles não se inscrevem numa artificialidade absoluta. Foram escritos por indivíduos que se encontravam profundamente entregues à causa e à liderança carismática, de forma que se torna difícil, senão improdutivo, para a História, procurar neles uma pura instrumentalização. Não dispensamos com isso a análise dos intrincados caminhos do discurso. Salientamos apenas que, embora Plínio Salgado vislumbrasse um poder afetivo e amorfo na sociedade brasileira e quisesse utilizá-lo, canalizar essa força para os objetivos do Movimento requeria algo mais do que cálculos e táticas discursivas. Requeria antes uma alimentação mútua, uma retroalimentação entre a paixão do adepto e a elaboração de mensagens comoventes – principalmente por parte dos jornalistas-militantes do Movimento.

Nossa análise se concentrou naquilo que podemos chamar de ‘recorrências afetivas’, visíveis nos periódicos aqui explorados, sobretudo o *A Razão*. Não coincidentemente, como

²⁴¹ Na outra extremidade, deve-se considerar o fato de os nazistas disporem de irrisória liderança sobre os teutos da capital: paulatinamente, na segunda metade da década de 1930, uma influente parcela dessa comunidade contraiu ojeriza frente ao trabalho dos “partidários” nazistas, em especial, pelas práticas impositivas de disseminação da doutrina nos círculos teutos (ATHAIDES, 2011). Tendo em vista que parte da clientela da AIB pertencia a essa mesma comunidade, não parece lógico que os camisas-verdes andassem de mãos dadas com a NSDAP/PR.

vimos, essas recorrências compõem uma espécie de “triplo núcleo afetivo” de todo movimento fascista: a paixão militante, o ressentimento e o ódio.

Sem negar certas clivagens sociais, este trabalho mostrou que em torno do Integralismo homens e mulheres paranaenses, socialmente distintos, se entregaram a uma jornada passional pela causa e pelo líder, na defesa de um constructo de ‘nação ferida’ e a discursos e práticas de ódio contra os ditos indesejáveis.

As práticas em torno da paixão pelo chefe carismático mostraram que, a despeito de ser Plínio Salgado um chefe fascista fora dos padrões físicos e temperamentais da maioria, ele extasiava e controlava multidões: a paixão, ou a devoção carismática, não estava apenas nele, mas também na massa.

Simultaneamente, a paixão por um Brasil ‘vivo’, porém idílico, completamente avesso ao real, levou os camisas-verdes ao cultivo de afetividades reativas para com os entes tidos como causadores das humilhações históricas nacionais. Assim, a obsessão ressentida contra a usurpação pelo “estrangeiro”, pelo “supercapitalismo”, pelo “capitalismo judaico internacional” (ou qualquer outra variação), promoveu, ao mesmo tempo, a unidade e a circulação do ódio entre as fileiras do Movimento. Além disso, um inimigo imediato – no Brasil, um perigo muito mais imaginário – espreitava a nação, no intuito de transformá-la no ‘monstro soviético’. Invariavelmente, nos discursos, esses entes odiosos apareceram no resultado de uma somatória em que todos os componentes eram judaicos.

O arsenal discursivo do ódio integralista contra os judeus que aqui vimos corrobora, em certo sentido, a constatação de Héglio Trindade: o antissemitismo “ainda que secundário no plano das ‘motivações’ de adesão, será relevante enquanto dimensão ideológica adquirida pelos militantes no seio da AIB” (1979, p. 153). Em outros termos, poucos aderiram ao Integralismo por meio de um convencimento ideológico antissemita *prévio*, mas, uma vez ingressos, parte significativa dos militantes compartilhava o ódio antissemita socializado no interior do Movimento. Não se trata, portanto, de uma dimensão “ideológica adquirida”, mas antes, de um *sentimento compartilhado* que sociabilizava uma série de lugares-comuns do ódio antissemita.

De forma mais próxima, os ódios do fascismo brasileiro no Paraná se direcionaram para a Aliança Nacional Libertadora e para a Maçonaria, instituições com as quais a AIB disputava e compartilhava espaços no cenário estadual. Com relação à primeira, a ojeriza descambou em conflitos de rua, já com a segunda, provavelmente apenas sob a forma de batalhas discursivas. De qualquer forma, mesmo no olhar microscópico do cotidiano, tanto os aliancistas quanto os maçons foram associados mutuamente e em relação aos judeus. Trata-se,

na realidade, da ‘livre associação entre os objetos do ódio’, a qual não carece de qualquer lógica externa à da ideologia.

Paixão militante, ressentimento e ódio fizeram parte, portanto, do universo do militante integralista paranaense e, certamente, de muitos camisas-verdes do Brasil. A falta de distância em relação à nação, seu objeto da paixão, colocou a AIB em um tribunal do júri repleto de inimigos, na condição de ‘advogada sem honorários das moléstias nacionais’ (como ocorre em todo fascismo). Ressentida com sua visível impotência em salvar seu objeto de desejo e sempre em posição acuada, a Ação Integralista Brasileira destilou o ódio contra uma série de ‘ameaças’ que, por dentro e por fora, ‘intentavam’ consumir a “mãe gentil”. Tirá-la do “berço esplendido” em que jazia “eternamente” foi sua obsessão.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes de. *Manoel Ribas: o Mito que Ficou*. Curitiba: s. ed. 1994.

ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. Curitiba: Emp. Gráfica Paranaense, 1937.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

ANSART, Pierre. As humilhações políticas. In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia. (Orgs.). *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: Edufu, 2005, p. 15-30.

_____. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, ano 17, n. 33, jul./dez. 2000, p. 145-162.

_____. História e memória dos ressentimentos. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 15-36.

_____. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: Editions L'Âge d'Homme, 1983.

ANSART-DOURLEN, Michèle. O ressentimento – As modalidades de seu deslocamento nas práticas revolucionárias. Reflexões sobre o uso da violência. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 351-369.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

_____. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ATHAIDES, Rafael. *O Partido Nazista no Paraná – 1933-1942*. Maringá: EDUEM, 2011.

BARROSO, Gustavo. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENEVIDES, Cezar A. C. *Terra sem passado: um estudo do Paraná contemporâneo*. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo. 237 p. São Paulo, 1991.

BERTONHA, João Fábio. *Sobre a Direita: Estudos sobre o fascismo o nazismo e o Integralismo*. Maringá: EDUEM, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. A Gestão das Paixões Políticas. In: *Anais do Seminário Leituras na História*, 2007, disponível em http://people.ufpr.br/~andreadore/leiturasdahistoria/Marion_Brepohl.doc.

CALDEIRA, João Ricardo. *Integralismo e Política Regional: a Ação Integralista no Maranhão (1933-1937)*. São Paulo: Annablume, 1999.

CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel, EDUNIOESTE, 2010.

CAMPOS, N. A presença do laicato católico no Paraná (1926-1938). *História. Questões e Debates*, v. 43, p. 168-182, 2005.

_____. Laicato católico: o papel dos intelectuais no processo de organização do projeto da igreja católica do Paraná (1926-1938). In: *V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Igreja, Estado e Sociedade Civil: instâncias promotoras de ensino*. Évora : Universidade de Évora, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

CERTEAU, Michel de. Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 17-48.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: ____; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 17-149.

_____. Notas sobre o pensamento conservador nos anos 1930: Plínio Salgado. In: MORAES, Reginaldo et. al. *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAVES, Niltonci B. A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do Diário dos Campos a respeito do Integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*, v. 4, n. 1, 1999.

CODATO, Adriano; KIELLER, Marcio. *Velhos vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.

CORDEIRO, Leandro Luiz. *Alceu Amoroso Lima e as posturas políticas na Igreja Católica (1930-1950)*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). 225 p. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2008.

CROCETTI, Priscila Soares. *Ciência, ensino e código: lentes, elites e Direito Civil nos albores da Faculdade de Direito do Paraná (1912-1945)*. Dissertação (Mestrado em Direito), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

DAGOSTIM, Maristela Wessler. *A república dos conselhos: um estudo sobre a transformação da elite política paranaense (1930-1947)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

- DE DECCA, Edgar. *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DITZEL, Carmencita H. M. *Imaginário e representações: o integralismo nos Campos Gerais*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- DOTTA, Renato A. Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo (1932-1938). In: *Anais IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo / III Simpósio do LAHPS – Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo*. Juiz de Fora: LAHPS Publicações, 2010. Disponível em: http://www.ufjf.br/lahps/files/2010/11/Anais_do_III_Simp%C3%B3sio_do_Laborat%C3%B3rio_de_Hist%C3%B3ria_Pol%C3%ADtica_e_Social.pdf, acesso em 13/12/2010.
- DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos Anos 30*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Ed. UFRJ/UFMG, 1997.
- DUVERGER, Maurice. *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, v. 1. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *O processo civilizador*, v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- FAGUNDES, Pedro Ernesto. *A Ofensiva Verde: A Ação Integralista Brasileira no Estado do Rio de Janeiro. (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro. 253 p. Rio de Janeiro, 2009.
- FALCON, Francisco J. C. Fascismo – Novas e antigas ideias. In: PARADA, Maurício (org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 11-28.
- FARIA, Antonio Augusto; BARROS, Edgard Luiz de. *Getúlio Vargas e sua época*. 2. ed. São Paulo: Global, 1983.
- FELDMAN, Matthew. Editorial Introduction. In: GRIFFIN, Roger. *A Fascist Century: Essays by Roger Griffin*. Londres: Palgrave Macmillan, 2008, p. xii.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. *Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.
- FEST, Joachim. *Hitler*. 2ª ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- FONTANA, Joseph. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.
- GERTZ, René E. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Fascismo, Integralismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- GIL, José. Nação. In: *Enciclopédia Einaudi: Estado-Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 276-305.
- GRAMSCI, Antonio. The two fascisms. In: HOARE, Quintin (org.). *Selections from Political Writings (1921-1926)*. Londres: Lawrence and Wishart, 1978, p. 63-65.
- GRIFFIN, Roger. Fascism. In: OUTHWAITE, William. *The Blackwell Dictionary of Modern Social Thought*. Londres: Blackwell Publishers, 2003, p. 231-234.

- _____. *Fascism*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- _____. The Fascination of Fascism. A Concluding Interview with Roger Griffin. In: *A Fascist Century. Essays by Roger Griffin*. Londres: Palgrave Macmillan, 2008.
- _____. *The Nature of Fascism*. Londres: Pinter Publishers, 1991.
- _____; FELDMANN, Mathew (orgs.). *Fascism: Critical Concepts in Political Science*. Vol 1. Londres: Routledge, 2004.
- GONÇALVES, Marcos. *As tentações integristas*. Um estudo sobre as relações entre catolicismo e política no Brasil (1908-1937). 364 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. *O poder local e o coronelismo no Estado do Paraná (1880-1930)*. 234 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- GOULARTI FILHO, A. A Estrada Dona Francisca na formação econômica do planalto norte de Santa Catarina. In: *Memórias do II Congresso Latinoamericano de Historia Económica*. Cidade do México: UNAM, 2010.
- HABERMAS, Jürgen. *Perfiles Filosófico-Políticos*. Madrid: Taurus, 1975.
- HAROCHE, Claudine. Elementos para uma antropologia política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p. 333-346.
- HELLER, Milton Ivan. *Conspiração Nazista nos Céus da América*. Curitiba: Ed. Instituto Memória do Paraná, 2009.
- HILTON, Stanley. *O Brasil e a crise internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- HOBSBAWM, Eric J. *Tempos interessantes: Uma vida no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- IPARDES. Fundação Édison Vieira. *Sobre política paranaense*. Entrevistas. Curitiba: IparDES, 1989.
- JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, 2004.
- KIMURA, Rosângela. *Políticas restritivas aos japoneses no Estado do Paraná 1930-1950 (de cores proibidas ao perigo amarelo)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2006.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1986.
- LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1970].

LINDHOLM, Charles. *Carisma - êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

LINZ, Juan J. Political Space and Fascism as a Late-comer. In: LARSEN, S. U., HATGTVET, B. e MYKLEBUST, J. P. *Who were the Fascists. Social Roots of European Fascism*. Bergen: Universitetsforlaget, 1980.

_____. Some Notes Toward a Comparative Study of Fascism in Sociological Historical Perspective. In: LAQUEUR, Walter. *Fascism: A Reader's Guide*. Berkeley: University of California Press, 1976.

LUKÁCS, George. *El asalto a la razón*. La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1959.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. A Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo*. v. 2. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Nem Rothschild Nem Trotsky*. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. O Integralismo na trajetória do historiador paranaense Brasil Pinheiro Machado na década de 30. In: *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo / III Simpósio do LAHPS – Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo*. Juiz de Fora, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Gustavo. MONTEIRO, Claudia. Práticas Coronelísticas e Integralismo no Município de Teixeira Soares – PR (1930 – 1937). In: *Anais da VII Semana de História – Religiões e Etnias: dimensões simbólicas e sociabilidade - Seminário de Estudos Étnicoraciais*. Irati-PR: UNICENTRO, 2011.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Notas sobre a política paranaense no período de 1930 a 1945. In: _____. (org.). *A Construção do Paraná Moderno*. Políticos e Política no Governo do Paraná de 1930 a 1980. Curitiba: Seti, 2004.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (Doutorado em História). 388 p. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

PANEBIANCO, Angelo. *Modelos de Partido: organização e poder nos partidos políticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PAXTON, Robert Owen. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley. *A History of Fascism. 1914-1945*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

PEREIRA, Márcio José. *Politizando o cotidiano: Repressão aos alemães em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial*. 196 p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, 2010.

PINTO, António Costa. De regresso ao fascismo. *Análise Social*, 2006, n.179, p. 611-627.

POSSAS, Lúcia M. Vianna. O Integralismo e a Mulher. In: DOTTA, Renato, etc al. *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Rio Claro, SP: Arquivo Municipal de Rio Claro, 2004.

RANGEL, C. R. R. O aliancismo nos discursos de esquerda no Brasil e no Uruguai. In: *Anais Eletrônicos das Segundas Jornadas de História Regional Comparada*. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2005, disponível em <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h6-03.pdf>.

RAVAZOLI, Márcia Luzia Rossi. *A Expansão na Universidade Federal do Paraná e na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, antes e depois da implantação do REUNI* (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). Dissertação (Mestrado em Educação). 133 p. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

REALE, Miguel. *Obras políticas: 1ª fase – 1931 – 1937*. Tomo II. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983a.

_____. *Obras Políticas: 1ª fase – 1931 – 1937*. Tomo III. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983b.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São. Paulo: Martins Fontes, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Coronelismo numa Interpretação Sociológica. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. O Brasil Republicano. 1º Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1975, p. 153-190.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto et. al. *Dicionário de política*. 11ª ed. Brasília: UnB, 1998, p. 466-475.

SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. 5ª ed. Edições GRD/Espaço Cultural Plínio Salgado: São Bento de Sapucaí/SP, 1995.

_____. *Despertemos a Nação*. 3ª ed. In SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. Vol. X. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

_____. *Geographia Sentimental*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

_____. *Madrugada do espírito*. Lisboa: Pro Domo, 1946.

_____. *Mensagem às pedras do deserto*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1947.

SEITENFUS, Ricardo A. *O Brasil vai à Guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Manole 2003.

SHIZUNO, Elena Camargo. *Os Imigrantes Japoneses na Segunda Guerra Mundial: Bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2010.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et. al. (org.). *O Século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismo e guerras*, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 109-164.

SILVA, Osvaldo Heller da. *A Foice e a Cruz: Comunistas e Católicos na História do Sindicalismo dos Trabalhadores Rurais do Paraná*. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006.

SILVA, Rossano. *A arte como princípio educativo: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto*. Dissertação (Mestrado em Educação). 176 p. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2009.

SILVA, Walderez Pohl da *Entre Lustosa e João do Planalto – a arte da política na cidade de Guarapuava (1930-1970)*. Tese (Doutorado em História Social). 210 p. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2008.

SOUZA, Maria do Carmo *Campello de. Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 a 1964)*. 2ª ed. São Paulo: Alfa Omega, 1983.

STERNHELL, Zeev. Da revolta contra as luzes à rejeição da democracia. In: *O Eterno Retorno - Contra a democracia, a ideologia da decadência*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999, p. 9-39.

_____. *El nacimiento de la ideología fascista*, Madrid: Siglo XXI, 1994.

SZESZ, Christiane Marques. *A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas - 1889-1920*. Dissertação (Mestrado em História). 187 p. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1997.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.

_____. *Nazi-Fascismo na América Latina*. Mito e realidade. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VICTOR, Rogério *Lustosa. O integralismo nas águas do lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.

WENCESLAU JUNIOR, J. *O Integralismo ao alcance de todos*. 2.ed. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, 1936.

ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. 373 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ZIENTECK, Luiz Carlos. *Práticas Integralistas na Câmara Municipal de Ponta Grossa (1936-1937)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História). 53 p. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

FONTES JORNALÍSTICAS

Jornal A Ação, n. 43, 26/11/1936 – Arquivo Público do Estado de São Paulo (fotografia digital).

Jornal A Offensiva, números 1 a 748, Rio de Janeiro, 1934-1938 – Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).

Jornal A Razão, números 1 a 27, Curitiba, maio a novembro de 1935 – Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS (fotografia digital).

Jornal Folha da Manhã, n. 4063, São Paulo, 15/06/1937 – disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>, acesso em 03/02/2011.

Jornal Monitor Integralista, números 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, São Paulo/Rio de Janeiro, 1933-1937 – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, n. 40492, 28/08/2004 – disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1881&sid=392&tpl=printerview>, acesso em 03/02/2011.

Jornal O Estado do Paraná, Curitiba, 02/04/1991 – Disponível em <http://www.millarch.org/artigo/artes-amores-de-violeta-rebelde>, acesso em 02/01/2011.

Jornal O Integralista, n. 1, Curitiba, 16/08/1934 – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933 (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

Revista Anauê!, números 1 a 21, Rio de Janeiro, 1935-1937 – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Municipal de Rio Claro, Rio Claro/SP e Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR (fotografia digital).

FONTES POLICIAIS

Pront. 0009, Abilio Holzmann, top. 273, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0173, Integralismo – fotos, top. 140, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0319, Antonio Cony Germano, top. 291, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0360, Antonio Lustosa de Oliveira, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0452, Armando Araújo Benevides, top. 294, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 0968, Eduardo Briola, top. 327, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1113, Erotides Manoel Prates, top. 335, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1303, Frederico Barz, top. 346, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1305, Frederico Carlos Allende, top. 346, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1310, Frederico Kobs, top. 347, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1410, Guido Antonio Spessato, top. 352, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1434, Guntran Kraft Staude, top. 354, DOPS/PR, DEAP/PR.

Pront. 1610, Hugo Pereira Correia, top. 365, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1726, Jacob Vieser, top. 374, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1753, Jayme Maria Sobrinho, top. 374, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1775, João Alves da Rocha Loures Sobrinho, top. 375, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1791, João Batista Zagonel Passos, top. 376, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1793, João Bartolomeu Sena Klier, top 376, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1829, João Felix da Silva, top 378, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1849, João Jesus Neto, top 379, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1866, João Mara, top 381, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1874, João Molinari Sobrinho, top 381, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 1967, Jorge Lacerda, top 387, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2175, José Petrelli Gastaldi, top 399, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2409, Lourival Wendler, top 414, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2461, Luis Castilhos Sanches, top 417, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2566, Manoel Vieira de Alencar, top 423, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2834, Nelson Lins, top 439, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2880, Nilo Brandão, top 403, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2927, Odilardo Lima de Freitas, top 445, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 2977, Oscar Witt, top 448, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 3130, Pedro Costa Filho, top 458, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 3414, Salvador Patitucci, top 475, DOPS/PR, DEAP/PR.
Pront. 3655, Waldemar Grummt, top 475, DOPS/PR, DEAP/PR.

CORRESPONDÊNCIAS

Telegrama de Adelio Assis a Plínio Salgado, Teixeira Soares/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-1-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

Telegrama de Alcebiades Cartaxo a Plínio Salgado, Jacarezinho/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-2-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

Telegrama de Emmanuel Bittencourt a Plínio Salgado, Ponta Grossa/PR, 08/10/1937, Top. Pi 37.10.08-6-OS, Fundo Plínio Salgado – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

FONTES ELEITORAIS

Boletim Eleitoral, Janeiro-Abril, 1935, – Tribunal Superior Eleitoral, Brasília/DF.

DOCUMENTÁRIOS

SANZ, Sérgio. *Soldado de Deus*. Rio de Janeiro: J. Sanz, 2004. DVD. 87 min.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. Lei n. 38, de 4 de abril de 1935. *Define crimes contra a ordem política e social*. Disponível em <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html>.

BRASIL. Decreto n. 702, de 21 de março de 1936. *Declara pelo prazo de noventa dias, equiparada ao estado de guerra, a comoção intestina grave, em todo o território nacional*. Disponível em <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-702-21-marco-1936-472177-publicacaooriginal-1-pe.html>

BRASIL. Decreto-lei n. 37, de 2 de dezembro de 1937. *Dispõe sobre partidos políticos*. Disponível em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=103167>.

SITES CONSULTADOS

Câmara Municipal de Paranaguá – <http://www.cmpgua.com.br/a46.php>

Coleção Estatísticas do Século XX (IBGE) – <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/>

Coletânea de Mapas Históricos do Paraná (Instituto de Terras Cartografia e Geociências do Paraná) http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/mapas_itcg3.html